Soman Chainani

ILUSTRAÇÃO: IACOPO BRUNO

Tradução: Alice Klesck

Esta edição foi publicada de acordo com a HarperCollin's Children's Books, uma divisão da HarperCollin's Publishers.
Título original: *The School for Good and Evil*

GERENTE EDITORIAL
Alessandra J. Gelman Ruiz
EDITOR ASSISTENTE
Denis Araki
ASSISTENTES EDITORIAIS
Carol Christo
Felipe Castilho
PREPARAÇÃO
Paula Simões
REVISÃO
Vero Verbo Serviços Editoriais
CAPA
Diogo Droschi
ILUSTRAÇÃO
Iacopo Bruno
DIAGRAMAÇÃO
Jairo Alvarenga Fonseca
PRODUÇÃO DO E-BOOK
Schaffer Editorial
EDITORA GUTENBERG LTDA.
São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468
Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700
Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Chainani, Soman
A Escola do Bem e do Mal / Soman Chainani ; tradução de Alice Klesck ; ilustrações Iacopo Bruno. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.
Título original: The School for Good and Evil.
ISBN 978-85-8235-167-3
1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Klesck, Alice. II. Título.
14-05109 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Na Floresta Primitiva Há duas torres erguidas Na Escola do Bem e do Mal, A Pureza e a Malícia. Quem nelas ingressar Não tem como escapar Se um Conto de Fadas Não vivenciar.

Sumário

1
A princesa e a bruxa

Sophie vinha esperando a vida inteira para ser raptada. Naquela noite, porém, todas as outras crianças de Gavaldon contorciam-se em suas camas. Se o Diretor da Escola as levasse, elas não voltariam. Jamais poderiam viver uma vida plena. Nunca mais veriam suas famílias. Naquela noite elas sonhavam com um ladrão de olhos vermelhos e corpo de fera, que vinha arrancá-las de seus lençóis e sufocar seus gritos.

Sophie, por sua vez, sonhava com príncipes.

Ela chegava a um castelo onde um baile estava sendo oferecido em sua homenagem. No salão havia cem pretendentes e nenhuma outra garota à vista. Ali, pela primeira vez em sua vida, havia garotos que a mereciam, ela pensava enquanto caminhava. Cabelos sedosos e fartos, músculos rijos sob a roupa, pele macia e bronzeada, belos e atenciosos, como príncipes deviam ser. Contudo, assim que ela se aproximou de um deles, que lhe parecia melhor que os outros, de olhos azuis e cabelos louros esbranquiçados, aquele que lhe dava uma sensação de *felizes para sempre*..., um martelo irrompeu nas paredes do quarto e estilhaçou seus príncipes.

Os olhos de Sophie abriram-se para a manhã. O martelo era real. Os príncipes não.

"Pai, se eu não durmo por nove horas meus olhos ficam inchados."

"Todos estão tagarelando, dizendo que você será levada este ano", disse seu pai, enquanto pregava uma tábua na janela do seu quarto, já totalmente escondida por trancas, estacas e parafusos. "Disseram-me para cortar seus cabelos e enlamear seu rosto, como se eu acreditasse nesse disparate de conto de fadas. Mas ninguém vai entrar aqui esta noite. Isso é certo." Ele deu uma martelada ensurdecedora como exclamação.

Sophie esfregou as orelhas e franziu o rosto para a janela que, antes tão adorável, assemelhava-se agora a algo que podia ser visto no covil de uma bruxa. “Cadeados. Por que ninguém pensou nisso antes?”

“Não sei por que todos estão achando que é você”, ele disse, com os cabelos grisalhos molhados de suor. “Se é bondade que o Diretor da Escola quer, ele levará a filha de Gunilda.”

Sophie ficou tensa. “Belle?”

“Aquela sim é uma criança perfeita”, ele disse. “Ela leva almoço feito em casa para o pai, lá no moinho. E dá as sobras para a pobre velha da praça.”

Sophie percebeu o tom na voz do pai. Ela nunca tinha feito uma refeição para ele, nem mesmo depois que sua mãe morreu. Naturalmente, tinha bons motivos (o óleo e a fumaça entupiriam seus poros), porém, ela sabia que aquela era uma questão delicada. Não que o pai tivesse passado fome. Em vez disso, ela havia oferecido suas comidas favoritas: purê de beterrabas, brócolis ensopado, aspargos cozidos, espinafre no vapor. Ele não tinha virado um balão como o pai de Belle, exatamente porque ela não levava fricassé de carneiro e suflê de queijo para ele no moinho. Quanto à pobre mendiga da praça, aquela velha encarquilhada, apesar de alegar fome dia após dia, ela era *gorda*. E se Belle tivesse algo a ver com isso, então ela não era nem um pouco boa, e sim capaz da pior espécie de maldade.

Sophie retribuiu o sorriso do pai. “Como você disse, um disparate.” Ela saiu rapidamente da cama e bateu a porta do banheiro.

Observou o próprio rosto no espelho. Seu rude despertar já tinha surtido efeito. Seus cabelos dourados até a cintura não estavam brilhantes como sempre. Seus olhos verdes, cor de jade, pareciam desbotados. Os lábios vermelhos estavam ligeiramente ressecados. Até sua pele de pêssego tinha ficado opaca. *No entanto, ainda parecia uma princesa*, ela pensou. Seu pai não conseguia ver quão especial ela era, mas a mãe tinha visto. “Você é linda demais para este mundo, Sophie”, dissera ela, entre seus últimos suspiros. Sua mãe tinha ido para um lugar melhor, e agora ela também iria.

Naquela noite, ela seria levada para a floresta. Naquela noite, começaria uma nova vida. Naquela noite viveria o seu conto de fadas.

E agora ela precisava estar vestida a caráter.

Para começar, passou ovas de peixe no rosto, pois apesar de terem cheiro de chulé, elas preveniam manchas. Então massageou-se com pasta de abóbora, enxaguou-se com leite de cabra, e mergulhou o rosto em uma máscara de melão e gema de ovo de tartaruga. Enquanto esperava que a máscara secasse, Sophie folheou um livro de contos de fadas e deu uns goles em um suco de pepino, para manter a pele macia e hidratada. Pulou para sua parte predileta da história, na qual a bruxa malvada descia rolando pela colina em um barril espetado com pregos, até que restava apenas a sua pulseira, feita de ossinhos de meninos. Olhando para a pulseira repulsiva, Sophie começou a divagar, até

que seus pensamentos chegaram a pepinos. E se não houver pepinos na floresta? E se as outras princesas tiverem acabado com o estoque? Nada de pepinos! Ela murcharia, secaria, ela...

Flocos de melão seco caíram na página. Ela virou-se para o espelho e viu sua sobrancelha franzida de preocupação. Primeiro, o sono arruinado; agora, as rugas. Nesse ritmo, ela pareceria uma bruxa até a tarde. Relaxou o rosto e afastou qualquer pensamento sobre legumes.

Quanto ao resto do ritual de beleza de Sophie, seria suficiente para preencher uma dúzia de livros de contos de fadas (basta dizer que estavam incluídos penas de gansos, batatas em conserva, cascos de cavalo, creme de castanha e um pequeno frasco de sangue de vaca). Depois de duas horas de rigorosos cuidados, ela saiu de casa usando um jovial vestido rosa, saltos cintilantes de vidro, e cabelos impecavelmente trançados. Ela só tinha mais um dia antes da chegada do Diretor da Escola, e planejava usar cada minuto para lembrá-lo do porquê de ser ela, e não Belle, nem Tabitha, ou Sabrina, ou qualquer outra impostora, quem deveria ser levada.

A melhor amiga de Sophie vivia em um cemitério. Por abominar coisas fúnebres, cinzentas e mal iluminadas, era de esperar que Sophie preferisse encontrá-la em seu chalé, ou que procurasse uma nova melhor amiga. Em vez disso, todos os dias da semana ela havia subido o Graves Hill até a casa que ficava no topo, cautelosa para manter um sorriso no rosto, já que essa era, afinal de contas, a finalidade de uma boa ação.

Para chegar lá ela precisava andar quase dois quilômetros, desde os chalés iluminados da beira do lago, com telhados verdes e pequenas torres ensolaradas, até as bordas sombrias da floresta. Sons de marteladas ecoavam pelas ruas, enquanto ela passava por pais que lacravam portas com tábuas, mães que estufavam espantalhos, meninos e meninas debruçados em varandas, com o nariz mergulhado em livros de contos de fadas. A última visão não era incomum, pois as crianças de Gavaldon faziam pouca coisa além de ler seus contos de fadas. Contudo, hoje Sophie notava os olhos frenéticos, percorrendo cada página, como se a vida deles dependesse disso. Quatro anos antes, ela tinha visto o mesmo desespero para evitar a maldição, porém, naquela ocasião, não tinha sido a sua vez. O Diretor da Escola só levava os que já haviam passado de 12 anos, os que já não podiam disfarçar-se de crianças.

Agora sua vez tinha chegado.

Enquanto esforçava-se para subir Graves Hill com um cesto de piquenique na mão, Sophie sentiu suas coxas queimando. Será que essas andanças morro acima tinham engrossado suas pernas? Todas as princesas dos livros de histórias tinham as mesmas proporções perfeitas; coxas grossas eram tão improváveis quanto um nariz adunco ou pés grandes. Angustiada, Sophie distraiu-se contando suas boas ações do dia anterior.

Primeiro, ela havia alimentado os gansos do lago com uma mistura de lentilhas e alho-poró (um laxante natural para compensar o queijo atirado por crianças estúpidas). Depois, doou loção facial caseira de capim-limão ao orfanato da cidade (pois, conforme ela insistiu à benfeitora confusa, "cuidados apropriados com a pele são a maior de todas as boas ações"). Por fim, ela havia colocado um espelho no banheiro da igreja, para que as pessoas pudessem regressar aos bancos em sua melhor aparência. Isso seria o suficiente? Competiria com assar tortas caseiras e alimentar as mendigas da praça? Seus pensamentos desviaram-se nervosamente para os pepinos. Talvez pudesse levar um suprimento escondido para a floresta. Ainda havia tempo de sobra para fazer as malas antes do anoitecer. Mas pepinos eram pesados, não? Será que a escola mandaria carregadores? Talvez ela devesse espremê-los antes...

"Onde está indo?"

Sophie virou-se. Radley sorriu para ela, com seus dentes de coelho, e claríssimos cabelos ruivos. Ele não morava nem perto de Graves Hill, mas tinha adquirido a mania de ficar espreitando-a, a qualquer hora do dia.

"Ver uma amiga", disse Sophie.

"Por que você é amiga da bruxa?", perguntou Radley.

"Ela não é uma bruxa."

"Ela não tem amigos e é esquisita. Isso faz dela uma bruxa."

Sophie conteve-se para não dizer que isso fazia de Radley um bruxo também. Em vez disso ela sorriu, para lembrá-lo de que já havia feito uma boa ação por suportar sua presença.

"O Diretor da Escola vai levá-la para a Escola do Mal", ele disse. "Então você precisará de um novo amigo."

"Ele leva duas crianças", disse Sophie, cerrando o maxilar.

"Ele levará Belle para a outra escola. Ninguém é tão boa quanto Belle."

O sorriso de Sophie evaporou.

"Mas eu serei seu novo amigo", disse Radley.

"Estou cheia de amigos no momento", Sophie retrucou.

Radley ficou vermelho como um pimentão. "Ah, certo – eu só pensei..." Ele desapareceu, como um cachorro que recebeu um chute.

Sophie ficou olhando os cabelos desgrenhados descendo o morro. *Ah, agora você realmente estragou tudo*, ela pensou. Meses praticando boas ações e sorrisos forçados, e agora você estragou tudo por causa desse tampinha do Radley. Por que não fazê-lo ganhar o dia? Por que não responder apenas "Eu ficaria honrada em ser sua amiga!" e dar ao idiota um momento do qual se lembraria por anos? Ela sabia que seria a coisa prudente a fazer, já que o Diretor da Escola devia estar julgando-a atentamente, assim como Papai Noel na véspera do Natal. No entanto, ela não conseguia. Ela era linda,

Radley era horrível. Só uma vilã o iludiria. O Diretor da Escola certamente entenderia isso.

Sophie abriu os portões enferrujados do cemitério e sentiu o mato arranhar suas pernas. Lá no alto as lápides mofadas despontavam, a esmo, de dunas de folhas mortas. Espremendo-se por entre tumbas escuras e galhos secos, Sophie seguiu contando as fileiras cuidadosamente. Ela nunca tinha visto a sepultura da mãe, nem no enterro, nem veria hoje. Ao passar pela sexta fileira, ela grudou os olhos na bétula, e lembrou a si mesma de onde estaria no dia seguinte.

No meio do ajuntamento mais volumoso de sepulturas, ficava o número 1 da rua Graves Hill. A casa não tinha tapumes como os chalés perto do lago, mas nem por isso era mais convidativa. Os degraus que subiam à varanda reluziam pelo verde do limo. Bétulas e vinhas mortas serpenteavam-se ao redor da madeira escura e do telhado torto, preto e fino, que lembrava um chapéu de bruxa.

Ao subir os degraus rangentes da varanda, Sophie tentou ignorar o cheiro, uma mistura de alho e gato molhado, e desviou os olhos dos pássaros decapitados espalhados ao seu redor, sem dúvida vítimas do gato.

Ela bateu na porta e preparou-se para uma briga.

"Vá embora", disse a voz emburrada.

"Isso não é jeito de tratar sua melhor amiga", Sophie cantarolou.

"Você não é minha melhor amiga."

"Então quem é?", perguntou Sophie, imaginando se Belle alguma vez viera a Graves Hill.

"Não é da sua conta."

Sophie respirou fundo. Ela não queria outro incidente como o de Radley. "Nós nos divertimos tanto ontem, Agatha. Achei que pudéssemos fazer isso outra vez."

"Você pintou meu cabelo de laranja."

"Mas nós consertamos, não foi?"

"Você sempre testa seus cremes e poções em mim, só pra ver como funcionam."

"Os amigos não são pra isso?", perguntou Sophie. "Para ajudar uns aos outros?"

"Eu nunca vou ser bonita como você."

Sophie tentou encontrar algo legal para dizer. Ela demorou demais, e ouviu passos fortes, afastando-se.

"Isso não significa que não podemos ser amigas!", Sophie gritou.

Um gato conhecido, careca e enrugado, bufou para ela, do outro lado da varanda. Ela virou-se de volta para a porta. "Eu trouxe biscoitos!"

Os passos pararam. "De verdade, ou foi você que fez?"

Sophie encolheu-se, protegendo-se do gato furtivo. "Fofinhos e amanteigados, do jeito que você adora!"

O gato chiou.

"Agatha, deixe-me entrar..."

"Você diz que eu cheiro mal..."

"Você não cheira mal."

"Então, por que você disse isso da última vez?"

"Porque da última vez você estava cheirando mal! Agatha, o gato está babando..."

"Talvez ele fareje segundas intenções."

O gato mostrou suas garras.

"Agatha, abra a porta!"

O gato pulou no rosto dela. Sophie berrou. Uma mão surgiu no meio deles e afastou o gato.

Sophie ergueu os olhos.

"Reaper está sem pássaros", disse Agatha.

Seus cabelos negros, curtos, pareciam cobertos de óleo. O vestido preto, sem forma, como um saco de batatas, não conseguia esconder a estrutura ossuda e a pele assustadoramente branca. Olhos esbugalhados saltavam de seu rosto mirrado.

"Pensei em darmos uma volta", disse Sophie.

Agatha encostou-se na porta. "Ainda estou tentando entender por que você é minha amiga."

"Porque você é meiga e engraçada", respondeu Sophie.

"Minha mãe diz que sou amarga e mal-humorada", disse Agatha. "Portanto, uma de vocês está mentindo."

Ela enfiou a mão no cesto de Sophie e tirou o lenço, revelando biscoitos secos e esfarelados. Agatha lançou um olhar fulminante para Sophie e recuou para dentro da casa.

"Mas não podemos pelo menos dar uma volta?", perguntou Sophie.

Agatha começou a fechar a porta, mas depois viu seu rosto desapontado, como se Sophie tivesse ficado na expectativa do passeio tanto quanto ela própria.

"Só uma voltinha." Agatha passou por ela com um passo arrastado. "Mas se você disser algo arrogante ou fútil, eu vou mandar o Reaper segui-la até em casa."

Sophie saiu correndo atrás dela. "Mas assim eu não vou poder falar nada!"

Depois de quatro anos, a temida décima primeira noite do décimo primeiro mês havia chegado. Sob o sol do entardecer, a praça tinha se transformado em um burburinho de preparativos para a chegada do Diretor da Escola. Os homens afiavam espadas, preparavam armadilhas e planejavam a guarda noturna, enquanto as mulheres disfarçavam as crianças. Tosavam os cabelos das mais bonitas, escureciam seus dentes, e esfarrapavam suas roupas; limpavam e esfregavam as de aparência comum, e vestiam-nas com cores alegres, cobrindo-as com véus. As mães imploravam para que as crianças mais bem comportadas xingassem ou chutassem seus irmãos, e as mais mal

comportadas eram subornadas para ficar rezando na igreja. Enquanto isso, as outras crianças eram organizadas em fila para cantar, em coro, o hino da vila: "Abençoados sejam os comuns".

O medo crescia como uma nuvem contagiante. Em um beco escuro, o açougueiro e o ferreiro trocavam livros de contos de fadas por pistas para salvar os filhos. Sob a torre envergada do relógio, duas irmãs listavam os nomes dos vilões dos contos de fadas em busca de padrões. Um grupo de meninos unia seus corpos com correntes, algumas meninas se escondiam no telhado da escola, e uma criança mascarada pulava dos arbustos para assustar a mãe, ganhando palmadas imediatamente. Até a mendiga entrou na dança, pulando diante de uma fogueirinha e gritando: "Queimem os livros de contos de fadas! Queimem todos!". Entretanto, ninguém ouviu, e nenhum livro foi queimado.

Agatha ficava pasma com tudo isso, incrédula. "Como pode uma cidade inteira acreditar em contos de fadas?"

"Porque eles são reais."

Agatha parou de caminhar. "Não é possível que você acredite que a lenda seja verdade."

"É claro que acredito", disse Sophie.

"Que um Diretor de Escola rapte duas crianças, leve-as para uma escola na qual uma aprende o Bem e outra aprende o Mal, e elas se graduem em *contos de fadas*?"

"Me parece possível."

"Me avise se vir um forno."

"Por quê?"

"Quero enfiar a minha cabeça dentro dele. E o que, eu lhe pergunto, ensinam exatamente a essas crianças?"

"Bom, na Escola do Bem eles ensinam meninos e meninas como eu a se tornar heróis e princesas, a governar seus reinos de forma justa e a encontrar o *felizes para sempre*", disse Sophie. "Na Escola do Mal, eles ensinam como tornarem-se bruxas malvadas e trolls corcundas, e como lançar maldições e pragas."

"Maldições e pragas?", Agatha perguntou, com a voz aguda. "Quem inventou isso? Alguma criança de 4 anos?"

"Agatha, a prova está nos livros de contos de fadas! Você pode ver as crianças desaparecidas nos desenhos! João, Cinderela, Rapunzel – todos eles ganharam as próprias histórias..."

"Eu não *vejo* nada, porque não *leio* livros bobos de contos de fadas."

"Então por que tem uma pilha deles ao lado de sua cama?", perguntou Sophie.

Agatha fez uma careta. "Olhe, quem pode dizer que esses livros são reais? Talvez seja um trote do vendedor de livros. Talvez seja uma maneira de os mais velhos

manterem as crianças fora da floresta. Seja qual for a explicação, não existe um Diretor de Escola e não existem maldições e pragas."

"Então quem está raptando as crianças?"

"Ninguém. A cada quatro anos, dois idiotas entram escondidos na floresta esperando assustar seus pais e se perdem, ou são comidos pelos lobos, e pronto, a lenda continua."

"Essa é a explicação mais imbecil que eu já ouvi."

"Não acho que seja eu a imbecil aqui", disse Agatha.

Alguma coisa no fato de ser chamada de imbecil fez o sangue de Sophie ferver.

"Você só está assustada", ela disse.

"Certo", Agatha riu. "E por que eu estaria assustada?"

"Porque você sabe que vem comigo."

Agatha parou de rir. Então seu olhar passou de Sophie para a praça. Os aldeões encaravam-nas como se fossem a solução para um mistério. O Bem de rosa, o Mal de preto. O par perfeito para o Diretor da Escola.

Ainda paralisada, Agatha observou dezenas de olhos assustados recaírem sobre ela. Seu primeiro pensamento foi que depois de amanhã ela e Sophie poderiam fazer seus passeios em paz. Ao seu lado, Sophie observava as crianças memorizando seu rosto, caso ele surgisse em seus livros de contos de fadas algum dia. Seu primeiro pensamento foi se olhavam para Belle da mesma forma.

Então, em meio à multidão, ela a viu.

De cabeça raspada e vestido imundo, Belle estava ajoelhada na terra, enlameando o próprio rosto freneticamente. Sophie respirou profundamente, pois percebeu que Belle era exatamente como os outros. Ela queria um casamento comum, com um homem que ficaria gordo, preguiçoso e exigente. Queria dias monótonos, cozinhando, limpando e costurando. Queria recolher excrementos com uma pá, ordenhar ovelhas e abater porcos guinchando. Queria apodrecer em Gavaldon, até que sua pele ficasse toda manchada e seus dentes caíssem. O Diretor da Escola jamais levaria Belle, porque ela não era uma princesa. Ela era... nada.

Vitoriosa, Sophie olhou radiante para os patéticos aldeões e se deleitou com seus olhares, como se fossem espelhos brilhantes...

"Vamos", disse Agatha.

Sophie virou-se. Os olhos de Agatha estavam fixos na multidão.

"Pra onde?"

"Pra longe de pessoas."

Enquanto o sol se punha, adquirindo um tom avermelhado, as duas meninas, uma linda, outra feia, sentaram-se lado a lado à beira de um lago. Sophie guardava pepinos

em um saco de seda, enquanto Agatha acendia fósforos e jogava na água. Depois do décimo fósforo, Sophie lançou-lhe um olhar.

"Isso me acalma", disse Agatha.

Sophie tentou abrir espaço para o último pepino. "Por que alguém como Belle ia querer ficar aqui? Quem ia preferir isso *aqui* a um conto de fadas?"

"E quem escolheria deixar sua família para *sempre*?", Agatha bufou.

"Exceto eu, você quer dizer", disse Sophie.

Elas ficaram em silêncio.

"Você às vezes se pergunta para onde foi o seu pai?", perguntou Sophie.

"Eu já lhe disse. Ele foi embora depois que eu nasci."

"Mas pra onde ele foi? Estamos cercados por florestas! Desaparecer assim, de repente...", Sophie virou-se. "Talvez ele tenha encontrado um caminho para dentro das histórias! Talvez tenha encontrado um portal mágico! Talvez ele esteja esperando por você do outro lado!"

"Ou talvez tenha voltado para sua esposa, fingido que eu nunca aconteci, e morrido, dez anos atrás, em um acidente no moinho."

Sophie mordeu os lábios e voltou aos pepinos.

"Sua mãe nunca está em casa quando vou visitar."

"Agora ela vai à cidade", disse Agatha. "Não há pacientes suficientes em casa. Provavelmente por causa do local."

"Tenho certeza de que é isso", disse Sophie, sabendo que ninguém confiaria na mãe de Agatha nem para curar assadura de fralda, menos ainda para tratar um doente. "Acho que o cemitério não deixa as pessoas muito à vontade."

"Os cemitérios têm suas vantagens", disse Agatha. "Nada de vizinhos enxeridos. Nem vendedores. Nem 'amigos' suspeitos com cremes para rosto e biscoitos dietéticos, dizendo que você vai para a Escola do Mal, na Terra dos Contos de Fadas." Ela jogou um fósforo com prazer.

Sophie pousou o pepino no chão. "Então sou suspeita agora?"

"Quem pediu para você aparecer? Eu estava perfeitamente bem sozinha."

"Você sempre me deixa entrar."

"Porque você sempre parece muito solitária", disse Agatha. "E eu sinto pena de você."

"Sente pena de *mim*?", os olhos de Sophie faiscaram. "Você tem sorte que alguém venha vê-la, quando ninguém mais vem. Tem sorte de ter alguém como eu para ser sua amiga. Tem sorte de eu ser uma pessoa *tão boa*."

"Eu sabia!", Agatha ficou furiosa. "Eu sou sua boa ação! Apenas um fantoche em sua fantasia imbecil!"

Sophie não disse nada por um longo tempo.

“Talvez eu tenha me tornado sua amiga para impressionar o Diretor da Escola”, ela confessou, afinal. “Mas agora é mais do que isso.”

“Porque eu descobri”, resmungou Agatha.

“Porque eu gosto de você”.

Agatha virou-se para ela.

“Ninguém aqui me entende”, disse Sophie, olhando para as mãos. “Mas você me entende. Você vê quem eu sou. Por isso eu sempre volto. Você não é mais a minha boa ação, Agatha.”

Sophie ergueu os olhos para ela. “Você é minha amiga.”

O pescoço de Agatha ficou vermelho como um pimentão.

“O que foi?”, Sophie franziu o rosto.

Agatha curvou-se dentro do vestido. “É que... é... eu... não estou acostumada... é... a ter amigas.”

Sophie sorriu e pegou a mão dela. “Bem, agora nós seremos amigas em nossa nova escola.”

Agatha deu um suspiro, afastando-se. “Digamos que eu encolha até o seu nível de inteligência e finja que acredito nisso tudo. Por que *eu* iria para a escola de vilões? Por que todos elegeriam a *mim* como a Soberana do Mal?”

“Ninguém disse que você é má, Agatha”, Sophie suspirou. “Você é apenas diferente.”

Agatha espremeu os olhos. “Diferente, *como*?”

“Bem, pra começar, você só veste preto.”

“Porque não suja.”

“Você nem sai de casa.”

“Lá ninguém fica me olhando.”

“No concurso Crie um Conto, a sua história terminou com a Branca de Neve sendo devorada por abutres e a Cinderela se afogando na banheira.”

“Achei que era um final melhor.”

“Você me deu um sapo morto de aniversário!”

“Para lembrar que todos nós morremos e acabamos podres embaixo da terra, comidos por minhocas, e que por isso devemos aproveitar nossos aniversários enquanto ainda os temos. Achei atencioso.”

“Agatha, você se vestiu de *noiva* no Halloween.”

“Casamentos são assustadores.”

Sophie olhou para ela, boquiaberta.

“Tudo bem. Então, eu sou um pouquinho diferente”, Agatha encarou-a. “E daí?”

Sophie hesitou. “Bem, é que nos contos de fadas o diferente geralmente acaba sendo o... hum... *mal*.”

“Você está dizendo que vou me transformar em uma feiticeira má”, disse Agatha, magoada.

“Estou dizendo que, o que quer que aconteça, você terá uma escolha”, disse Sophie, suavemente. “Nós duas vamos escolher como termina o nosso conto de fadas.”

Agatha não disse nada por um tempo. Então ela tocou a mão de Sophie. “Por que você quer tanto ir embora daqui? Por que acredita em histórias que sabe que não são verdadeiras?”

Sophie encontrou os olhos grandes e sinceros de Agatha. Pela primeira vez ela deixou fluir as ondas da dúvida.

“Porque eu não posso viver aqui”, disse Sophie, com a voz falhando. “Não consigo viver uma vida comum.”

“Engraçado”, disse Agatha. “É por isso que eu gosto de você.”

Sophie sorriu. “Por que você também não consegue?”

“Porque você faz com que eu me sinta comum”, disse Agatha. “E essa é a única coisa que eu sempre quis.”

O relógio soou agudo, sombrio, no vale, batendo as horas, seis ou sete, elas tinham perdido a noção do tempo. E enquanto os ecos ressoaram no burburinho distante da praça, tanto Sophie quanto Agatha fizeram um pedido. Que dali a um dia ainda estivessem na companhia uma da outra.

Onde quer que fosse.

2

A arte do rapto

Quando o sol se pôs, as crianças já estavam trancadas havia muito tempo. Pelas persianas dos quartos elas espiavam seus pais que empunhavam tochas, e suas irmãs e avós estavam enfileiradas ao redor da floresta escura, desafiando o Diretor da Escola a atravessar o anel de fogo.

Contudo, enquanto as crianças trêmulas apertavam os parafusos das janelas, Sophie preparava-se para desaparafusar os seus. Ela queria que aquele rapto fosse o mais conveniente possível. Entrincheirada em seu quarto, ela dispôs grampos de cabelo, pinças e lixas de unha à sua frente, e começou a trabalhar.

Os primeiros raptos tinham acontecido há duzentos anos. Em alguns anos, dois meninos eram levados, em outros, duas meninas e, certas vezes, um de cada. As idades eram igualmente variáveis; um poderia ter 16 anos e outro 14, ou ambos ter 12 anos recém-completos. Se, porém, as primeiras escolhas pareciam ser aleatórias, logo o padrão ficou claro. Um era sempre lindo e bom, o filho que todo pai gostaria de ter. O outro era rude e estranho, um excluído desde o nascimento. Um par oposto, arrancado de sua juventude e levado para longe.

Naturalmente, os aldeões culparam os ursos. Ninguém nunca tinha visto um urso em Gavaldon, mas isso os deixava ainda mais determinados a encontrar um. Quatro anos mais tarde, quando outras duas crianças desapareceram, os aldeões admitiram que deviam ter sido mais específicos, e declararam que os ursos *negros* eram os culpados. Ursos tão negros que se mesclavam com a noite. Mas quando as crianças continuavam a sumir a cada quatro anos, a atenção da vila desviou-se para ursos escavadores, depois

para ursos fantasmas, e posteriormente para ursos disfarçados... até que ficou claro que não havia urso nenhum.

Enquanto os aldeões frenéticos produziam suas novas teorias (a teoria do buraco negro, a teoria do canibal voador), as crianças de Gavaldon começaram a notar algo suspeito. À medida que estudavam as dezenas de cartazes com fotos dos desaparecidos afixados na praça, os rostos dos meninos e das meninas perdidos começaram a parecer-lhes estranhamente familiares. Foi quando abriram seus livros de contos de fadas e encontraram neles as crianças raptadas.

João, levado cem anos antes, não havia envelhecido nada. Ali estava ele desenhado, com os mesmos cabelos indisciplinados, as covinhas rosadas e o sorriso torto que o haviam tornado tão popular entre as garotas de Gavaldon. Com a diferença de que agora ele tinha um pé de feijão no quintal de casa, e uma queda por feijões mágicos. Enquanto isso, Angus, o desordeiro sardento de orelhas pontudas que desaparecera no mesmo ano que João, havia se transformado em um gigante sardento de orelhas pontudas no alto do pé de feijão de João. Os dois meninos tinham encontrado seus caminhos para os contos de fadas. Quando, porém, as crianças apresentaram a teoria dos livros de contos de fadas, os adultos responderam como quase sempre fazem. Afagaram suas cabeças e voltaram aos buracos negros e canibais.

Então as crianças mostraram-lhes mais rostos conhecidos. Levada cinquenta anos antes, a doce Anya estava agora sentada em uma rocha iluminada pela luz do luar como a Pequena Sereia, enquanto a cruel Estra havia se tornado uma terrível bruxa do mar. Philip, o correto filho do pastor, tinha se tornado o alfaiatezinho esperto, enquanto a pomposa Gula assustava as crianças como a Bruxa da Floresta. Muitas crianças raptadas em pares tinham encontrado novas vidas em livros de contos de fadas pelo mundo afora. Uma sendo boa e a outra, má.

Os livros vinham da Livraria de Contos de Fadas do Sr. Deauville, um cantinho mofado entre a padaria Battersby's e o pub Porco em Conserva. O problema, é claro, estava em saber onde o velho Sr. Deauville arranjava os seus livros.

Uma vez por ano, numa manhã que não havia como prever, ele chegava em sua loja e encontrava uma caixa de livros esperando por ele lá dentro. Quatro contos de fadas novinhos em folha, um exemplar de cada. O Sr. Deauville pendurava um aviso na porta de sua loja: "Fechado até segunda ordem". Então ele aconchegava-se na sala dos fundos, dia após dia, copiando diligentemente as novas fábulas, à mão, até que tivesse livros suficientes para cada uma das crianças de Gavaldon. Quanto aos originais misteriosos, eles surgiriam em uma manhã, na vitrine da loja, como sinal de que o Sr. Deauville finalmente havia concluído sua exaustiva tarefa. Ele abria as portas para uma fila de cinco quilômetros, que serpenteava pela praça, descia pelas colinas e contornava o lago, apinhada de crianças ávidas pelas novas histórias, e pais desesperados para ver se algum dos desaparecidos teria sido caracterizado nas histórias daquele ano.

Desnecessário dizer que o Conselho dos Anciões tinha perguntas de sobra para o Sr. Deauville. Quando lhe perguntavam quem havia mandado os livros, ele dizia que não fazia a mais vaga ideia. Quando indagavam há quanto tempo os livros vinham aparecendo, dizia que não conseguia lembrar-se de um tempo em que os livros não chegavam. Quando perguntavam-lhe se alguma vez questionara aquela aparição mágica dos livros, ele respondia: "De onde mais os livros poderiam vir?".

Então os Anciões notaram outra coisa nos livros do Sr. Deauville. Todas as vilas dos livros eram idênticas a Gavaldon. Os mesmos chalés da margem do lago e seus beirais coloridos. As mesmas tulipas roxas e verdes que perfilam as estradas de terra. As mesmas carruagens vermelhas e lojas com fachadas de madeira. A escola amarela, e uma torre torta com um relógio. Tudo isso, no entanto, desenhado como se fosse uma fantasia em uma terra muito, muito distante. Esses vilarejos dos livros só existiam por um motivo: para começar e terminar um conto de fadas. Tudo entre o começo e o fim acontecia na floresta escura e infinita que cercava a cidade.

Foi quando notaram que Gavaldon também era cercada por uma floresta escura e infinita.

No passado, quando as crianças começaram a desaparecer, os aldeões invadiram a floresta para encontrá-las, mas foram repelidos por tempestades, inundações, ciclones e árvores que caíam. Quando corajosamente conseguiram abrir um novo caminho, encontraram uma cidade escondida por trás das árvores, e vingativamente sitiaram-na, para mais tarde descobrir que era a sua própria cidade. De fato, independentemente do local por onde os aldeões entrassem na floresta, eles sempre saíam por onde haviam entrado. Pelo que parecia, a floresta não tinha intenção de devolver suas crianças. E um dia eles descobriram o motivo.

O Sr. Deauville tinha terminado de desempacotar os livros de contos de fadas daquele ano quando notou um grande borrão escondido em uma dobra da caixa. Ele passou o dedo e descobriu que o borrão ainda estava úmido de tinta. Olhando mais de perto, viu que na verdade era um selo com um elaborado brasão de um cisne negro e de um cisne branco. No brasão havia três letras:

E.B.M.

Não foi preciso que ele adivinhasse o que as letras significavam. Estava escrito na linha abaixo do timbre. Palavras realçadas em preto informavam à vila para onde as suas crianças tinham sido levadas:

ESCOLA DO BEM E DO MAL.

Os raptos continuavam, mas agora o ladrão tinha nome.

Eles o chamavam de Diretor da Escola.

Alguns minutos depois das dez, Sophie destravou o último cadeado da janela, e abriu as persianas. Dava para ver os arredores da floresta, onde seu pai, Stefan, estava com o restante da guarda do perímetro. Contudo, em vez de parecer aflito como os outros, ele estava sorrindo, com a mão no ombro da viúva Honora. Sophie fez uma careta. Ela não fazia ideia do que seu pai tinha visto naquela mulher. Houve um tempo em que sua mãe era tão infalível quanto uma rainha dos contos de fadas. Honora, por outro lado, tinha uma cabecinha minúscula, um corpo arredondado, e parecia um peru.

Seu pai sussurrava algo maliciosamente ao ouvido da viúva, e Sophie sentiu suas bochechas arderem. Se fossem os dois filhinhos de Honora a serem levados, ele não estaria brincando. Era verdade que Stefan trancara-a na hora do pôr do sol, dera-lhe um beijo, agira zelosamente como um pai amoroso. Sophie, porém, sabia a verdade. Ela vira em seu rosto a cada dia de sua vida. Seu pai não a amava. Porque ela não era um menino. Porque ela não o fazia lembrar-se de si mesmo.

Agora ele queria se casar com aquela fera. Cinco anos após a morte de sua mãe, isso não seria impróprio ou insensível. Uma simples troca de votos e ele teria dois filhos, uma nova família, um novo começo. No entanto, primeiro ele precisava da benção da filha, para que os Anciões permitissem. As poucas vezes em que ele tentou, Sophie mudou de assunto, ou picou pepinos ruidosamente, ou sorriu da forma como sorria para Radley. Seu pai não voltara a mencionar Honora.

Deixe que o covarde case-se com ela depois que eu tiver partido, ela pensou, olhando para ele entre as persianas. Só depois que partisse ele lhe daria valor. Só então saberia que ninguém poderia substituí-la. E só então veria que havia trazido ao mundo muito mais que um filho.

Havia gerado uma princesa.

No parapeito de sua janela, Sophie colocou delicadamente biscoitos em forma de coração para o Diretor da Escola. Pela primeira vez em sua vida, ela os fizera com açúcar e manteiga. Afinal, aqueles eram especiais. Um recado para dizer que ela iria de boa vontade.

Mergulhando em seu travesseiro, ela fechou os olhos para viúvas, pais, e para a miserável Gavaldon e, com um sorriso, contava os segundos para a meia-noite.

Assim que a cabeça de Sophie sumiu da janela, Agatha enfiou os biscoitos na boca. *Isso só vai atrair ratos*, ela pensou, com os farelos caindo em seus sapatos pretos volumosos. Ela bocejou e seguiu seu caminho, enquanto o relógio da cidade passava do quarto de hora.

Após seu passeio com Sophie, Agatha trilhava o caminho de casa quando começou a ter visões de Sophie disparando rumo à floresta para encontrar a Escola de Tolos e Malucos, e sendo devorada por javalis do mato. Então ela voltou ao jardim de Sophie e ficou esperando atrás de uma árvore, ouvindo enquanto ela desfazia as trancas da janela (cantando uma canção idiota sobre príncipes), fazia suas malas, (agora cantando sobre sinos de casamento), passava maquiagem e vestia seu melhor vestido ("Todos amam uma princesa de rosa"?!), e, finalmente (finalmente!) foi se deitar. Agatha esmagou os últimos farelos com os sapatos e seguiu em frente, rumo ao cemitério. Sophie estava segura e, de manhã, acordaria sentindo-se uma tola. Agatha não zombaria dela. Sophie precisaria ainda mais dela agora, e ela estaria lá. Aqui, neste mundo seguro e recluso, as duas fariam o próprio paraíso.

Enquanto Agatha subia a encosta, ela notou um arco de escuridão na borda da floresta iluminada pelas tochas. Aparentemente, os guardas responsáveis pelo cemitério tinham decidido que o que vivia ali dentro não era digno de proteção. Pois, pelo que Agatha se lembrava, ela sempre tivera um talento para fazer as pessoas se afastarem. As crianças fugiam dela como se ela fosse um morcego vampiro. Os adultos grudavam nas paredes quando ela passava, temendo que ela pudesse rogar-lhes uma praga. Até os coveiros saíam correndo ao vê-la. A cada novo ano, os sussurros da cidade iam ficando mais ruidosos – "*bruxa*", "*vilã*", "*Escola do Mal*" – até que ela começou a arranjar desculpas para não sair. Primeiro, por alguns dias, depois por semanas, até que passou a assombrar sua casa no cemitério, como um fantasma.

No começo, havia muitas formas de se distrair. Ela escrevia poemas ("É uma vida miserável" e "O céu é um cemitério" foram os seus melhores), fazia desenhos de Reaper que assustavam mais os ratos do que o gato em si, e até aventurou-se a escrever um livro de histórias, *Infelizes para sempre*, sobre crianças lindas que sofriam mortes horríveis. Contudo, ela não tinha ninguém a quem mostrar essas coisas até o dia em que Sophie bateu à sua porta.

Reaper lambeu-lhe os tornozelos quando ela pisou no chão da varanda, que rangia. Ela ouviu uma cantoria lá dentro...

Na floresta primitiva
Há duas torres erguidas.

Agatha revirou os olhos e empurrou a porta.

Sua mãe, de costas, cantava alegremente, enquanto enchia um baú com capas pretas, cabos de vassoura e chapéus pontudos de bruxa.

Na Escola do Bem e do Mal
A Pureza e a Malícia.

Quem nelas ingressar
Não tem como escapar
Se um conto de fadas
Não vivenciar...

"Planejando férias em algum lugar exótico?", perguntou Agatha. "Da última vez que verifiquei, vi que não há saída de Gavaldon, a menos que você crie asas."

Callis virou-se. "Acha que três capas são suficientes?", ela perguntou, com os olhos arregalados, e os cabelos parecendo um engordurado capacete negro.

Agatha estremeceu diante da imensa semelhança entre as duas. "São exatamente iguais", ela murmurou. "Por que precisa de três?"

"Caso você precise emprestar uma delas a uma amiga, querida."

"Elas são pra *mim*?"

"Coloquei dois chapéus, caso um fique amassado, um cabo de vassoura, caso o deles seja fedorento, e alguns frascos com línguas de cachorros, pernas de lagarto e dedos de sapos. Quem pode saber há quanto tempo os ingredientes deles estão lá?"

Agatha sabia a resposta, mas perguntou mesmo assim. "Mãe, para que preciso de capas, chapéus e dedos de sapo?"

"Para a Recepção das Novas Bruxas, é claro!", disse Callis, empolgada. "Você não vai querer chegar à Escola do Mal parecendo uma amadora."

Agatha tirou seus sapatos pesados. "Deixemos de lado o fato de que o *médico* da cidade acredita em tudo isso. Por que é tão difícil aceitar que sou feliz aqui? Tenho tudo o que preciso. Minha cama, meu gato e minha amiga."

"Bem, você deveria aprender com sua amiga, querida. Pelo menos *ela* quer algo da vida", disse Callis, fechando o baú. "Realmente, Agatha, que destino poderia ser melhor do que tornar-se uma bruxa dos contos de fadas? Eu sonhei em frequentar a Escola do Mal! Em vez disso, o Diretor da Escola levou o idiota do Sven, que acabou sendo enganado por uma princesa em *O ogro inútil*, e depois queimado. Isso não me surpreende. Aquele menino mal conseguia amarrar as próprias botas. Tenho certeza de que, se pudesse escolher novamente, ele teria me levado."

Agatha entrou embaixo das cobertas. "Bem, todos nesta cidade ainda acham que você é uma bruxa, portanto, no final das contas, você realizou seu desejo."

Callis virou-se bruscamente. "Meu desejo é que você vá pra longe daqui", ela disse, sibilando, com olhos escuros como carvão. "Este lugar tornou-a fraca, preguiçosa e medrosa. Eu pelo menos me tornei alguém aqui. Você simplesmente fica à toa, apodrecendo, esperando que Sophie apareça para levá-la para passear, como se fosse um cachorro."

Agatha encarou-a, estarrecida.

Callis sorriu radiante e voltou a arrumar as coisas. "Mas tome conta de sua amiga, querida. A Escola do Bem talvez pareça um festival de rosas, porém, ela terá uma surpresa. Agora vá pra cama. O Diretor da Escola logo estará aqui, e será mais fácil para ele se você estiver dormindo."

Agatha cobriu a cabeça com o lençol.

Sophie não conseguia dormir. Faltavam cinco minutos para a meia-noite e nada de o intruso aparecer. Ela se ajoelhou na cama e espiou pela persiana. Na borda de Gavaldon, a guarda, composta por mil pessoas, segurava tochas para iluminar a floresta. Sophie fez uma cara feia. *Como ele poderia passar por eles?*

Foi quando ela notou que os corações no parapeito da janela haviam sumido.

Ele já está aqui!

Três malas cor-de-rosa foram arremessadas pela janela, seguidas por dois pés com sapatinhos de vidro.

Agatha deu um salto na cama, sacudida por um pesadelo. Callis roncava ruidosamente, do outro lado do quarto, com Reaper ao seu lado. Ao lado de sua cama estava o baú trancado, com os escritos "Agatha de Gavaldon, Estrada de Graves Hill, 1", em uma letra garranchada, junto com um saquinho de bolinhos de mel para a viagem.

Mastigando o bolo, Agatha olhava pela janela quebrada. Abaixo do morro, as tochas ardiam em um círculo fechado, mas ali em Graves Hill restara apenas um guarda robusto, de braços tão grandes quanto o corpo inteiro de Agatha, e pernas que pareciam coxas de galinha. Ele mantinha-se acordado erguendo uma lápide quebrada como se fosse um haltere.

Agatha deu a última mordida no bolinho de mel e olhou para a floresta escura.

Brilhantes olhos azuis olharam de volta para ela.

Agatha engasgou e mergulhou em sua cama. Lentamente, ela ergueu a cabeça. Nada ali. Nem o guarda.

Então ela encontrou-o, inconsciente, em cima da lápide quebrada, com a tocha apagada.

Arrastando-se para longe dele havia uma sombra humana, corcunda e esquelética. Sem um corpo atrelado a ela.

A sombra flutuou pelo mar de túmulos, sem o menor sinal de pressa. Passou por debaixo dos portões do cemitério e seguiu descendo, em direção ao centro iluminado de Gavaldon.

Agatha sentiu o terror estrangulando seu coração. Ele era real. Quem quer que fosse.

E ele não me queria.

O alívio tomou-a, seguido por uma nova onda de pânico.

Sophie.

Ela deveria acordar a mãe, deveria gritar pedindo ajuda. Deveria... Não havia tempo.

Fingindo dormir, Callis ouviu os passos apressados de Agatha, e depois a porta fechar-se. Ela abraçou Reaper com mais força, para que ele não acordasse.

Sophie agachou-se atrás de uma árvore, esperando que o Diretor da Escola a raptasse.

Ela esperou. E esperou. Depois percebeu algo no solo.

Farelos de biscoito amassados por uma pegada. Uma pegada de um calçado tão pesado e abominável que só poderia pertencer a uma pessoa. Os punhos de Sophie fecharam-se, seu sangue ferveu...

Mãos cobriram sua boca, e uma bota chutou-a para dentro de sua janela. Sophie caiu de cabeça na cama e virou-se bruscamente, vendo Agatha. "Seu verme patético e intrometido!", ela gritou, antes de vislumbrar o medo no rosto da amiga. "Você o viu!", Sophie sussurrou...

Agatha colocou uma das mãos na boca de Sophie e, com a outra, segurou-a junto ao colchão. Enquanto Sophie retorcia-se em protesto, Agatha espiou pela janela. A sombra curva passava pela praça de Gavaldon, pela guarda armada e distraída, seguindo diretamente para a casa de Sophie. Agatha engoliu um grito. Sophie libertou-se e segurou-a pelos ombros.

"Ele é bonito? Como um príncipe? Ou um diretor de escola normal, de óculos e sobretudo e..."

BUM!

Sophie e Agatha viraram-se lentamente para a porta.

BUM! BUM!

Sophie franziu o nariz. "Ele poderia simplesmente bater, não?"

Os cadeados quebraram-se. As dobradiças vibraram.

Agatha encolheu-se junto à parede, enquanto Sophie enlaçava as mãos e afofava o vestido, como se esperasse uma visita real. "É melhor dar-lhe o que ele quer, sem exagero."

Quando a porta cedeu, Agatha pulou da cama e jogou-se contra ela. Sophie revirou os olhos. "Ora, sente-se, pelo amor de Deus." Agatha empurrou a maçaneta com toda a sua força, porém, ela escapou-lhe – houve um ruído ensurdecedor, e a porta foi escancarada, lançando Agatha do outro lado do quarto.

Era o pai de Sophie, branco como papel. "Eu vi algo!", ele estava ofegante, segurando a tocha.

Então, Agatha viu a sombra curvada na parede, aproximando-se de sua silhueta larga. "Ali!", ela gritou. Stefan virou-se, mas a sombra apagou sua tocha. Agatha pegou

um fósforo no bolso e acendeu-o. Stefan estava deitado no chão, inconsciente. Sophie desaparecera.

Gritos vinham de fora.

Pela janela, Agatha viu os aldeões correndo atrás de Sophie, à medida que a sombra arrastava-a em direção à floresta. E enquanto mais e mais aldeões gritavam perseguindo-os...

Sophie sorria de orelha a orelha.

Agatha saltou pela janela e correu atrás dela, mas assim que os aldeões alcançaram Sophie, suas tochas explodiram por mágica, e prenderam-nos em círculos de fogo. Agatha desviou-se das armadilhas flamejantes e disparou para salvar sua amiga antes que a sombra a puxasse para dentro da floresta.

Sophie sentiu seu corpo deixar a grama macia e ser arrastado contra a poeira pedregosa. Ela fez uma careta ao pensar em aparecer na escola com o vestido sujo. "Eu realmente achei que haveria cocheiros", ela disse para a sombra. "Ou, pelo menos, uma carruagem em forma de abóbora."

Agatha corria furiosamente, mas Sophie já tinha quase desaparecido em meio às árvores. Por todos os lados chamas ardiam cada vez mais altas, prontas para devorar a vila inteira.

Vendo o fogo tão alto, Sophie se sentiu aliviada, sabendo que ninguém poderia salvá-la agora. *Mas, onde está a segunda criança? Onde está a que vai para o Mal?* Ela estivera errada quanto a Agatha. Enquanto era puxada para dentro das árvores, Sophie olhou para trás, vendo a parede de labaredas, e deu adeus à maldição de uma vida comum.

"Adeus, Gavaldon! Adeus, falta de ambição! Adeus, mediocridade..."

Então, ela viu Agatha irromper das chamas.

"Agatha, *não*!", gritou Sophie...

Agatha pulou em cima dela, e ambas foram arrastadas rumo à escuridão.

Instantaneamente, as chamas ao redor dos aldeões apagaram-se. Eles dispararam rumo à floresta, mas as árvores foram ficando magicamente grossas e espinhosas, trancando-os do lado de fora.

Era tarde demais.

"O QUE ESTÁ FAZENDO?", rugiu Sophie, empurrando e arranhando Agatha, enquanto a sombra as arrastava em direção ao breu da floresta. Agatha debatia-se loucamente, tentando soltar Sophie das mãos da sombra e a sombra das mãos de Sophie. "VOCÊ ESTÁ ESTRAGANDO TUDO!", Sophie berrou. Agatha mordeu-lhe a mão. "EEEEiiiiii!!!!", Sophie urrava e girou o corpo, para que Agatha ralasse na terra. Agatha girou Sophie novamente, e subiu em direção à sombra, com o sapato pesado apertando o rosto de Sophie.

"QUANDO AS MINHAS MÃOS ENCONTRAREM SEU PESCOÇO..."

Elas sentiram que estavam saindo do chão.

Enquanto algo delgado e frio enroscava-se ao redor delas, Agatha remexia-se à procura dos fósforos em seu vestido; ela riscou um em seu punho ossudo e empalideceu. A sombra havia sumido. Elas estavam emaranhadas em uma planta trepadeira que as transportou até o alto de um olmo enorme e pousou-as em um galho mais baixo. As duas garotas olharam-se, tentando recuperar o fôlego para falar. Agatha conseguiu falar primeiro.

"Nós vamos para casa *agora mesmo*!"

O galho balançou, recuou como um elástico e atirou-as para cima como balas. Antes que pudessem gritar, elas aterrissaram em outro galho. Agatha remexeu-se procurando outro fósforo, mas o galho impulsionou-se novamente e lançou-as ao próximo, que as enviou a outro. "QUAL É A ALTURA DESSA ÁRVORE?", Agatha gritou. Saltando como bolas de pingue-pongue por cima dos galhos, os corpos das meninas trombavam e caíam, seus vestidos rasgavam-se em espinhos e gravetos, e seus rostos batiam em galhos que ricocheteavam, até que finalmente alcançaram os ramos mais altos.

Na copa do olmo havia um ovo negro gigante. As garotas olharam-no, boquiabertas. O ovo rachou-se, fazendo jorrar uma gosma preta bem em cima delas. Nesse momento, saiu de dentro dele um pássaro imenso, feito de ossos. Ele deu uma olhada para a dupla, e soltou um grasnado esganiçado e zangado, que quase estourou seus tímpanos. Então, ele prendeu-as em suas garras e saiu voando, enquanto as duas gritavam, finalmente concordando em alguma coisa. O pássaro ossudo irrompeu pela mata negra, enquanto Agatha acendia, freneticamente, um fósforo atrás do outro nas costelas dele, o que lhes permitia ver flashes de olhos vermelhos brilhantes e sombras arrepiantes. Por todos os lados árvores finas investiam contra eles, e o pássaro subia e descia no ar, tentando evitá-las, até que um trovão explodiu logo à frente, e eles penetraram impetuosamente em uma tempestade furiosa e cheia de relâmpagos. Raios de fogo derrubaram árvores em sua direção e elas protegeram seus rostos da chuva, da lama, de pedaços de madeira, de teias de aranha, colmeias e víboras, até que o pássaro penetrou em mortais arbustos espinhosos, e as meninas empalideceram, fechando os olhos esperando a dor...

E então veio o silêncio.

"Agatha..."

Agatha abriu os olhos e viu raios de sol. Ela olhou para baixo e suspirou.

"É *real*."

Bem abaixo delas erguiam-se dois castelos imensos em plena floresta. Um deles reluzia sob a luz do sol, com torres de vidro rosadas e azuladas sobre um lago cintilante. O outro pairava, enegrecido e serreado, com pináculos afiados como os dentes de um monstro, rasgando as nuvens tempestuosas.

A Escola do Bem e do Mal.

O pássaro ossudo pairou acima das Torres do Bem, afrouxando Sophie de suas garras. Agatha agarrou a amiga, horrorizada, mas então viu o rosto de Sophie radiante de felicidade.

"Agatha, eu sou uma *princesa*!"

Mas, em vez dela, o pássaro soltou Agatha.

Estarrecida, Sophie observou Agatha cair dentro da névoa rosada de algodão doce. "Espere... não..."

O pássaro deu uma guinada brutal em direção às Torres do Mal, cujas mandíbulas estendiam-se para sua nova presa.

"Não! Eu sou *boa*! Está errado!", gritava Sophie...

Sem pestanejar, porém, ela foi despejada na escuridão infernal.

3
O grande equívoco

Sophie abriu os olhos e viu-se flutuando em um fosso de cheiro podre, repleto até a borda com um lodo preto. Uma parede de névoa a circundava. Ela tentou ficar em pé, mas seus pés não encontravam o fundo, e ela afundou; o lodo invadiu seu nariz e queimou sua garganta. Sufocando, em busca de ar, ela achou algo em que se agarrou e viu que era a carcaça meio devorada de um bode. Ela engasgou, e tentou afastar-se nadando, mas não conseguia enxergar nem um centímetro à frente de seu rosto. Gritos ecoaram acima dela e ela olhou para o alto.

Houve movimentação, depois dezenas de pássaros ossudos irromperam da neblina e soltaram garotos que berravam no fosso. Quando os gritos deram lugar ao som dos corpos caindo na água, veio outra onda de pássaros, depois outra, até que cada centímetro do céu estava preenchido por crianças que caíam. Sophie avistou um pássaro que mergulhava em sua direção e desviou bem na hora de receber uma borrifada de lodo no rosto.

Ela limpou o lodo dos olhos e ficou cara a cara com um menino. A primeira coisa que percebeu foi que ele estava sem camisa. Seu peito era franzino e pálido, sem nenhuma esperança de músculos. De sua cabecinha miúda saía um nariz protuberante e uma arcada dentuça, e seus cabelos negros caíam sobre seus olhos pequenos. Ele parecia um pequeno furão sinistro.

"O pássaro comeu minha camisa", ele disse. "Posso tocar seus cabelos?"

Sophie recuou.

"Eles não costumam fazer vilãs com cabelos de princesa", ele disse, nadando cachorrinho em direção a ela.

Sophie procurou desesperadamente por uma arma – uma vareta, uma pedra, um bode morto...

"Talvez possamos ser parceiros de beliche, ou melhores amigos, ou qualquer tipo de parceiros", ele disse, agora a alguns centímetros dela. Era como se Radley tivesse se transformando em um roedor e passado a ter coragem. Ele estendeu a mão esquelética para tocá-la e Sophie preparou-se para lhe dar um soco no olho, quando um garoto caiu berrando entre eles. Sophie disparou na direção oposta e, quando olhou para trás, o Garoto Furão já tinha sumido.

Através da neblina, Sophie via sombras que nadavam por entre malas e baús flutuantes, em busca de suas bagagens. Os que conseguiam encontrá-las continuavam a

descer pela correnteza, em direção a uivos agourentos à distância. Sophie seguiu aquelas silhuetas até que a neblina dissipou-se, revelando a margem, onde havia bandos de lobos em pé nas patas traseiras, com jaquetas vermelhas de soldados e calças pretas de couro, estalando chicotes de montaria para juntar os alunos em fila.

Sophie agarrou-se à margem para sair dali, mas gelou ao ver seu reflexo no fosso. Seu vestido estava mergulhado em lama, seu rosto brilhava com o lodo pegajoso e seus cabelos haviam se transformado em um lar para uma família de minhocas. Ela engasgou, tentado respirar...

"*Socorro*! Estou na escola errad..."

Um lobo arrancou-a para fora e chutou-a para entrar em fila. Ela abriu a boca para reclamar, mas viu o Garoto Furão nadando em sua direção, gritando: "Espere por mim!".

Rapidamente, Sophie juntou-se à fila de garotos sombrios que arrastavam seus baús pela neblina. Se algum deles demorasse um pouco mais, um lobo dava uma chicotada no chão; então, ela manteve o ritmo irrequieta, o tempo todo alisando o vestido, retirando minhocas, e lamentando por suas malas tão bem feitas que estavam agora muito, muito distantes.

Os portões enormes eram feitos de lanças de ferro entremeadas com arame farpado. Ao aproximar-se, ela viu que não era arame, mas um mar de víboras negras, que chiavam e avançavam em sua direção. Dando um gritinho, Sophie foi passando enquanto olhava para trás, lendo as palavras enferrujadas acima dos portões, entre dois cisnes negros entalhados:

ESCOLA PARA EDIFICAÇÃO DO MAL E PROPAGAÇÃO DO PECADO

Logo adiante, a torre da escola erguia-se como um demônio alado. A torre principal, construída com pedras negras sulcadas, irrompia em meio às nuvens sombrias como um torso grosseiro. De suas laterais erguiam-se dois pináculos grossos e retorcidos que gotejavam, com trepadeiras vermelho-sangue como asas ensanguentadas.

Os lobos conduziam as crianças em direção à porta da torre principal, um túnel longo e serrilhado, que tinha a forma de um focinho de crocodilo. Sophie sentiu arrepios quando o túnel foi estreitando-se cada vez mais, até que ela mal conseguia enxergar a criança que estava à sua frente. Ela estava espremida entre duas rochas pontiagudas, e se viu em um saguão repleto de goteiras, que cheirava a peixe podre. Gárgulas demoníacas pendiam de vigas de pedra, com tochas acesas em suas mandíbulas. A estátua de uma bruxa careca e banguela que segurava uma maçã reluzia sob a luz do fogo. Ao longo do muro, uma coluna em ruínas ostentava uma imensa letra *N* preta, decorada com duendes, trolls e harpias que subiam e desciam, como em

uma árvore. Na coluna seguinte havia uma letra *U* vermelho-sangue, adornada com gigantes e goblins se balançando. Rastejando ao longo da fila, Sophie percebeu que as colunas formavam a palavra *N-U-N-C-A*. Então, ela subitamente viu-se dentro o suficiente na sala para que pudesse enxergar a fila que serpenteava à sua frente. Pela primeira vez, ela teve uma visão clara dos outros alunos, e quase desmaiou.

Havia uma menina terrivelmente dentuça, com tufos ralos de cabelo, e em vez de dois olhos ela tinha somente um, bem no meio da testa. Outro garoto era como um monte de massa, com uma barriga protuberante, careca e com os membros inchados. Uma menina alta e irônica arrastava-se à sua frente, e tinha uma pele verde, doentia. O garoto à sua frente tinha tanto pelo no corpo que poderia passar por um macaco. Todos pareciam ter em torno de sua idade, mas as semelhanças terminavam aí. Ali estava uma massa de corpos horríveis e defeituosos, rostos repulsivos e as expressões mais cruéis que ela já tinha visto, como se procurassem algo para odiar. Um a um, seus olhos recaíram sobre Sophie, e eles encontraram o que estavam procurando. A princesa petrificada de sapatinhos de cristal e cachos dourados.

A rosa vermelha entre os espinhos.

Do outro lado do fosso, Agatha quase matou uma fada.

Ela despertou debaixo de lírios vermelhos e amarelos que pareciam estar em uma animada conversa. Agatha teve certeza de que ela era o assunto, pois as flores gesticulavam bruscamente apontando para ela com suas folhas e botões. Depois, porém, a questão pareceu se resolver, e as flores curvaram-se, como avós meticulosas, e enrolaram suas hastes ao redor de seus punhos. Com um puxão elas colocaram-na em pé e Agatha observou um campo de meninas que floresciam exuberantemente ao redor de um lago fulgurante.

Agatha não podia acreditar no que via. As meninas brotavam da terra. Primeiro, as cabeças espetavam para fora, saindo da terra; depois, os pescoços e os peitos iam subindo, subindo, até que elas esticavam seus braços para cima, na direção do céu azulado e fofo, e plantavam sapatinhos delicados sob o solo. Contudo, não foi a visão das garotas que brotavam que mais abateu Agatha. Foi o fato de que essas meninas não se pareciam em *nada* com ela.

Suas faces, algumas claras e outras escuras, eram irretocáveis, e reluziam de tanta saúde. Elas tinham cabelos brilhantes que caíam em cascatas, lisos ou cacheados como os de bonecas, e usavam vestidos cor de pêssego, amarelos e brancos, como uma fornada fresca de ovos de páscoa. Algumas eram mais baixas, outras magras e altas, mas todas tinham cinturinhas finas, pernas esguias e ombros estreitos. À medida que o campo ia florescendo com novas alunas, um grupo de três fadas de asas cintilantes esperava por elas, uma a uma. Cantando e brilhando, elas espanavam a poeira das

meninas, serviam-lhes xícaras de chá, e cuidavam de seus baús, que tinham brotado do solo, com suas donas.

De onde exatamente essas beldades tinham vindo, Agatha não fazia a menor ideia. Tudo o que ela queria era que alguma desgrenhada despontasse da terra para que ela não se sentisse tão deslocada. No entanto, era um brotar incessante de Sophies, que tinham tudo o que ela não tinha. Uma vergonha familiar apertou sua barriga. Ela precisava de um buraco onde se enfiar, um cemitério onde se esconder, algo para fazer com que todas elas sumissem...

Foi quando a fada a mordeu.

"Que diabos..."

Agatha tentou sacudir de sua mão aquela coisa que zunia, mas ela voou e mordeu seu pescoço, e depois seu traseiro. Outras fadinhas tentavam dissuadir a malvada enquanto ela gritava, mas ela também as mordia e voltava a atacar Agatha. Enfurecida, tentou pegar a fadinha, porém ela se movia tão depressa como um raio, então, ela pulava inutilmente de um lado para outro enquanto a fadinha a mordia, até que ela voou sem querer para dentro de sua boca, e Agatha a engoliu. Agatha suspirou aliviada e olhou para cima.

Sessenta lindas meninas olhavam-na, boquiabertas, um gato em um ninho de rouxinóis.

Agatha sentiu um beliscão na garganta e tossiu a fadinha. Para sua surpresa, era um menino.

À distância, sinos ecoavam suavemente dos espetaculares castelos de vidro cor-de-rosa e azul, do outro lado do lago. Os grupos de fadas pegaram todas as meninas pelos ombros e levaram-nas pelo ar, voando por cima do lago na direção das torres. Agatha percebeu que era sua chance de fugir, mas, antes que saísse correndo, foi içada por duas fadinhas. Enquanto voava, ela olhou para trás e viu a terceira fada, o menino-fada que a mordera, fincando seus pés no solo. Ele cruzou os braços e sacudiu a cabeça, como se dissesse, de forma inequívoca, que um erro terrível havia sido cometido.

Quando as fadas pousaram as meninas diante do castelo de vidro, elas soltaram seus ombros e deixaram que seguissem livremente. As duas fadas de Agatha, porém, continuaram a segurá-la, conduzindo-a para a frente como uma prisioneira. Agatha olhou para trás, para o outro lado do lago. *Onde está Sophie?*

A água cristalina transformava-se em fosso lodoso da metade do lago para a frente; uma neblina cinzenta obscurecia o que havia na margem oposta. Se Agatha fosse salvar a amiga, teria de achar um jeito de atravessar aquele fosso. No entanto, primeiro, ela precisava afastar-se daquelas pestes aladas. Ela precisava de uma distração.

Palavras espelhadas em arco acima dos portões dourados diziam:

Agatha viu seu reflexo nas letras e desviou o olhar. Ela detestava espelhos e evitava-os a qualquer custo. (*Porcos e cães não ficam se olhando por aí,* ela pensou.) Seguindo em frente, Agatha deu uma olhada para cima, para as portas de vidro jateado do castelo, ornadas por dois cisnes brancos. Contudo, quando as portas se abriram e as fadas guiaram as meninas por um corredor apertado de espelhos, a fila subitamente freou, e um grupo de meninas cercou-a, como tubarões.

Elas encararam-na por um momento, como se esperassem que arrancasse a máscara e revelasse a verdadeira princesa que havia por baixo. Agatha tentava encará-las, mas, em vez disso, viu o próprio rosto refletido mil vezes no espelho, e instantaneamente grudou os olhos no chão de mármore. Algumas fadas zuniam para dispersar a aglomeração, mas a maioria apenas pousava nos ombros das meninas e observava. Finamente, uma das meninas deu um passo à frente. Ela tinha cabelos louros até a cintura, lábios carnudos e olhos de topázio. Era tão linda que nem parecia real.

"Olá, eu sou a Beatrix", ela disse, amavelmente. "Eu não ouvi seu nome."

"É porque eu não falei", disse Agatha, com os olhos fixos no chão.

"Você tem certeza de que está no lugar certo?", perguntou Beatrix, ainda mais meiga.

Agatha sentiu uma palavra rondando sua mente – uma palavra da qual ela precisava, mas que ainda estava embaçada demais para que enxergasse.

"É, eu, é...."

"Talvez você tenha simplesmente nadado para a escola errada", Beatrix sorriu.

A palavra acendeu-se na cabeça de Agatha. *Distração.*

Agatha olhou para cima, para os olhos deslumbrantes de Beatrix. "Esta é a Escola do Bem, não é? A lendária escola para meninas lindas e dignas, destinadas a serem princesas?"

"Ah", disse Beatrix, apertando os lábios. "Então você não está perdida?"

"Ou confusa?", perguntou outra, que tinha traços árabes, pele morena e cabelos negros.

"Ou cega?", perguntou uma terceira, com cachos ruivos.

"Nesse caso, tenho certeza de que você está com seu passe para o Jardim das Flores", disse Beatrix.

Agatha piscou. "Meu o quê?"

"Seu *bilhete de entrada* para o Jardim das Flores", disse Beatrix. "Você sabe, o modo pelo qual todas chegamos aqui. Somente alunas *oficialmente* aceitas têm bilhetes para entrar no Jardim das Flores."

Todas as garotas ergueram seus bilhetes dourados, ostentando seus nomes em uma caligrafia própria da realeza, com o selo de cisnes preto e branco do Diretor da Escola.

“Aaah, *esse* passe do Jardim das Flores...”, Agatha zombou. Ela enfiou as mãos nos bolsos. “Aproximem-se e eu lhes mostrarei.”

As meninas juntaram-se, desconfiadas. Enquanto isso, as mãos de Agatha remexiam seus bolsos, em busca de uma distração – fósforos... moedas... folhas secas...

“É... mais perto.”

As garotas aproximaram-se, murmurando. “Não deveria ser tão pequeno assim”, Beatrix disse irritada.

“Encolheu durante a lavagem”, disse Agatha, revirando os fósforos, chocolate derretido, um passarinho sem cabeça (Reaper o escondera no meio de suas roupas). “Está aqui, em algum lugar...”

“Talvez você tenha perdido”, disse Beatrix.

Bolas de naftalina... cascas de amendoim... outro pássaro morto...

“Ou colocado em outro lugar”, sugeriu Beatrix.

O pássaro? O fósforo? Acendo o pássaro com o fósforo?

“Ou *mentido* sobre ter um.”

“Ah, agora estou sentindo...”

Mas tudo o que Agatha sentia era uma coceira nervosa em seu pescoço...

“Você sabe o que acontece com intrusas, não sabe?”, perguntou Beatrix.

“Aqui está...” *Faça alguma coisa!*

As meninas rodeavam-na, sinistramente.

Faça algo agora!

Ela fez a primeira coisa que lhe ocorreu, que foi soltar um pum rápido e sonoro.

Uma distração eficaz cria tanto o pânico quanto o caos. Agatha criou os dois. O cheiro vil emanava pelo corredor apertado, enquanto as garotas gritavam e corriam, e as fadas desmaiavam ao primeiro odor, deixando o caminho livre até a porta. Somente Beatrix bloqueava o seu caminho, chocada demais para se mexer. Agatha deu um passo em sua direção e inclinou-se para a frente como um lobo.

“Bu!”

Beatrix saiu correndo.

Enquanto Agatha disparava rumo à porta, ela olhou para trás, orgulhosa, vendo as meninas trombarem nas paredes e pisotearem-se tentando fugir. Com o pensamento fixo em salvar Sophie, ela irrompeu pelas portas de vidro jateado, e correu para o lago. Entretanto, na hora exata em que chegou lá, a água ergueu-se em uma onda gigante, que arrebentou lançando-a de volta pelas portas, pelas garotas que gritavam, fazendo-a aterrissar, de bruços, em uma poça.

Ela levantou-se cambaleando e congelou.

“Bem-vinda, Nova Princesa”, disse uma ninfa flutuante de dois metros de altura. Ela chegou para o lado, revelando um saguão tão magnífico que Agatha perdeu o ar. “Bem-vinda à Escola do Bem!”

Sophie não conseguia suportar o fedor do lugar. Enquanto arrastava-se pela fila, tinha ânsias de vômito por causa do cheiro, um misto de corpos sem banho, pedras lamacentas e lobos fedorentos. Ela ficou nas pontas dos pés para ver para onde a fila se dirigia, mas só conseguiu enxergar um desfile interminável de aberrações. Os outros alunos olhavam para ela de cara feia, mas ela retribuía com seu sorriso mais gentil, no caso de tudo não passar de um teste. Tinha que ser um teste, ou piada, ou *algo do tipo*.

Ela virou-se para um lobo cinza. "Não que eu esteja questionando a sua autoridade, mas eu poderia ver o Diretor da Escola? Acho que ele..." O lobo rugiu, encharcando-a de cuspe. Ela não insistiu.

Seguiu cabisbaixa na fila até uma antessala rebaixada, na qual havia três escadarias pretas perfeitamente alinhadas, em espiral. Uma delas, entalhada com monstros, dizia MALÍCIA ao longo do corrimão; a segunda, cravejada com aranhas, dizia INJÚRIA; e na terceira, com cobras, lia-se VÍCIO. Ao redor das três escadarias, Sophie notou que as paredes eram cobertas com molduras de cores diferentes. Em cada moldura havia o retrato de uma criança, ao lado de uma ilustração de um livro de contos de fadas, que mostrava no que o aluno havia se transformado após formar-se. Uma moldura dourada trazia a foto de uma garotinha duende e, ao lado desta, um desenho magnífico dela como uma bruxa revoltante sobre uma donzela em coma. Uma placa dourada estava embaixo das duas ilustrações:

CATHARINE DE FOXWOOD
Branca de Neve (Vilã)

A moldura dourada seguinte trazia o retrato de um garoto que sorria maliciosamente, com sobrancelhas grossas e emendadas, ao lado de outra pintura dele, já adulto, colocando uma faca no pescoço de uma mulher:

DROGAN, DE MONTANHAS MURMURANTES
Barba Azul (Vilão)

Abaixo de Drogan, uma moldura de prata mostrava um menino magricela, de cabelos louros espetados, transformado em um dos doze ogros que atacavam uma vila:

KEIR DE NETHERWOOD
Tom Thumb (O corcunda)

Então, Sophie notou uma moldura cor de bronze envelhecido, na parte inferior, com um garotinho pequeno, careca, de olhos arregalados e assustados. Um garoto que ela conhecia. Seu nome era Bane. Ele costumava morder meninas bonitas em Gavaldon, até ser raptado, quatro anos antes. Contudo, não havia desenho ao lado de Bane. Apenas uma placa enferrujada que dizia:

FRACASSOU

Sophie olhou o rosto aterrorizado de Bane e sentiu um aperto no estômago. O que teria acontecido com ele? Ela olhou para cima, vendo milhares de molduras de ouro, de prata e de bronze, que cobriam cada centímetro do corredor: bruxas assassinando príncipes, gigantes devorando homens, demônios ateando fogo em criancinhas, ogros hediondos, górgonas grotescas, cavaleiros sem cabeça, impiedosos monstros marinhos. Um dia eles haviam sido adolescentes esquisitos. Agora, eram retratos do mal absoluto. Até os vilões que haviam sofrido mortes horrendas – Rumpelstiltskin, o Gigante do Pé de Feijão, o Lobo Mau da história de Chapeuzinho Vermelho – estavam desenhados em seus melhores momentos, como se tivessem emergido triunfantes de suas fábulas. Sophie sentiu outro aperto nas vísceras quando notou os outros alunos olhando os retratos com louvores de admiração. Foi quando ela caiu em si, com uma clareza de arrepiar. Ela estava em uma fila com futuros assassinos e monstros.

Sophie começou a suar frio. Precisava encontrar algum membro do corpo docente. Alguém que pudesse olhar a lista de alunos matriculados e ver que ela estava na escola errada. Até agora, porém, só encontrara lobos que mal sabiam falar, muito menos ler uma lista.

Ao virar-se para entrar em um corredor mais largo, Sophie viu um anão chifrudo de pele vermelha em cima de uma escadinha, pregando mais retratos em uma parede vazia. Ela cerrou os dentes com esperança, ao aproximar-se dele na fila. Quando tentou chamar sua atenção, subitamente notou que as molduras na parede continham rostos conhecidos. Havia o garoto glutão que ela vira mais cedo e, abaixo dele, o nome BRONE, DE ROCH BRIAR. Ao seu lado, um desenho de uma menina de um olho só e de cabelos ralos: ARACHNE, DE FOXWOOD. Sophie olhou os retratos de seus colegas de classe, esperando suas transformações vilãs. Seus olhos pararam no Garoto Furão. HORT, DE BLOODBROOK. *Hort. Parecia nome de doença*. Ela seguiu na fila, pronta para choramingar para o anão...

Então viu a moldura embaixo de seu martelo.

Seu próprio rosto sorria para ela.

Sophie deu um grito agudo, saiu correndo da fila, subiu a escada em disparada, e arrancou a moldura das mãos do anão estarrecido. "Não! Eu estou na Escola do *Bem*!", ela gritou, mas o anão arrancou a moldura de volta e os dois brigaram pelo retrato, trocando chutes e puxando o quadro, até que Sophie ficou farta e deu-lhe um bofetão. O anão gritou como uma garotinha, e voltou-se para ela com seu martelo. Sophie esquivou-se, mas perdeu o equilíbrio, e a escada balançou e caiu entre as paredes. Pendurada no ar sobre os degraus, ela olhou para baixo, vendo os lobos que rosnavam e os alunos com olhos arregalados – "Eu preciso falar com o Diretor da Escola!" –, depois, a mão dela soltou-se e ela deslizou pela escada, caindo sobre um monte de estudantes na frente da fila.

Uma bruxa de pele escura, e com um enorme furúnculo no rosto, atirou uma folha de pergaminho em suas mãos.

SOPHIE, DE ALÉM DA FLORESTA
MALDADE ~ 1º ANO
Torre da Malícia 66

Aula	Docente
1: Enfeiamento	Prof. Bilious Manley
2: Treinamento para corcunda	Cástor
3: Maldições e armadilhas mortais	Lady Lesso
4: História da vilania	Prof. August Sader
5: Almoço	
6: Talentos especiais	Prof. Sheeba Sheeks
7: Sobrevivendo a contos de fadas (Grupo Florestal #3)	Yuba, o Gnomo

Sophie olhou para cima, pasma. "Eu a vejo na sala de aula, Bruxa de Além da Floresta", grasnou a bruxa velha. Antes que Sophie pudesse responder, um ogro soltou uma pilha de livros amarrados em suas mãos.

Os melhores monólogos vilanescos – 2ª. edição
Feitiços para sofrimento, Ano 1
Guia de rapto e assassinato para iniciantes
Abraçando a feiura – Por dentro e por fora
Como cozinhar crianças (com novas receitas!)

Como se os livros já não bastassem, Sophie viu que a fita que amarrava o pacote era uma enguia viva. Ela gritou e derrubou os livros, logo antes de um sátiro jogar um pano preto embolorado em cima dela. Quando o desenrolou, Sophie encolheu-se ao ver uma túnica velha e esfarrapada, que mais parecia uma cortina rasgada.

Ela olhou para as outras meninas, que vestiam alegremente o uniforme pútrido enquanto examinavam os livros e comparavam a grade de matérias. Sophie lentamente olhou para baixo, para sua túnica preta e fedorenta. Depois, para seus livros e para a tabela de horários melados pela enguia. E, finalmente, para seu retrato sorridente, de volta à parede.

Ela saiu em disparada.

Agatha sabia que estava no lugar errado, porque até os professores lançavam-lhe olhares confusos. Juntos, eles perfilavam as quatro escadas em espiral, duas cor-de-rosa e duas azuis, no saguão envidraçado, jogando confetes nos novos alunos. As professoras usavam versões de cores diferentes do mesmo modelo de vestido justo, de gola alta, com um emblema de cisne prateado no peito. Cada uma delas havia acrescentado um toque pessoal ao vestido, como cristais incrustados, flores de miçangas ou até um laço de tule. Os professores, por sua vez, usavam uniformes em um arco-íris de tonalidades, combinados com coletes, gravatas finas e lenços coloridos nos bolsos, que também tinham bordados os mesmos cisnes prateados.

Agatha logo notou que todos eles eram mais atraentes do que qualquer adulto que ela já havia visto. Até os docentes mais velhos eram elegantes a ponto de intimidar. Agatha sempre havia tentado convencer-se de que a beleza era sem sentido por ser temporária. Ali estava a prova de que durava para sempre.

Os professores tentaram disfarçar seus cutucões e cochichos ao verem a aluna encharcada e deslocada, mas Agatha já estava acostumada a perceber essas coisas. Então, ela notou um professor que não era como os outros. Junto a um vitral, vestindo um terno verde, de cabelos grisalhos e olhos brilhantes cor de mel, ele a olhava como se ela combinasse perfeitamente com o lugar. Agatha ficou vermelha. Qualquer um que a considerasse compatível com aquele lugar só poderia ser maluco. Desviando o olhar, consolou-se com as meninas que a olhavam fixamente, e que claramente não haviam desculpado o incidente do hall.

"Onde estão os meninos?" Agatha ouviu uma delas perguntar à outra, enquanto aglomeravam-se diante de três ninfas enormes, com cabelos e lábios néon, que

entregavam a elas suas programações, livros e túnicas.

Enquanto Agatha seguia atrás delas na fila, ela pôde vislumbrar melhor o majestoso salão das escadarias. A parede em frente a ela tinha um imenso S cor-de-rosa, com adoráveis anjinhos pintados ao redor. As outras três paredes também traziam letras pintadas, formando a palavra *SEMPRE* em rosa e azul. As quatro escadas em espiral eram posicionadas simetricamente nos cantos de cada parede, iluminadas por vitrais altos. Uma das duas escadas azuis tinha a palavra HONRA inscrita em seu balaústre, junto a desenhos de cavaleiros e reis gravados no vidro, enquanto a outra dizia CORAGEM, decorada com relevos azuis de caçadores e arqueiros. As duas escadas rosadas tinham as palavras PUREZA e CARIDADE inscritas em dourado, junto a frisos delicados esculpidos com donzelas, princesas e animais dóceis.

No centro da sala, retratos de ex-alunos cobriam um altíssimo obelisco de cristal, desde o chão de mármore até a claraboia abobadada. No alto do obelisco ficavam, emoldurados em dourado, os retratos dos alunos que tinham se tornado príncipes e princesas após a formatura. Na parte do meio, em molduras prateadas, estavam os que haviam tido destinos menos nobres, tornando-se auxiliares animados, donas de casa zelosas, e fadas madrinhas bondosas. E perto da base do pilar, cobertos de poeira, estavam, em molduras de bronze, os que tiveram baixo desempenho e terminaram como criados e serventes. Entretanto, independentemente de terem se tornado a Rainha da Neve ou a limpadora da chaminé, Agatha via que os alunos compartilhavam dos mesmos belos rostos, sorrisos bondosos e olhares expressivos. Ali, naquele castelo de vidro no meio da floresta, o melhor da vida havia se reunido a serviço do Bem. E lá estava ela, a Senhorita Infeliz, a serviço de cemitérios e puns.

Agatha esperou com grande expectativa até finalmente chegar a uma ninfa de cabelos cor-de-rosa. “Houve uma confusão!”, ela disse, ofegante, pingando água e suor. “Minha amiga Sophie é quem deveria estar aqui.”

A ninfa sorriu.

“Tentei impedir que ela viesse”, disse Agatha, com a voz acelerando-se pela esperança, “mas deixei o pássaro confuso, e agora eu estou aqui e ela está lá na outra torre, mas ela é bonita e gosta de rosa e eu... bem, olhe pra mim. Eu sei que vocês precisam de alunas, mas Sophie é minha melhor amiga, e se ela ficar eu tenho que ficar, e nós *não podemos* ficar, portanto, por favor, me ajude a encontrá-la para que possamos ir pra casa.”

A ninfa entregou-lhe um pedaço de pergaminho.

Agatha de Além da Floresta

Bondade – 1º Ano

Torre da Pureza 51

Aula	Docente
1: Embelezamento	Prof. Emma Anêmona
2: Etiqueta para princesas	Pólux
3: Comunicação com animais	Princesa Uma
4: História do heroísmo	Prof. August Sader
5: Almoço	
6: Boas ações	Prof. Clarissa Dovey
7: Sobrevivendo a contos de fadas (Grupo Florestal #3)	Yuba, o Gnomo

Agatha ficou olhando pasma. “Mas...”

Uma ninfa de cabelos verdes atirou-lhe um cesto de livros, alguns deles saindo para fora:

O privilégio da beleza
Conquistando seu príncipe
O manual da boa aparência
Princesa com um propósito
Discurso animal I: latidos, relinchos e gorjeios

Então, uma ninfa de cabelos azuis estendeu-lhe seu uniforme: um pavoroso vestido rosa tipo avental, terrivelmente curto e com mangas bufantes, para ser usado sobre uma blusa branca de renda, na qual pareciam faltar três botões.

Estarrecida, Agatha olhou para as futuras princesas à sua volta, apertando seus vestidos cor-de-rosa. Olhou para os livros, que diziam que sua beleza era um privilégio, que ela poderia ganhar um príncipe primoroso e falar com pássaros. Olhou para a grade de matérias, destinada a uma menina bonita, graciosa e gentil. Então ergueu os olhos para o belo professor, que ainda estava sorrindo para ela, como se esperasse grandes coisas de Agatha de Gavaldon.

Agatha fez a única coisa que sabia fazer quando estava diante de expectativas.

Subiu correndo a escada azul da Honra, passando por corredores verde-água, com as fadinhas tinindo furiosamente atrás dela. Movendo-se ruidosamente pelos corredores, irrompendo pelas escadas, ela não tinha tempo para absorver o que estava vendo – piso feito de jade, salas de aula feitas de doces, uma biblioteca de ouro –, até que chegou ao último lance de escada e disparou por uma porta de vidro jateado para o telhado da torre. À sua frente, o sol iluminava um jardim a céu aberto, com cercas-vivas esculpidas, de tirar o fôlego. Antes que Agatha pudesse sequer ver o que eram as esculturas, as fadas irromperam pela porta, lançando-lhe teias douradas que saíam de suas bocas. Ela abaixou-se para escapar delas, rastejando como um inseto pelas cercas-vivas colossais. Ficando em pé, ela saltou para a escultura mais alta, de um príncipe musculoso que erguia uma espada acima de um lago. Escalou a espada de folhas até a ponta, dando chutes para afastar as fadas que atacavam em bando. Rapidamente, porém, elas tornaram-se muitas, e logo que cuspiram suas redes cintilantes, Agatha não conseguiu mais se segurar na espada e despencou em direção à água.

Quando abriu os olhos, ela estava completamente seca.

O lago era provavelmente um portal, porque agora ela estava do lado de fora, sob um arco de azul-celeste. Agatha olhou para cima e congelou. Ela estava no final de uma ponte estreita que se estendia através da neblina espessa, rumo à torre apodrecida, do outro lado do lago. Uma ponte entre as duas escolas.

Lágrimas arderam em seus olhos. Sophie! Ela podia salvar Sophie!

"Agatha!"

Agatha estreitou os olhos e viu Sophie sair correndo da neblina. "Sophie!"

De braços estendidos, as duas meninas dispararam pela ponte, uma gritando o nome da outra...

Elas deram de cara com uma barreira invisível e caíram no chão.

Tonta de dor, Agatha olhou, horrorizada, enquanto os lobos arrastavam Sophie pelos cabelos, de volta para a escola do Mal.

"Vocês não entendem", Sophie gritou, vendo as fadas levarem Agatha. "Tudo isso é um engano!"

"*Não há nenhum engano*", um lobo rosnou.

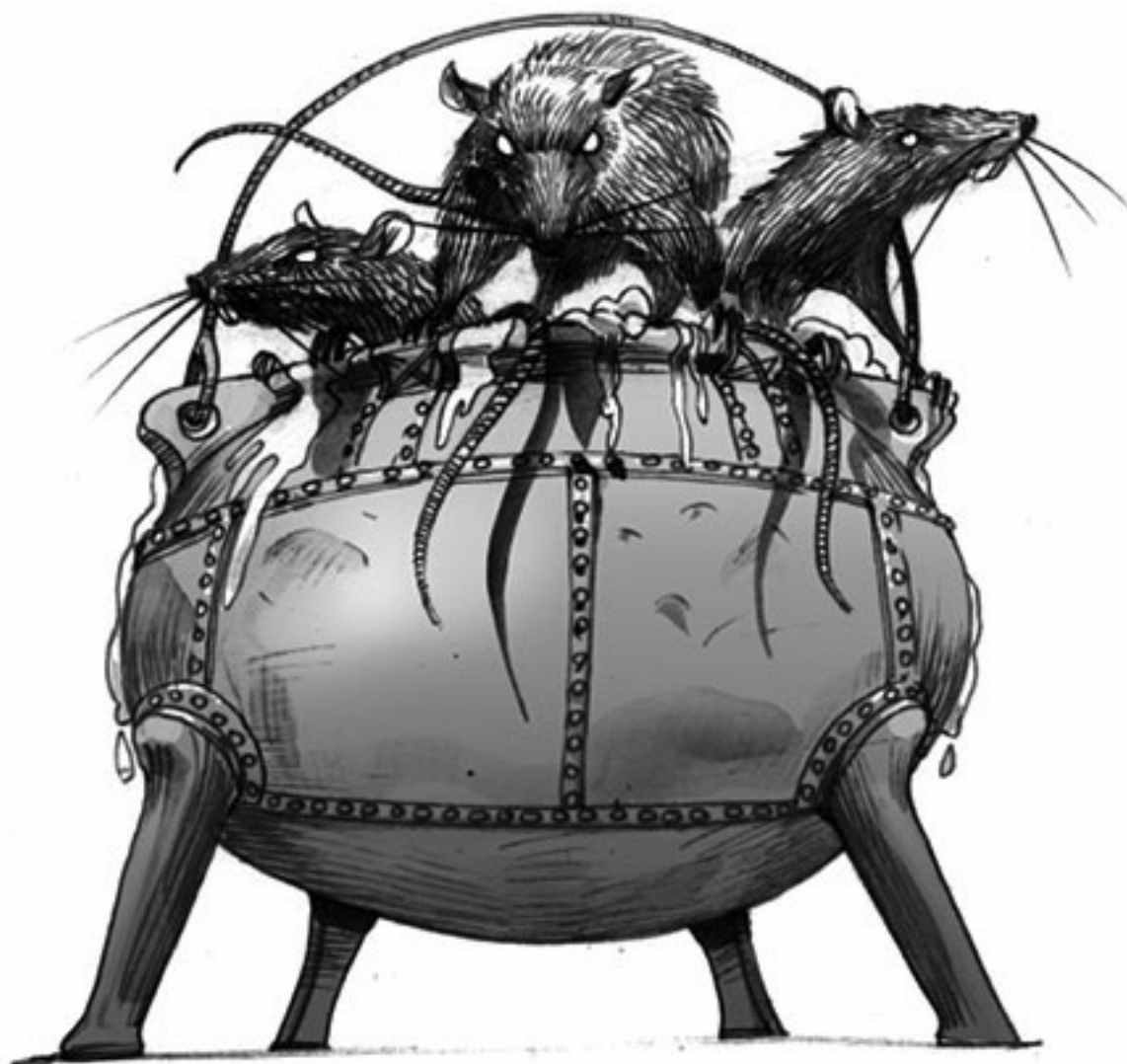
Eles sabiam falar, afinal.

4

As três bruxas do quarto 66

Sophie não tinha certeza do motivo pelo qual seis lobos precisavam puni-la em vez de um, mas imaginou que seria para dar mais ênfase ao ocorrido. Eles prenderam-na em um espeto, enfiaram uma maçã em sua boca, e exibiram-na como um leitão de banquete, passando pelos seis andares do Salão da Malícia. Perfilando as paredes, novos alunos apontavam e riam, mas o riso transformava-se em caretas quando se davam conta de que aquela aberração de rosa seria uma de suas colegas de quarto. Os lobos rebocaram a exasperada Sophie, passando pelas portas 63, 64, 65, e depois deram um chute na porta do dormitório 66, e arremessaram-na lá dentro. Sophie entrou deslizando, até que seu rosto bateu em um pé cheio de verrugas.

"Eu lhe disse que ela ficaria com a gente", disse uma voz amarga.

Ainda amarrada ao espeto, Sophie olhou para cima e viu uma garota alta, de cabelos pretos oleosos e mechas ruivas, batom preto, uma argola no nariz e uma tatuagem aterrorizante de um demônio chifrudo em volta do pescoço. A garota ficou encarando Sophie com olhos negros petrificados.

“Ela até tem o cheiro dos Sempres.”

“As fadas logo pegarão isso de volta”, disse uma voz do outro lado do quarto.

Sophie virou a cabeça e viu uma menina albina, de cabelos branquíssimos, pele clara e olhos vermelhos caídos, que estava servindo um guisado de um caldeirão para três ratazanas pretas. “Pena. Nós poderíamos cortar o pescoço e pendurar a cabeça no corredor para enfeitar.”

“Que grosseira”, disse uma terceira. Sophie viu uma menina risonha, de cabelos castanhos, sentada na cama, redonda como um balão de ar quente, com um picolé de chocolate em cada uma das mãos gorduchas. “Além disso, é contra as regras matar outros alunos.”

“Que tal se apenas a desfigurarmos um pouquinho?”, disse a albina.

“Acho que ela é revigorante”, disse a rechonchuda, dando uma mordida no picolé. “Nem todas as vilãs precisam cheirar e ter aparência depressiva.”

“Ela não é uma vilã”, disseram, simultaneamente, a albina e a tatuada.

Enquanto se contorcia para soltar-se das cordas, Sophie esticou o pescoço e teve a primeira visão completa do quarto. Algum dia talvez tivesse sido uma suíte aconchegante, antes que alguém ateasse fogo a ele. As paredes de tijolinhos estavam carbonizadas. Havia marcas chamuscadas pretas e marrons pelo teto, e o piso estava coberto por uma camada de cinzas. Até os móveis pareciam queimados. Enquanto olhava, porém, Sophie percebeu que havia um problema ainda maior com o quarto.

"Onde está o espelho?", ela sussurrou.

"Deixe-me adivinhar", debochou a garota tatuada. "É Bela, ou Ariel, ou Anastasia."

"Parece mais Lindinha ou Docinho", disse a albina.

"Ou Cinderela, ou Aurora, ou Jasmine."

"Sophie." Sophie levantou-se em meio a uma nuvem de fuligem. "Meu nome é Sophie. Eu não sou uma 'vilã', não sou uma *coisa*, e sim, claramente não pertenço a este lugar, portanto..."

A albina e a garota tatuada dobraram-se de tanto rir. "Sophie!" A segunda gargalhou. "É pior do que qualquer um poderia imaginar!"

"Qualquer coisa chamada Sophie não pertence a este lugar", disse a albina. "Pertence a uma jaula."

"Eu *pertenço* à outra torre", disse Sophie, tentando permanecer acima da maldade delas, "motivo pelo qual eu preciso ver o Diretor da Escola."

"*Preciso falar com o Diretor da Escola*", a albina imitou. "Que tal pular pela janela e ver se ele a pega?"

"Vocês não têm nenhuma educação", caçoou a gorducha, de boca cheia. "Eu sou a Dot. Essa é Hester", ela disse, apontando para a garota tatuada. "E esse raio de sol", ela disse, apontando para a albina, "é Anadil." Anadil cuspiu no chão.

"Bem-vinda ao quarto 66", disse Dot, fazendo um floreio com a mão que varreu as cinzas da cama vazia.

Sophie retraiu-se olhando os lençóis comidos por traças, com manchas agourentas. "Agradeço as boas-vindas, mas realmente preciso ir andando", ela disse, recuando até a porta. "Poderiam me indicar o escritório do Diretor da Escola?"

"Os príncipes devem ficar tão confusos quando a veem", disse Dot. "A maioria das vilãs não se parece com princesas."

"Ela *não é* uma vilã", resmungaram Anadil e Hester.

"Preciso marcar um horário para vê-lo?", pressionou Sophie. "Ou mandar um bilhete, ou..."

"Você poderia voar, eu imagino", disse Dot, tirando dois ovos de chocolate do bolso. "Mas os stymphs podem comê-la."

"Stymphs?", perguntou Sophie.

"Aqueles pássaros que nos deixaram aqui, amor", disse Dot enquanto mastigava. "Você teria que passar por eles. E você sabe como eles detestam vilões."

“Pela última vez”, disparou Sophie. “Eu não sou uma vil...”

Sons ecoaram na escada. Era um zunido tão delicado que só poderiam ser...

Fadas. Elas tinham vindo buscá-la!

Sophie conteve um grito. Ela não se atreveria a dizer às meninas que seu resgate era iminente (quem poderia saber o quão seriamente haviam falado sobre transformá-la em um ornamento de parede). Ela recuou até a porta e ficou ouvindo os zunidos, cada vez mais altos.

“Não sei por que as pessoas acham que princesas são bonitas”, disse Hester, mexendo em uma verruga no dedo de seu pé. “Elas têm os narizes tão pequenos, como botõezinhos, que dão até vontade de arrancar!”

Fadas em nosso andar! Sophie queria começar a pular. Assim que chegasse ao castelo do Bem, ela tomaria o banho mais longo de sua vida!

“E seus cabelos são tão compridos”, disse Anadil, balançando um camundongo morto para a sobremesa das ratazanas. “Dá vontade de arrancar tudo.”

Agora estão a apenas alguns quartos de distância...

“E aqueles sorrisos falsos”, disse Hester.

“E aquela obsessão por cor-de-rosa”, disse Anadil.

As fadas estão na porta ao lado!

“Mal posso esperar para matar a minha primeira”, disse Hester.

“Hoje é um dia tão bom quanto qualquer outro”, disse Anadil.

Elas chegaram! Sophie inflou de alegria – nova escola, novos amigos, nova vida!

Contudo, as fadas voaram direto pelo quarto.

O coração de Sophie murchou. O que aconteceu? Como podiam tê-la esquecido? Ela passou correndo por Anadil, rumo à porta, escancarou-a e deu de cara com um monte de pelos de lobo. Sophie deu um pulo pra trás, e Hester bateu a porta.

“Você fará com que todas nós sejamos punidas”, rosnou Hester.

“Mas elas estavam aqui! Estavam me procurando!”, gritou Sophie.

“Você tem *certeza* de que não podemos matá-la?”, disse Anadil, observando suas ratazanas comerem o camundongo.

“Então, de que lugar da floresta você é, amor?”, Dot perguntou a Sophie, cheirando um sapo de chocolate.

“Não venho da floresta”, disse Sophie, impaciente, espiando pelo olho mágico. Sem dúvida, os lobos haviam afugentado as fadas. Ela precisava voltar à ponte e encontrá-las. Entretanto, agora havia três lobos vigiando o corredor, comendo uma refeição de nabos grelhados em pratos de ferro.

Lobos comem nabos? De garfo?

Havia, porém, outra coisa esquisita nos pratos dos lobos: fadas revirando a comida das feras.

Os olhos de Sophie arregalaram-se de susto.

Um pequeno menino-fada olhou-a de cima. *Ele está me vendo*! Fazendo uma concha com as mãos, Sophie fez mímica com os lábios "Socorro!" através do vidro. O menino-fada sorriu, compreendendo, e cochichou no ouvido do lobo. O lobo olhou para cima, viu Sophie, e estilhaçou o olho mágico com um chute brutal. Sophie cambaleou para trás, ouvindo um coro de risadinhas leves e gargalhadas rosnadas.

As fadas não tinham nenhuma intenção de resgatá-la.

O corpo inteiro de Sophie sacudia, estava prestes a explodir em pranto. Então ela ouviu alguém limpando a garganta e virou-se.

As três meninas olhavam, boquiabertas, com expressões igualmente confusas.

"O que quer dizer com 'você não vem da floresta?'", disse Hester.

Sophie não estava em condições de responder a perguntas idiotas, mas agora essas patetas eram sua única esperança de encontrar o Diretor da Escola.

"Eu venho de Gavaldon", ela disse, contendo as lágrimas. "Vocês três parecem saber muito deste lugar; portanto, eu ficaria grata se pudessem me dizer se..."

"Isso fica perto das Montanhas Murmurantes?", perguntou Dot.

"Só as Nunca moram nas Montanhas Murmurantes, sua tola", resmungou Hester.

"Perto de Rainbow Gale, aposto", disse Anadil. "É de lá que vêm as Sempre mais irritantes."

"Desculpe, eu já estou perdida", Sophie franziu o rosto. "Sempre? Nunca?"

"Aquele tipo Rapunzel trancada-numa-torre", disse Anadil. "Explica tudo."

"Sempre é como chamamos as benfeitoras, amor", Dot disse a Sophie. "Sabe, toda aquela tolice de *felizes para sempre*."

"Então, isso faz de vocês 'Nunca'?", disse Sophie, lembrando-se das colunas com as letras, na sala da escadaria."

"Abreviação de Nunca Mais, revelou Hester. "O paraíso dos malfeitores. Nós teremos poder infinito em Nunca Mais."

"Controlaremos o tempo e o espaço", disse Anadil.

"Assumiremos novas formas", disse Hester.

"Fragmentaremos nossas almas."

"Conquistaremos a morte."

"Somente os vilões mais malvados conseguem entrar", disse Anadil.

"E a melhor parte", disse Hester, "é que não há outras pessoas. Cada vilão ganha seu reino particular."

"Solidão eterna", disse Anadil.

"Parece um martírio", disse Sophie.

"Martírio são os outros", disse Hester.

"Agatha adoraria ficar aqui", Sophie murmurou.

"Gavaldon... isso fica perto de Pifflepaf Hills?", perguntou Dot, aérea."

“Ah, por Deus, não fica perto de *nada*”, Sophie gemeu. Ela segurou sua programação, onde estava escrito, no alto, “SOPHIE, de ALÉM DA FLORESTAd”. “Gavaldon fica *além* da floresta. Cercada por ela de todos os lados.”

“Além da Floresta?”, disse Hester.

“Quem é seu rei?”, perguntou Dot.

“Não temos um rei”, disse Sophie.

“Quem é sua mãe?”, perguntou Anadil.

“Ela morreu”, respondeu Sophie.

“E seu pai?”, perguntou Dot.

“Ele trabalha no moinho. Essas perguntas são bem pessoais...”

“E de qual família de contos de fadas ele vem?”, perguntou Anadil.

“E agora as perguntas se tornaram bem esquisitas. Nenhuma família vem de um conto de fadas. Ele é de uma família normal, com problemas comuns. Assim como os seus pais.”

“Eu sabia”, Hester disse a Anadil.

“Sabia o quê?”, perguntou Sophie.

“Leitores são os únicos que são tolos assim”, Anadil disse a Hester.

Sophie sentiu seu sangue esquentar. “Lamento, mas não sou eu a tola se sou a única pessoa aqui que sabe ler; então, por que não se olha no espelho? Isso se conseguir encontrar um...”

Leitora.

Por que ninguém parecia sentir saudade de casa? Por que todos nadaram em direção aos lobos no fosso, em vez de fugirem e tentarem se salvar? Por que não chamaram por suas mães ou tentaram fugir das cobras no portão? Por que todos sabiam tanto sobre aquela escola?

De qual família dos contos de fadas ele vem?

Os olhos de Sophie pousaram no criado-mudo de Hester. Ao lado de um vaso com flores mortas, de uma vela em formato de garra e de uma pilha de livros – *Passando órfãos para trás, Por que vilões fracassam, Os erros frequentes das bruxas* – havia um porta-retratos torto de madeira. Nele, havia um desenho de criança, com uma bruxa grotesca na frente de uma casa.

Uma casa feita de pão de mel e doces.

“Minha mãe foi ingênua”, disse Hester, pegando o porta-retratos. Seu rosto relutou com a lembrança. “Um forno? Por favor. Era só colocá-los na brasa. Evita complicações.” Seu maxilar endureceu. “Eu vou me sair melhor.”

Os olhos de Sophie passaram para Anadil e seu estômago embrulhou. Seu livro de contos de fadas predileto terminava com uma bruxa rolando em um barril de pregos, até que tudo o que sobrava dela era uma pulseira feita de ossinhos de meninos. Agora a tal pulseira estava no pulso de sua colega de quarto.

“Conhece bem as bruxas, não?”, Anadil olhou de esguelha. “A vovó ficaria lisonjeada.”

Sophie virou-se para olhar um pôster acima da cama de Dot. Um homem bonito, de verde, gritava, enquanto um executor cravava um machado em sua cabeça.

PROCURADO:

ROBIN WOOD

Vivo ou Morto (de preferência morto)
Por ordem do xerife de Nottingham

“O papai prometeu me deixar dar a primeira machadada”, disse Dot.

Sophie ficou olhando as três companheiras de quarto, horrorizada.

Elas não precisavam ler contos de fadas, pois vinham deles.

Tinham nascido para matar.

“Uma princesa *e* Leitora”, disse Hester. “As duas piores coisas que uma pessoa pode ser.”

“Nem os Sempre a querem”, disse Anadil. “Ou as fadas já teriam vindo buscá-la, a essa altura.”

“Mas elas têm que vir!”, Sophie gritou. “Eu sou Boa!”

“Bem, você está presa aqui, benzinho”, disse Hester, afofando o travesseiro de Sophie com um chute. “Portanto, se quer continuar viva, é bom tentar se adaptar.”

Adaptar-se às bruxas! Adaptar-se aos canibais!

“Não! Ouçam-me!”, Sophie implorou. “Eu sou *Boa*!”

“Você não para de dizer isso.” Como um raio, Hester pegou-a pelo pescoço e pendurou-a acima da janela aberta. “E, no entanto, não há nenhuma *prova*.”

“Eu doo espartilhos para bruxas velhas sem teto! Vou à igreja todo domingo!”, Sophie uivava, acima da queda fatal.

“Mmm, nenhum sinal de fada madrinha”, disse Hester. “Tente outra vez.”

“Eu sorrio para crianças! Canto para os pássaros!”, disse Sophie, engasgada. “Não consigo respirar!”

“Nenhum sinal de Príncipe Encantado, tampouco”, disse Anadil, agarrando-lhe as pernas. “Última chance.”

“Eu fiz amizade com uma bruxa. De tão Boa que sou!”

“Ainda nada de fadas”, disse Anadil para Hester, enquanto elas a erguiam.

“É ela quem pertence a este lugar, não eu!”, Sophie choramingava...

“Ninguém sabe por que o Diretor da Escola traz aberrações inúteis como você para nosso mundo”, estrilou Hester. “Mas só pode ser por um motivo. Ele é um *tolo*.”

“Pergunte à Agatha! Ela lhe dirá! Ela é a vilã!”

“Sabe, Anadil, ninguém ainda nos ditou as regras”, disse Hester.

“Então eles não podem nos punir por transgredi-las”, Anadil sorriu, entre dentes.

Elas ergueram Sophie acima do beiral. “Um”, contou Hester.

“Não!”, Sophie gritava.

“Dois...”

“Vocês querem uma prova! Eu lhes darei uma prova!”, Sophie gritou...

“Três.”

“*OLHEM PRA MIM E OLHEM PRA VOCÊS*!”

Hester e Anadil soltaram-na. Perplexas, elas se encararam, depois olharam para Sophie, curvada na cama, ofegante, em meio às lágrimas.

“Eu lhe disse que ela era uma vilã”, falou Dot, mordendo um chocolate.

De repente, começou um rebuliço do lado de fora do quarto, e as meninas voltaram-se para a porta. Ela se abriu com violência, e três lobos invadiram o quarto, pegaram-nas pelos colarinhos e levaram-nas, em meio ao estampido de alunos de uniformes negros. Os alunos acotovelavam-se, alguns caíam na multidão, e não conseguiram levantar-se. Sophie agarrou-se à parede.

“Para onde vamos?”, ela gritou para Dot.

“Para a Escola do Bem!”, disse Dot. “Para as boas-vindas...”, um garoto ogro chutou-a para a frente.

A *Escola do Bem!* Transbordando de esperança, Sophie seguiu a horda horrenda escada abaixo, alisando seu vestido rosa para o primeiro encontro com suas verdadeiras colegas de turma. Alguém pegou-a pelo braço e empurrou-a contra o balaústre. Confusa, ela olhou para cima, para um lobo branco cruel que segurava um uniforme preto que cheirava a morte. Ele mostrou os dentes, com um sorriso radiante.

“Não...”, Sophie sussurrou.

Então o lobo resolveu cuidar ele mesmo da questão.

Embora todas as princesas da Pureza tivessem sido acomodadas juntas em dormitórios com beliches para três pessoas, Agatha acabou ficando com um quarto só para ela.

Uma escadaria em vidro cor-de-rosa ligava os cinco pisos da Torre da Pureza, espiralada em uma réplica esculpida dos cabelos intermináveis de Rapunzel. A porta do quarto de Agatha, no quinto andar, tinha uma placa cintilante coberta por corações: “Bem-vindas, Reena, Millicent e Agatha!”. Contudo, Reena e Millicent não ficaram. Reena, abençoada com lindos traços árabes, pele morena e olhos cinzentos brilhantes, esforçou-se para deslocar seu imenso baú para dentro do quarto, mas quando encontrou Agatha, decidiu levá-lo de volta para fora. “Ela parece tão má”, Agatha ouviu-a soluçando. “Eu não quero morrer!” (“Venha ficar comigo”, ela ouviu Beatrix

dizer. "As fadas entenderão.") E, de fato, as fadas entenderam. E também entenderam quando a ruiva Millicent, de nariz arrebitado e sobrancelhas finas, fingiu ter medo de altura e demandou um quarto em um andar mais baixo. Portanto, Agatha ficou sozinha, o que a deixava completamente à vontade.

O quarto, no entanto, deixava-a nervosa. Havia espelhos imensos, cravejados com joias, pendurados nas paredes cor-de-rosa. Murais elaborados exibiam lindas princesas que beijavam príncipes elegantes. Em cada uma das camas havia um dossel arqueado em formato de carruagem real, coberto por uma seda branca. Um glorioso afresco de nuvens cobria o teto, com cupidos sorridentes que lançavam flechas de amor. Agatha afastou-se o quanto pôde de tudo aquilo, e aninhou-se em um espaço embutido na parede, onde ficava a janela, pregando-se à parede rosa com seu vestido preto.

Da janela ela podia ver o lago cintilante ao redor das Torres do Bem transformando-se em um fosso lodoso do outro lado, para proteger os Malvados. "Baía do Meio do Caminho", era como as meninas o chamavam. Em meio à neblina profunda ficava a ponte fina de pedras que atravessava a água, ligando as duas escolas. Era possível ver tudo aquilo na frente dos dois castelos. Mas o que será que havia atrás deles?

Curiosa, Agatha subiu no parapeito da janela, segurando-se em uma viga de vidro. Ela olhou para baixo, para a Torre da Caridade, com seu pináculo rosa pontiagudo – um movimento em falso e ela poderia cair. Nas pontas dos pés, ela foi até a lateral do beiral, esticou a cabeça para olhar ao redor, e quase caiu de tanta surpresa. Atrás da Escola do Bem e do Mal havia uma imensa floresta azulada. Árvores, arbustos, flores, tudo em tons de azul, desde o mais claro até o índigo. O azul suntuoso desfraldava-se por uma distância e tanto, ligando os pátios das duas escolas, até ser cercado, por todos os lados, por altos portões dourados. Além dos portões, a floresta voltava a ser verde, e mergulhava no esquecimento da escuridão.

Ao chegar para trás, Agatha viu algo na frente da escola, erguendo-se ao centro da Baía do Meio do Caminho. Ficava bem no ponto central, onde as águas cintilantes e lodosas se misturavam. Ela mal conseguia enxergar em meio à neblina... havia uma torre fina e alta, de tijolinhos prateados. As fadas zuniam em massa em volta dela, enquanto os lobos mantinham-se em vigília com seus arcos, em pé sobre plataformas de madeira presas à base da torre, junto à água.

O que eles estavam protegendo?

Agatha espremeu os olhos para ver o topo da torre altíssima, mas tudo o que conseguiu enxergar foi uma única janela coberta pelas nuvens.

Então a luz bateu na janela, e ela a avistou. O contorno da silhueta sob o sol.

A sombra torta que as sequestrara.

Seu sapato escorregou e ela sentiu o corpo pender para a frente em direção à mortal torre da Caridade. Debatendo-se, ela agarrou a viga da janela bem na hora, e

despencou de volta para dentro do quarto. Agatha esfregou o traseiro dolorido e virou-se depressa – mas a sombra havia sumido.

O coração dela batia mais depressa. Quem quer que fosse que as trouxera para lá estava naquela torre. Quem quer que fosse que estivesse naquela torre era quem poderia consertar aquele engano e levá-las de volta para casa.

Primeiro, porém, ela precisava salvar sua melhor amiga.

Alguns minutos depois, Agatha recuou de um espelho. O uniforme rosa sem mangas mostrava partes brancas de seu corpo que nunca tinham visto a luz. A gola de renda deixava à mostra a alergia que sempre surgia em seu pescoço quando ficava ansiosa. Os cravos que enfeitavam as mangas faziam-na espirrar, e os saltos altos cor-de-rosa pareciam pernas de pau. Contudo, o traje horrendo era sua única chance de fugir. Seu quarto ficava do lado oposto da escadaria. Para voltar à ponte ela precisava passar pelo corredor sem ser notada e escapar escada abaixo.

Agatha contraiu o maxilar.

Você precisa se misturar com os outros.

Ela respirou fundo e abriu uma fresta na porta.

Cinquenta lindas meninas de uniformes cor-de-rosa abarrotavam o corredor, rindo, fofocando, trocando vestidos, sapatos, bolsas, cremes, e qualquer coisa que tivessem trazido em seus baús gigantescos, enquanto as fadas zuniam em volta delas, tentando, em vão, reuni-las para as boas-vindas. Em meio ao falatório, Agatha viu a escada na outra ponta. Se passasse confiante, ela poderia partir antes que a vissem. No entanto, não conseguia se mover.

Ela havia levado a vida inteira para fazer uma única amiga. E ali aquelas meninas tinham se tornado melhores amigas em minutos, como se fazer amigos fosse a coisa mais simples do mundo. Agatha sentia seu corpo formigar de tanta vergonha. Mesmo naquela Escola do Bem, onde todos tinham de ser gentis e amorosos, ela tinha acabado sozinha e desprezada. Era uma vilã, independentemente do lugar aonde fosse.

Ela bateu a porta, arrancou as pétalas de sua manga, tirou os saltos cor-de-rosa e jogou-os pela janela. Então desmoronou contra a parede e fechou os olhos.

Tire-me daqui!

Ela abriu os olhos e teve um vislumbre de seu rosto horrível no espelho dourado. Antes que pudesse desviar os olhos, eles foram captados por outra coisa em seu reflexo. Um ladrilho no teto, com um cupido sorridente ligeiramente fora do lugar.

Agatha enfiou os pés de volta em seus sapatos pretos abrutalhados. Ela subiu na cama e afastou o ladrilho, revelando uma saída de ventilação escura, acima do quarto. Segurando-se nas bordas do buraco, girou uma perna para dentro da passagem, e depois a outra, até que se viu agachada em uma plataforma estreita dentro de um duto.

Ela rastejou pela escuridão, com as mãos e os joelhos remexendo-se cegamente ao longo do metal frio, até que o metal tornou-se ar de repente. Dessa vez não conseguiu

se salvar.

Caindo depressa demais para gritar, Agatha foi girando no duto, quicando pelos canos, e escorregou por saídas de ar até dar uma cambalhota, passar por uma grade e aterrissar em um pé de feijão.

Ela agarrou-se ao caule largo e verde, grata por ainda estar inteira. Contudo, ao olhar em volta, viu que não estava em um jardim, ou floresta, ou nenhum outro lugar onde um pé de feijão deveria estar. Estava em uma sala escura de teto alto, cheia de pinturas, esculturas e vitrines de vidro. Seus olhos encontraram as portas de vidro jateado em um canto, com palavras douradas gravadas nelas:

GALERIA DO BEM

Agatha desceu pelo pé de feijão, até que seus sapatos tocaram o chão de mármore.

Um mural cobria a longa parede com a vista panorâmica de um vasto castelo de ouro, com um príncipe elegante e uma linda princesa, recém-casados sob um arco reluzente, enquanto milhares de expectadores sacudiam sininhos e dançavam em comemoração. Abençoado pelo sol radiante, o casal virtuoso beijava-se, enquanto anjinhos revoavam sobre eles, cobrindo-os de rosas vermelhas e brancas. Bem acima da cena, letras douradas brilhantes destacavam-se, por trás das nuvens, estendendo-se por todo o mural:

PARA SEMPRE

Agatha fez uma careta. Ela sempre debochou de Sophie por acreditar em *felizes para sempre*. ("Quem vai querer ser feliz o tempo todo?") Mas olhando o mural, teve de admitir que aquela escola vendia essa ideia assustadoramente bem.

Ela olhou para dentro de uma vitrine que guardava um livro fino, de caligrafia floral, com uma placa ao lado: BRANCA DE NEVE, EXAME DE FLUÊNCIA ANIMAL (Leticia de Maidenvale). Nas vitrines seguintes ela encontrou a capa azul de um menino que se tornou o príncipe de Cinderela, o travesseiro do dormitório de Chapeuzinho Vermelho, o diário da Menina dos Fósforos, o pijama de Pinóquio e outros objetos de alunos celebridades, que presumivelmente seguiram sua carreira de casamentos e castelos. Nas paredes, encontrou mais desenhos do que seria o Para Sempre, feitos por ex-alunos, bem como uma exposição da história da escola, faixas em comemoração a vitórias icônicas, e uma parede intitulada "Capitão da Turma", repleta de fotografias de alunos de cada turma. O museu ia ficando mais escuro à medida que

ela prosseguia, então ela usou um dos fósforos para acender um lampião. Foi quando viu os animais mortos.

Dezenas de criaturas empalhadas pairavam acima dela, presas às paredes cor-de-rosa. Ela tirou a poeira das placas e descobriu o Gato de Botas, o rato predileto de Cinderela, a vaquinha vendida por João, e diversos nomes de crianças que não foram boas o bastante para se tornar heroínas, auxiliares ou serviçais. Nada de *felizes para sempre* para eles. Apenas ganchos no museu. Agatha sentiu seus olhares sinistros de vidro e se virou. Foi somente então que ela viu a placa reluzente no pé de feijão. HOLDEN DE RAINBOW GALE. Aquela planta infeliz havia sido um *menino* um dia.

O sangue de Agatha gelou. Todas essas histórias nas quais ela nunca havia acreditado! Agora provavam ser dolorosamente verdadeiras. Em duzentos anos, nenhuma criança raptada jamais voltara a Gavaldon. O que a fazia achar que ela e Sophie seriam as primeiras? O que a fazia pensar que elas não acabariam como um corvo ou uma roseira?

Então ela lembrou-se do que as tornava diferentes de todos os outros.

Nós temos uma à outra.

Elas precisavam trabalhar juntas para romper essa maldição. Ou terminariam como fósseis de um conto de fadas.

A atenção de Agatha desviou-se para um canto onde havia uma fileira de pinturas do mesmo artista, com as mesmas cenas: crianças lendo livros de contos de fadas, em nebulosas cores impressionistas. Quando aproximou-se das pinturas, seus olhos se arregalaram. Porque ela reconhecia o lugar de onde vinham todas aquelas crianças.

Elas eram de Gavaldon.

Ela foi da primeira à última pintura, todas retratavam crianças que liam junto às colinas e o lago, a torre torta do relógio e a igreja frágil, tão seus conhecidos, e até a sombra de uma casa em Graves Hill. Agatha sentia punhaladas de saudades de casa. Ela havia debochado das crianças, chamando-as de doidas ou delirantes. E, no final das contas, elas sabiam o que ela não sabia: que a linha divisória entre as histórias e a vida real é realmente bem tênue.

Então ela chegou à última pintura, que não se parecia em nada com as outras. Nela, crianças enfurecidas atiravam seus livros de contos de fadas em uma fogueira na praça, observando-os queimar. Ao redor delas, a floresta inteira ardia em chamas, preenchendo o céu com uma fumaça violenta, vermelha e preta. Olhando aquilo, Agatha sentiu arrepios na espinha.

Vozes. Ela escondeu-se atrás de uma imensa carruagem em forma de abóbora e bateu a cabeça em uma placa. HEINRICH, DE NETHERWOOD. Agatha engasgou.

Duas professoras entraram no museu, uma mais velha, de vestido esverdeado de gola alta estampado com asas verdes reluzentes de besouros, e uma mais jovem, com um traje roxo de ombreiras pontudas. A mulher de verde tinha cabelos brancos e usava

um coque colmeia típico de uma avó, mas tinha a pele luminosa e calmos olhos castanhos. A mulher de roxo tinha os cabelos pretos presos em uma trança comprida, olhos cor de ametista e uma pele lívida e esticada.

"Ele está manipulando as histórias, Clarissa", disse a de roxo.

"O Diretor da Escola não pode controlar o Storian, Lady Lesso", Clarissa respondeu.

"Ele está do seu lado, e você sabe disso", Lady Lesso disse, agitada.

"Ele não está do lado de ninguém...", Clarissa parou, de repente. Assim como Lady Lesso.

Agatha viu o que elas estavam olhando. A última pintura.

"Estou vendo que você acolheu outro delírio do professor Sader", disse Lady Lesso.

"A galeria é *dele*", Clarissa suspirou.

Os olhos de Lady Lesso piscaram. Magicamente, a pintura soltou-se da parede e caiu ao lado de uma redoma de vidro, a poucos centímetros da cabeça de Agatha.

"É por isso que eles não estão na galeria de *sua* escola", disse Clarissa.

"Qualquer um que acredita na Profecia do Leitor é um tolo", estrilou Lady Lesso. "Incluindo o Diretor da Escola."

"Um Diretor de Escola precisa proteger o equilíbrio", disse Clarissa, delicadamente. "Ele vê os Leitores como parte desse equilíbrio. Mesmo que você e eu não sejamos capazes de entender."

"Equilíbrio!", debochou Lady Lesso. "Então por que o Mal não ganha uma fábula desde que ele assumiu? Por que o Mal não derrota o Bem há *duzentos anos*?"

"Talvez meus alunos estejam apenas mais bem preparados", disse Clarissa.

Lady Lesso olhou-a furiosamente e saiu andando. Remexendo os dedos, Clarissa colocou a pintura de volta no lugar, e correu para alcançá-la.

"Talvez sua nova Leitora prove que você está errada", ela disse.

Lady Lesso bufou. "Ouvi dizer que ela veste *cor-de-rosa*."

Agatha ouviu seus passos distanciarem-se.

Ela olhou para cima, para a pintura amassada. As crianças, a fogueira, Gavaldon queimando até o chão. O que significava tudo aquilo?

Asas tremulantes ecoaram pelo ar. Antes que ela pudesse mexer-se, fadinhas brilhantes entraram de repente na sala, vasculhando cada fresta como se fossem lanternas. Do outro lado do museu, Agatha viu as portas por onde as duas professoras haviam acabado de passar. Na hora em que as fadas alcançaram a abóbora, ela saiu em disparada para lá. As fadas gritaram de surpresa, enquanto ela deslizava por entre três ursos empalhados e escancarava as portas...

Colegas de turma vestidas de rosa formavam duas filas perfeitas. Enquanto elas seguravam as mãos umas das outras e davam risadinhas como grandes amigas, Agatha sentiu uma vergonha conhecida surgir. Tudo em seu corpo pedia que ela fechasse

novamente a porta e se escondesse. Contudo, em vez de pensar em todas as amigas que não tinha, Agatha pensou na que tinha.

Um segundo depois, as fadas entraram, mas só encontraram princesas a caminho das boas-vindas. Enquanto as fadas sobrevoavam furiosamente em busca de sinais de culpa, Agatha entrou sorrateiramente no desfile cor-de-rosa, mostrou um sorriso... e tentou se misturar.

5
Garotos estragam tudo

Cada escola tinha uma entrada separada para o Teatro das Fábulas, que era dividido em duas metades. As portas do lado esquerdo davam para a seção dos alunos do Bem, decorado com bancos cor-de-rosa e azul, frisos de cristal e buquês cintilantes de flores vitrificadas. O lado direito dava para a seção dos alunos do Mal, com bancos de madeira, entalhes de assassinatos e tortura, e estalactites mortais penduradas no teto. À medida que os alunos entravam em seus lados para as boas-vindas, as fadas e os lobos protegiam os corredores de mármore prateado entre eles. Apesar de seu novo uniforme horrendo, Sophie não tinha nenhuma intenção de se sentar com o Mal. Foi só dar uma olhada para as meninas do Bem, para seus cabelos brilhantes, sorrisos deslumbrantes e elegantes vestidos cor-de-rosa, e ela soube que havia encontrado suas irmãs. Se as fadas não viessem salvá-la, suas colegas princesas certamente o fariam. Com os vilões empurrando-se pelo caminho, ela tentou chamar a atenção das meninas do Bem, mas elas estavam ignorando o seu lado do auditório. Finalmente, Sophie abriu caminho pelo corredor, acenou com os braços e abriu a boca para gritar, quando uma mão puxou-a para debaixo de um banco podre.

Agatha puxou-a para um abraço. "Eu encontrei a torre do Diretor da Escola! Fica no fosso e tem guardas, mas se nós conseguirmos chegar até lá, podemos..."

"Oi! Que bom ver você! Dê-me suas roupas", disse Sophie, olhando o vestido rosa de Agatha.

"Ahn?"

"Rápido! Isso vai resolver tudo."

"Você não pode estar falando sério! Sophie, não podemos ficar aqui!"

"Exatamente", Sophie sorriu. "Eu preciso estar em sua escola e você precisa estar na minha. Exatamente como conversamos, lembra?"

"Mas seu pai, minha mãe, meu *gato*!", Agatha vociferou. "Você não sabe como eles são aqui! Eles vão nos transformar em cobras, ou esquilos, ou arbustos! Sophie, nós precisamos voltar pra casa!"

"Por quê? O que eu tenho em Gavaldon para querer voltar?" disse Sophie.

Agatha ficou corada de mágoa. "Você tem... é, você tem..."

"Certo. Nada. Agora meu *vestido*, por favor."

Agatha cruzou os braços.

"Então, eu mesma vou pegá-lo", Sophie fez uma careta. No entanto, bem na hora em que ela agarrou Agatha pela flor em sua manga, algo a fez parar subitamente. Sophie ficou escutando, de ouvidos atentos, e partiu feito uma pantera. Ela mergulhou embaixo dos bancos empenados, esquivando-se dos pés dos vilões, abaixou-se atrás do último banco e pôs a cabeça para fora para espiar.

Agatha foi atrás, exasperada. "Não sei o que deu em você..."

Sophie cobriu a boca de Agatha e ficou ouvindo os sons que foram ficando mais altos. Sons que fizeram todas as meninas do Bem ficarem eretas. Sons pelos quais elas haviam esperado a vida toda. Do corredor, as batidas das botas, o tilintar do aço...

As portas do lado esquerdo foram escancaradas para sessenta garotos belíssimos com espadas em punho.

Todos tinham peles bronzeadas, que era possível ver por debaixo das mangas azuis-claras e dos colarinhos engomados; botas de cano alto combinavam com os paletós acinturados e as gravatas finas de nós bem dados, cada uma delas bordada com uma única inicial dourada. Enquanto os meninos cruzavam as lâminas alegremente, suas camisas saíam das calças beges justas, revelando cinturas finas e lampejos de músculos. O suor brilhava nos rostos, enquanto eles se lançavam pelo corredor, com as botas batendo no mármore, até que rapidamente a luta de espadas chegou ao seu clímax, com meninos prendendo outros meninos junto aos bancos. Em um último coro de movimento, eles sacaram rosas de suas camisas, e com um grito de "Milady!", jogaram-nas às meninas que mais lhes chamaram a atenção. (Beatrix viu-se com rosas suficientes para plantar um jardim.)

Agatha observou tudo aquilo com enfado, mas depois viu Sophie, com o coração na garganta, ansiando por sua própria rosa.

Nos bancos decadentes, os vilões vaiavam os príncipes, mostrando faixas com os escritos: "OS NUNCA DOMINAM!" e "OS SEMPRE NÃO ESTÃO COM NADA!" (Exceto por Hort cara-de-doninha, que cruzou os braços emburrado e murmurou: "Por que eles têm direito a uma entrada especial?"). Com uma reverência, os príncipes mandaram beijos para os vilões, e prepararam-se para tomar seus lugares, quando as portas do lado esquerdo subitamente escancararam-se uma vez mais.

E mais um entrou.

Seus cabelos eram como um halo cor de ouro, seus olhos azuis pareciam um céu sem nuvens, sua pele era da cor da areia quente do deserto, e ele reluzia como um nobre, como se o sangue em suas veias fosse mais puro que o dos restantes. O estranho deu uma olhada para os garotos armados com espadas, puxou a sua... e sorriu.

Quarenta meninos vieram para cima dele de uma só vez, mas ele desarmou cada um deles com a velocidade de um raio. As espadas de seus colegas de classe empilharam-se aos seus pés, enquanto ele os afastava sem causar-lhes um só arranhão. Sophie sonhava acordada, boquiaberta, enfeitiçada. Agatha torcia para que ele se espetasse acidentalmente. Ela, porém, não teve essa sorte, pois o garoto descartava cada novo desafio com a mesma rapidez que surgia, fazendo o T bordado em sua gravata azul reluzir a cada dança de sua espada. E quando o último dos príncipes quedou-se abismado e sem espada, ele embainhou a sua e sacudiu os ombros, como se dissesse que aquilo não queria dizer nada. Contudo, os meninos do Bem sabiam o que aquilo significava. Os príncipes agora tinham um rei. (Nem os vilões encontraram motivos para vaiar.)

Enquanto isso, as meninas do Bem já sabiam que cada princesa de verdade encontrava um príncipe, portanto não havia necessidade de brigar. Entretanto, esqueceram-se daquilo quando o garoto dourado puxou uma rosa da camisa. Todas elas pularam, acenando com seus lencinhos, agitadas como gansos na hora de comer. O menino sorriu e ergueu sua rosa no ar.

Agatha viu Sophie mexer-se tarde demais. Ela correu atrás dela, mas Sophie disparou pelo corredor, pulou por cima dos bancos cor-de-rosa, saltou para alcançar a rosa e, em vez disso, alcançou um lobo.

Enquanto ele arrastava Sophie de volta para o seu lado, ela fixou seus olhos nos do menino, que ficou analisando seu belo rosto e seu horrendo uniforme preto. Ele inclinou a cabeça, perplexo. Depois ele viu Agatha espantada, de cor-de-rosa, com a rosa dele recém-caída na palma de sua mão, e se retraiu pelo choque. Enquanto o lobo atirou Sophie no lado do Mal e as fadas empurraram Agatha para o meio do Bem, o menino, com os olhos arregalados, observava estupefato, tentando entender tudo. Então, uma mão puxou-o para sentar-se.

"Oi. Eu sou Beatrix", ela disse, fazendo questão de que ele visse todas as suas rosas.

Dos bancos do Mal, Sophie tentava chamar sua atenção.

"Transforme-se em um espelho. Então, você terá uma chance."

Sophie virou-se para Hester, que estava sentada ao seu lado.

"O nome dele é Tedros", disse sua colega de quarto. "E ele é tão presunçoso quanto seu pai."

Sophie estava prestes a perguntar quem era o pai dele, mas olhou para sua espada de prata reluzente, com um cabo de diamantes. Era uma espada com uma empunhadura de leão que ela conhecia dos livros de histórias. Uma espada chamada Excalibur.

"Ele é filho do Rei Arthur?", Sophie sussurrou. Ela estudou as maçãs saltadas do rosto de Tedros, seus loiros cabelos sedosos, seus lábios grossos e macios. Seus ombros largos e braços fortes preenchiam sua camisa, o nó da gravata estava desfeito e o

colarinho, aberto. Ele parecia tão sereno e tranquilo, como se soubesse que o destino estava a seu favor.

Olhando para ele, Sophie sentiu seu próprio destino encaixar-se.

Ele é meu.

Subitamente, ela sentiu um olhar apimentado do outro lado do corredor.

“Nós vamos para casa”, Agatha pronunciou claramente as palavras.

“Bem-vindos à Escola do Bem e do Mal”, disse a cabeça mais agradável das duas.

De seus lugares, em lados opostos do corredor, Sophie e Agatha acompanhavam o imenso cachorro, com duas cabeças presas a um único corpo, andando de um lado para o outro em um palco de pedras prateadas, com uma rachadura ao meio. Uma cabeça era raivosa, salivante, máscula e cinzenta. A outra era bonitinha, com a mandíbula delicada, pelos sedosos e uma voz suave. Ninguém tinha certeza se a cabeça mais bonita era de macho ou fêmea, mas independentemente do que fosse, ela parecia estar no comando.

“Sou Pólux, líder das boas-vindas, disse a cabeça agradável.

“E EU SOU CÁSTOR, ASSISTENTE DE LÍDER DE BOAS-VINDAS, EXECUTIVO E EXECUTOR DAS PUNIÇÕES DE QUALQUER UM QUE INFRINGE AS LEIS OU AGE COMO UM JUMENTO”, estrondou a cabeça raivosa.

Todas as crianças pareciam temer Cástor. Até os vilões.

“Obrigado, Cástor”, disse Pólux. “Então, deixe-me lembrá-los por que estamos aqui. Todos nascem com almas que são do Bem ou do Mal. Algumas almas são mais puras que outras...”

“E ALGUMAS SÃO UMA PORCARIA!”, latiu Cástor.

“Como eu estava *dizendo*, disse Pólux, “algumas almas são mais puras que outras, mas todas as almas são fundamentalmente Boas ou Más. Os que são Maus não podem tornar suas almas Boas, e os que são Bons não podem tornar suas almas Más...”

“PORTANTO, SÓ PORQUE O BEM ESTÁ GANHANDO TUDO, NÃO SIGNIFICA QUE VOCÊS POSSAM MUDAR DE LADO”, rosnou Cástor.

Os alunos Bons vibraram, “SEMPRE! SEMPRE!”; e os alunos do Mal responderam, “NUNCA! NUNCA!”, até que os lobos ensoparam os Sempre com baldes de água, as fadas lançaram arco-íris sobre os Nunca, e os dois lados calaram-se.

“Novamente”, disse Pólux, com seriedade, “os que são Maus não podem ser Bons e os que são Bons não podem ser Maus, não importa quanto sejam persuadidos ou punidos. Embora, às vezes, vocês possam sentir as vibrações de ambos, isso só significa que sua árvore genealógica tem ramificações em que o Bem e o Mal se misturaram. Aqui na Escola do Bem e do Mal nós vamos livrá-los dessas vibrações, libertá-los da confusão, e tentar fazer com que se tornem o mais puros possível...”

"E, SE VOCÊS FRACASSAREM, VAI ACONTECER ALGO TÃO RUIM QUE EU NEM POSSO CONTAR, MAS QUE TEM A VER COM NUNCA MAIS SEREM VISTOS!"

"Mais uma e eu lhe ponho a focinheira!", gritou Pólux. Cástor ficou olhando para as patas.

"Tenho certeza de que nenhum destes alunos brilhantes fracassará", Pólux sorriu para as crianças aliviadas.

"Você diz isso toda vez, e sempre alguém fracassa", resmungou Cástor.

Sophie lembrou-se do rosto amedrontado de Bane na parede, e estremeceu. Ela precisava ir logo para o lado do Bem.

"Cada criança na Floresta Sem Fim sonha em ser capturada para frequentar nossa escola. O Diretor da Escola, porém, escolheu vocês", disse Pólux, dando uma olhada para os dois lados. "Pois ele olhou dentro do coração de vocês, e viu algo muito raro. Bem Puro e Mal Puro."

"Se somos tão puros, então o que é aquilo?"

Um garoto louro endiabrado e de orelhas pontudas levantou-se, no lado do Mal, e apontou para Sophie.

Um menino corpulento, do Bem, apontou para Agatha. "Nós também temos uma!"

"A nossa cheira a flores!", gritou um vilão.

"A nossa comeu uma fada!"

"A nossa sorri demais!"

"A nossa soltou um pum na nossa cara!"

Sophie virou-se para Agatha, perplexa.

"Em todas as turmas, nós trazemos dois Leitores de Além da Floresta", declarou Pólux. "Eles podem conhecer nosso mundo somente de desenhos e dos livros, mas conhecem nossas regras tão bem quanto vocês. Têm os mesmos talentos e objetivos, o mesmo potencial para a glória. Alguns deles já foram nossos melhores alunos."

"Como há duzentos anos", Cástor bufou.

"Elas não são diferentes de vocês", disse Pólux, na defensiva.

"Parecem bem diferentes do restante de nós", disse um vilão de pele morena e oleosa.

Os alunos dos dois lados murmuraram, concordando. Sophie ficou olhando para Agatha, como se dissesse que aquilo poderia ser resolvido com uma simples troca de trajes.

"Não questionem as seleções do Diretor da Escola", disse Pólux. "Todos vocês respeitarão uns aos outros independentemente de serem do Bem ou do Mal, vindos de famílias de histórias famosas ou que fracassaram, príncipes respeitáveis ou Leitores. Todos vocês são escolhidos para proteger o equilíbrio entre o Bem e o Mal. Pois, se esse equilíbrio for comprometido..." Seu rosto tornou-se sombrio. "Nosso mundo *perecerá*."

Um silêncio recaiu sobre o salão. Agatha fez uma careta. A última coisa que ela precisava era que aquele mundo perecesse enquanto elas ainda estivessem nele.

Cástor ergueu a pata. “O quê?”, grunhiu Pólux.

“Por que o Mal não vence mais?”

Pólux parecia estar prestes a arrancar-lhe a cabeça com uma mordida, mas era tarde demais. Os vilões ficaram ruidosos.

“É, se somos tão equilibrados”, gritou Hort, “por que sempre *morremos*?”

“Nunca ganhamos boas armas!”, gritou o garoto levado.

“Nossos pajens nos traem!”

“Nossos Nêmesis sempre tem um exército!”

Hester levantou-se. “O Mal não vence *há duzentos anos*!”

Cástor tentou se controlar, mas seu rosto vermelho inchou como um balão. “O BEM ESTÁ TRAPACEANDO!”

Os Nunca ergueram-se em motim, arremessando comida, sapatos ou qualquer outra coisa que estivesse a seu alcance nos Sempre horrorizados...

Sophie esgueirou-se para baixo em seu assento. Tedros não pensaria que ela era como esses desordeiros, pensaria? Ela espiou por cima do banco e viu-o olhando diretamente para ela. Ela enrubesceu e escondeu-se novamente.

Lobos e fadas atacaram a horda furiosa ao redor dela, mas dessa vez arco-íris e água não surtiram efeito.

“O Diretor da Escola está do lado deles!”, gritou Hester.

“Nós não temos chance!”, uivou Hort.

Os Nunca enfrentaram as fadas e os lobos, e atacaram os bancos dos Sempre...

“Isso é porque vocês são uns *gorilas* idiotas!”

Os vilões olharam para cima, abestalhados.

“Agora sentem-se, antes que eu esbofeteie todos vocês!”, Pólux gritou.

Eles sentaram-se, sem discutir. (Exceto os ratos de Anadil, que espiavam de seu bolso e chiavam.)

Pólux fez uma cara feia para os vilões embaixo do palco. “Talvez, se vocês parassem de reclamar, pudessem produzir alguém expressivo! Entretanto, tudo o que ouvimos é desculpa em cima de desculpa. Vocês não produziram nenhum vilão decente desde a Grande Guerra? Um vilão capaz de derrotar o Nêmesis deles? Não é de admirar que os Leitores cheguem aqui confusos! Não é de admirar que queiram ser do Bem!”

Sophie viu meninos e meninas, de ambos os lados do corredor, lançando-lhe olhares de compaixão.

“Alunos, vocês só têm que ter uma preocupação aqui”, disse Pólux, abrandando a voz. “Dar o melhor de si. Os melhores se tornarão príncipes e feiticeiros, cavaleiros e bruxas, rainhas e magos...”

“OU UM TROLL OU PORCO, SE NÃO PRESTAREM!”, Cástor vociferou.

Os alunos entreolharam-se dos lados opostos do corredor, conscientizando-se dos grandes desafios que estavam por vir.

"Portanto, se não há mais interrupções", disse Pólux, encarando o irmão, "vamos rever as regras."

"Regra treze. A Ponte do Meio do Caminho e os telhados das torres são proibidos aos alunos", Pólux lia no palco. "As gárgulas têm ordens para matar intrusos, tendo, no entanto, que diferenciar alunos de intrusos..."

Sophie ficou entediada com a leitura, então desligou-se de tudo e ficou observando Tedros. Ela nunca tinha visto um garoto tão *asseado*. Os meninos de Gavaldon tinham cheiro de porcos, lábios rachados, dentes amarelos e unhas pretas. Já Tedros tinha um tom de pele de um bronzeado divino, o rosto pontilhado com uma leve penugem de barba e nenhum sinal (sem chance!) de manchas. Mesmo após uma vigorosa luta de espadas, cada fio de cabelo dourado estava no lugar. Quando ele umedecia os lábios, fileiras de dentes brancos e perfeitos ficavam à mostra. Sophie ficou olhando uma gota de suor escorrer por seu pescoço e sumir dentro da camisa. Como *será o seu cheiro?* Ela fechou os olhos. *Deve ser cheiro de madeira fresca e...*

Ela abriu os olhos e viu Beatrix cheirando sutilmente os cabelos de Tedros.

Essa garota precisava ser colocada em seu lugar imediatamente.

Um pássaro decapitado aterrissou no vestido de Sophie. Ela deu um pulo de seu assento, gritando e sacudindo a túnica, até que o canário morto caiu no chão. Ela reconheceu o pássaro, e fez uma careta – depois notou o salão inteiro olhando para ela. Então fez sua melhor reverência de princesa, e sentou-se novamente.

"Como eu estava dizendo", disse Pólux irritado.

Sophie virou-se para Agatha. "O quê?!", ela sussurrou.

"Precisamos nos falar", Agatha sussurrou de volta.

"Minha *roupa*", Sophie fez mímica, e virou-se de volta para o palco.

Hester e Anadil olharam para o pássaro sem cabeça, e depois para Agatha.

"Dela nós gostamos", Anadil brincou, com os ratos chiando em acordo.

"Seu primeiro ano consistirá dos cursos exigidos para prepará-los para três testes importantes: a Prova dos Contos, o Circo de Talentos e o Baile da Neve", Cástor rugiu. "Depois do primeiro ano, vocês serão encaminhados para um dos seguintes cursos: o de Líderes, vilões e heróis, o de Comparsas e ajudantes seguidores, e o de Mogrifes, ou seja, os que passarão por transformações."

"Durante os dois anos seguintes, os Líderes treinarão para lutar com seus futuros inimigos, ou Nêmesis", disse Pólux. "Os Seguidores desenvolverão habilidades para defender seus futuros Líderes. Os Mogrifes vão adaptar-se às suas novas formas e à sobrevivência nas florestas traiçoeiras. Finalmente, após o terceiro ano, os Líderes vão

juntar-se aos Seguidores e Mogrifes, e todos vocês mudarão para a Floresta Sem Fim, para começar suas jornadas...”

Sophie tentava prestar atenção, mas não conseguia, com Beatrix praticamente no colo de Tedros. Enfurecendo-se, ela mexia no brasão de cisne prateado costurado em seu uniforme malcheiroso. Era a única coisa tolerável nele.

“Quanto à forma pela qual selecionamos os alunos para seus cursos futuros na Escola do Bem e do Mal, nós não concedemos ‘notas’”, disse Pólux. “Em vez disso, a cada teste ou desafio, vocês serão classificados dentro de suas turmas, de modo a saber exatamente a sua posição. Há 120 alunos em cada escola, e nós os dividimos em seis grupos de 20. Depois de cada desafio, vocês receberão uma classificação de 1 a 20. Se ficarem frequentemente entre os 5 primeiros de seu grupo, acabarão sendo encaminhados para o curso de Líderes. Se ficarem repetidamente entre os medianos, acabarão como Seguidores. E se constantemente ficarem abaixo de 13, então seus talentos terão mais serventia como Mogrifes, seja como animais ou como plantas.”

Os alunos dos dois lados começaram a cochichar, já apostando em quem acabaria como uma planta rasteira.

“Devo acrescentar que qualquer um que for avaliado por três vezes consecutivas em vigésimo lugar será automaticamente reprovado”, disse Pólux, seriamente. “Como eu disse, graças à excepcional incompetência exigida para ficar por três vezes seguidas em último lugar, estou confiante de que essa regra não se aplicará a nenhum de vocês.”

Os Nunca da fileira de Sophie lançaram-lhe olhares.

“Quando me colocarem onde é meu lugar, vocês todos se sentirão uns tolos, não?”, Sophie disparou.

“Seu emblema de cisne ficará visível sobre seu coração o tempo todo”, prosseguiu Pólux. “Qualquer tentativa de escondê-lo ou de removê-lo resultará em ferimento ou constrangimento; portanto, evitem fazê-lo.”

Confusa, Sophie viu os alunos dos dois lados tentando esconder os cisnes brilhantes em seus uniformes. Imitando-os, ela dobrou a gola caída da túnica para encobrir o próprio cisne – instantaneamente a crista do cisne desapareceu do uniforme e surgiu em seu peito. Perplexa, ela passou o dedo no cisne, mas ele estava entranhado em sua pele como uma tatuagem. Ela soltou a dobra e o cisne sumiu de sua pele e ressurgiu na roupa. Sophie franziu o rosto. Talvez ele não fosse tão tolerante, afinal.

“Ademais, como o Teatro de Fábulas deste ano é do Bem, os Nunca serão acompanhados até aqui para todas as atividades escolares conjuntas”, disse Pólux. “De outro modo, vocês deverão permanecer em suas escolas o tempo todo.”

“Por que o Teatro está no Bem?”, disse Dot, com a boca cheia de chocolate.

Pólux ergueu o nariz. “Quem ganha o Circo dos Talentos ganha o Teatro em *sua* escola.”

“E o Bem não perde um Circo ou uma Prova dos Contos ou, pensando melhor, *nenhuma* competição nesta escola, *há duzentos anos*”, Cástor rugiu. Os vilões começaram a agitar-se novamente.

“Mas o Bem está tão *longe* do Mal!”, Dot bufou.

“Deus nos livre de ela ter que andar”, Sophie murmurou. Dot ouviu e olhou-a, fulminantemente. Sophie amaldiçoou a si mesma. Era a única pessoa que a tratara civilizadamente, e ela tinha que estragar tudo!

Pólux ignorou os resmungos dos Nunca e ficou falando dos horários do toque de recolher, fazendo adormecer metade da sala. Reena ergueu a mão. “As Salas de Embelezamento já estão abertas?”

Subitamente, os Sempre pareceram despertos.

“Bem, eu estava planejando discutir as Salas de Embelezamento na próxima assembleia”, disse Pólux...

“É verdade que somente alguns alunos podem usá-las?”, perguntou Millicent.

Pólux suspirou. “As Salas de Embelezamento das Torres do Bem ficam disponíveis em qualquer dia apenas para os Sempre que são classificados entre os 50% com melhor desempenho em suas turmas. As avaliações serão afixadas nas portas da Sala de Embelezamento e espalhadas pelo castelo. Por favor, não perturbem o Albermarle se ele estiver atrasado em afixá-las. Agora, quanto às regras do toque de recolher...”

“O que são Salas de Embelezamento?”, Sophie cochichou para Hester.

“São as salas aonde os Sempre vão para se enfeitar, se cuidar e tratar dos cabelos”, Hester estremeceu.

Sophie deu um salto. “Nós temos Salas de Embelezamento?”

Pólux apertou os lábios. “Os Nunca têm Sala de Condenação, querida.”

“Onde fazemos o cabelo?”, perguntou Sophie, radiante.

“Onde são surrados e torturados”, disse Pólux.

Sophie sentou-se.

“O toque de recolher ocorrerá precisamente...”

“Como alguém se torna Capitão de Turma?”, perguntou Hester. A pergunta e o tom de presunção instantaneamente angariaram-lhe a antipatia de ambos os lados do corredor.

“Se todos vocês forem reprovados no toque de recolher, não me culpem!”, disse Pólux. “Tudo bem. Depois da Prova dos Contos, os alunos que forem os primeiros classificados de cada escola serão indicados como Capitães de Turma. Esses dois alunos terão privilégios especiais, incluindo aulas particulares com professores selecionados, excursões à Floresta Sem Fim e uma chance de treinar com heróis e vilões renomados. Como vocês sabem, nossos capitães continuaram e tornaram-se algumas das maiores lendas da Floresta Sem Fim.”

Enquanto os dois lados fervilhavam, Sophie cerrou os dentes. Ela sabia que se ao menos pudesse estar na escola certa, não somente seria Capitã de Turma, mas acabaria mais famosa do que Branca de Neve.

"Neste ano vocês terão seis disciplinas exigidas em suas respectivas escolas", prosseguiu Pólux. "A sétima, 'Sobrevivendo a Contos de Fadas', incluirá tanto o Bem quanto o Mal, e será realizada na Floresta Azul, atrás das escolas. Peço que observem que tanto Embelezamento quanto Etiqueta são apenas para as meninas do Bem, enquanto os meninos do Bem terão aulas de Cuidados Pessoais e Cavalheirismo Medieval."

Agatha despertou de seu torpor. Se ela já não tivesse razões suficientes para fugir, a ideia de aulas de Embelezamento foi a última gota. Elas tinham que sair dali *naquela noite*. Ela virou-se para uma menina adorável ao seu lado, com olhos castanhos estreitos e cabelos pretos curtos, arrumando o batom em um espelho de bolso.

"Importa-se de me emprestar seu batom?", Agatha perguntou.

A menina deu uma olhada para os lábios cinzentos e rachados de Agatha, e enfiou o batom em sua mão. "Pode ficar."

"O café da manhã e o jantar serão servidos nos refeitórios de suas escolas, mas vocês todos vão almoçar juntos na Clareira", resmungou Cástor. "Quer dizer, se forem *maduros* o suficiente para lidar com esse privilégio."

Sophie sentiu o coração disparar. Se as escolas almoçavam juntas, amanhã seria sua primeira chance de falar com Tedros. O que diria a ele? E como se livraria da maldita Beatrix?

"A Floresta Sem Fim, além dos portões da escola, é proibida aos alunos do primeiro ano", disse Pólux. "E embora essa regra possa cair em ouvidos surdos para a maioria dos aventureiros, deixe-me lembrá-los da regra mais importante de todas. Uma regra que lhes custará a vida se não a obedecerem."

Sophie ficou atenta.

"*Jamais entrem na Floresta depois que escurecer*", disse Pólux.

O sorrisinho dele voltou. "Vocês podem voltar às suas escolas! O jantar será às sete em ponto!"

Enquanto Sophie levantava-se com os Nunca, ensaiando mentalmente seu encontro com Tedros, uma voz irrompeu em meio ao falatório...

"Como fazemos para ver o Diretor da Escola?"

O salão caiu em silêncio mortal. Os alunos viraram-se, chocados.

Agatha estava em pé, sozinha no corredor, olhando para Cástor e Pólux.

O cão de duas cabeças pulou do palco e aterrissou a um palmo dela, respingando-a com sua baba. As duas cabeças encararam os olhos de Agatha com a mesma expressão feroz. Não ficava claro quem era quem.

"*Vocês não podem vê-lo*", as cabeças rosnaram.

Enquanto as fadas levaram Agatha revoando até a porta da esquerda, ela passou por Sophie por um instante, apenas o tempo suficiente para lançar-lhe uma pétala de rosa com um recado marcado com batom: "PONTE, 21 HORAS".

Mas Sophie não viu. Seus olhos fixaram-se em Tedros, como uma caçadora à espreita de sua presa, até que ela foi atirada para fora do salão pelos vilões.

Bem ali, naquele momento, o problema atingiu Agatha como um tapa na cara. O problema que havia importunado-as desde sempre. À medida que as duas meninas eram empurradas para suas torres opostas, os seus desejos opostos ficaram mais e mais claros. Agatha queria sua única amiga de volta. Contudo, uma amiga não era o suficiente para Sophie. Sophie sempre queria mais.

Sophie queria um príncipe.

6
Decididamente do Mal

Na manhã seguinte, cinquenta princesas agitavam-se pelo quinto andar, como se fosse o dia de seu casamento. No primeiro dia de aula, todas elas queriam causar a melhor impressão nos professores, nos garotos e em qualquer outra pessoa que pudesse conduzi-las ao *felizes para sempre*. Com os cisnes cintilando nas camisolas, elas entravam e saíam dos quartos umas das outras, passando brilho nos lábios, arrumando os cabelos, pintando as unhas e deixando um rastro tão forte de perfume que as fadinhas desmaiaram e salpicaram o corredor como moscas mortas. Ainda assim, nenhuma delas parecia estar nem perto de ficar pronta e vestida e, de fato, quando o relógio bateu as oito da manhã, sinalizando o início do café da manhã, nenhuma garota tinha se vestido.

"Café da manhã engorda mesmo...", tranquilizou-as Beatrix.

Reena colocou a cabeça no corredor. "Alguém viu minha calcinha?"

Agatha certamente não tinha visto. Ela estava descendo em queda livre por um duto escuro, tentando lembrar-se de como havia encontrado a Ponte do Meio do Caminho da primeira vez. *Torre da Honra até o Refúgio de João e Maria, depois até a Coleção de Empalhados de Merlin...*

Depois de aterrissar no pé de feijão, ela rastejou pela mal iluminada Galeria do Bem, até encontrar as portas atrás dos ursos empalhados. *Ou seria a Torre da Honra até o Refúgio de João e Maria depois até a Câmara de Cinderela...* Ainda repensando a rota correta, ela abriu as portas para o salão das escadarias e abaixou-se. O saguão de vidro do palácio estava abarrotado de professores com vestidos e ternos coloridos, conversando antes das aulas. Ninfas de cabelos neon, trajes cor-de-rosa, véus brancos e luvas de renda azul flutuavam pelo vestíbulo, reabastecendo xícaras de chá e biscoitinhos confeitados, e espanando as fadinhas dos cubinhos de açúcar. Por trás das portas, Agatha espiou a escada com a palavra HONRA iluminada por altas janelas de vitrais, do outro lado da multidão. Como poderia passar por todos eles?

Ela sentiu algo arranhar sua perna, virou-se e viu um rato roendo sua anágua. Agatha chutou o ratinho, que saiu rolando e parou dentro das patas de um gato empalhado. O rato deu um gritinho, depois viu que o gato estava morto. Ele lançou um olhar maldoso para Agatha e foi marchando para seu buraco na parede.

Até os ratos daqui me detestam, ela suspirou, enquanto tentava salvar sua anágua. Seus dedos pararam quando ela passou-os pela renda rasgada. Talvez ela não devesse ter sido tão dura com aquele rato...

Alguns momentos depois, uma ninfa miúda de véu de rendas largas passou correndo pela sala, rumo à escadaria da Honra. Infelizmente, o véu deixou Agatha cega, e ela tropeçou em uma ninfa, que caiu em cima de uma professora – "Pela Santa Maria do Céu!" –, Clarissa gemeu, encharcada de chá de ameixas secas. Enquanto professoras alarmadas secavam o vestido dela, Agatha deslizou por trás dos degraus da Caridade.

"Essas ninfas realmente andam muito distraídas", Clarissa ralhou. "Daqui a pouco elas vão derrubar uma das torres!"

A essa altura, Agatha já havia desaparecido para dentro da Torre da Honra e encontrado o caminho para subir ao Refúgio de João e Maria, a ala de salas de aula do primeiro andar totalmente feitas de doce. Havia uma sala de palitos coloridos e balas de açúcar, que cintilava como uma mina de sal. Havia outra de marshmallows com cadeiras feitas de chocolate branco e mesas de pães de mel. Havia até uma sala feita de pirulitos que cobriam as paredes com as cores do arco-íris. Agatha ficou se perguntando como era possível que aquelas salas ficassem intactas, até que viu os dizeres que se estendiam pela parede do corredor, em balas de goma de cereja:

A TENTAÇÃO É O CAMINHO PARA O MAL

Agatha comeu metade delas antes de passar apressada por duas professoras, que olharam curiosamente para seu véu, mas não a pararam.

"Devem ser manchas", ela ouviu uma delas cochichar, enquanto subia as escadas correndo de volta (mas não antes de roubar uma maçaneta de caramelo e um tapete de boas-vindas de balas carameladas, para completar seu café da manhã celestial).

Quando correu das fadas no dia anterior, Agatha encontrou sem querer no telhado o jardim de cercas-vivas esculpidas. Hoje ela poderia apreciar os animais empalhados, a Coleção de Empalhados de Merlin, como o mapa da escola a chamava. O jardim era repleto de recantos magnificamente esculpidos, que contavam a lenda do Rei Arthur em sequência. Arthur arrancando a espada da pedra, Arthur com os cavaleiros da Távola Redonda, Arthur no altar com Guinevere...

Agatha pensou naquele menino pomposo do Teatro, que todos disseram ser filho do Rei Arthur. Como ele podia ver isso e não se sentir sufocado? Como podia sobreviver a essas comparações e expectativas? Pelo menos ele tinha a beleza a seu favor. *Imagine se ele tivesse a minha aparência*, ela riu com desdém. *Teriam abandonado o bebê na floresta*.

A última escultura da sequência mostrava um lago e uma estátua bem grande de Arthur recebendo a Excalibur da Dama do Lago. Dessa vez, Agatha pulou na água de propósito e caiu por um portal secreto, completamente seco, que dava na Ponte do Meio do Caminho.

Apressou-se até o ponto central, onde começava a neblina, de mãos estendidas para o caso de a barreira surgir antes do que ela se lembrava. Enquanto atravessava a névoa, porém, suas mãos não conseguiam encontrá-la. Ela foi adentrando mais fundo na neblina. *Tinha sumido*! Agatha saiu correndo, o vento que batia no véu e tirava-o de seu rosto...

BUM! Ela cambaleou para trás, morrendo de dor. Aparentemente, a barreira deslocava-se como queria.

Evitando seu reflexo no brilho da barreira, ela tocou a parede invisível e sentiu sua superfície fria e dura. Subitamente, notou movimentos através da neblina, e viu duas pessoas passando pelo arco do Mal para a Ponte do Meio do Caminho. Agatha ficou sem ação. Ela não tinha tempo para voltar ao Bem, e nenhum lugar na ponte onde se esconder...

Dois professores, o belo professor do Bem que sorrira para ela e um do Mal, com espinhas no rosto, vinham atravessando a ponte, e passaram pela barreira sem nenhuma hesitação. Pendurada no corrimão de pedras acima do fosso, Agatha ficou ouvindo enquanto eles passavam, depois espiou por cima do beiral. Os dois estavam prestes a desaparecer dentro do Bem, quando o homem bonito olhou para trás e sorriu. Agatha abaixou-se.

"O que foi, August?", ela ouviu o professor do Mal perguntar.

"Meus olhos estão me pregando peças", riu, enquanto adentravam as torres.

Decididamente um louco, pensou Agatha.

Instantes depois, ela estava diante da parede invisível mais uma vez. Como eles haviam passado? Procurou por uma beirada, mas não encontrou. Tentou chutar, mas era dura como aço. Olhando para cima, para a Escola do Mal, Agatha viu os lobos conduzindo os alunos escada abaixo. Ela ficaria inteiramente à vista se a neblina se dissipasse, mesmo que só um pouquinho. Dando um último chute na parede, recuou para o Bem.

"E não volte!"

Agatha olhou para trás para ver quem tinha falado, mas tudo o que encontrou foi seu reflexo, de braços cruzados, na barreira. Ela revirou os olhos. *Agora estou ouvindo coisas. Que ótimo.*

Ela virou-se na direção da torre e notou que seus braços pendiam ao lado do corpo, não estavam cruzados. Contorceu o rosto para o seu reflexo. "Você acabou de falar?"

Seu reflexo limpou a garganta.

"O Bem fica com o Bem,
O Mal fica com o Mal,
Volte pra sua torre, antes que você se dê mal".

"É... eu preciso passar", disse Agatha, com os olhos fixos no chão.

"O Bem fica com o Bem,
O Mal fica com o Mal,
Volte pra sua torre, antes que você se dê seriamente *mal,*
Tendo de lavar pratos após o jantar, ou perdendo a Sala de Embelezamento, ou até tudo isso se eu puder dar minha opinião".

"Eu preciso ver uma amiga", Agatha pressionou.

"O Bem não tem amigos do outro lado", disse seu reflexo.

Agatha ouviu um doce tilintar e virou-se, vendo o brilho de fadas no final da ponte. Como poderia superar a si mesma na esperteza? Como poderia encontrar uma fresta na própria armadura?

Bem com Bem... Mal com Mal...

Num lampejo, ela soube a resposta.

"E quanto a você?", disse Agatha, ainda desviando o olhar. "Você tem algum amigo?"

Seu reflexo ficou tenso. "Não sei. Tenho?"

Agatha cerrou os dentes, e olhou dentro dos próprios olhos. "Não, você é horrível demais para ter amigos."

Seu reflexo ficou triste. "*Decididamente do Mal*", disse ele, e desapareceu.

Agatha estendeu a mão para tocar a barreira. Dessa vez a mão passou direto.

Na hora em que a patrulha das fadas alcançou a ponte, a neblina já havia apagado o seu rastro.

No instante em que Agatha pousou os pés no Mal, teve a sensação de que ali era o seu lugar. Agachada atrás de uma estátua de uma bruxa careca e ossuda no saguão repleto de goteiras, olhou em volta, vendo o teto rachado, as paredes chamuscadas, as escadas serpenteadas, os corredores envoltos em sombras... Ela mesma não poderia ter elaborado nada melhor.

Com o caminho livre de lobos, Agatha saiu sorrateiramente pelo corredor principal, olhando os retratos dos ex-alunos vilões. Ela sempre achou vilões mais empolgantes do que heróis. Eles tinham ambição, *paixão*. Faziam as histórias acontecer. Vilões não temiam a morte. Não, eles embrulhavam-se na morte como se ela fosse sua armadura! Enquanto inalava o cheiro de cemitério da escola, Agatha sentiu seu sangue correr nas veias. Assim como era para todos os vilões, a morte não a assustava. Fazia com que se sentisse *viva*.

Ela subitamente ouviu um falatório atrás de uma parede. Um lobo apareceu, conduzindo um grupo de garotas para baixo pela escada dos VÍCIOS. Agatha ouviu-as falando sobre as primeiras aulas e captou as palavras "corcunda", "maldições", "enfeiamento". Como aquelas garotas poderiam ficar mais horríveis? Agatha sentiu um rubor de vergonha. Vendo aquele desfile de corpos pálidos e rostos repugnantes, ela sabia que se encaixaria bem ali. Até os robes pretos desmazelados eram iguais aos que usava todos os dias em casa. Contudo, havia uma diferença entre ela e aqueles vilões. Suas bocas retorciam-se de amargura, seus olhos cintilavam de ódio, seus punhos fechavam-se de ira. Eles eram malvados, sem dúvida, e Agatha não se sentia nem um pouco malvada. Então lembrou-se das palavras de Sophie.

Os diferentes geralmente revelam-se Maus.

O pânico tomou sua garganta. *Foi por isso que a sombra não sequestrou uma segunda criança.*

O tempo todo eu estava destinada a estar aqui.

As lágrimas arderam em seus olhos. Ela não queria ser como aquelas garotas! Não queria ser uma vilã! Queria encontrar sua amiga e ir para casa!

Sem nenhuma ideia sobre por onde começar a procurar, Agatha aventurou-se por uma escadaria em cujo patamar estava escrita a palavra INJÚRIA. Lá em cima, o caminho dividia-se em duas trilhas de pedras. Ela ouviu vozes que vinham da esquerda, então disparou para a direita, por um corredor curtinho até um canto sem saída, com paredes cobertas de fuligem. Agatha encostou-se numa delas, petrificada, pois as vozes iam ficando cada vez mais altas, e depois ouviu algo ranger atrás dela. Não era uma

parede, mas uma porta coberta de cinzas. Seu vestido tinha limpado o suficiente para revelar as letras vermelhas:

A EXPOSIÇÃO DO MAL

Estava um breu lá dentro. Tossindo por causa do mofo e das teias de aranha, Agatha acendeu um fósforo. Se, por um lado, a Galeria do Bem era imaculada e vasta, a imensa sala do Mal refletia uma sequência de derrotas ocorridas ao longo de duzentos anos. Agatha examinou o uniforme desbotado de um menino que se tornou Rumpelstiltskin, uma moldura quebrada com o ensaio “Moralidade do Assassino”, escrito por uma futura bruxa, alguns corvos empalhados pendurados em paredes caindo aos pedaços, e uma vinha apodrecida de espinhos, que cegou um príncipe famoso, com a etiqueta VERA, de ALÉM DA FLORESTA. Agatha tinha visto seu rosto em pôsteres de desaparecidos, em Gavaldon.

Trêmula, ela notou manchas coloridas na parede, e chegou o fósforo mais perto. Era um painel em um mural, como o PARA SEMPRE, nas Torres do Bem. Cada um dos oito painéis mostrava um vilão de túnica preta deleitando-se em um inferno de poder infinito – voando através do fogo, com o corpo em transmutação, fracionando a alma, manipulando o espaço e o tempo. No alto do mural, estendendo-se do primeiro ao último painel, estavam as letras, em brasa:

NUNCA MAIS

Enquanto os Sempre sonhavam com amor e felicidade, os Nunca buscavam um mundo de solidão e poder. À medida que as visões sinistras gelavam seu coração, Agatha sentiu o choque da verdade.

Eu sou uma Nunca.

Sua melhor amiga era uma Sempre. Se elas não fossem logo para casa, Sophie veria a verdade. Ali elas não poderiam ser amigas.

Ela viu a sombra de um focinho pela luz do fósforo. Duas sombras. Três. Bem na hora em que os lobos atacaram, Agatha pegou os espinhos de Vera e passou na cara deles. Os lobos rugiram, surpresos, e cambalearam para trás, dando a ela o tempo exato para correr até a porta. Ofegante, ela disparou pelo corredor e subiu as escadas, até que se viu no segundo andar do Salão da Injúria, procurando o nome de Sophie nas portas dos dormitórios – Vex & Brone, Hort & Ravan, Flynt & Titan – *Andar dos meninos!*

Na hora em que ouviu uma porta se abrir, ela disparou escada acima até um sótão repleto de frascos lodosos, com dedos de sapo, pernas de lagarto, línguas de cachorro. (Sua mãe estava certa. Quem poderia saber há quanto tempo aqueles frascos estavam ali.) Ela ouviu um lobo subindo os degraus...

Agatha saiu pela janela do sótão e ficou agarrada à calha. Raios explodiam de nuvens negras, ao mesmo tempo em que, do outro lado do lago, as Torres do Bem cintilavam sob o sol perfeito. Enquanto a tempestade encharcava seu vestido rosa, seus olhos seguiam a calha comprida e curva, lançando a água pela boca de três gárgulas de pedra, que sustentavam as vigas de bronze. Era sua única esperança. Ela subiu na calha, segurando-se firme nos trilhos escorregadios, e engatinhou de volta para a janela, sabendo que o lobo branco estava vindo...

No entanto, ele não estava. Ele ficou olhando pela janela, com os braços peludos cruzados sobre a jaqueta vermelha.

"Há coisas piores que lobos, sabe?"

E foi embora, deixando-a pasma.

O quê? O que pode ser pior que...

Agatha protegeu os olhos e espiou pela visão embaçada, vendo a primeira gárgula de pedra bocejar e abrir suas asas de dragão. Depois, a segunda gárgula, com cabeça de cobra e tronco de leão, se mexeu com um estalo que pareceu um tiro. Depois, a terceira, duas vezes maior que as outras, com uma cabeça chifruda de demônio, dorso de homem e rabo pontilhado de tachas, abriu as asas mais amplas do que a torre.

Agatha ficou branca. *Gárgulas! O que foi que o cão disse sobre as gárgulas?*

Eles olharam para ela, com olhos terrivelmente vermelhos, e ela se lembrou.

Ordens para matar!

Com um grito agudo coletivo, elas voaram de seus poleiros. Sem o suporte deles, a calha despencou, e ela mergulhou na água com um grito. A onda de chuva lançou-a por curvas e descidas estreitas, enquanto a calha solta balançava loucamente pela chuva. Agatha viu duas gárgulas descerem bruscamente para pegá-la, porém, ela se desviou bem na hora. A terceira, o demônio chifrudo, ergueu-se e lançou fogo pelas narinas. Agatha agarrou-se à calha, e a bola de fogo bateu bem em sua frente, fazendo um rombo gigante na viga, e ela escorregou, passando pelo buraco. Uma força esmagadora empurrou-a por trás e a gárgula com asas de dragão agarrou sua perna, com garras afiadas, e ergueu-a no ar.

"Eu sou *aluna*!", Agatha berrou.

A gárgula soltou-a, estarrecida.

"Veja!", gritou Agatha, apontando o próprio rosto. "Eu sou uma *Nunca*!"

Dando uma rasante, a gárgula estudou seu rosto para ver se aquilo era verdade.

Ela agarrou-a pelo pescoço, para dizer que não era.

Agatha gritou, e enfiou o pé no buraco aberto pela bola de fogo, desviando a água para o olho do monstro. Ele cambaleou cegamente, sacudindo as garras para ela, e caiu pelo buraco, quebrando a asa na sacada abaixo deles. Agatha ficou agarrada ao beiral, lutando contra a terrível dor em sua perna. Com um grito agudo, de furar os tímpanos, a gárgula com cabeça de cobra entrou voando pela inundação e pegou-a, erguendo-a no ar. Na hora em que suas imensas mandíbulas abriram-se para devorá-la, Agatha enfiou o pé entre seus dentes, que se fecharam em suas botinas pretas. Confuso, o mostro soltou-a. Agatha aterrissou na calha inundada, e segurou-se na beirada.

"*Socorro*!", ela gritou. Se ela conseguisse se segurar, alguém a ouviria e viria socorrê-la. "*Socoooo...*"

As mãos dela escorregaram. Ela foi inclinando-se pelos tubos, deslizando até o último esguicho, onde a maior gárgula esperava, com seu chifre de diabo, mandíbulas abertas na saída do duto, como um túnel infernal. Agarrando-se pelas unhas, gorgolejando, Agatha tentou parar, mas a chuva lançava-a pelo duto em jorros torrenciais. Olhou para baixo e viu a gárgula soltando fogo pelas narinas, a chama entrando pelo tubo. Agatha abaixou-se na água para evitar ser cremada na hora, e voltou novamente à superfície, agarrando-se à borda, acima da última queda. A torrente de chuva seguinte a mandaria direto para a boca aberta da gárgula.

Então ela lembrou-se de quando viu as gárgulas pela primeira vez: protegendo a calha, com a água jorrando de suas bocas.

O que sai tem que entrar.

Ouviu a próxima onda vindo por trás dela. Com uma prece silenciosa, Agatha soltou-se e caiu nas mandíbulas enfumaçadas do demônio. Assim que o fogo e os dentes envolveram-na, a chuva irrompeu atrás dela, lançando-a para fora pelo buraco na garganta da gárgula, rumo ao céu cinzento. Ela deu uma olhada pra trás, para a gárgula engasgada, e soltou um grito de alívio, que se transformou em terror quando viu que estava em queda livre. Através da neblina, Agatha vislumbrou uma parede cheia de espetos prestes a furá-la, e uma janela aberta abaixo dela. Ela enrolou-se formando uma bola, passou por pouco pelos espetos, e despencou de barriga para baixo, encharcada, tossindo água, no sexto andar do Salão da Malícia.

"Eu... achei... que as... gárgulas... fossem... decorativas", ela disse.

Segurando a perna, Agatha foi mancando até o dormitório, em busca de sinais de Sophie.

Na hora em que ia começar a bater nas portas, ela viu uma delas, no fim do corredor, pintada com a caricatura de uma princesa loura, coberta com borrões de tinta, com as palavras FRACASSADA, LEITORA, ADMIRADORA DE SEMPRES.

Agatha bateu com força. "Sophie! Sou eu!"

Portas começaram a abrir-se na outra ponta do corredor.

Agatha bateu com mais força. "*Sophie*!"

Garotas de uniformes pretos começaram a surgir de seus quartos. Agatha sacudiu a maçaneta da porta de Sophie e investiu contra ela, mas a porta não abria. Na hora em que as garotas Nunca voltaram-se, prontas para descobrir a intrusa de rosa, Agatha deu um impulso e jogou-se contra a porta pichada do quarto 66, que se escancarou e bateu, fechando-se atrás dela.

"VOCÊ NÃO FAZ *IDEIA* DO QUE EU PASSEI PARA CHEGAR AQ...". Ela parou.

Sophie estava agachada sobre uma poça d'água no chão, cantando, enquanto passava blush olhando para seu reflexo.

"*Sou uma linda princesa, de se admirar,*
Esperando um príncipe, para comigo casar..."

As três colegas de quarto e três ratos observavam do lado oposto, todos boquiabertos de choque.

Hester ergueu os olhos para Agatha. "Ela inundou nosso chão!"

"Para passar maquiagem!", disse Anadil.

"Quem poderia ouvir algo mais cruel?", Dot fez uma careta. "Incluindo a canção."

"Meu rosto está direito?", perguntou Sophie, estreitando os olhos para a poça. "Não posso ir para a aula parecendo uma palhaça." Seus olhos desviaram-se: "Agatha, *querida!* Já não era sem tempo que você recuperasse a razão. Sua aula de Enfeiamento começa em dois minutos, e você não vai querer causar uma má primeira impressão."

Agatha encarou-a.

"Claro", disse Sophie, levantando-se. "Nós temos que trocar de roupas, primeiro. Venha, vamos resolver isso."

"Você não vai para a aula, *querida*", disse Agatha, ficando vermelha. "Nós vamos à torre do Diretor da Escola agora mesmo, antes que fiquemos presas aqui para sempre!"

"Não seja tola", disse Sophie, puxando o vestido de Agatha. "Não podemos invadir a torre de alguém em plena luz do dia. E se você for pra casa, deve me dar suas roupas agora de qualquer maneira, para que eu não perca nenhum dever."

Agatha afastou-a para longe. "Pronto, *acabou!* Agora, ouça..."

"Você vai se enturmar bem aqui", Sophie sorriu, estudando Agatha ao lado de suas companheiras de quarto.

Agatha perdeu o fervor. "Por que eu sou... horrível?"

"Ora, pelo amor de Deus, Agatha, olhe para este lugar", disse Sophie. "Você gosta de penumbras e maldições. Gosta de sofrimento e infelicidade e... é... coisas queimadas. Você será *feliz* aqui."

"Nós concordamos", disse uma voz atrás de Agatha, e ela virou-se, surpresa.

"Venha você viver aqui", Hester disse a ela...

"E ela se afoga no lago", Dot olhou Sophie de cara feia, ainda magoada por sua zombaria na cerimônia de boas-vindas.

"Nós gostamos de você desde o primeiro instante em que a vimos", disse Anadil, com a voz cantarolada, enquanto os ratinhos lambiam os pés de Agatha.

"Seu lugar é aqui conosco", disse Hester, enquanto ela, Anadil e Dot circundavam Agatha, cuja cabeça girava de uma para outra, alternando-se entre o trio de vilãs. Será que elas realmente queriam ser suas amigas? Será que Sophie estava certa? Será que ser uma vilã a tornaria... *feliz?*

O estômago de Agatha revirava-se. Ela não queria ser do Mal! Não com Sophie sendo do Bem! Elas precisavam deixar aquele lugar antes que ele as arruinasse!

"Não vou deixar você!", ela gritou para Sophie, afastando-se.

"Ninguém está lhe pedindo para me deixar, Agatha", disse Sophie, séria. "Só estamos pedindo que você deixe suas roupas."

"Não!", Agatha gritou. "Não vamos trocar nossas roupas. Não vamos trocar os quartos. Não vamos trocar de escola!"

Sophie e Hester trocaram um olhar furtivo.

"Nós vamos para casa!", Agatha disse com um nó na garganta. "Podemos ser amigas lá... no mesmo lado... nada de Bem, nada de Mal... seremos felizes para sem..."

Sophie e Hester agarram-na. Dot e Anadil tiraram o vestido rosa do corpo de Agatha, e as quatro enfiaram o robe preto de Sophie em seu lugar. Dançando em seu novo vestido rosa, Sophie escancarou a porta. "Adeus, Mal! Olá, Amor!"

Agatha cambaleou e ficou em pé, olhando para baixo, para o saco preto pútrido, exatamente como ela gostava.

"E tudo está certo no mundo", Hester suspirou. "Realmente, eu não sei como você pôde ser amiga desse trambolho..."

"Volte aqui!", Agatha berrou, segurando Sophie, de rosa, em meio à horda de preto no corredor. Chocadas por ver uma Sempre entre elas, as Nunca circundaram Sophie, e começaram a bater nela na altura da cabeça, com livros, bolsas e sapatos...

"Não! Ela é uma de nós!"

Todas as Nunca voltaram-se para Hort, na escada, incluindo Sophie, pasma. Hort apontou para Agatha, de preto.

"Aquela é a Sempre!"

As Nunca soltaram um novo grito de guerra e cercaram Agatha, enquanto Sophie empurrava Hort e fugia escada abaixo. Agatha conseguiu livrar-se do corredor polonês com alguns chutes bem dados, e deslizou pelo corrimão para deter Sophie. Avistando-a, ela a seguiu por um corredor estreito, e estendeu a mão para agarrá-la pela gola rosa, mas Sophie dobrou uma esquina, subiu alguns degraus correndo, e fugiu para o primeiro andar. Agatha desviou-se para um canto sem saída, e viu Sophie pular

magicamente através de uma parede respingada de sangue onde estava escrito "PROIBIDO PARA ALUNOS!" e pulou através do portal, logo atrás dela...

E aterrissou no final da Ponte do Meio do Caminho, no lado do Mal.

Foi aí, porém, que a perseguição terminou, pois Sophie estava longe demais na área do Bem para ser alcançada. Através da neblina, Agatha podia vê-la, radiante de alegria.

"Agatha, ele é filho do Rei Arthur", disse Sophie. "Um *príncipe* de verdade! Mas, o que eu digo a ele? Como mostro a ele que sou a escolhida?"

Agatha tentou esconder sua mágoa. "Você me deixaria aqui... sozinha?"

O rosto de Sophie abrandou-se.

"Por favor, não se preocupe, Agatha. Agora tudo está perfeito", ela disse, delicadamente. "Ainda seremos amigas. Apenas em escolas diferentes, como planejamos. Ninguém pode impedir que sejamos amigas, pode?"

Agatha ficou olhando o belo sorriso de Sophie e acreditou nela.

Entretanto, de repente, o sorriso de sua amiga desapareceu. No seu corpo, o vestido rosa apodreceu magicamente, e tornou-se preto. De repente, Sophie estava com seu velho uniforme largo, com o cisne reluzindo sobre o coração. Ela olhou para cima e engasgou. Do outro lado da Ponte, a túnica negra de Agatha ficou rosa novamente.

As duas meninas olharam-se, chocadas. De repente, sombras cobriram Sophie, e Agatha virou-se rapidamente. A onda gigantesca erguia-se acima dela, e a água formava um laço tremulante. Antes que pudesse correr, o laço envolveu-a e arrastou-a para o outro lado da baía, rumo à luz do sol. Sophie correu para a beira sombria da Ponte e gritou, lamentando a injustiça.

A onda lentamente ergueu-se novamente sobre ela, mas dessa vez a água não tremulou. Com um rugido bélico, ela jogou Sophie de volta na Escola do Mal, diretamente de volta às suas aulas.

7
Grande Bruxa Mor

“Por que precisamos nos enfeiar?”

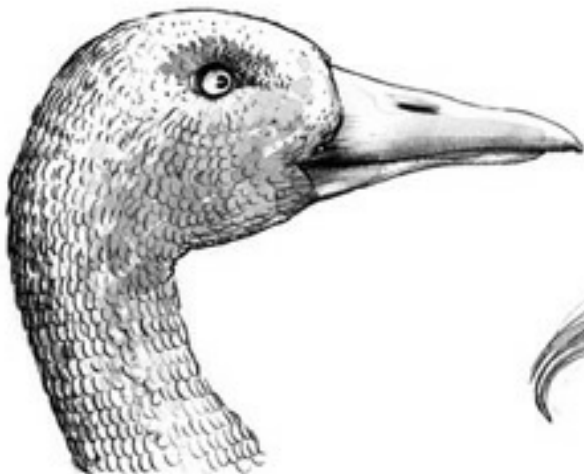
Sophie deu uma espiada por entre os dedos, vendo a cabeça careca e cheia de espinhas, e a pele cor de abóbora do professor Manley, tentando não vomitar. Ao redor dela, os Nunca estavam sentados em carteiras chamuscadas, com espelhos de molduras enferrujadas, esmigalhando e matando girinos em potes de aço, alegremente. Se ela não os conhecesse um pouquinho, acharia que estavam fazendo um bolo de domingo.

Por que ainda estou aqui?, ela irritou-se, em meio a lágrimas.

“Por que temos que ser repugnantes e revoltantes?”, Manley falou. “Hester!”

“Porque nos torna assustadores.” Respondeu Hester, e bebeu seu suco de girino, que fez com que surgisse instantaneamente uma erupção de manchas vermelhas em sua pele.

“Errado!”, rugiu Manley. “Anadil?”

“Porque isso faz os menininhos chorarem”, respondeu Anadil, com bolhas vermelhas irrompendo em seu próprio rosto.

“Errado! Dot?”

"Porque é mais fácil se aprontar de manhã?", perguntou Dot, misturando seu suco com chocolate.

"Errado e imbecil!", Manley debochou. "Somente quando abrirem mão do superficial é que poderão cavar o que há por baixo! Somente quando desistirem da vaidade é que poderão ser vocês mesmos!"

Sophie engatinhou por detrás das carteiras e correu para a porta. A maçaneta queimou sua mão e ela gritou.

"Somente quando destruírem o que *acham* que são é que poderão abraçar quem *verdadeiramente* são!", disse Manley, encarando-a diretamente.

Choramingando, Sophie voltou à sua carteira, passando por vilões cujas peles explodiam em brotoejas. Notas de avaliação em verde enfumaçado surgiram à volta dela, em pleno ar – "1", acima de Hester, "2", acima de Anadil, "3", acima de Ravan, com sua pele morena, "4", acima do louro Vex, com suas orelhas pontudas. Hort tomou sua mistura empolgadamente, e viu uma espinha brotar em seu queixo. Ele deu um tapa tentando afastar uma péssima classificação de "19", mas a nota estapeou-o de volta.

"Feiura significa que você recorre à inteligência", disse Manley, de esguelha, andando em direção a Sophie. "Feiura quer dizer que você confia em sua alma. Feiura quer dizer *liberdade*."

Ele jogou um pote na carteira dela.

Sophie olhou para baixo, para a mistura preta de caldo de girino. Uma parte deles ainda estava se mexendo.

"Na verdade, professor, eu acredito que meu professor de Embelezamento fará objeções quanto à minha participação neste trabalho..."

"Três avaliações ruins e você vai acabar mais horrível do que eu", vociferou Manley.

Sophie olhou para cima. "Eu *realmente* não acho que isso seja possível."

Manley voltou-se para a turma. "Quem gostaria de ajudar nossa querida Sophie a saborear a liberdade?"

"Eu!"

Sophie virou-se rapidamente.

"Não se preocupe", sussurrou Hort, "Você vai ficar mais bonita assim."

Antes que Sophie pudesse gritar, ele mergulhou a cabeça dela dentro do pote.

Deitada em uma poça às margens do Bem, Agatha reviveu a cena do Mal. Sua melhor amiga chamara-a de estúpida, roubara sua roupa, abandonara-a com bruxas e depois lhe pedira conselhos sentimentais.

O *problema é este lugar!*, ela pensou. Em Gavaldon, Sophie se esqueceria das aulas, dos castelos e dos garotos. Em Gavaldon, elas poderiam encontrar um final feliz juntas. Ali não. *Eu só preciso achar um jeito de voltarmos para casa.*

E, no entanto, algo ainda a incomodava. Aquele momento na ponte – Sophie de rosa, de frente para a Escola do Bem, ela de preto, de frente para a Escola do Mal... "*Tudo está perfeito agora*", Sophie disse. E ela estava certa. Por um breve momento, o erro havia sido corrigido. Elas estavam no lugar ao qual pertenciam.

Então, por que não podemos ficar?

O que quer que viesse a acontecer, aquilo era muito arriscado. Porque uma vez que Sophie chegasse ao Bem, ela jamais iria embora. Agatha ficou com a respiração acelerada. Ela precisava assegurar-se de que os professores não descobririam a troca! Ela precisava garantir que não fossem trocadas para as escolas certas! Como poderia ter certeza de que Sophie ficaria quieta?

Vá para a aula, seu coração recomendou.

Pólux disse que as escolas mantinham um número par de alunos para preservar o equilíbrio. Portanto, para que o equívoco fosse corrigido, as duas teriam que ser trocadas. Enquanto Agatha mantivesse seu lugar na Escola do Bem, Sophie estaria empacada na Escola do Mal. E se havia algo que ela sabia, com certeza, era que Sophie não poderia durar como vilã. Mais alguns dias e ela *imploraria* por Gavaldon.

Vá para a aula. Claro!

Ela encontraria um meio de manter-se firme naquela escola horrenda, e de usar o traje de Sophie. Pela primeira vez desde que tinham sido sequestradas, Agatha abriu seu coração para a esperança.

A esperança morreu dez minutos depois.

A professora Emma Anêmona, com um vestido amarelo berrante e luvas de pele de raposa, entrou assobiando em sua sala de aula cor-de-rosa, deu uma olhada para Agatha e parou de assobiar. E depois ela disse "Rapunzel também deu trabalho", e embarcou em sua primeira lição de "Tornando os sorrisos mais gentis".

"O segredo é comunicar-se através de seus olhos", ela disparou, e mostrou um perfeito sorriso de princesa. Vendo seus olhos enormes e os cabelos louros que combinavam com o vestido, Agatha achou que ela mais parecia um canário maníaco. Ela sabia, porém, que sua chance de ir para casa estava nas mãos da professora; então imitou-a, dando um sorriso cheio de dentes, junto com as outras.

A professora Emma Anêmona perambulou observando as garotas. "Não precisa franzir tanto os olhos... menos nariz, querida... Oh, minha nossa, absolutamente linda!" Ela estava falando de Beatrix, que iluminava a sala com seu sorriso deslumbrante. "Esse, minhas Sempre, é um sorriso que pode ganhar o coração do mais difícil dos príncipes. Um sorriso que pode negociar a paz nas maiores guerras. Um sorriso que pode conduzir um reino à esperança e à prosperidade!"

Então, ela viu Agatha. "Você aí! Nada de sorrisinho afetado!"

Com a professora à sua frente, Agatha tentou se concentrar e imitar o sorriso perfeito de Beatrix. Por um segundo, ela achou que tinha conseguido.

"Minha nossa! Agora é um sorriso assustador! Um sorriso, garota! Apenas seu sorriso normal de todo dia!"

Feliz. Pense em algo feliz.

Entretanto, ela só conseguia pensar em Sophie deixando-a, na Ponte, por um garoto que nem conhecia.

"Agora está positivamente maligno!", disse a professora Emma Anêmona, com um gritinho.

Agatha virou-se e viu a sala inteira encolhendo-se, como se achassem que ela as transformaria em morcegos. ("Acha que ela come crianças?", disse Beatrix. "Estou tão contente de ter mudado de quarto", Reena suspirou.)

Agatha franziu o rosto. Não podia ter sido *tão* ruim.

Então ela viu o rosto da professora Emma Anêmona.

"Se algum dia você quiser que um homem confie em você, se algum dia precisar que um homem a salve, se precisar que um homem a ame, independentemente do que fizer, criança... *não sorria para ele*."

Etiqueta para Princesas, lecionada por Pólux, era pior. Ele chegou de mau humor, andando com dificuldade, com seu cabeção canino grudado a uma carcaça magrinha de bode, murmurando que Cástor "está com o corpo nesta semana". Ele ergueu os olhos e viu as meninas olhando para ele.

"E eu que pensava que estava lecionando para princesas. Tudo o que vejo são vinte garotas mal-educadas encarando-me feito sapos. Vocês são sapos? Gostam de pegar moscas com suas linguinhas rosadas?"

As garotas pararam de encará-lo depois disso.

A primeira lição era "Postura de Princesa", que consistia em descer os quatro lances de escadas da torre com ninhos com ovos de rouxinol na cabeça. Embora a maioria das meninas tivesse se saído bem, sem quebrar nenhum ovo, Agatha teve mais dificuldade. Havia inúmeros motivos para isso: uma vida inteira arrastando os pés, Beatrix e Reena observando-a atentamente com seus novos sorrisos bondosos, sua mente tagarelando que Sophie venceria aquela prova de olhos fechados, e o absurdo de um cão latindo dicas de postura enquanto se equilibrava em patas de bode. No fim, ela deixou vinte ovos com as gemas vazando no mármore.

"Vinte belos rouxinóis que não ganharão vida... por causa de *você*", disse Pólux.

Enquanto as classificações foram surgindo acima da cabeça de cada menina, em nuvens etéreas douradas – Beatrix, 1ª, claro –, Agatha virou-se e viu um "20" enferrujado pairando acima dela, e depois caindo em sua cabeça.

Duas aulas, dois últimos lugares. Mais um e ela descobriria o que acontecia com as alunas reprovadas. Com seu plano de resgatar Sophie arruinando-se mais a cada minuto, Agatha apressou-se para a aula seguinte, desesperada para provar que era do Bem.

Brotoejas não impediram que Cinderela fosse ao Baile. Também não impediram Bela Adormecida de dar seu primeiro beijo.

Olhando seu reflexo cheio de brotoejas no espelho, Sophie forçou seu sorriso mais bondoso. Ela havia resolvido todos os problemas de sua vida com beleza e charme, e resolveria aquele do mesmo modo.

O treinamento de pajens era realizado na Torre de Sinos, uma abóbada aberta, acima da Torre da Injúria, o que exigia uma subida de trinta lances de uma escada tão estreita que os alunos tinham que se espremer em fila indiana.

"Tão... nauseante", Dot estava ofegante como um camelo encalorado.

"Se ela vomitar perto de mim, eu vou atirá-la da torre", disse Hester.

Enquanto subia, Sophie tentava não pensar em pústulas, vômito, ou no pútrido Hort, que estava tentando espremer-se ao seu lado. "Eu sei que você me detesta", ele pressionou. Ela deu um solavanco para o lado para bloqueá-lo. Hort tentou a esquerda. "Mas foi um desafio, e eu não queria que você fracassasse e..."

Sophie deu-lhe uma cotovelada e subiu correndo os últimos degraus, desesperada para provar para sua nova professora que estava no lugar errado. Infelizmente, o professor era Cástor.

"É CLARO QUE A LEITORA TINHA QUE FICAR EM MEU GRUPO."

O pior era que seu assistente, Beezle, era o anão de pele vermelha no qual Sophie havia batido na véspera, na escada. Ao ver seu rosto pustulento, ele gargalhou como uma hiena. "Bruxa horrenda!"

Com a cabeça fora do centro de seu corpo pesado, Cástor não achou engraçado. "Você já é revoltante o suficiente do jeito que é", lamentou, e mandou Beezle ir buscar madressilva, que imediatamente recuperava os rostos dos vilões. Enquanto eles gemiam desapontados, Sophie suspirou de alívio.

"Ganhar ou perder suas batalhas depende de sua competência, e da lealdade de seus comparsas!", disse Cástor. "É claro que alguns de vocês acabarão como capangas, com a própria vida dependendo da força de seu Líder. Então, é melhor prestarem atenção, se quiserem continuar vivos!"

Sophie cerrou os dentes. Agatha estava provavelmente cantando com os pombos em algum lugar, e ali estava ela, prestes a brigar com valentões sedentos de sangue.

"E agora, como seu primeiro desafio: Como treinar...", Cástor deu um passo ao lado. "Um *Ganso Dourado*."

Sophie ficou boquiaberta ao ver o pássaro de plumas douradas atrás dele, dormindo serenamente em seu ninho.

"Mas Gansos Dourados odeiam vilões", Anadil franziu o rosto.

"O que significa que se vocês puderem treinar um, domar um gigante da montanha será fácil", disse Cástor.

O ganso abriu parcialmente seus olhos azuis perolados, olhou a plateia de vilões e sorriu.

"Por que ele está sorrindo?", disse Dot.

"Porque ele sabe que estamos perdendo nosso tempo", disse Hester. "Gansos Dourados só ouvem os Sempre."

"Desculpas, desculpas", Cástor bocejou. "Sua função é fazer essa criatura patética pôr seus ovos preciosos. Quanto maior o ovo, maior sua classificação."

O coração de Sophie disparou. Se o pássaro só ouvia o Bem, ela poderia provar, ali mesmo, que não tinha nada a ver com aqueles monstros! Ela só precisava fazer com que o Ganso pusesse o maior ovo!

Na parede da torre, Cástor entalhou cinco estratégias para treinar capangas:

1. COMANDAR
2. ESCARNECER
3. ENGANAR
4. SUBORNAR
5. PROVOCAR

"Não provoquem o maldito pássaro, a menos que já tenham passado pelos outros quatro", alertou Cástor. "Nada impede um capanga de retribuir a provocação."

Sophie assegurou-se de ser a última da fila, e ficou olhando os cinco primeiros sem sorte, incluindo Vex, que chegou até a agarrar o pássaro pelo pescoço, mas apenas viu o Ganso Dourado retribuir-lhe, sorrindo.

Milagrosamente, Hort foi o primeiro a ter êxito. Ele havia tentado vociferar "Ponha ovos", chamá-lo de "pateta", e tentá-lo com minhocas, antes de desistir e chutar seu ninho. Foi a coisa errada a chutar. Como um raio, o Ganso puxou sua túnica pela cabeça e Hort ficou gritando cegamente, batendo nas paredes. (Sophie jurou que se tivesse que ver esse menino sem roupas mais uma vez, ela arrancaria os próprios olhos.) No entanto, o Ganso parecia encantado. Ele batia as asas e ria debochado, e grasnava tão ruidosamente que perdeu o controle, e pôs um ovo dourado do tamanho de uma moeda.

Hort segurou-o no alto, perplexo e triunfante. "Eu ganhei!"

"Certo, porque no calor da batalha você terá tempo de correr nu e fazer o Ganso soltar sua porcaria", rosnou Cástor.

Ainda assim, o cão havia dito que quem originasse o ovo maior venceria; portanto, os outros Nunca imitaram a tática de Hort. Dot fez caretas, Ravan fez fantoches de sombra, Anadil fez cócegas com uma pluma, e o ousado e rechonchudo Brone sentou-se em Beezle, para deleite do pássaro. ("Bruxa fedorenta!", o anão gritou.)

Olhando tudo aquilo de cara feia, Hester aproximou-se e deu um soco na barriga do Ganso. Ele pôs um ovo do tamanho de um punho fechado. “Amadores”, ela debochou.

Então, foi a vez de Sophie.

Ela aproximou-se do Ganso de Ouro, que parecia exausto de rir e de pôr ovos. Contudo, quando o Ganso olhou nos olhos de Sophie, ele parou de piscar e ficou imóvel como uma estátua, estudando cada centímetro dela. Por um momento, Sophie sentiu um arrepio percorrer seu corpo, como se tivesse deixado um estranho adentrar sua alma. Quando, porém, ela olhou os olhos ternos e sábios do pássaro, ela encheu-se de esperança. Certamente, ele via que ela era diferente do restante.

Sim, você certamente é diferente.

Sophie recuou. Ela deu uma olhada em volta, para ver se mais alguém ouvira os pensamentos do pássaro. No entanto, o restante dos Nunca simplesmente olhava impaciente, uma vez que ela precisava terminar para que eles obtivessem suas classificações.

Sophie virou-se para o Ganso. *Você consegue ouvir meus pensamentos?*

Eles são bem ruidosos, respondeu o Ganso.

E quanto aos outros?

Não. Só você.

Por que eu sou do Bem? Sophie sorriu.

Eu posso lhe dar o que você quer, disse o Ganso. *Posso fazê-los ver que você é uma princesa. Um ovo perfeito, e eles a colocarão com seu príncipe.*

Sophie caiu de joelhos. *Por favor! Farei tudo o que quiser. Apenas me ajude.*

O pássaro sorriu. *Feche seus olhos e faça um pedido.*

Tomada de alívio, Sophie fechou seus olhos. Naquele momento radiante, ela desejou Tedros, seu lindo príncipe perfeito, que poderia fazê-la feliz...

Ela subitamente ficou imaginando se Agatha diria a ele que elas eram amigas. Ela torcia para que não.

Os outros arfavam em volta dela. Sophie abriu os olhos, e viu as penas do Ganso ficando cinzentas. Seus olhos escureceram, passando de azuis a negros. Seu sorriso terno desapareceu.

E, decididamente, não surgiu nenhum ovo.

“O que aconteceu?”, Sophie virou-se. “O que isso significa?”

Cástor parecia petrificado. “Significa que ele prefere abrir mão do próprio poder a ter que ajudar você.”

Um “1” explodiu em labaredas vermelhas acima da cabeça de Sophie, como uma coroa diabólica.

“É a coisa mais perversa que eu já presenciei”, disse Cástor, baixinho.

Perplexa, Sophie observou seus colegas de turma agruparem-se como peixinhos assustados – todos, exceto Hester, de olhos faiscantes, como se tivesse acabado de encontrar sua rival. Atrás dela, Beezle tremia, em um canto escuro.

"Bruxa Mor!", ele deu um gritinho agudo.

"Não, não, não!", Sophie gritou. "Nada de Bruxa Mor!"

Beezle, porém, assentiu com determinação. "Grande Bruxa Mor!"

Sophie virou-se de volta para o Ganso. *O que foi que eu fiz?*

Então o Ganso, cinza como a neblina, olhou para ela como se nunca a tivesse visto na vida, e soltou o mais comum dos grasnidos.

Da Torre dos Sinos, o grasnido ecoou pelo fosso, adentrando a torre prateada que dividia os dois lados da baía. Uma silhueta surgiu na janela e olhou para baixo, para o seu império.

Dezenas de números enfumaçados – alguns coloridos, do Bem, e outros escuros e sombrios, do Mal –, saíam das duas escolas, deslizando acima da água, e flutuavam até sua janela como balões ao vento. Enquanto cada um deles passava, seus dedos passeavam pela fumaça, o que lhe dava poder para ver quais classificações pertenciam a quem, e como haviam sido obtidas. Ele revisou dezenas de números, até chegar ao que procurava: o número "1" vermelho cor de fogo, que revelava sua história em uma torrente de imagens.

Um Ganso Dourado jogou fora seu poder por um aluno? Somente um poderia ter esse talento. Só um poderia ser tão puro.

O que causaria o desequilíbrio.

Arrepiado, o Diretor da Escola voltou à sua torre, e esperou por sua chegada.

"Maldições & Armadilhas Mortais" era ministrada em uma câmara tão fria que gelava os ossos e tinha paredes, mesas e cadeiras feitas completamente de gelo. Sophie achou que estava vendo corpos enterrados sob o chão congelado.

"Que friiiiio", disse Hort, tremendo.

"Está mais quente do que na Sala de Condenação", respondeu Lady Lesso.

Uivos de dor ecoavam da masmorra, abaixo dos pés deles.

"Ag-go-ra estou me s-sentindo mais aque-ci-cido", Hort gaguejou, com o rosto azulado.

"O frio endurecerá suas veias", disse Lady Lesso. "Que precisarão de endurecimento, se uma Leitora está obtendo o primeiro lugar nos desafios." Ela passou pelas fileiras de alunos trêmulos, com sua trança negra chicoteando o vestido roxo de ombreiras pontudas, e seu salto agulha de aço estalando no gelo.

"Esta não é uma escola que aceita crueldades não autorizadas. Ferir sem motivo faz de você um besta, e não um vilão. Não, nossa missão requer foco e cautela. Nesta

disciplina, cada um de vocês aprenderá a identificar o Sempre que atrapalha o caminho para o seu objetivo. O que se fortalecerá à medida que você enfraquece. Ele está lá, meus Nunca, em algum lugar da Floresta... seu *Nêmesis*. Quando chegar a hora certa, cada um de vocês vai encontrá-lo e destruí-lo. Esse é o caminho para a sua liberdade."

Um grito ecoou na Sala de Condenação, e Lady Lesso sorriu. "Suas outras disciplinas podem até ser verdadeiras demonstrações de incompetência, mas não esta. Não haverá desafios, até que eu veja que são dignos deles."

Sophie não ouvira nada daquilo. Ela só conseguia ouvir o grasnido do Ganso ecoando em sua cabeça. Tremendo de frio, ela lutava contra as lágrimas. Ela havia tentado tudo para entrar no Bem: fugir, lutar, implorar, trocar, desejar... O que mais restava? Ela imaginou Agatha sentada em *suas* aulas, em *seu* assento, em *sua* escola, e enrubesceu. E ela pensava que as duas fossem amigas!

"Seu Nêmesis é seu arqui-inimigo", disse Lady Lesso, com seus olhos roxos faiscando. "Sua outra metade. Sua alma ao inverso. Seu calcanhar de Aquiles."

Sophie obrigava-se a prestar atenção. Afinal, ali estava uma chance de aprender os segredos de seu inimigo. Isso talvez a salvasse quando chegasse ao Bem.

"Vocês chegarão ao conhecimento de seus Nêmesis através de sonhos", prosseguiu Lady Lesso, com as veias pulsando sob sua pele esticada. "Eles assombrarão seu sono, noite após noite, até que vocês não vejam nada além de seu rosto. Sonhos com Nêmesis farão seu coração gelar e seu sangue ferver. Vocês cerrarão os dentes e arrancarão os cabelos. Porque seus Nêmesis são a somatória de todo o seu ódio. A somatória de seus medos."

Lady Lesso deslizou as unhas vermelhas compridas pela carteira de Hort. "Só quando eles estiverem mortos é que vocês se sentirão saciados. Só quando estiverem mortos vocês se sentirão livres. Matem seus Nêmesis, e Nunca Mais lhes dará as boas-vindas para a glória eterna!"

A turma deu risadinhas de empolgação.

"É claro que, dada a história desta escola, aqueles portões não se abrirão tão cedo", ela murmurou.

"Como encontramos nossos Nêmesis?", perguntou Dot.

"Quem os escolhe?", perguntou Hester.

"Serão de nossa turma?", perguntou Ravan.

"Essas perguntas são prematuras. Somente vilões excepcionais são abençoados com sonhos sobre seus Nêmesis" disse Lady Lesso. "Não, primeiro, vocês devem perguntar-se por que os presunçosos, imbecis e insípidos do Bem ganham todas as competições nesta escola – e como *vocês mudarão* isso." Ela olhou de esguelha para Sophie, como se dissesse que, gostando ou não, a Leitora bondosa de cor-de-rosa talvez fosse sua maior esperança.

Assim que os lobos uivaram, sinalizando o final da aula, Sophie disparou da sala de gelo e subiu correndo as escadas, até encontrar uma varandinha junto a um corredor. Na privacidade da neblina, ela debruçou-se na mureta úmida da torre do Mal, e finalmente se permitiu chorar. Ela não se importava se estragasse sua maquiagem, ou se alguém a visse. Ela nunca tinha se sentido tão sozinha e assustada. Detestava aquele lugar horrível, e não aguentava mais.

Sophie ficou olhando a Escola do Bem, com suas torres cintilando do outro lado da baía. Pela primeira vez, ela lhe pareceu fora de alcance.

Almoço!

Tedros estaria lá! Seu príncipe radiante, sua última esperança! Afinal, não era isso o que príncipes faziam? Salvar princesas quando tudo parecia perdido?

Com o coração cheio de esperança, ela limpou suas lágrimas. *Apenas chegue a tempo do almoço.*

Ao sair em disparada para o Salão do Mal, para a aula de História da Vilania, Sophie notou muitos Nunca aglomerados lá fora. Dot a viu, e agarrou seu braço. "Eles cancelaram as aulas! Ninguém diz o motivo."

"O almoço será enviado aos seus quartos!", retumbou o lobo branco, enquanto seus colegas lobos estalavam seus chicotes e conduziam os alunos às suas torres.

O coração de Sophie murchou. "Mas, o que acont..."

De repente, um cheiro de fumaça penetrou pelo salão, vindo de todas as direções. Sophie passou por entre a multidão que a empurrava até uma janela de pedras, onde um grupo de alunos observava, em silêncio, perplexo. Ela seguiu o olhar deles, para o outro lado da baía.

Uma torre do Bem estava pegando fogo.

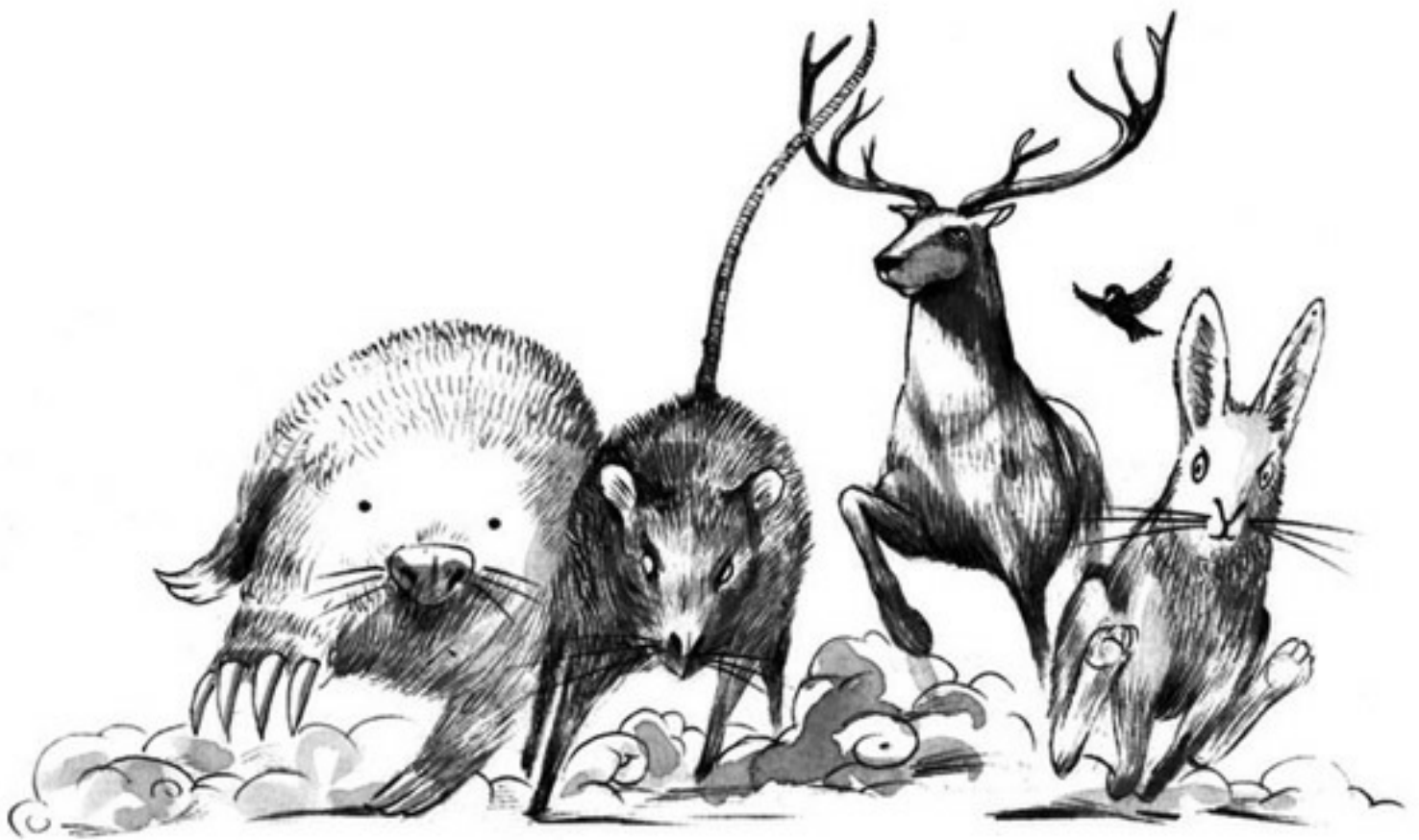
Dot engasgou. "Quem poderia ter feito algo tão..."

"*Brilhante*", disse Hester, pasma.

Bem, Agatha tinha a resposta para aquilo.

8
Peixes do desejo

Uma hora antes, Tedros havia decidido nadar um pouco.

A essa altura, a classificação das duas primeiras turmas já estava pregada na porta da Sala de Embelezamento, mostrando o príncipe e Beatrix emparelhados em primeiro lugar, e o nome de Agatha tão embaixo na lista, que uma pilha de cocô de rato o escondia. O interior da Sala de Embelezamento das meninas lembrava um spa medieval, com três piscinas aromáticas de banho ("Quente", "Frio" e "Na medida"), uma sauna da Pequena Vendedora de Fósforos, três estações de maquiagem da Bela Adormecida, um canto de pedicure com o tema da Cinderela, e um chuveiro em cachoeira construído em uma lagoa da Pequena Sereia. A Sala de Embelezamento dos meninos era mais focada em condicionamento físico, com uma academia de Midas, uma sala de bronzeamento, um ginásio com pesos nórdicos, uma arena para luta na lama, uma piscina de água salgada, e uma série de banhos turcos.

Depois da aula de Cuidados Pessoais e Cavalheirismo, Tedros aproveitou o intervalo antes da Esgrima para testar a piscina. Contudo, na hora em que nadou sua última volta, ele notou Beatrix – e as sete meninas que agora a seguiam incessantemente – espiando, de olhos arregalados, pelas frestas da porta de madeira.

Tedros estava habituado a ser observado por meninas, mas quando encontraria uma que enxergasse nele mais do que sua aparência? Que visse nele mais do que o filho do Rei Arthur? Que se importasse com suas ideias, esperanças e medos? Ainda assim, ali estava ele, exibindo-se propositalmente, enquanto se enxugava com a toalha, para que as garotas pudessem ter uma visão perfeita. Sua mãe estava certa. Ele podia fingir o quanto quisesse, mas era igualzinho ao pai, nas coisas boas e nas ruins.

Com um suspiro, ele abriu a porta para cumprimentar seu fã clube, com as calças justas pingando e o cisne reluzindo em seu peito nu. Elas, porém, já tinham partido, vítimas da patrulha das fadas. Tedros sentiu uma pontada de decepção, virou-se para sair e trombou em algo que derrubou no chão.

"Estou molhada. De novo." Agatha franziu o rosto e olhou para cima. "Você devia olhar por onde and..."

Era o garoto que povoava o pensamento de Sophie. O menino que havia arrebatado o coração dela. Que roubara sua única amiga.

"Eu sou Tedros", ele disse, estendendo a mão.

Agatha não o cumprimentou. Ela estava terrivelmente perdida, e precisava de ajuda, mas esse Tedros era o inimigo. Ela levantou-se e lançou-lhe um olhar assassino, passando direto por ele. Foi quando notou, além de tudo o que já detestava nele, que ele tinha cheiro de menino. Ela andou depressa como um raio até o fim do corredor, batendo as botinas no vidro e, com um último olhar venenoso, agarrou a maçaneta da porta.

Estava trancada.

"É por aqui." Tedros apontou para a escada atrás dele.

Agatha passou por ele bufando, segurando o nariz, prendendo a respiração.

"Prazer em conhecê-la!", o príncipe gritou.

Ele ouviu-a fungar com aversão antes de descer os degraus, lançando sombras pelo caminho.

Tedros fez uma careta. As garotas o adoravam. Sempre o adoraram. Contudo, aquela menina esquisita olhou-o como se ele não fosse nada. Por um instante, ele sentiu sua confiança oscilar, depois lembrou-se do que seu pai lhe dissera uma vez.

Os melhores vilões fazem-no duvidar.

Tedros achava que podia enfrentar qualquer monstro, qualquer bruxa, qualquer força que o Mal pudesse trazer. Aquela garota, no entanto, era diferente. Aquela garota era assustadora.

O pavor percorreu sua espinha.

Então, por que ela está em minha escola?

As aulas de Comunicação Animal, ministradas pela Princesa Uma, aconteciam às margens da Baía do Meio do Caminho. Pela terceira vez naquele dia, Agatha chegou para a aula e descobriu que era só para meninas. Certamente, a Escola do Mal não via necessidade de decidir o que era uma habilidade para "meninos" ou para "meninas". Ali, contudo, nas torres do Bem, os meninos saíam para lutar com espadas enquanto as meninas tinham que aprender latidos caninos e pios de corujas. *Não era de admirar-se que as princesas fossem tão impotentes nos contos de fadas*, ela pensou. Se tudo o que podiam fazer era sorrir, manter a postura ereta e falar com esquilos, então que escolha tinham além de esperar que um garoto viesse salvá-las?

A Princesa Uma parecia excessivamente jovem para ser professora. Aninhada em um belo gramado, iluminado por detrás pelo brilho de um lago, ela estava sentada ereta, com as mãos cruzadas sobre o vestido rosa. Ela tinha cabelos negros que iam até a cintura, pele morena, olhos amendoados e lábios vermelhos que formavam um pequeno O. Quando finalmente falou, soltou uma risadinha boba e sussurrada, mas não conseguiu chegar ao final da frase. Dizia algumas palavras e parava para ouvir uma raposa ou um pombo distante, e respondia com seu próprio uivo ou gorjeio. Quando percebeu que a turma inteira a olhava, ela cobriu o rosto com as mãos.

“Ops!”, disse. “Tenho amigos demais!”

Agatha não conseguiu identificar se ela estava nervosa ou se era simplesmente uma idiota.

“O Mal tem muitas armas”, disse a Princesa Uma, finalmente aquietando-se. “Venenos, pragas, maldições, maus-olhados, capangas e magia negra, muito negra. Mas vocês têm os animais!”

Agatha riu com deboche. Quando estivesse diante de um capanga que empunhasse um machado, ela se asseguraria de levar uma borboleta. A julgar pela expressão das outras, não era a única que não se convencera. A Princesa Uma notou. A professora soltou um assobio agudo, e um punhado de latidos, uivos e rugidos irromperam da Floresta atrás da escola. As meninas taparam os ouvidos, chocadas.

“Estão vendo?”, Uma riu. “Todos os animais podem falar com vocês, se souberem falar com eles. Alguns até lembram-se de quando eram humanos!”

Com um arrepio, Agatha pensou nos animais empalhados da galeria. Eram todos ex-alunos, do mesmo modo que elas.

“Eu sei que todas querem ser princesas”, disse Uma “Mas as que tiverem baixa pontuação não darão boas princesas. Vocês acabariam sendo alvejadas, esfaqueadas ou comidas, e isso não é muito útil. Entretanto, como uma raposa auxiliar, um pardal espião ou um porco amistoso, talvez encontrem um final muito mais feliz!”

Ela deu um chiado entre dentes e, como se combinado, uma lontra surgiu na margem do lago, equilibrando no focinho um livro de contos de fadas com joias cravejadas. “Vocês podem fazer companhia a uma donzela presa, ou guiá-la até um local seguro”, disse Uma, estendendo as mãos. A lontra nervosa batia o focinho no livro para encontrar a página certa...

“Ou podem ajudar a fazer um vestido de baile”, disse Uma, olhando a criatura agitada. “Ou talvez entreguem uma mensagem importante ou – *aham*!” A lontra havia encontrado a página, deslizado o livro de volta às mãos dela, e desabado pelo estresse.

“Vocês podem até salvar uma vida”, disse Uma, segurando uma pintura de uma princesa amedrontada enquanto um veado espetava um feiticeiro. A princesa era igualzinha a ela.

“Certa vez um animal salvou a minha vida e, em compensação, recebeu o final mais feliz de todos.”

Agatha observou os olhares de desconfiança das meninas ampliando-se até transformarem-se em adoração. Ela não era simplesmente uma professora. Era uma princesa em carne e osso.

“Portanto, se quiserem ser como eu, vocês precisam se sair bem no desafio de hoje!”, disse a celebridade recém-revelada, reunindo as meninas no lago. Agatha sentiu-se estremecer, apesar do sol reconfortante de outono. Se ela ficasse em último lugar

dessa vez, ela nunca mais veria Sophie, nem a sua casa. Ao seguir as meninas até a margem, sentindo-se enjoada, Agatha notou o livro de Uma aberto na grama.

"Animais adoram ajudar princesas, por muitos motivos!", disse a Princesa Uma, parando na beirada da água. "Porque cantamos belas canções, damos-lhes abrigo nas florestas assustadoras, porque apenas desejam ser tão lindos e adorados como..."

"Espere."

Uma e as meninas viraram-se. Agatha segurou o livro de histórias, aberto na última página – uma pintura do veado sendo dilacerado por monstros enquanto a princesa fugia.

"Como *isso* pode ser um final feliz?"

"Se você não for bom o suficiente para ser uma princesa, pode ter a honra de morrer por uma, é claro", Uma sorriu, como se Agatha logo fosse aprender aquela lição.

Agatha olhou para as outras, incrédula, mas todas assentiam como carneirinhos. Não importava se apenas um terço delas se graduassem como princesas. Cada uma estava convencida de que se tornaria princesa. Não, aqueles animais empalhados, criaturas amontoadas no museu, não haviam sido meninas iguais a elas. Eram apenas animais. Escravos do Bem Maior.

"Mas se os animais vão nos ajudar, primeiro nós temos que dizer a eles o que queremos!" disse Uma, ajoelhando-se diante do reluzente lago azul. "Portanto, o desafio de hoje é...", ela girou o dedo na água e mil peixinhos vieram à superfície, brancos como neve.

"*Peixes do desejo*!", Uma disse, radiante. "Eles vão fundo em sua alma e encontram seu maior desejo! (Muito útil se você perder a fala, e precisa dizer a um príncipe para beijá-la.) Agora, só precisam colocar seus dedos na água, e os peixes lerão suas almas. Ganha a menina que tiver o desejo mais forte e mais claro!"

Agatha ficou imaginando o que as almas daquelas meninas desejavam. Profundidade, talvez.

Millicent foi primeiro. Ela colocou o dedo na água, fechou os olhos... Quando ela os abriu, os peixes tinham ficado de cores diferentes, e olhavam-na, confusos.

"O que aconteceu?", perguntou Millicent.

"Mente nebulosa", Uma suspirou.

Depois Kika, a menina adorável que dera o batom de presente para Agatha, colocou o dedo na água. Os peixes ficaram vermelhos, alaranjados e cor de pêssego, e começaram a formar algum tipo de imagem.

O que as Boas almas almejam? Pensou Agatha, observando os peixes encaixando-se em seus lugares. *Paz em seus reinos? Saúde para suas famílias?* A *destruição do Mal?*

Em vez disso, os peixes desenharam um menino.

"Tristan!", disse Kika, reconhecendo seus cabelos claros. "Eu peguei sua rosa nas boas-vindas."

Agatha gemeu. Ela deveria saber.

Então Reena mergulhou o dedo, e os peixes mudaram de cor, formando o mosaico de um menino de olhos cinzentos, colocando uma flecha em seu arco.

"Chaddick", Reena corou. "Torre da Honra, quarto dez."

Os peixes de Giselle desenharam o moreno Nicholas, Flavia desejava Oliver, os peixes de Sahara pintaram Bastian, companheiro de quarto de Oliver... No início, Agatha achou aquilo tolo, mas agora estava ficando assustador. Era por isso que as almas do Bem ansiavam? Meninos que nem conheciam? Baseadas em quê?

"Amor à primeira vista", Uma corou. "É a coisa mais linda do mundo!"

Agatha teve ânsias de vômito. Quem neste mundo poderia amar garotos? Matadores embonecados e inúteis, que achavam que o mundo lhes pertencia. Ela pensou em Tedros, e suas bochechas arderam. Ódio à primeira vista. Nisso, *sim*, dava para acreditar.

Com os peixes exaustos por terem desenhado tantos queixos bem talhados, Beatrix forneceu-lhes o grande clímax, projetando nos Peixes do Desejo uma visão espetacular do arco-íris de um casamento de contos de fadas com Tedros, com castelo, coroas e fogos de artifício. Os olhos de todas as meninas ficaram molhados de lágrimas, ou porque a cena era linda, ou porque elas sabiam que jamais poderiam competir.

"Agora você deve *caçá-lo*, Beatrix!", disse Uma. "Você precisa fazer desse Tedros a sua missão! Sua obsessão! Porque quando uma verdadeira princesa quer verdadeiramente algo..." Ela girou os dedos no lago...

"Seus amigos unem-se por você..." Os peixes adquiriam um tom radiante de rosa...

"Lutam por você..." Os peixes se aglomeraram...

"E tornam seus desejos realidade..." Uma enfiou o braço na água e tirou-o. Os peixes haviam se transformado no maior desejo de sua alma.

"O que é?", perguntou Reena, confusa.

"Uma mala", sussurrou a Princesa Uma, e abraçou-a junto ao peito.

Ela olhou para as vinte meninas confusas. "Ah. Devo dar-lhes suas avaliações?"

"Mas ela ainda não foi!", disse Beatrix, apontando para Agatha. Agatha teria lhe dado uma surra, mas não havia ameaça na voz de Beatrix. Aquela menina não estava perturbada porque um lago cheio de peixes acabara de transformar-se em uma mala. Em vez disso, preocupava-se porque Agatha não tivera sua vez. No fim das contas, ela talvez não fosse tão má assim.

"Assim Reena pode ficar com o quarto dela quando ela for reprovada", Beatrix sorriu.

Agatha reconsiderou.

"Oh, céus. Resta uma?", disse Uma, olhando para Agatha. Ela olhou para o lago sem Peixes do Desejo, depois para sua preciosa mala rosa. "Sempre acontece", ela lamentou. Suspirando, ela jogou a mala de volta no lago, e observou-a afundar e voltar à superfície na forma de mil peixes brancos.

Agatha debruçou-se sobre a água e viu os peixes encararem-na, com os olhos enfraquecidos. Por um instante, eles haviam encontrado o paraíso dentro da mala. Então lá estavam novamente, gênios roubados da segurança de sua lâmpada. Não lhes importava se a vida dela estava em jogo. Só queriam ser deixados em paz. Agatha teve pena deles.

O meu é fácil, ela pensou. *Eu só não quero fracassar. Só isso. Não fracassar.*

Ela enfiou o dedo na água.

Os peixes começaram a tremer como tulipas ao vento. Agatha ouvia os desejos relutantes em sua cabeça...

Não fracassar... em casa na cama... não fracassar... Sophie segura... Não fracassar... Tedros morto...

Os peixes ficaram azuis, depois amarelos, depois vermelhos. Os desejos foram varridos para dentro de um ciclone.

Novos rostos... o mesmo rosto... cabelos louros... detesto cabelos louros!... mais amigos... nenhum amigo...

"Não está apenas nebulosa", murmurou a Princesa Uma. "Está completamente confusa!"

Os peixes, vermelhos cor de sangue, começaram a tremer, como se fossem explodir. Alarmada, Agatha tentou tirar o dedo, mas a água segurou-a como se fosse um punho fechado.

"Mas que..."

Os peixes ficaram pretos como a noite, e voaram até Agatha como ímãs para o metal, aglomerando-se em sua mão e formando uma massa tremulante. As meninas fugiram da margem, horrorizadas; Uma ficou estática, em choque. Agatha tentou freneticamente arrancar a mão dali, mas sua cabeça explodia de dor...

Casa Escola Mãe Pai Bem Mal Meninos Meninas Sempre Nunca...

Segurando a mão de Agatha, os peixes sacudiam cada vez mais forte e mais depressa, até que não era mais possível distinguir uns dos outros. Seus olhos saltavam como botões, suas barbatanas batiam até se despedaçarem, suas barrigas inchavam-se em veias e vasos, até que eles soltaram milhões de gritos torturados. Agatha sentiu sua cabeça dividir-se em duas...

Fracasso Vitória Verdade Mentiras Perdido Encontrado Forte Fraco Amigo Inimigo

Os peixes incharam formando uma massa negra como um balão, que subia por sua mão. Agatha sacudia-se para soltar o dedo, até que ouviu seu osso quebrar-se, e gritou de agonia, enquanto os peixes sugavam seu braço inteiro para dentro do casulo negro.

"Socorro! Alguém me ajude!"

O casulo elevou-se até seu rosto, sufocando seus gritos. Com um berro agudo e ruidoso, a bolha mortal engoliu-a. Agatha debatia-se para respirar, chutava tentando sair, mas a dor em sua cabeça forçava-a em uma posição fetal.

ÓdioAmorPuniçãoRecompensaCaçaCaçadorViverMorrerMatarBeijarTomar

Gritando em vingança, o casulo negro sugava-a mais, como um túmulo gelatinoso, sufocando seus últimos suspiros, sugando cada última gota de vida, até que não havia nada mais para...

Doar.

Os gritos pararam. O casulo afastou-se.

Agatha caiu para trás, em choque.

Em seus braços havia uma menina. De no máximo 12 ou 13 anos, com a pele morena e os cabelos escuros cacheados. Ela remexeu-se, abriu os olhos, e sorriu para Agatha, como se ela fosse uma velha amiga.

"Cem anos e você foi a primeira a desejar me libertar." Ela acariciou o rosto de Agatha.

"Obrigada."

Ela fechou os olhos, e seu corpo ficou mole nos braços de Agatha. De pedacinho em pedacinho, a menina começou a reluzir em um dourado quente, e numa explosão de luz branca ela dissipou-se em raios solares, e desapareceu.

Agatha ficou olhando para o lago, completamente sem peixes, e ouvindo a batida fraca de seu coração. Era como se as suas entranhas tivessem sido surradas e torcidas. Ela ergueu o dedo, que estava curado, como novo. "É... tudo isso foi..." Ela respirou fundo e virou-se.

"*NORMAL?*"

A turma inteira havia desaparecido por trás das árvores, incluindo a Princesa Uma, cuja expressão respondia à sua pergunta.

Gorjeios ruidosos vinham do alto. Agatha olhou para cima, para uma pombinha amistosa a quem sua professora cumprimentara mais cedo. No entanto, os chamados da pomba não eram mais amistosos, e sim selvagens e frenéticos. Lá da Floresta Sem Fim vinha um rugido de raposa, gutural e perturbado. Então, ouviram-se mais uivos e gemidos de toda parte, mas não como as boas-vindas de antes. Agora os animais estavam em frenesi. Eles gritavam cada vez mais alto, cada vez mais febris...

"O que está acontecendo?", gritou Agatha, com as mãos sobre os ouvidos.

Assim que viu o rosto da Princesa Uma, ela soube.

Eles querem o mesmo.

Antes que Agatha pudesse mexer-se, o estampido começou a vir de todas as direções. Esquilos, ratos, cães, toupeiras, veados, pássaros, felinos, coelhos, a lontra atrapalhada – cada animal do território escolar, cada animal que conseguia espremer-se pelos portões, disparava em direção à sua salvadora...

Faça-nos humanos! Eles exigiam.

Agatha ficou branca. Desde quando ela podia entender animais?

Salve-nos, Princesa! Eles gritavam.

Desde quando ela podia entender animais delirantes?

"O que eu faço?", Agatha gritou.

Uma olhou rapidamente para aqueles animais, seus fantoches fiéis, seus amigos do peito...

"CORRA!"

Pela primeira vez alguém naquela escola deu a Agatha um conselho que lhe foi útil. Ela disparou para as torres, enquanto as aves bicavam suas mãos, os ratos agarravam-se às suas botinas, e os sapos pulavam em seu vestido. Abanando a turba, ela subiu a colina. Então, protegendo a cabeça, fugiu de porcos, falcões, lebres. Mas assim que avistou as portas com os cisnes brancos, um alce saiu correndo das árvores e saltou – ela abaixou-se e o alce caiu, espetando-se nos cisnes. Agatha disparou pelo salão das escadarias de vidro, passando por Pólux, com suas patas de bode, que deu uma olhada para o ataque violento que vinha atrás dela.

"Mas que diabo..."

"Uma ajudinha!", ela berrou...

"NÃO SE MEXA!", Pólux gritou...

Agatha, porém, já estava subindo a escada da Honra. Quando ela olhou pra trás, viu Pólux enxotando os bichos, à esquerda e à direita, antes que mil borboletas irrompessem pela claraboia, derrubando sua cabeça das pernas de bode, e deixando a horda para persegui-la escada acima.

"NAS TORRES, NÃO!", gritou a cabeça de Pólux, enquanto rolava porta afora...

Contudo, Agatha passou como um raio pelos corredores e entrou nas salas de aula do Refúgio de João e Maria. Enquanto meninos e professores lidavam com porcos-espinhos (inapropriadamente), e meninas aos berros subiam nas carteiras de salto alto (muito inapropriadamente), ela tentava escapar do rebuliço, mas os animais simplesmente abocanhavam os doces e continuavam a perseguição. Ainda assim, ela conseguiu ganhar distância suficiente para subir correndo a escada, deslizar pela porta de vidro jateado, e fechá-la com um chute antes que a primeira doninha passasse.

Agatha curvou-se sob a sombra das sebes imponentes do Rei Arthur. A brisa glacial do telhado penetrou em seus braços nus. Ela não duraria muito tempo ali em cima. Enquanto fixava os olhos na porta, esperando que um professor ou uma ninfa viesse salvá-la, ela viu algo refletido nela.

Agatha virou-se e viu uma silhueta corpulenta em meio à névoa solar. Respirou aliviada. Ao menos por uma vez, estava grata por um menino, e correu em direção ao seu príncipe sem rosto...

Ela deu um salto para trás. A gárgula chifruda irrompeu na neblina e arrebentou as portas com uma bola de fogo. Agatha afundou-se para evitar uma segunda bomba incendiária que ateou fogo ao nicho que abrigava a cena de casamento de Arthur com Guinevere. Ela tentou rastejar para o nicho seguinte, mas a gárgula simplesmente

queimou-os um a um, até que a história do rei transformou-se em uma tempestade de cinzas. Presa em meio às chamas, Agatha olhou para cima, para o demônio que ardia em chamas, enquanto ele a prendia de bruços no chão, com seu pé gélido de pedra. Desta vez não havia como fugir dele. Ela sentiu-se fraquejar e fechou os olhos.

Nada aconteceu.

Ela abriu os olhos e encontrou a gárgula ajoelhada à sua frente, tão perto que pôde ver os reflexos em seus olhos vermelhos. Reflexos de um garotinho assustado.

"Você quer a minha *ajuda*?", sussurrou.

A gárgula piscou de volta, com lágrimas de esperança.

"Mas... mas... eu não sei como fiz", gaguejou. "Foi... um acidente."

A gárgula olhou em seus olhos, e viu que ela estava dizendo a verdade. Ela desabou no chão, espalhando cinzas à sua volta.

Olhando para o monstro, apenas outra criança perdida, Agatha pensou em todas as criaturas deste mundo. Elas não seguiam ordens porque eram leais. Não ajudavam princesas porque eram amáveis. Faziam isso porque, algum dia talvez, a lealdade e o amor fossem retribuídos com uma segunda chance de voltarem a ser humanos. Somente através de um conto de fadas elas poderiam encontrar o caminho de volta. Aos seus eus imperfeitos. Às suas vidas sem histórias. Agora ela também era um desses animais, procurando uma saída.

Agatha abaixou-se e pegou a mão da gárgula.

"Eu gostaria de poder ajudá-la", disse. "Gostaria de poder ajudar todos nós a ir para casa."

A gárgula deitou a cabeça em seu colo. Enquanto o incêndio dos animais empalhados rodeava-as, um monstro e uma garota choravam, nos braços um do outro.

Então Agatha sentiu seu toque pétreo suavizar-se.

A gárgula deu um pulo para trás, em choque. Sua casca e sua pedra racharam-se... suas garras suavizaram-se, transformando-se em mãos... seus olhos iluminaram-se com inocência. Perplexa, Agatha correu para ele, esquivando-se das chamas, no momento em que o rosto do monstro começou a derreter, transformando-se no rosto de um menininho. Com um suspiro de alegria, ela estendeu os braços para ele...

E uma espada espetou seu coração. A gárgula imediatamente voltou a ser de pedra, e soltou um grito pela traição.

Agatha virou-se, horrorizada.

Tedros saltou por uma parede de fogo para cima do crânio chifrudo, empunhando a Excalibur.

"Espere!", ela gritou...

O príncipe, no entanto, estava olhando para as lembranças de seu pai, em chamas. "*Monstro imundo e perverso!*", ele disse, engasgado...

"*Não!*"

Tedros lançou a espada no pescoço da gárgula, e decepou sua cabeça.

"Ele era um menino! Um menininho!", Agatha gritou. "Ele era do Bem!"

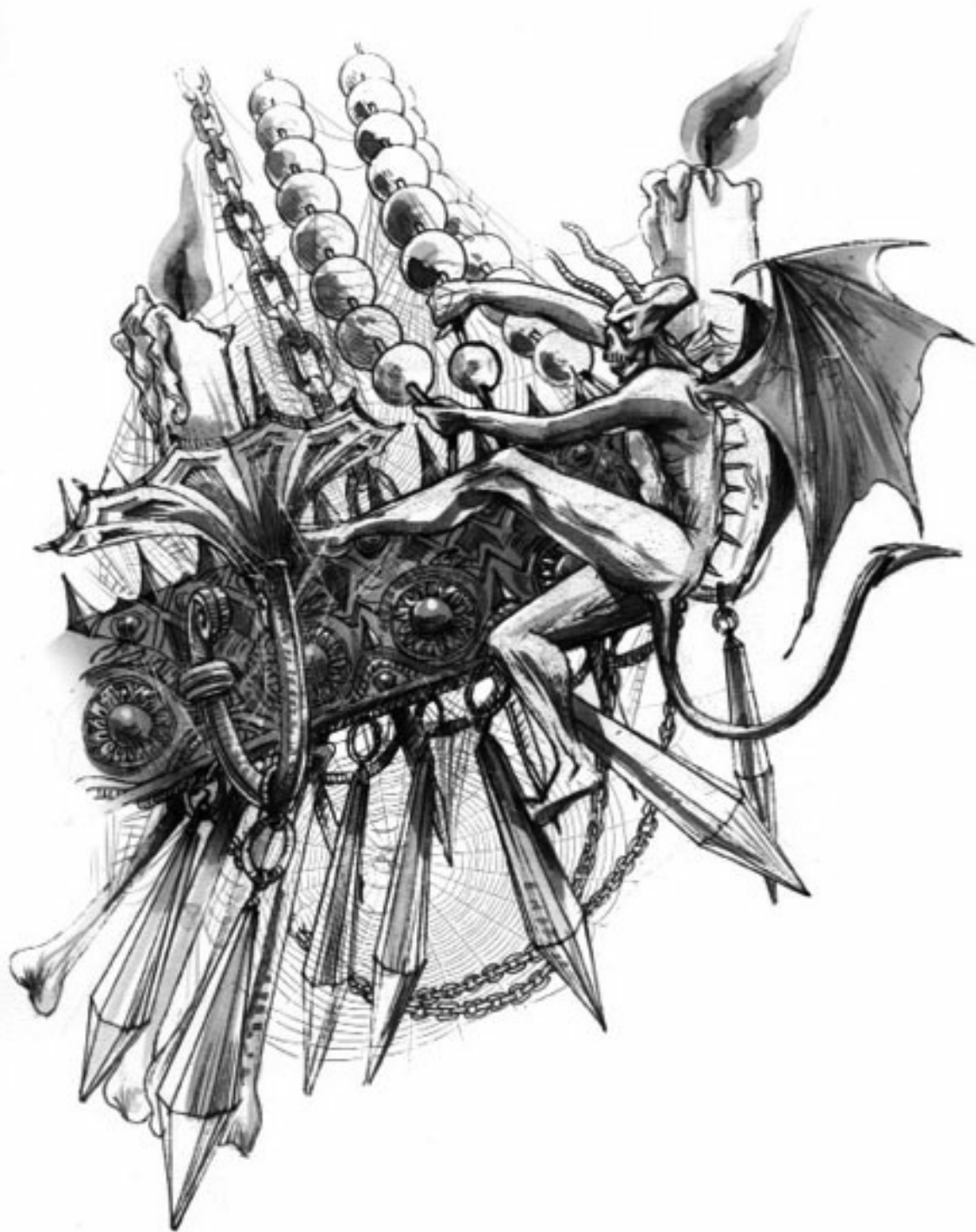
Tedros pulou bem perto do rosto dela. "Agora eu *sei* que você é uma bruxa."

Ela deu-lhe um soco no olho. Antes que pudesse socar o outro, fadas, lobos e professores das duas escolas irromperam na torre, bem a tempo de ver uma onda furiosa bater no telhado em chamas, apartando os inimigos.

9

O show de talentos cem por cento

Sophie tinha certeza de que Beatrix tinha provocado o fogo para chamar a atenção de Tedros. Sem dúvida, ele a tinha salvo da torre em chamas e beijado-a, enquanto o Bem queimava, e eles já haviam marcado a data do casamento. Sophie inventou essa teoria porque isso era o que tinha planejado fazer no almoço. Em vez disso, as aulas foram canceladas também no dia seguinte, deixando-a no quarto, à mercê de três assassinas.

Olhava a vasilha de ferro na cama, com um mingau empapado e pé de porco. Depois de três dias de total inanição, sabia que precisava comer o almoço pavoroso mandado pela escola, mas aquilo era pior que pavoroso. Aquilo era *comida de camponeses*. Ela arremessou o prato pela janela.

"Você sabe onde eu poderia encontrar pepinos neste lugar?", disse Sophie, virando-se.

Hester fez uma cara feia para ela, do outro lado do quarto. "O Ganso. Como fez aquilo?"

"Pela última vez, Hester, eu não *sei*", disse Sophie, com a barriga roncando. "Ele prometeu trocar-me de escola, mas mentiu. Talvez tenha ficado doido depois de colocar tantos ovos. Você conhece uma horta por aqui, com alfafa ou grama, ou..."

"Você *falou* com ele?", disparou Hester, com a boca cheia de pé de porco limoso.

“Bem, não exatamente”, disse Sophie, nauseada. “Mas eu podia ouvir seus pensamentos. Diferentemente de vocês, princesas podem falar com animais.”

“Mas não ouvir seus pensamentos”, disse Dot, lambendo um grude que parecia ter sabor de chocolate. “Para isso, sua alma tem de ser cem por cento pura.”

“Pronto! Sou cem por cento Boa”, disse Sophie, aliviada.

“Ou cem por cento Má”, respondeu Hester. “Depende se acreditamos em você, ou nos stymphs, nos uniformes, no Ganso, e naquela onda monstra.”

Sophie ficou olhando para ela e começou a debochar. “Cem por cento Má? *Eu*? Isso é absurdo! Maluquice! Isso é...”

“Impressionante”, disse Anadil. “Até Hester já poupou um ou dois ratos.”

“E nós todas achando que você era uma incompetente”, Hester disse, olhando Sophie com escárnio. “E você é apenas um *lobo* em pele de cordeiro.”

Sophie tentou parar de rir, mas não conseguia.

“Aposto que ela tem um Talento Especial que vai arrasar com os nossos”, disse Dot, mastigando algo que parecia um pezinho de chocolate.

“Não entendo”, Sophie disse, com sarcasmo. “De onde *vem* todo esse chocolate?”

“O que é?”, Anadil sussurrou. “Qual é o seu talento? Visão noturna? Invisibilidade? Telepatia? Garras venenosas?”

“Não me importa o que é”, rosnou Hester. “Ela não pode superar meu talento. Não importa quão vilã ela seja.”

Agora Sophie ria com tanta força, que estava chorando.

“Escute aqui”, Hester estava furiosa, fechando os punhos ao lado do prato. “Esta é *minha* escola.”

“Pode ficar com sua mísera escola!”, disse Sophie.

“*Eu* sou Capitã da Turma!” rugiu Hester.

“Eu não duvido!”

“E não vai ter *Leitora* nenhuma atrapalhando meu caminho!”

“Será que todos os vilões são engraçados assim?”

Hester soltou um cacarejo irado e arremessou seu prato em Sophie, que se abaixou bem na hora e viu-o espatifar-se no pôster com as palavras *Procura-se* na parede, arrancando a cabeça de Robin. Sophie parou de rir. Ela deu uma espiada por cima da cama chamuscada para ver Hester, com sua silhueta diante da porta aberta, negra como a morte. Por um segundo, Sophie achou que sua tatuagem tinha se mexido.

“Fique esperta, *bruxa*”, vociferou Hester, batendo a porta.

Sophie olhou para baixo, para seus dedos trêmulos.

“E nós aqui achando que ela seria reprovada!”, disse Dot, por trás dela.

Agatha sabia que seria bem ruim, se eles tivessem deixado que um lobo a levasse.

Depois do incêndio, ficou trancada em seu quarto por dois dias, tendo permissão para sair apenas para ir ao banheiro e receber as refeições de legumes crus e suco de ameixa das fadas carrancudas. Finalmente, após o almoço do terceiro dia, o lobo branco veio e a levou. Cravando as garras na manga de seu vestido rosa puxou, passando pelos murais do salão das escadarias, pelos Sempre e pelos professores furiosos, que nem conseguiam olhá-la nos olhos.

Agatha lutou contra as lágrimas. Ela já possuía duas notas de reprovação. Incitar um estampido animal e atear fogo na escola renderam-lhe a terceira. Tudo o que tinha a fazer era fingir que era Boa por alguns dias, mas nem isso ela conseguia. Como pôde pensar que duraria ali? Beleza. Pureza. Virtude. Se era aquilo o Bem, então ela era cem por cento do Mal. Agora seria punida. E Agatha sabia o bastante sobre punições de contos de fadas – desmembrar, estripar, ferver em óleo quente, escalpelar pessoas vivas – para saber que seu fim envolveria sangue e dor.

O lobo arrastou-a pela Torre da Caridade, e passou por um pica-pau que bicava a nova tabuleta de avaliações na porta da Sala de Embelezamento.

"Vamos até o Diretor da Escola?", perguntou Agatha.

O lobo bufou. Ele arrastou-a até a sala no fim do corredor e bateu uma vez.

"Entre", disse uma voz baixa, de dentro.

Agatha olhou nos olhos do lobo. "Eu não quero morrer."

Pela primeira vez, seu olhar de deboche abrandou-se.

"Eu também não queria."

Ele abriu a porta e empurrou-a para dentro.

Aparentemente, o incêndio havia sido finalmente controlado, porque as aulas foram retomadas após o almoço do terceiro dia, e Sophie viu-se em uma sala de aula úmida e bolorenta, cuja matéria era Talentos Especiais. Contudo, ela mal podia focar sua atenção em qualquer coisa, com sua barriga roncando. Hester lançava-lhe seus olhares assassinos, e Dot cochichava com outros Nunca sobre a companheira de quarto "cem por cento do Mal". Tinha dado tudo errado. Ela havia começado a semana tentando provar que era uma princesa. Agora estavam todos convencidos de que ela seria a Capitã do Mal.

A aula de Talentos Especiais era ministrada pela professora Sheeba Sheeks, uma mulher rechonchuda e com furúnculo nas duas bochechas. "Todo vilão tem um talento!", ela gritou, com sua voz cantarolada, andando de um lado para o outro, com um traje apertado de veludo vermelho e ombreiras pontudas. "Mas nós temos que transformar seu arbusto em árvore!"

Como desafio do dia, cada Nunca tinha que mostrar um talento único à turma. Quanto mais potente fosse o talento, mais alta seria a avaliação do aluno. No entanto,

os cinco primeiros não apresentaram nada, e Vex ficou choramingando, dizendo que nem *conhecia* seu talento.

“É isso que você vai dizer ao Diretor da Escola, no Circo?”, perguntou, num estrondo, a professora Sheeks. “‘Não conheço meu talento’, ou ‘não tenho talento’, ou ‘não gosto do meu talento’, ou ‘quero trocar de talento com a Rainha da Frescura?’”

“Ela me enganou até o finzinho”, disse Dot.

“Todo ano, o Mal perde o Circo de Talentos!”, Sheeba gritou. “O Bem canta uma canção, ou balança uma espada, ou limpa os traseiros, e vocês não conseguem arranjar nada melhor? Não têm orgulho? Vocês não têm vergonha? Chega! Não me interessa se transformam homens em pedras, ou homens em cocô! Escutem Sheeba, e serão o número um!”

Vinte pares de olhos encaravam-na. “Quem é o próximo pirralho?”, ela disse, bem alto.

As lastimáveis demonstrações prosseguiram. Mona, que tinha a pele verde, fez seus lábios reluzirem em vermelho. (“Porque todo príncipe tem medo de árvore de Natal”, gemeu Sheeba.) Anadil fez seus ratos crescerem um centímetro. Hort fez nascer um pelo em seu peito, Arachne fez saltar seu único olho, Ravan arrotou fumaça, e bem na hora em que a professora estava totalmente farta, Dot tocou a carteira e transformou-a em chocolate.

“Mistério solucionado”, Sophie maravilhou-se.

“Nunca vi um festival tão grande de inutilidades em toda a minha vida”, Sheeba disse.

Hester era a próxima. Encarando Sophie, ela pegou a mesa com as duas mãos, apertando-a cada vez com mais força, até que cada veia dela estufou-se sob sua pele vermelha.

“Se transforma em melancia”, Sophie bocejou. “Muito especial, de fato.”

Então algo moveu-se no pescoço de Hester, e a turma congelou. Sua tatuagem mexeu-se novamente, como uma pintura que ganha vida. O demônio de crânio vermelho abriu uma das asas, depois a outra, virou sua cabeça chifruda para Sophie, e abriu seus olhos rasgados e vermelhos. O coração de Sophie disparou.

“Eu lhe disse para ficar esperta”, Hester sorriu.

O demônio saltou da pele e disparou na direção de Sophie, lançando labaredas vermelhas em sua cabeça. Estarrecida, ela caiu para trás quando tentou desviar-se, derrubando uma prateleira de livros no chão. A fera, do tamanho de um sapato, lançou-lhe um raio que ateou fogo em seu uniforme, e Sophie rolou no chão para apagar as chamas. “SOCOOORRO!”

“Use seu talento, sua loura incompetente!”, Sheeba gritou, sacudindo os quadris.

“Ela deveria cantar”, palpitou Dot. “Mataria todos na sala.”

Hester ordenou a seu demônio um segundo ataque, só para vê-lo emaranhar-se em uma teia de aranha do candelabro. Sophie engatinhou por trás da última fileira, e vislumbrou um livro caído, *Enciclopédia de vilões*, e rapidamente folheou as páginas. *Banshee, Beanighe, Berserker...*

"Sophie, ande logo!", Hort gritou.

Sophie virou-se e viu a fera alada irromper da teia de aranha, enquanto os olhos de Hester faiscavam, percorrendo a sala. Ela folheava desesperadamente. *Morcegos da cripta, ciclopes... demônios!*

Dez páginas em letras miúdas. *Demônios são seres sobrenaturais que se apresentam em uma quantidade impressionante de formas, todos com forças e fraquezas...*

Sophie virou-se. O demônio estava a cinco palmos de distância...

"Seu *talento*!", rugiu Sheeba.

Sophie arremessou o livro no demônio e errou. Com um sorriso letal, ele segurou um raio, como um punhal. Sheeba saltou para interferir, e Anadil a fez tropeçar. Dando um grito agudo, o demônio mirou o rosto de Sophie. Contudo, ao lançar o raio, Sophie subitamente lembrou-se de um talento que todas as meninas boas tinham...

Amigos.

Ela voltou-se para a janela e soltou um assobio maravilhoso, em busca de um animal bondoso que viesse salvar sua vida...

Vespas negras entraram pela janela, e enxamearam o demônio.

Hester deu um salto para trás, como se tivesse sido apunhalada.

Os olhos de Sophie arregalaram-se de terror. Ela assobiou novamente, mas agora morcegos entraram, cravando os dentes no demônio, enquanto as vespas continuavam a ferroá-lo. O demônio encolheu-se no chão como uma mariposa queimada. Sentada em seu lugar, Hester foi ficando com a pele branca e pegajosa, sem sangue.

Alarmada, Sophie assobiou ainda mais alto, mas então vieram nuvens de abelhas e gafanhotos, cercando a criatura espumante, enquanto Hester entrava em convulsão violenta.

No canto, Sophie estava paralisada, enquanto os vilões gritavam, afastando os bichos do demônio com livros e cadeiras, mas o enxame era impiedoso e atacava brutalmente, até que Hester deu seus últimos suspiros.

Sophie jogou-se sobre o demônio enfiando as mãos no enxame...

"*PAREM*!"

O enxame parou totalmente. Como crianças que receberam uma bronca, eles afastaram-se obedientemente, e saíram pela janela em uma nuvem escura.

Gemendo, o demônio ferido esticou as garras para Hester, e despencou de volta em seu pescoço. Hester engasgou e tossiu muco, depois de quase morrer. Ela ficou boquiaberta, olhando Sophie, tomada de medo.

Sophie aproximou-se para ajudá-la. "Não tive a intenção... eu queria um pássaro, ou um..." Hester encolheu-se com seu toque.

"Princesas chamam animais!", Sophie gritou, no silêncio. "Eu sou Boa! Cem por cento Boa!"

"Obrigada, Belzebu!"

Sophie voltou-se para a professora.

"Parece uma princesa! Age como uma princesa! Mas é uma *bruxa*", Sheeba disse, cambaleando para ficar em pé. "Guardem minhas palavras, suas inúteis! Essa vai ganhar a Coroa do Circo!"

Pela segunda vez seguida em dois desafios, Sophie viu a avaliação máxima, em fumaça vermelha, pairando acima de sua cabeça.

Em pânico, ela virou-se para apelar para as colegas de turma, mas elas já não a olhavam com desprezo ou deboche. Elas olhavam-na com uma expressão diferente.

Respeito.

Seu lugar como Vilã Número Um ficava mais garantido a cada minuto.

De perto, a professora Clarissa Dovey, com seu coque grisalho e rosto rosado, parecia ainda mais afável, e com um ar de avó. Agatha não poderia desejar uma carrasca melhor.

"Eu preferiria que o Diretor da Escola tratasse dessas coisas", disse a professora Dovey, folheando papéis sob um peso de cristal em formato de abóbora. "Mas todos nós sabemos como ele é a respeito de sua privacidade."

Finalmente, ela olhou para cima, para Agatha. Ela não mais pareceu afável.

"Tenho uma escola repleta de alunos aterrorizados, dois dias de aula para repor, quinhentos animais cujas memórias precisam ser apagadas, uma ala de salas de aula que foi *comida*, um relicário reduzido a cinzas, e uma gárgula decapitada enterrada debaixo de tudo isso. E você sabe por quê?"

Agatha não conseguia fazer com que as palavras saíssem de sua garganta.

"Porque você desobedeceu a uma simples ordem de Pólux", disse a professora Dovey. "E isso quase custou vidas." Ela lançou um olhar que constrangeu Agatha e voltou aos seus papéis.

Agatha olhou pela janela, para as margens do lago onde os Sempre estavam terminando o almoço de frango assado com mostarda, espinafre, crepes de queijo gruyère e taças de cidra de maçã. Ela podia ver Tedros representando a cena dos animais empalhados para uma plateia enfeitiçada, mostrando seu olho roxo como uma medalha de honra.

"Posso pelo menos me despedir da minha amiga?", disse Agatha, com os olhos enchendo-se de lágrimas. Ela virou-se para a professora Dovey.

"Antes que vocês... me matem?"

“Isso não será necessário.”

“Mas eu preciso vê-la!”

A professora Dovey olhou para ela. “Agatha, você foi avaliada em primeiro lugar por sua atuação em Comunicação Animal, e muito legitimamente. Somente um talento raro consegue fazer um desejo tornar-se realidade. E embora haja diferentes percepções do que aconteceu exatamente no telhado, devo acrescentar que qualquer pupilo desta escola que arriscasse a vida para ajudar uma gárgula...” Os olhos dela brilharam e, por um momento, também o cisne prateado em seu vestido. “Bem, isso sugere Bondade além de qualquer medida.”

Agatha ficou olhando para ela, sem conseguir falar nada.

“Mas se você desobedecer outra ordem direta de um professor, Agatha, eu lhe garanto que será reprovada. Entendido?”

Agatha concordou, aliviada.

Ela ouviu risos lá fora e virou-se, vendo os colegas de Tedros chutarem um boneco feito de travesseiros, pernas de gravetos, olhos de carvão e espinhos pretos como cabelos. Uma flecha subitamente espetou sua cabeça, lançando penas para todos os lados. Uma segunda flecha atravessou seu coração.

Os meninos pararam de rir e viraram-se. Do outro lado do gramado, Tedros jogou seu arco no chão, e saiu andando.

“Quanto à sua amiga, ela está indo muito bem onde está”, disse a professora Dovey, folheando outros papéis. “Mas você poderá perguntar a ela pessoalmente. Ela estará em sua próxima aula.”

Agatha não estava ouvindo. Seus olhos ainda estavam na boneca de olhos mortos, sangrando penas ao vento.

A boneca que era igualzinha a ela.

10
Grupo ruim

"Quem mais está em nosso grupo?" Agatha perguntou a Sophie, rompendo a tensão.

Sophie não respondeu. Na verdade, ela agia como se Agatha nem estivesse ali.

A última aula do dia, Sobrevivendo a Contos de Fadas, era a única que misturava alunos do Bem e do Mal. Depois que a professora Dovey ordenou que os meninos Sempre fossem ao setor de Armamentos para devolver suas armas pessoais – única maneira de acalmar Lady Lesso, furiosa por ter perdido uma gárgula para a espada de Tedros – as duas escolas apresentaram-se nos portões da Floresta Azul, onde as fadas dividiram-nas em Grupos Florestais, com oito Sempre e oito Nunca em cada grupo. Enquanto outros alunos encontravam seus líderes (um ogro para o Grupo 2, um centauro para o Grupo 8, uma ninfa lírio para o Grupo 12), Agatha e Sophie foram as primeiras a chegar debaixo de uma bandeira, estampada com um 3 vermelho-sangue.

Agatha tinha tanto a dizer a Sophie sobre sorrisos, peixes e incêndios, e, mais do que tudo, sobre aquele filho nojento do Rei Arthur, mas Sophie nem olhava para ela.

"Não podemos simplesmente ir pra casa?", implorou Agatha.

"Por que *você* não vai pra casa, antes que seja reprovada, ou acabe virando uma toupeira?" Sophie estava enfurecida. "Você está na *minha* escola."

"Então por que eles não nos deixam trocar?"

Sophie virou-se para ela. "Por você... porque nós..."

"Precisamos ir para casa", Agatha encarava-a.

Sophie esboçou seu sorriso mais bondoso. "Cedo ou tarde, eles verão o que é certo."

"Eu diria que cedo", uma voz falou.

Elas viraram-se e viram Tedros, de camisa chamuscada e com o olho inchado, azul e roxo.

"Se você está ansioso por algo para matar, que tal matar-se dessa vez?", disparou Agatha.

"Um 'obrigada' já seria suficiente", Tedros disparou de volta. "Arrisquei minha vida para matar aquela gárgula."

"Você matou uma criança inocente!", Agatha gritou.

"Eu salvei você da morte contra todo instinto e razão!", rugiu Tedros.

Sophie ficou olhando os dois, boquiaberta. "Vocês *se* conhecem?"

Agatha virou-se para ela. "Você acha que ele é seu príncipe? Ele é apenas um saco de vento que não consegue encontrar nada pra fazer além de ficar se mostrando por aí com metade do corpo nu, e enfiar o nariz onde não deve!"

"Ela só está zangada porque me deve a sua vida", Tedros bocejou, coçando o peito. Ele sorriu para Sophie. "Então, você acha que sou seu príncipe?"

Sophie corou delicadamente, da forma como havia ensaiado antes da aula.

"Eu sabia que era um erro, no evento de boas-vindas", disse o príncipe, estudando-a com olhos azuis inquietos. "Uma menina como você não deveria estar nem perto do Mal." Ele virou-se para Agatha com uma careta. "E uma bruxa como você não deveria estar nem perto de alguém como ela."

Agatha deu um passo na direção dele. "Em primeiro lugar, esta bruxa por acaso é *amiga* dela. Em segundo, por que você não vai brincar com os seus amigos antes que eu faça seus dois olhos combinarem?"

Tedros riu com tanta força que teve de se segurar no portão. "Uma princesa amiga de uma bruxa! Isso sim é um conto de fadas."

Agatha franziu o rosto para Sophie, esperando que ela a defendesse. Sophie engoliu em seco, e virou-se para Tedros.

"Bem, é engraçado você dizer isso, porque uma princesa certamente não pode ser amiga de uma bruxa, claro, mas isso não depende do *tipo* de bruxa? Quer dizer, qual é exatamente a *definição* de uma bruxa..."

Agora Tedros franzia o rosto para ela.

"É... quer dizer, o que estou tentando dizer é que..."

Sophie desviou o olhar de Tedros para Agatha, de Agatha para Tedros...

Ela entrou na frente de Agatha, e pegou a mão de Tedros.

"Meu nome é Sophie, e eu gosto do seu hematoma."

Agatha cruzou os braços.

"Ora, ora", disse Tedros, olhando nos olhos verdes provocantes de Sophie. "Como é que você está sobrevivendo naquele lugar?"

"Porque eu sabia que você me salvaria", disse Sophie, ofegante.

Agatha tossiu para lembrá-los de que ela ainda estava ali.

“Você só pode estar brincando”, disse uma voz feminina atrás deles.

Eles viraram-se e viram Beatrix, debaixo do maldito “3”, junto com Dot, Hort, Ravan, Millicent e o restante de seu Grupo Florestal. Se alguém mapeasse todos os olhares maldosos lançados naquele momento, o resultado final se assemelharia a um prato de espaguete.

“Humm”, disse uma voz vinda de baixo.

Eles olharam para baixo e viram um gnomo de um metro de altura em um buraco no chão, franzindo o rosto, com uma pele enrugada e marrom, um casaco verde acinturado e um chapéu laranja pontudo.

“Grupo ruim”, ele murmurou.

Resmungando ruidosamente, Yuba, o gnomo, saiu de sua toca, abriu o portão com seu bastão branco, e levou os alunos para dentro da Floresta Azul.

Por alguns momentos, todos se esqueceram de seus rancores e deslumbraram-se com o maravilhoso mundo azulado em volta deles. Cada árvore, flor e folha de grama cintilava em um tom diferente de azul. Raios delgados de sol brilhavam por entre coberturas de folhas, iluminando troncos azul-turquesa e flores azul-marinho. Alces alimentavam-se de arbustos azuis celestes, corvos e rouxinóis piavam em urtigas cor de safira, esquilos e coelhos perambulavam por entre roseiras azul-cobalto, até juntarem-se a cegonhas que bebiam água de um lago azul-ultramarino. Nenhum animal parecia arisco, ou minimamente incomodado pelo passeio dos alunos. Embora Sophie e Agatha sempre tivessem associado florestas a perigo e escuridão, essa inspirava-lhes a paz e a vida. Pelo menos até verem um bando de ossudos pássaros stymph que dormiam em seus ninhos azuis.

“Eles deixam esses pássaros circular perto dos alunos?”, perguntou Sophie.

“Eles dormem durante o dia. São totalmente inofensivos”, Dot sussurrou de volta. “A menos que um vilão os desperte.”

Enquanto seus alunos o seguiam, Yuba prosseguia contando a história da Floresta Azul, com sua voz falhada e rouca. Era uma vez um tempo em que não havia aulas mistas na Escola do Bem e do Mal. Em vez disso, os alunos graduavam-se direto de suas escolas para treinar na Floresta Sem Fim. Antes de poderem engajar-se em uma batalha, porém, os alunos do Bem e do Mal inevitavelmente tornavam-se presas de javalis famintos, duendes em busca de alimento, aranhas mal-humoradas, e, ocasionalmente, da tulipa carnívora.

“Nós tínhamos descartado o óbvio”, disse Yuba. “Um aluno não pode sobreviver em seu conto de fadas se não sobreviver à floresta.”

Então a escola criou a Floresta Azul, como território de treinamento. A folhagem azulada, sua marca registrada, surgiu de encantamentos de proteção que mantinham os

intrusos do lado de fora, enquanto lembravam aos alunos de que isso era apenas uma imitação de uma floresta mais traiçoeira.

Quão traiçoeira era a mata verdadeira, os alunos puderam sentir em primeira mão, quando Yuba deixou-os passar pelos Portões do Norte. Embora ainda houvesse luz do sol no início da noite de outono, a mata escura e densa repelia-a como um escudo. Era uma floresta de noite eterna, com cada pedacinho de verde enegrecido pela sombra. À medida que seus olhos foram ajustando-se à escuridão, os alunos puderam ver um caminho de terra por entre as árvores, como uma linha da vida que vai sumindo na palma da mão de um velho. Dos dois lados do caminho, vinhas estrangulavam as árvores em touceiras grossas, portanto, quase não havia vegetação rasteira entre elas. O que restara do solo da floresta havia sido enterrado sob espinhos retorcidos, galhos pontiagudos e teias enfileiradas. Nada disso, porém, amedrontava os alunos tanto quanto os sons que vinham da escuridão além da trilha. Gemidos e uivos ecoavam das entranhas da floresta, enquanto chiados e rosnados acrescentavam uma harmonia demoníaca.

Então os alunos começaram a ver o que estava produzindo os sons. Pares de olhos observavam-nos das profundezas cor de ônix – olhos vermelhos e amarelos, endiabrados, piscando, sumindo, depois ressurgindo mais perto do que antes. Os ruídos terríveis iam ficando mais altos, os olhos demoníacos multiplicavam-se, a vegetação rasteira estalava com vida, e bem na hora que os alunos viram os contornos sorrateiros surgindo na neblina...

"Por aqui", Yuba chamou-os.

Todos dispararam dos portões e seguiram o gnomo rumo a uma clareira azul, sem sequer olhar para trás.

Antigamente, Sobrevivendo a Contos de Fadas era uma disciplina como qualquer outra, Yuba explicou, em cima de um toco de árvore azul-turquesa, e os alunos eram classificados de 1 a 16 para cada desafio. Agora, no entanto, havia algo mais em jogo: duas vezes por ano, cada um dos quinze grupos mandava seus melhores alunos Sempre e Nunca para competir na Prova dos Contos. Yuba não disse mais sobre aquela competição misteriosa, exceto que os vencedores receberiam cinco classificações extras de primeiro lugar. Os alunos em seu grupo entreolharam-se, pensando a mesma coisa. Quem ganhasse a Prova dos Contos certamente seria Capitão da Turma.

"Agora há cinco regras que separam o Bem do Mal", disse o gnomo, e escreveu-as no ar, com sua vareta de fumaça.

1. O Mal *ataca*. O Bem *defende*.
2. O Mal *pune*. O Bem *perdoa*.
3. O Mal *machuca*. O Bem *ajuda*.
4. O Mal *toma*. O Bem *dá*.

5. O Mal *odeia*. O Bem *ama*.

“Contanto que obedeçam às regras de seu lado, vocês têm as melhores chances possíveis de sobreviver em seu conto de fadas”, disse Yuba, ao grupo reunido na grama azul-marinho. “Claro que essas regras devem vir com naturalidade. Vocês foram escolhidos por suas escolas, precisamente porque as demonstram no nível mais alto!”

Sophie queria gritar. *Ajudar? Dar? Amar?* Isso era sua vida! Isso era sua alma!

“Mas primeiro vocês precisam aprender a reconhecer o Bem e o Mal”, disse Yuba. “Na floresta, as aparências frequentemente enganam. A Branca de Neve quase pereceu, porque achou que uma velha era bondosa. Chapeuzinho Vermelho se viu na barriga de um lobo por não saber a diferença entre um familiar e um inimigo. Até a Bela teve dificuldade para distinguir entre uma besta horrenda e um príncipe nobre. Tudo isso foi sofrimento desnecessário. Pois não importa quão bem disfarçados o Bem e o Mal estejam, eles sempre podem ser identificados. Vocês precisam olhar atentamente. E precisam lembrar-se das regras.”

Para o desafio da turma, Yuba anunciou que cada aluno tinha que distinguir entre um Sempre e um Nunca disfarçados, observando o seu comportamento. Quem identificasse corretamente o aluno do Bem e o aluno do Mal no tempo mais curto, receberia a primeira colocação.

“Eu nunca pratiquei nenhuma dessas regras do Mal”, Sophie murmurou, ao lado de Tedros. “Se eles ao menos soubessem de todas as minhas boas ações!”

Beatrix virou-se “Os Nunca não deveriam falar com os Sempre.”

“Sempre não deveriam chamar os Sempre de Nunca”, Sophie retorquiu.

Beatrix pareceu confusa, enquanto Tedros conteve um sorriso.

“Você precisa provar que eles trocaram você e a bruxa”, ele sussurrou para Sophie, depois que Beatrix virou-se de novo. “Ganhe o desafio e eu mesmo irei até a professora Dovey. Se a gárgula não a convenceu, isso a convencerá.”

“Você faria isso... por mim?”, disse Sophie, de olhos arregalados.

Tedros tocou sua túnica preta. “Não posso flertar com você vestindo isso, posso?”

Sophie queimaria o uniforme ali mesmo, se pudesse.

Hort ofereceu-se para ir primeiro. Assim que ele amarrou a venda nos olhos, Yuba espetou seu bastão em Millicent e Ravan, que magicamente giraram em seus uniformes rosa e preto, ficando cada vez menores, até que deslizaram para fora deles, como duas cobras idênticas.

Hort tirou a venda.

“Então?”, perguntou Yuba.

“Parece a mesma coisa pra mim”, disse Hort.

“Teste-os!”, Yuba ralhou. “Use as regras!”

“Eu nem me lembro das regras”, disse Hort.

“Próximo”, disse o gnomo.

Para a vez de Dot, ele transformou Beatrix e Hort em unicórnios. No entanto, depois um unicórnio começou a copiar o outro, e vice-versa, até que ambos circulavam fazendo mímicas idênticas. Dot coçou a cabeça.

“Regra um! O Mal *ataca*! O Bem *defende*!”, rugiu Yuba. “Quem começou, Dot?”

“Ah! Podemos começar de novo?”

“Não é apenas ruim”, resmungou Yuba. “*Péssimo*!”

Ele fixou os olhos, vendo a lista de nomes. “Quem gostaria de ser disfarçado para Tedros?”

Todas as garotas Sempre ergueram as mãos.

“Você ainda não foi”, disse Yuba, apontando para Sophie. “Nem você”, disse ele a Agatha.

“Minha avó poderia acertar essa”, murmurou Tedros, apertando sua venda.

Agatha foi marchando diante da turma e ficou ao lado de Sophie, que corava feito uma noiva.

“Agatha, ele não se importa com a escola em que estou, ou com a cor dos meus olhos ou do meu uniforme”, Sophie disse, efusiva. “Ele vê quem eu sou.”

“Você nem o conhece!”

Sophie corou. “Você não está... feliz por mim?”

“Ele não sabe nada de você!”, Agatha disparou de volta. “Ele só vê sua aparência!”

“Pela primeira vez na minha vida eu sinto que alguém me entende”, Sophie suspirou.

A mágoa apertou a garganta de Agatha. “Mas e quanto... quer dizer... você disse...”

Sophie olhou nos olhos dela. “Você tem sido uma amiga muito boa, Agatha. Mas nós estaremos em escolas diferentes, não é?”

Agatha se virou.

“Pronto, Tedros! Vai!” Yuba sacudiu a vareta e as duas garotas explodiram de suas roupas, transformando-se em duendes magrinhos e fedorentos.

Tedros tirou a venda e deu um salto para trás, tampando o nariz. Sophie enlaçou as garras verdes e bateu os cílios para ele. Com as palavras de Sophie latejando em sua cabeça, Agatha amuou-se e desistiu.

“Parece óbvio demais”, disse Tedros, olhando a duende paqueradora.

Sophie parou de bater os cílios, confusa.

“E aquela bruxa é mais habilidosa do que você pode imaginar”, disse Tedros, olhando as duas duendes.

Agatha revirou os olhos. Esse menino tinha o cérebro de um amendoim.

“Sinta com o coração, não com a mente!”, Yuba gritou para o príncipe.

Fazendo uma careta, Tedros fechou os olhos. Por um instante, o príncipe hesitou. Contudo, depois, ele sentiu-se fortemente inclinado na direção de uma das duendes.

Sophie engasgou. Não era ela.

Tedros estendeu a mão e tocou o rosto úmido e verrugoso de Agatha. "Essa é Sophie." Ele abriu os olhos. "Essa é a princesa."

Agatha ficou olhando para Sophie, emudecida.

"Espere. Eu estou certo", disse Tedros. "Não é?"

Por um instante, tudo ficou em silêncio.

Sophie atacou Agatha. "*VOCÊ ESTRAGA TUDO!*"

Para todas as outras pessoas, isso saiu como um som embolado, algo como "*GUBBO UUMIE RUAAH*", mas Agatha entendeu perfeitamente.

"Está vendo como ele é imbecil? Ele nem consegue nos distinguir!", Agatha gritou.

"Você o enganou!", Sophie deu um gritinho agudo. "Da mesma forma que enganou o pássaro e a onda e..."

Tedros deu um soco no olho dela.

"Deixe a Sophie em paz!", ele gritou.

Sophie olhou-o, boquiaberta. Seu príncipe acabara de lhe dar um soco. Seu príncipe a confundira com Agatha. Como poderia provar quem ela era?

"Usem as regras!", Yuba gritou de cima de um tronco.

Entendendo subitamente, Sophie deu um salto para cima, de modo que seu corpo calombudo e pintado ficou acima de Tedros, e ela acariciou seu peito com sua mão verde gordurosa. "Meu querido Tedros. Eu o *perdoo* por ter me atacado. Só quero *ajudar* você, meu príncipe, a *dar* uma história a nós dois, que nos leve, de mãos dadas, ao *amor*, fazendo-nos felizes para sempre."

Entretanto, tudo o que Tedros ouvia era uma torrente de palavras emboladas, então ele pisou no pé de Sophie e correu em direção a Agatha, de braços estendidos. "Não posso acreditar que você tenha feito amizade com..."

Agatha deu-lhe uma joelhada na virilha.

"Agora eu estou confuso", Tedros respirou ofegante e desmoronou.

Gemendo de dor, ele esticou o pescoço e viu Sophie empurrar Agatha para dentro de uma moita de mirtilo, Agatha revidar e bater em Sophie com um esquilo, e as duas duendes verdes irem de lá para cá, batendo uma na outra, como crianças agitadas pelo excesso de açúcar.

"Eu nunca irei para casa com você!", gritou Sophie.

"*Ooooh, Ooooh!* Case comigo, Tedros!", Agatha estrilou.

"Pelo menos eu *vou* me casar!"

A briga foi aumentando, e chegou a um clímax terrível, com Sophie batendo em Agatha com uma abobrinha azul, Agatha sentando-se na cabeça de Sophie, e a turma fazendo apostas, alegremente, sobre quem era quem...

"Vá para Gavaldon sozinha!", Sophie gritou.

"Melhor sozinha do que com uma falsa!", berrou Agatha.

"Saia da minha vida!"

"Foi você quem entrou na minha!"

Mancando, Tedros entrou no meio das duas...

"*Chega*!"

Foi o momento errado. As duas duendes voltaram-se para o príncipe dando rugidos de romper os tímpanos, e chutaram-no com tanta força que ele caiu por cima dos Grupos 2, 6 e 10, e aterrissou em um monte de cocô de porco.

O couro verde das meninas encolheu, as escamas foram suavizando-se e transformando-se em pele, seus corpos surgiram em roupas humanas... Lentamente, Sophie e Agatha viraram-se, e encontraram o grupo inteiro olhando para elas.

"Bom final", disse Hort.

"Guarde seu veredito", disse Yuba. "Pois quando o Bem age Mal, e o Mal é incompetente, e as regras são infringidas a torto e a direito, até que nem eu possa entender quem é quem... bem, só há um final, de fato."

Dois pares de sapatos de ferro surgiram magicamente nos pés das meninas.

"Credo. São horrendos", Sophie franziu o rosto.

Então os sapatos foram esquentando até escaldarem como brasas.

"Fogo! Pés em fogo!", gritou Agatha, pulando de um lado para outro.

"Faça parar!", gritou Sophie, dançando de dor.

À distância, os lobos uivavam para anunciar o final da aula.

"A turma está dispensada", disse Yuba, e saiu andando.

"E quanto a nós?", gritou Agatha, puxando as solas que queimavam...

"Infelizmente, as punições de contos de fadas têm mente própria", o gnomo gritou de volta. "Terminará quando a lição for aprendida."

A turma seguiu-o de volta em direção aos portões da escola, deixando Sophie e Agatha dançando com os sapatos amaldiçoados. Tedros passou mancando pelas meninas punidas, coberto de limo e cocô. Ele lançou-lhes, igualmente, olhares repulsivos.

"Agora eu vejo por que vocês duas são amigas."

Conforme o príncipe seguiu pelo mato, as meninas viram Beatrix seguindo ao seu lado. "Eu sabia que ambas eram do Mal", ela disse, quando eles desapareceram por trás dos carvalhos.

"Isso... é... culpa... sua!", Sophie gritou para Agatha, dançando em agonia.

"Por favor... faça... parar", disse Agatha.

Os sapatos, porém, não mostravam piedade. A cada minuto eles ficavam mais quentes, até que as duas meninas não conseguiam nem gritar. Nem mesmo os animais conseguiam assistir a tanto sofrimento, e ficaram distantes.

A tarde transformou-se em crepúsculo, depois caiu a noite, e elas ainda dançavam feito malucas, girando, suando, de dor e desespero. A queimação ardia em seus ossos, o fogo tornou-se seu sangue, e elas logo desejaram que aquele sofrimento terminasse a

qualquer custo. A morte sabia quando era chamada. Todavia, quando as duas meninas renderam-se às suas mãos cruéis, raios de sol irromperam na escuridão, bateram em seus pés – e os sapatos esfriaram.

As meninas desmoronaram de tanto tormento.

“Pronta para ir para casa?”, Agatha disse, ofegante.

Sophie olhou para ela, branca como um fantasma.

“Achei que você nunca fosse perguntar.”

11

A charada do Diretor da Escola

Enquanto as duas escolas dormiam, duas cabeças surgiram na superfície do fosso negro. Sophie e Agatha espiavam a torre fina e prateada que dividia o lago e o lodo. Longe demais para nadar. Alta demais para escalar. Um ciclone de fadas guardava o pináculo, enquanto um exército de lobos armados com bestas pregava placas de madeira ao redor da base.

"E você tem certeza de que ele está lá em cima?" perguntou Sophie.

"Eu o *vi*."

"Ele precisa nos ajudar! Não posso voltar para aquele lugar!"

"Bom, nós simplesmente imploramos por piedade até que ele nos mande pra casa."

"Como se isso fosse funcionar", Sophie bufou. "Deixe-o comigo."

As meninas tinham passado duas horas matutando sobre todas as possibilidades de fuga. Agatha achava que elas tinham que ir escondidas para a floresta e encontrar o caminho de volta a Gavaldon. Sophie, porém, frisou que mesmo que conseguissem passar pelas serpentes do portão, e por outras armadilhas estúpidas, elas simplesmente acabariam perdidas. ("Deve haver um bom motivo para que o nome seja Floresta Sem Fim.") Em vez disso, ela propôs que procurassem vassouras, tapetes mágicos ou qualquer outra coisa nos armários da escola que pudesse fazer com que sobrevoassem a floresta.

"E para que direção voaríamos?", perguntou Agatha.

As duas descartaram outras opções: deixar um rastro de farelos de pão (isso nunca dava certo); procurar um caçador, ou um anão gentil (Agatha não confiava em estranhos); fazer um pedido para uma fada madrinha (Sophie não confiava em mulheres gordas); até que, finalmente, só restou uma.

Contudo, agora, olhando para cima, para a fortaleza do Diretor da Escola, elas tinham perdido toda a esperança.

"Nunca chegaremos lá em cima", Sophie suspirou.

Agatha ouviu um grasnido à distância.

"Afaste esse pensamento."

Pouco tempo depois, elas estavam de volta à Floresta Azul, cobertas de lodo, observando um ninho de imensos ovos negros, por detrás de um arbusto. Na frente do ninho, cinco pássaros stymphs, esqueléticos, dormiam na grama índigo, manchada pelo sangue de um bode comido pela metade.

Sophie fez uma cara feia. "Estou de volta onde comecei, coberta de grude fedorento, e só Deus sabe quantas moscas comedoras de carne e... o que está *fazendo*?"

"Assim que eles atacarem, nós montamos."

"Assim que eles *o quê*?"

Então, Agatha já estava na ponta dos pés, indo em direção aos ovos.

"Os sapatos queimaram seus miolos!", sussurrou Sophie.

Enquanto Agatha se aproximava do ninho, ela teve uma visão mais próxima dos stymphs adormecidos, de seus dentes afiados, de suas garras retorcidas e seus rabos pontudos, que arrancavam carne de ossos. Duvidando, repentinamente, de seu plano, Agatha recuou, tropeçou em um galho, e caiu em cima da perna de um bode, provocando um estalo ruidoso. Os stymphs abriram os olhos. O coração dela disparou.

A menos que um vilão os desperte.

O vestido rosa não os enganaria.

Agatha encarou os demônios que despertavam. Ela não podia desistir agora! Não depois de fazer Sophie querer voltar para casa! Ela avançou em direção ao ninho, roubou um ovo e partiu para o ataque...

"Não posso olhar, não posso olhar...", Sophie sussurrava, espiando por entre os dedos, esperando ver sangue e membros voando.

Os pássaros, no entanto, cruéis, farejavam Agatha como se fossem cachorrinhos em busca de leite.

"Aaah! Isso faz cócegas!", ela deu um gritinho. Sophie cruzou os braços.

Recostando-se para trás, Agatha entregou o ovo a ela. "Sua vez."

"Ora, por favor, se eles gostam de você, vão querer *casar* comigo. Animais *veneram* princesas", disse Sophie, desfilando em direção aos pássaros...

Os stymphs soltaram um grito de guerra e avançaram.

"Socooorro!", Sophie jogou o ovo para Agatha, mas os stymphs continuaram a perseguir Sophie, que corria em círculos como uma lunática, com cinco stymphs atrás dela, como em uma perseguição maluca, até que todos esqueceram-se de quem estava perseguindo quem, e os pássaros trombaram uns nos outros, tontos.

"Está vendo, eu os enganei", Sophie disse, radiante.

Um stymph mordeu seu traseiro. “Aaaaiiiii!”, Sophie correu até a árvore mais próxima. Contudo, ela não sabia subir em árvores, então jogou frutinhas no olho da ave, porém ela não tinha olho, e as frutinhas entraram direto pelo buraco do olho e caíram no chão.

Agatha ficou olhando, perplexa.

“Agatha, ele está *vindo*!”

O stymph avançou na direção de Sophie, até parar bem perto e ver Agatha em suas costas.

“Suba logo, sua lerda!”, ela gritou para Sophie.

“Sem uma cela?”, Sophie debochou. “Vai fazer bolhas.”

O stymph avançou na direção dela. Agatha deu uma pancada na cabeça dele e ergueu Sophie pela cintura, jogando-a nas costas do pássaro.

“Segure firme!”, Agatha gritou. O pássaro movia-se violentamente enquanto voava, dando cambalhotas sobre a baía para atirá-las para fora de suas costas. Mais quatro stymphs surgiram de árvores azuis em uma caçada assassina; Agatha chutava-os nas pernas, enquanto Sophie agarrava-se a ela para salvar sua preciosa vida “Esse é o pior plano de *todossss!*” Ouvindo os grasnidos e gritos, as fadas e os lobos olharam para o céu, vendo as intrusas desaparecerem na neblina.

“Lá está a torre!”, gritou Agatha, avistando o pináculo em meio à neblina. A flecha de um lobo passou zunindo entre as costelas do stymph, quase partindo Sophie ao meio. As fadas irromperam pela neblina, lançando teias douradas de suas bocas, e o stymph afundou-se para se desviar delas, girando para se esquivar de uma nova chuva de flechas dos lobos. Dessa vez, nenhuma das duas conseguiu se segurar, e caíram das costas do bicho.

“Nããããão!”, gritou Agatha...

Sophie segurou o último osso do rabo do stymph. Agatha pegou a pontinha do sapato de cristal de Sophie... “Nós vamos morrer!”, berrou Sophie.

“Apenas segure!”, gritou Agatha.

“Minhas mãos estão suando!”

“Nós vamos morrer!”

O stymph aproximou-se da parede da torre. Mas bem na hora em que ele ia bater o rabo para esmagá-las, Agatha viu uma janela iluminada através da neblina.

“Agora!”, gritou Agatha. Dessa vez, Sophie ouviu.

Redes douradas foram lançadas de todas as direções, e o stymph soltou um grito impotente. Então, enquanto as fadas viam-no mergulhar para a morte, elas entreolhavam-se curiosas.

Não havia ninguém em sua garupa.

A colisão da aterrissagem pela janela deixou o lado direito inteiro de Sophie com hematomas e o pulso de Agatha cortado. A dor, porém, significava que elas ainda estavam vivas. A dor significava que ainda havia esperança de chegar em casa. Num coro de gemidos, elas cambalearam e ficaram em pé. Então, Sophie viu o pior estrago.

"Meu sapato!" Ela segurou o salto de vidro que agora era só um toquinho. "Era uma peça única", lamentou ela. Agatha ignorou-a, e foi mancando até uma câmara cinzenta e escura, mal iluminada pela luz que entrava pela janela.

"Olá?", Agatha gritou. Os ecos morreram sem resposta.

As meninas adentraram mais pela sala sombria. Prateleiras de livro feitas de pedra cobriam paredes de tijolos cinzentos, abarrotadas do chão ao teto por capas coloridas. Sophie tirou a poeira de uma prateleira e leu as letras prateadas elegantes nas lombadas de madeira do livro: *Rapunzel*, *O osso cantador*, *A polegarzinha*, *O rei sapo*, *Capitão O'Rushes*, *Os seis cisnes*... Todas as histórias que as crianças de Gavaldon costumavam devorar. Ela olhou para Agatha, que fazia a mesma descoberta, do outro lado da sala. Elas estavam na biblioteca de todos os contos de fadas que já haviam sido escritos.

Agatha abriu *A Bela e a Fera*, e viu que estava escrito com a mesma letra elegante da lombada, ilustrado com pinturas vibrantes como as que havia no saguão das duas escolas. Então ela abiu *Os sapatinhos vermelhos*, *Pele de Asno* e *A rainha da neve*, e descobriu que também haviam sido escritos pela mesma letra majestosa.

"Agatha?"

Agatha seguiu o olhar de Sophie até a parte mais escura da sala. Através da sombra, ela pôde identificar uma mesa de pedra branca junto à parede. Havia algo pairando sobre ela: um longo e fino punhal, que flutuava magicamente em pleno ar.

Agatha correu os dedos pela superfície suave da mesa, e pensou em todas as lápides vazias atrás de sua casa, esperando por corpos. Os olhos de Sophie estavam fixos na faca flutuante, sinistramente imóvel, alguns palmos acima da pedra branca.

Foi quando ela viu que não era um punhal.

"É uma caneta", ela disse, baixinho.

Era feita de puro aço, e tinha o formato de uma agulha de tricô, letalmente afiada em ambas as pontas. Um dos lados da caneta estava gravado com uma escrita profunda que ia de uma ponta à outra.

Subitamente, a caneta refletiu o sol, e lançou raios dourados que cegavam em todas as direções. Agatha desviou-se do clarão. Quando olhou novamente, Sophie estava

subindo na mesa.

"Sophie, não!"

Sophie caminhou em direção à caneta, de olhos arregalados, e corpo rígido. O mundo ao seu redor dissipou-se em um borrão cinzento. Só o que permanecia era a caneta tremulante e afiada, as palavras estranhas refletindo em seus olhos petrificados. Em algum lugar, lá no fundo, ela sabia o que significavam. Ela estendeu a mão para pegar a ponta.

"Não!", gritou Agatha.

A pele de Sophie tocou o aço gélido, e o sangue estava prestes a pingar...

Agatha voou pra cima dela, e as duas garotas desabaram na mesa. Sophie saiu de seu transe e olhou para Agatha, desconfiada.

"Estou em uma mesa. Com você."

"Você estava prestes a tocá-la!", gritou Agatha.

"Ahn? Por que eu tocaria uma..."

Os olhos dela desviaram-se para a caneta, que já não estava mais imóvel. Ela balançava, a um centímetro dos rostos delas, apontando para o meio das duas, com sua ponta mortalmente afiada, como se decidisse quem matar primeiro.

"Não se *mexa*", disse Agatha, com os dentes cerrados.

A caneta flamejava, em vermelho vivo.

"Mexa-se!", ela gritou.

A caneta avançou, e as duas rolaram para fora da mesa, vendo sua ponta afiada desviar-se para o lado logo antes de bater na pedra. Uma lufada de fumaça preta e um livro surgiram subitamente sobre a mesa, abaixo da caneta, encadernado com madeira avermelhada. A caneta abriu a capa na primeira página em branco, e começou a escrever:

"*Era uma vez duas meninas.*"

A mesma caligrafia elegante de todas as outras. Um conto de fadas novinho em folha.

Sophie e Agatha ficaram olhando, aterrorizadas.

"Ora, mas que estranho", disse uma voz bondosa.

As meninas viraram-se novamente. Não havia ninguém ali.

"Os alunos da minha escola treinam e esforçam-se durante quatro anos, aventuram-se na floresta, procuram por seus Nêmesis, lutam batalhas cruéis... tudo isso apenas pela *esperança* de que o Storian possa contar sua história."

As meninas olhavam em volta. Não havia ninguém na sala. Então elas viram suas sombras fundindo-se na parede, formando a sombra que as raptara. As meninas viraram-se lentamente.

"E aqui começa uma história para duas novatas do primeiro ano, não qualificadas, não treinadas, *intrusas* e desajeitadas", disse o Diretor da Escola.

Ele usava uma túnica prateada, que cobria seu porte esguio e curvo, escondendo mãos e pés. Uma coroa enferrujada repousava no centro de seus cabelos volumosos e assombrosamente brancos. Uma máscara prateada reluzente cobria cada pedacinho de seu rosto, revelando apenas seus olhos azuis cintilantes e lábios grossos, que esboçavam um sorriso malicioso.

"Ele deve desconfiar de um bom final."

O Storian mergulhou na página:

"*Uma delas era linda e adorável e a outra era uma bruxa solitária.*"

"Eu gosto da nossa história", disse Sophie.

"Ainda não chegou na parte em que seu príncipe lhe dá um soco", disse Agatha.

"Vamos pra casa", Sophie disse de mau humor.

Elas olharam para cima e viram o Diretor da Escola observando-as.

"Leitores são imprevisíveis, é claro. Alguns resultam em nossos melhores alunos. A maioria tem sido um grande fracasso." Ele olhou as torres à distância, virando-se de volta para as meninas. "Mas isso só demonstra quão confusos os Leitores se tornaram."

O coração de Agatha disparou. Essa era a chance delas. Ela deu um solavanco em Sophie. "Vai!"

"Não posso!", sussurrou Sophie.

"Você disse pra deixá-lo com você!"

"Ele é *velho* demais!"

Agatha deu-lhe uma cotovelada nas costelas, e Sophie retribuiu.

"Muitos membros do corpo docente dizem que eu sequestro vocês, que eu os roubo e trago-os contra sua vontade", disse o Diretor da Escola.

Agatha deu um chute em Sophie para que ela seguisse em frente.

"Mas a verdade é que eu os liberto."

Sophie engoliu em seco e tirou o sapato quebrado.

"Vocês merecem vidas extraordinárias."

Sophie aproximou-se sorrateiramente do Diretor da Escola, erguendo o salto quebrado.

"Vocês merecem a chance de saber *quem são*."

O Diretor da Escola virou-se para Sophie, com o sapato posicionado acima de seu coração.

"Nós exigimos nossa liberação!", Agatha gritou.

Silêncio.

Sophie caiu de joelhos. "Oh, por favor, senhor, nós imploramos por piedade!"

Agatha gemeu.

"O senhor me trouxe para o Bem", Sophie soluçava, "mas eles me colocaram na Escola do Mal, e agora meu vestido é preto e meu cabelo está sujo e meu príncipe me odeia e minhas colegas de quarto são assassinas, e não há Salas de Embelezamento para

as Nuncas, portanto...", ela soltou um lamento de soprano, "Eu estou *fedendo*." Ela chorava por entre suas mãos.

"Então, vocês gostariam de trocar de escolas?", perguntou o Diretor da Escola.

"Nós gostaríamos de ir pra casa", disse Agatha.

Sophie olhou para ele, animada. "Podemos trocar de escola?"

O Diretor da Escola sorriu. "Não."

"Então gostaríamos de ir pra casa", disse Sophie.

"*Perdidas em uma terra estranha, as meninas queriam ir pra casa*", anotou o Storian.

"Já mandamos alunos para casa, no passado", o Diretor disse, com a máscara prateada tremulando. "Por doença, incapacidade mental, pedido de uma família influente..."

"Então você *pode* nos mandar pra casa!", disse Agatha.

"Sim, eu poderia", disse o Diretor, "Se vocês não estivessem no meio de um conto de fadas." Ele olhou para a caneta do outro lado da sala. "Vejam, uma vez que o Storian começa a sua história, receio que precisemos continuá-la até onde ela levá-las. Agora, a questão é 'Será que sua história as levará para casa?'"

O Storian mergulhou na página: "*Garotas estúpidas! Estavam presas pela eternidade!*"

"Era o que eu desconfiava", disse o Diretor.

"Então, não há como voltar pra casa?", perguntou Agatha, com os olhos cheios d'água.

"Não, a menos que esse seja o seu final", respondeu o Diretor. "E voltar para casa juntas é um final bem forçado para duas garotas que lutam em lados opostos, não acham?"

"Mas nós não queremos lutar!", disse Sophie.

"Estamos do mesmo lado!", disse Agatha.

"Somos amigas!", afirmou Sophie, pegando a mão de Agatha.

"*Amigas*!", o Diretor da Escola admirou-se.

Agatha pareceu igualmente admirada, sentindo o aperto da mão de Sophie.

"Ora, isso certamente muda as coisas." O Diretor andava de um lado para o outro, como um pato trêmulo. "Sabem, uma princesa e uma bruxa jamais podem ser amigas em nosso mundo. Não é natural. É impensável. É impossível. O que significa que se vocês de fato são amigas... Agatha não pode ser uma princesa e Sophie não pode ser uma bruxa."

"Exatamente!", disse Sophie. "Porque eu sou a princesa e ela é a bru...", Agatha chutou-a.

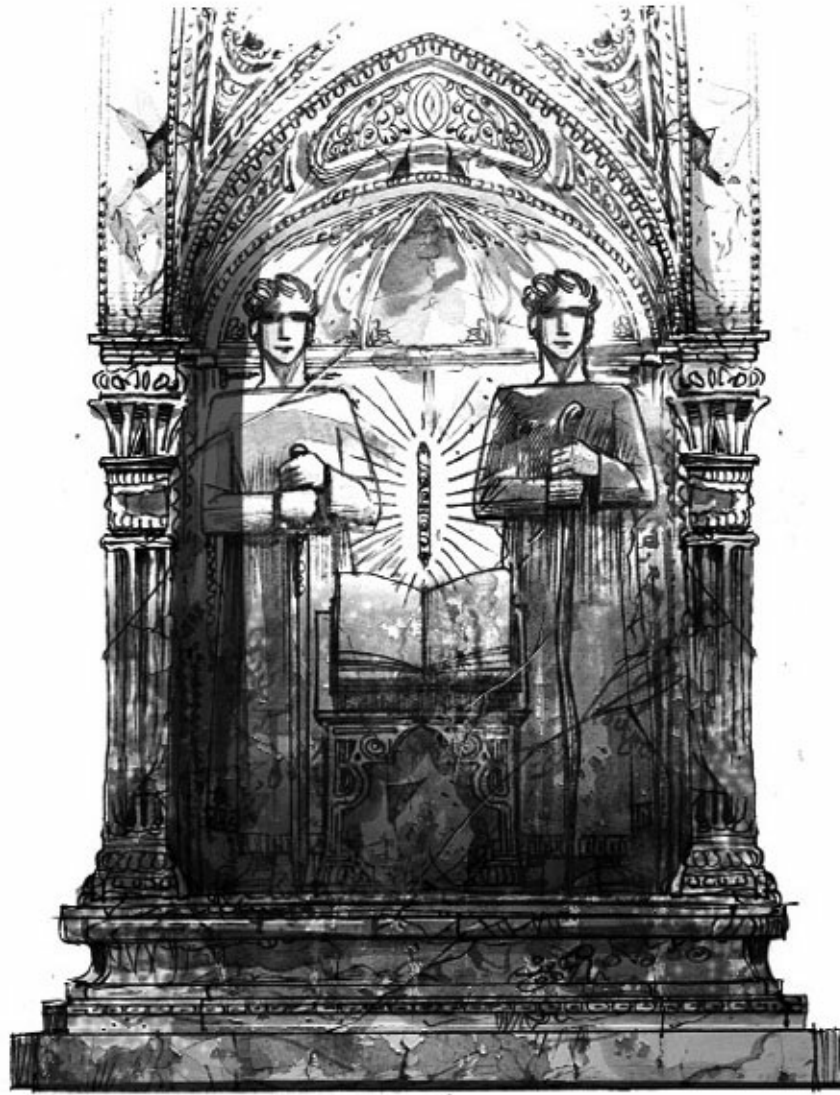
"E se Agatha não é uma princesa e Sophie não é uma bruxa, então, eu claramente entendi errado, e vocês realmente não pertencem ao nosso mundo", ele continuou, caminhando devagar. "No final das contas, talvez seja verdade o que todos dizem a meu respeito."

“Que o senhor é Bom?”, disse Sophie.
“Que estou velho”, disse o Diretor, suspirando na janela.
Agatha não podia conter sua empolgação. “Então podemos ir para casa agora?”
“Bem, é uma questão delicada provar tudo isso.”
“Mas eu tentei!”, disse Sophie. “Tentei provar que não sou uma vilã!”
“E eu tentei provar que não sou princesa!”, disse Agatha.
“Ah, mas neste mundo só há um meio de provar quem você é.”
O Storian parou sua escrita agitada, sentindo um momento crucial. O Diretor da Escola lentamente virou-se. Pela primeira vez seus olhos azuis adquiriram um brilho de perigo.
“Qual é a única coisa que o Mal *jamais* poderá ter... e que o Bem jamais viverá *sem*?”
As meninas entreolharam-se.
“Então nós solucionamos sua charada e o senhor... nos manda pra casa?”, perguntou Agatha, esperançosa.
O Diretor afastou-se. “Espero não ver nenhuma das duas novamente. A menos que queiram um fim um tanto depressivo para a sua história.”
Subitamente, a sala começou a desfazer-se em um borrão branco, como se a cena estivesse sendo apagada diante dos olhos delas.
“Espere!”, Agatha gritou. “O que está fazendo?”
Primeiro sumiram as estantes de livros, depois as paredes...
“Não! Nós queremos ir pra casa agora!”, Agatha gritou.
E então o teto, a mesa, o chão ao redor delas... – as duas atiraram-se em um canto para evitar ser apagadas...
“Como o encontraremos?! Como respond...”, Agatha abaixou a cabeça, para proteger-se de um clarão. “Você está trapaceando!”
Sophie viu o Storian do outro lado da sala, escrevendo furiosamente para acompanhar o conto de fadas das duas. A caneta sentiu o seu olhar, pois as palavras que saíam do aço subitamente começaram a escrever em vermelho, e o coração de Sophie voltou a arder com um entendimento secreto. Amedrontada, ela agarrou-se a Agatha...
“Seu bandido! Seu tirano! Seu velho mascarado!”, Agatha gritou. “Estamos muito bem sem você! Leitores estão bem sem você! Fique em sua torre, com suas máscaras e canetas, e fique fora da nossa vida! Está me ouvindo? Roube crianças de outras vilas e deixe-nos em paz.”
A última coisa que elas viram foi o Diretor da Escola virando-se da janela, sorrindo, em um mar de branco.
“Que outras vilas?”
O chão sumiu debaixo dos pés das meninas, e elas mergulharam em queda livre no nada, com as últimas palavras do Diretor ecoando, misturando-se aos chamados dos lobos para a aula matinal...

Elas acordaram, cegas pelo clarão do sol, mergulhadas em uma poça de suor. Agatha procurou por Sophie. Sophie procurou por Agatha. Contudo, elas viram-se nas próprias camas, em torres bem separadas.

12
Becos sem saída

A manhã começou de forma miserável para as duas meninas. Além de não terem dormido absolutamente nada, estavam de volta em suas escolas trocadas, para mais um dia de aulas desprezíveis. Pior ainda, nenhuma delas sabia a resposta para a charada do Diretor da Escola, e tampouco poderiam pensar nisso até a hora do almoço. E como se não bastasse, a briga que tiveram como duendes tinha se tornado o assunto do momento nas duas escolas.

No Enfeiamento, Sophie tentou ignorar todas as ironias e focar-se na lição de Manley sobre o uso apropriado das capas. Isso exigia extrema concentração, por causa dos olhares vingativos de Hester, e do fato de que as capas poderiam ser usadas para proteção, invisibilidade, disfarce, ou voo, dependendo de seu tecido e sua textura, e cada tipo exigia encantamentos diferentes. Manley vendou os alunos para o desafio da aula, no qual tinham que correr para identificar o tecido das capas recebidas e colocá-las em uso.

"Eu não sabia que magia era algo tão complicado", Hort murmurou, tocando sua capa para ver se era seda ou cetim.

"E são apenas capas", disse Dot, cheirando a sua. "Espere até fazermos os feitiços!"

Entretanto, se havia uma coisa que Sophie conhecia bem eram roupas. Ela reconheceu a pele de cobra sob seus dedos, disse mentalmente o encanto e ficou invisível sob sua capa preta. O feito rendeu-lhe outra avaliação máxima, e um olhar tão letal de Hester que ela achou que pegaria fogo.

Do outro lado do fosso, Agatha não conseguia dobrar uma esquina sem ver Tedros e seus amigos imitando seus saltos de duende, uivando sua linguagem embolada e batendo uns nos outros com abóboras. Em qualquer lugar aonde fosse, Tedros e companhia seguiam-na, zurrando e grunhindo a plenos pulmões, até que ela finalmente pegou uma abóbora e acertou o peito de Tedros.

"O único motivo para que isso tenha acontecido é porque você me escolheu. VOCÊ ME ESCOLHEU, seu assassino tedioso e sem cérebro!"

Tedros engasgou, pasmo, enquanto ela saía tempestuosamente.

"Você escolheu a *bruxa?*", perguntou Chaddick.

Tedros virou-se e viu os meninos encarando-o. “Não, eu... ela me enganou... eu não...” Ele puxou a espada. “Quem quer lutar?”

Como o Refúgio de João e Maria ainda estava em ruínas, as aulas foram transferidas para as salas comuns da torre. Agatha seguiu a massa de Sempre pelo passadiço, que ligava todas as torres do Bem através de um ziguezague de passagens de vidros coloridos, bem acima do lago. Enquanto atravessava por um passadiço roxo rumo à torre da Caridade, ela afastou-se das garotas fofoqueiras e ponderou profundamente sobre a charada do Diretor da Escola, até que olhou em volta e viu que estava totalmente sozinha. Depois de passar pela lavanderia cheia de bolhas de sabão, onde as ninfas esfregavam os vestidos, de desviar-se das panelas encantadas que faziam o almoço no Salão de Refeições, e de ficar presa no sanitário dos professores, Agatha finalmente seguiu seu rumo para a Câmara da Caridade. Os sofás cor-de-rosa já estavam cheios, e nenhuma das meninas abriu espaço para ela. Bem na hora em que ela ia sentar-se no chão...

“Sente-se aqui!”

Kika, a menina meiga de cabelos curtos, chegou para o lado. Enquanto as outras riam, Agatha espremeu-se ao lado dela. “Elas vão odiá-la, você sabe, não?”, ela murmurou.

“Não entendo como podem se achar do Bem e ser tão rudes”, sussurrou Kika.

“Talvez porque eu tenha quase incendiado a escola.”

“Elas só estão com inveja. Você consegue fazer desejos tornarem-se realidade. Nenhuma de nós consegue fazer isso ainda.”

“Foi um acaso. Se eu pudesse fazer desejos tornarem-se realidade, eu estaria em casa, com a minha amiga e meu gato.” Pensar em Reaper fez Agatha procurar outro assunto. “É... como é aquele menino que você desejou?”

“Tristan?”, o rosto de Kika murchou. “Ele gosta da Beatrix. Todos os meninos gostam da Beatrix.”

“Mas ele lhe deu a sua rosa”, disse Agatha, lembrando-se do desejo dela, no lago.

“Por acidente. Eu pulei na frente da Beatrix para pegá-la”, Kika lançou um olhar feio para Beatrix. “Você acha que ele me levará ao Baile? Todos os meninos não vão poder levar aquela loba.”

Agatha deu uma risadinha. Depois franziu o rosto. “Que Baile?”

“O Baile da Neve dos Sempre! É na véspera do Natal, e nós todas precisamos encontrar um menino para nos levar ou seremos reprovadas! Somos classificados como duplas, com base em nossa apresentação, postura e dança. Por que você acha que todas desejamos meninos diferentes lá no lago? Meninas são práticas desse jeito. Os meninos todos só querem a mais bonita.” Kika sorriu. “Em quem você está de olho?”

Antes que Agatha vomitasse, as portas foram escancaradas, e uma mulher peituda entrou, usando um turbante vermelho e um lenço que combinava com seu vestido,

cheia de base no rosto, lápis preto grosso nos olhos, brincos ciganos de argola e pulseiras que tilintavam.

"É... professora Anêmona?", Kika olhou, pasma.

"Eu sou Scherezade", a professora retumbou, falando com um sotaque ridículo. "Rainha da Pérsia. Sultana dos Sete Mares. Vejam minha beleza do deserto."

Ela arrancou o lenço e fez uma terrível dança do ventre. "Vejam como eu seduzo com meus *quadris*!" Ela pôs o véu no rosto e piscou como uma coruja. "Vejam como eu provoco com meus *olhos*!" Ela sacudiu os seios e tilintou as pulseiras ruidosamente. "Vejam como eu me torno a *Sedutora* da Meia-Noite!"

"Está mais para um kibe defumado", murmurou Agatha. Kika riu.

O sorriso da professora Anêmona desapareceu, assim como seu sotaque. "E eu aqui pensando que lhes ensinaria a sobreviver às Mil e Uma Noites – maquiagem pronta para as dunas, vestes árabes, e até uma apropriada Dança dos Sete Véus –, mas talvez eu deva começar com algo menos *divertido*." Ela apertou o turbante.

"As fadas alertaram-me que doces estão desaparecendo do Refúgio de João e Maria, mesmo enquanto está sendo consertado. Como vocês sabem, nossas salas de aula são feitas de doces como um lembrete de todas as tentações que vocês enfrentarão além de nossos portões", os olhos dela estreitaram-se. "Mas nós sabemos o que acontece às meninas que comem doce. Uma vez que começam, não conseguem parar. Elas desviam-se do caminho. Tornam-se presas para as bruxas. Empanturram-se de prazer até morrerem obesas, solteiras e cobertas de *verrugas*."

As meninas já estavam escandalizadas de alguém ter sido capaz de vandalizar a torre, que dirá de uma pessoa que estragasse a silhueta com doces. Agatha tentou parecer igualmente escandalizada. Foi quando marshmallows caíram de seu bolso, seguidos por um pirulito azul, um pedaço de pão de mel e dois tijolos de chocolate. Foram vinte suspiros simultâneos.

"Eu não tive tempo para tomar café!", Agatha insistiu. "Não comi na noite passada!"

Mas ninguém se condoeu, incluindo Kika, que parecia lamentar-se por ter sido tão legal com ela. Culpada, Agatha cutucava o cisne em seu peito.

"Você vai lavar a louça do jantar pelas próximas duas semanas, Agatha", disse a professora. "Um lembrete útil de uma das coisas que as princesas possuem e as vilãs, não."

Agatha deu um salto, ficando em pé. A resposta!

"Uma *dieta* apropriada", bufou a professora Anêmona.

Enquanto a professora divulgava mais segredos sobre a beleza árabe, Agatha ficou amuada no sofá. Uma aula e seus problemas já tinham se multiplicado. Entre o terror de um baile obrigatório, uma semana lavando louça, e um futuro coberto de verrugas, ela percebeu quão depressa precisava resolver a charada do Diretor da Escola.

“Que tal envenenar sua comida?”, bradou Hester.

“Ela não come”, disse Anadil, andando ao lado dela pelo Salão da Malícia.

“Que tal batom envenenado?”

“Eles nos trancariam na Sala da Condenação durante semanas!”, disse Dot, andando com dificuldade para acompanhar o passo.

“Não me importa como faremos, nem quanto ficaremos encrencadas”, estrilou Hester. “Eu quero aquela cobra *fora daqui*.”

Ela escancarou a porta do Quarto 66 e encontrou Sophie aos prantos na cama.

“Ora, a cobra está chorando”, disse Anadil.

“Você está bem, amor?”, perguntou Dot, subitamente com pena da garota que ela deveria matar.

Debulhando-se em lágrimas, Sophie contou tudo o que havia acontecido na torre do Diretor da Escola.

“... Mas agora há uma charada e eu não sei a resposta, e Tedros acha que sou uma bruxa porque eu fico ganhando os desafios, e ninguém entende que o motivo para que eu ganhe é que sou boa em *tudo*!”

Hester estava pronta para estrangulá-la bem ali. Então seu rosto mudou.

“Essa charada. Se você responder... você vai pra casa?”

Sophie assentiu.

“E nunca mais teremos que vê-la?”, perguntou Anadil.

Sophie assentiu.

“Nós vamos respondê-la”, as colegas de quarto disseram.

“Vão?”, Sophie piscou.

“Sabe o quanto você quer ir pra casa?”, perguntou Hester.

“Nós desejamos ainda mais que você vá”, disse Anadil.

“Bem, pelo menos vocês acreditam em mim”, Sophie franziu o rosto, limpando as lágrimas.

“Culpada até que se prove inocente”, disse Hester. “É o jeito dos Nunca.”

“Mas eu não contaria nada disso a um Sempre. Eles vão achar que você é doida de pedra”, disse Anadil.

“Foi isso o que eu pensei, mas quem mente sobre infringir tantas *regras*?”, disse Dot, fracassando ao tentar transformar seu emblema de cisne em chocolate. “Realmente, esse pássaro é incorrigível.”

“Como é o Diretor da Escola?”, Hester perguntou a Sophie.

“Ele é velho. Muito, muito velho.”

“E você realmente *viu* o Storian?”, perguntou Anadil.

“Aquela caneta esquisita? Ela escrevia sobre nós, o tempo todo.”

“Ela o *quê*?”, disseram as três meninas ao mesmo tempo.

“Mas você está na escola!”, disse Hester.

“O que pode acontecer na *escola* que seja digno de um conto de fadas?”, disse Anadil.

“Tenho certeza de que é só um engano como todo o resto”, Sophie fungou. “Eu só preciso resolver essa charada, dizer ao Diretor e puf! Estou fora deste lugar amaldiçoado. Simples.”

Ela viu as meninas trocarem olhares. “Não é?”

“Há duas charadas aqui”, disse Anadil, olhando Hester. “A charada do Diretor da Escola.”

Hester virou-se para Sophie. “E o motivo para que ele queira que você a resolva.”

Se havia uma palavra que Agatha detestava mais do que “baile” era “dança”.

“Toda Boa garota tem que dançar no Baile”, disse Pólux, oscilando em pernas de mula na Câmara da Coragem.

Agatha tentava não respirar. A sala cheirava a couro e colônia, e tinha sofás marrons, um tapete com uma cabeça de urso, livros sobre caça e montaria, e uma cabeça de alce que ostentava, obscenamente, galhadas imensas. Ela sentia falta da Escola do Mal e seu fedor de cemitério.

Pólux conduzia as meninas nas danças para o Baile dos Sempre, mas Agatha não conseguiu acompanhar nenhuma, pois ele ficava caindo e murmurando que “Isso faria sentido depois que ele conseguisse seu corpo de volta”. Depois de tropeçar com o casco no tapete, enroscar-se nas galhadas e cair de traseiro na lareira, Pólux latiu dizendo que eles “já tinham chegado ao ponto”, e foi até um grupo de fadas que tocava violinos. “Toquem uma *volta* italiana!”

Elas o fizeram, depressa como um raio, com Agatha passando de parceira em parceira, de cintura em cintura, girando cada vez mais depressa, até ver tudo como um borrão. Seus pés pegavam fogo. Todas as meninas da sala eram Sophie. *Os sapatos*! Estavam de volta! “Sophie! Eu estou indo!”, gritou...

De repente estava no chão.

“Há momentos apropriados para desmaiar”, Pólux fez uma cara feia. “Este não é um.”

“Eu *tropecei*”, Agatha respondeu.

“Suponhamos que você desmaie durante o *Baile*! Caos! Massacre!”

“Eu não desmaiei!”

“Esqueça o baile! Seria um Massacre da Meia-Noite.”

Agatha o encarava. “Eu. Não. *Desmaio*.”

Quando as meninas chegaram às margens da Baía do Meio do Caminho para a aula de Comunicação Animal, a professora Dovey estava esperando. “A princesa Uma adoeceu.”

As meninas lançaram olhares azedos para Agatha, já que seu fiasco do Peixe do Desejo certamente era o motivo. Sem ninguém para acompanhá-las e por ter sido avisada tão em cima da hora, a professora Dovey deu-lhes o período livre. “Alunas com avaliações superiores podem usar a Sala de Embelezamento. Alunas com avaliações mais baixas devem utilizar esse tempo para refletir sobre sua mediocridade!”

Enquanto Beatrix e suas sete subordinadas seguiram faceiras para a Sala de Embelezamento para fazer as unhas, a segunda metade das meninas apressou-se para assistir ao treino de esgrima, pois os meninos treinavam sem camisa. Enquanto isso, Agatha foi até a Galeria do Bem, esperando inspirar-se para responder à charada.

Enquanto seus olhos percorriam as esculturas, as vitrines e as criaturas empalhadas acesas por tochas rosadas, lembrou-se do decreto do Diretor da Escola, de que uma bruxa e uma princesa jamais poderiam ser amigas. Mas *por quê*? Algo teria que surgir entre elas. Isso certamente seria a coisa misteriosa que uma princesa podia ter e uma vilã não. Ela pensou no que podia ser, até que seu pescoço ficou vermelho e começou a pinicar. E nada de resposta.

Mais uma vez, ela viu-se impelida a ir ao nicho do canto, que abrigava as pinturas dos Leitores de Gavaldon. Agatha lembrou-se da professora Dovey conversando com aquela mulher de maxilares tensos. “Professor Sader”, elas haviam chamado o artista. O mesmo Sader que lecionava História de Heroísmo? Essa não era a sua próxima aula?

Dessa vez, Agatha passou pelas pinturas lentamente. Ao fazê-lo, ela notou que a paisagem evoluía de uma moldura para a outra: mais lojas surgiam na praça, a igreja mudava de cor, passando de branco para vermelho, dois moinhos surgiam atrás do lago – até que a vila passou a parecer-se com a que ela havia deixado. Agora ainda mais confusa, passava pelas pinturas, até que uma delas a fez parar.

Enquanto as crianças liam livros de contos de fadas na escada da igreja, o sol iluminava uma menina de casaco roxo e chapéu amarelo com girassóis. Agatha chegou o nariz bem perto da menina. *Alice*? Só podia ser. A filha do confeiteiro vestia o mesmo casaco e chapéu ridículos todos os dias de sua vida até ser sequestrada, oito anos antes. Do outro lado da pintura, um raio de sol iluminava um menino magro, de preto, que batia em um gato com uma vareta. *Rune*. Agatha lembrava-se dele tentando arrancar um olho de Reaper, antes de sua mãe colocá-lo para correr com um cabo de vassoura. Rune também havia sido levado naquele ano.

Ela rapidamente passou à pintura seguinte, na qual muitas crianças faziam fila na frente da loja do Sr. Deauville, mas o sol iluminava somente duas: o ousado Bane, mordendo a menina à sua frente, e o quieto e belo Garrick. Os dois meninos haviam sido levados quatro anos antes.

Suando, Agatha lentamente virou-se para ver a pintura seguinte. Enquanto algumas crianças liam no alto de uma colina esmeralda, outras duas sentavam-se mais abaixo,

iluminadas, na margem do lago. Uma menina de preto que jogava fósforos acesos na água. Uma menina de rosa que enchia bolsas com pepinos.

Sem ar, Agatha voltou correndo pelo corredor. Em cada pintura, a luz escolhia duas crianças: uma inteligente e justa, a outra estranha e carrancuda. Agatha recuou do nicho e subiu no lombo de uma vaca empalhada, para que pudesse ver todas as pinturas de uma só vez, pinturas que lhe diziam três coisas sobre esse professor Sader...

Ele podia circular entre o mundo real e o mundo dos contos de fadas. Ele sabia por que as crianças eram trazidas de Gavaldon.

E ele podia ajudá-las a voltar para casa.

Quando as fadas tilintaram, anunciando o início da aula seguinte, Agatha irrompeu no Teatro das Fábulas e espremeu-se ao lado de Kika, enquanto Tedros e seus meninos jogavam handball diante da fênix esculpida na frente do palco de pedra.

"Tristan nem me deu oi", disse Kika. "Talvez ele ache que tenho verrugas, agora que falei com você..."

"Cadê o Sader?", perguntou Agatha.

"*Professor* Sader", disse uma voz.

Ela ergueu os olhos e viu um belo professor de cabelos grisalhos, dando um sorriso enigmático enquanto subia para o palco com seu terno verde-musgo. O homem que havia sorrido pra ela no saguão e na ponte.

O professor Pirado.

Agatha suspirou. Ele certamente a ajudaria, se gostava tanto dela.

"Como vocês sabem, eu dou a quarta aula tanto aqui quanto no Mal, e infelizmente não posso estar nos dois lugares ao mesmo tempo. Sendo assim, vou alternar as semanas entre as escolas", disse, ajustando o apoio para os livros. "Nas semanas em que eu não estiver aqui vocês terão ex-alunos que virão relatar suas aventuras nas Florestas Sem Fim. Eles serão responsáveis por seus desafios semanais, portanto, por favor, confiram a eles o mesmo respeito que conferem a mim. Finalmente, pelo fato de que sou responsável por um número vasto de alunos, e uma quantidade vasta de histórias, eu não tenho horário fixo, e não responderei às suas perguntas, nem dentro nem fora da sala de aula."

Agatha tossiu. Como poderia obter respostas se ele não permitia perguntas?

"Se vocês *tiverem* perguntas", disse Sader, com os olhos castanhos fixos, sem piscar, "certamente encontrarão as respostas no texto, *A história de um aluno na Floresta*, ou nos outros livros de minha autoria, estão disponíveis na Biblioteca da Virtude. Agora, hora da chamada. Beatrix?"

"Sim."

"Mais uma vez, Beatrix."

"Bem aqui", Beatrix respondeu.

"Obrigado, Beatrix. Kika!"

"Presente!"
"Novamente, Kika."
"Estou aqui, professor Sader!"
"Excelente. Reena!"
"Sim."
"Novamente?"
Agatha gemeu. Nesse ritmo, eles ficariam ali até o meio-dia.
"Tedros!"
"Aqui."
"Mais alto, Tedros."
"Minha nossa, ele é surdo?", Agatha resmungou.
"Não, sua boba", disse Kika. "Ele é cego."
Agatha bufou. "Não seja ridí..."
Os olhos vidrados. A associação dos nomes com as vozes. A forma como ele segurava o apoio de livros.
"Mas suas pinturas!", Agatha gritou. "Ele já viu Gavaldon! Ele nos viu!"
Foi quando o professor Sader cruzou seu olhar com o dela e sorriu, como se para lembrá-la de que ele nunca havia visto nada mesmo.

"Então, deixe-me esclarecer", disse Sophie. "Primeiro, havia dois Diretores na Escola. E eles eram irmãos."
"Gêmeos", disse Hester.
"Um Bom e um Mal", disse Anadil.
Sophie prosseguiu por uma série de murais de mármore lascado, construídos no Salão do Mal. Coberto por algas esmeralda e ferrugem azulada e iluminado por chamas esverdeadas, o salão parecia uma catedral que tivesse ficado submersa pela maior parte de sua existência.
Ela parou em um, que mostrava dois jovens em um castelo, mantendo a guarda da caneta encantada que havia visto na torre do Diretor da Escola. Um irmão usava uma túnica negra e o outro, uma túnica branca. No mosaico rachado, ela podia identificar seus belos rostos idênticos, os cabelos assombrosamente claros, e olhos azuis profundos. Contudo, se o rosto do irmão de branco era terno e suave, o do irmão de preto era gélido e rude. Ainda assim, em ambos os rostos havia algo familiar.
"E esses irmãos dirigiam as duas escolas e protegiam a caneta mágica", disse Sophie.
"O *Storian*", Hester corrigiu.
"E o Bem ganhava metade do tempo, e o Mal metade do tempo?"
"Mais ou menos", respondeu Anadil, dando um caramujo de comida para seus ratos no bolso. "Minha mãe costumava dizer que se o Bem disparasse a ganhar, o Mal acharia novos truques, forçando o Bem a melhorar sua defesa e ganhar novamente."

“O equilíbrio da natureza”, disse Dot, mastigando um livro escolar que ela havia transformado em chocolate.

Sophie passou ao mural seguinte, onde o irmão do Mal tinha deixado de administrar pacificamente ao lado do irmão do Bem, para atacá-lo com uma porção de feitiços. “Mas o irmão do Mal achou que pudesse controlar a caneta – é... o *Storian* – e tornar o Mal invencível. Então, ele reuniu um exército para destruir o irmão, e iniciou uma guerra.”

“A *Grande* Guerra”, disse Hester. “Na qual todos tomaram um lado entre o irmão do Bem e o irmão do Mal.”

“E na última batalha entre eles, alguém ganhou”, disse Sophie, olhando o último mural, – um mar de Sempres e Nuncas, curvados diante do Diretor da Escola mascarado, com o Storian reluzente flutuando acima de suas mãos. “Mas ninguém sabe quem.”

“Aprendeu rápido”, Anadil sorriu.

“Mas então as pessoas certamente devem saber se ele é o irmão do Bem ou do Mal, não?”, perguntou Sophie.

“Todos fingem que é um mistério”, disse Hester, “mas, desde a Grande Guerra, o Mal não ganha uma única história.”

“Mas a caneta não escreve só o que acontece na Floresta?”, perguntou Sophie, estudando os símbolos estranhos, no aço do Storian. “*Nós* não controlamos as histórias?”

“E pode acontecer de um dia todos os vilões *morrerem*?”, Hester rugiu. “Aquela *caneta* está forçando nossos destinos. Aquela *caneta* está matando todos os vilões. Aquela *caneta* é controlada pelo Bem.”

“Storian, amor”, disse Dot. “Não uma caneta.”

Hester arrancou o livro de sua boca.

“Mas se é para morrer todas as vezes, por que dar-se ao trabalho de ensinar os vilões?”, questionou Sophie. “Para que sequer existe uma Escola do Mal?”

“Tente fazer essa pergunta a um professor”, palpitou Dot, remexendo a bolsa em busca de um livro maior.

“Certo, então os vilões não podem mais ganhar”, Sophie bocejou, lixando as unhas com um caco de mármore. “O que isso tem a ver comigo?”

“O Storian começou seu conto de fadas”, Hester franziu o rosto.

“E daí?”

“E por causa de sua escola atual, o Storian acha que você é a vilã daquele conto de fadas.”

“E eu devo ligar para a opinião de uma *caneta*?”, disse Sophie, lixando as unhas da outra mão.

“Eu retiro o que disse sobre você aprender rápido”, disse Anadil.

"Se você é a vilã você *morre*, sua imbecil!", Hester rugiu.

Sophie quebrou uma unha. "Mas o Diretor da Escola disse que eu podia ir pra casa!"

"Ou talvez essa charada seja uma armadilha."

"Ele é *Bom*! Você mesma disse!"

"E você está no *Mal*!", disse Hester. "Ele não está do seu lado."

Sophie ficou olhando pra ela. Anadil e Dot tinham a mesma expressão risonha.

"Eu vou morrer aqui?", Sophie deu um gritinho, com os olhos enchendo-se de lágrimas. "Tem que haver algo que eu possa fazer!"

"Resolva a charada", sugeriu Hester, dando de ombros. "É a única forma de saber o que ele está tramando. Além disso, seu final tem que acontecer logo. Se você ganhar mais um desafio, eu mesma vou matá-la."

"Então me fale a resposta!", Sophie gritou.

"O que uma vilã não tem que uma princesa não pode viver sem?", Hester pensou, coçando a tatuagem.

"Animais, talvez?", disse Dot.

"Vilões podem ter animais como capangas. Só requer uma corrupção mais profunda", disse Anadil. "E quanto a honra?"

"O Mal tem sua versão própria sobre honra, coragem e todas as outras coisas que o Bem acha que inventou", disse Hester. "Nós só temos nomes melhores para essas coisas."

"Já sei!"

Elas viraram-se para Sophie.

"Uma festa de aniversário!", ela disse. "Quem ia querer participar de uma festa de vilão?"

Anadil e Hester encararam-na.

"É porque ela não come", disse Dot. "O cérebro precisa de comida."

"Então você deve ser a garota mais inteligente do mundo!", Sophie rugiu.

Dot olhou-a, fulminantemente. "Lembre-se de que os vilões mais cruéis têm as mortes mais cruéis."

Sophie virou-se para Hester, nervosamente. "Será que a Lady Lesso me diria a resposta?"

"Se ela achar que ajudará o Mal a ganhar."

"Você teria que ser esperta", disse Anadil.

"E sutil", complementou Hester.

"Esperteza? Sutileza? Isso é o que eu *faço*, querida", disse Sophie, aliviada. "Essa charada já está resolvida."

"Ou não, já que estamos quinze minutos atrasadas", disse Dot.

De fato, a única coisa mais fria do que a sala de aula gélida de Lady Lesso foram os olhares que ela lançou às quatro meninas quando estas passaram pela porta para sentar-se em seus lugares.

"Eu lhes mandaria para a punição, mas eles estão ocupados com os alunos da minha última turma."

Os gritos dos meninos ecoavam abaixo dos pés delas. A sala inteira tremeu ao pensar no que estava acontecendo na Sala da Condenação.

"Vejamos se nossas atrasadas podem se redimir", disse Lady Lesso, com os saltos batendo de forma agourenta.

"O que estamos fazendo?", Sophie sussurrou para Hort.

"Ela vai nos testar em Punições Famosas", cochichou Hort. "Se você acertar uma pergunta ganha uma dessas." Ele mostrou uma imensa verruga adesiva grudada em seu rosto.

Sophie retraiu-se. "Isso é um *prêmio*?"

"Hester, você pode dizer o nome de uma vilã que destruiu seu Nêmesis com uma Maldição de Pesadelo?"

"Finola, a comedora de fadas. Finola, a bruxa, assombrava os sonhos das fadas e as convencia a cortar as próprias asas. Como as fadas não podiam mais voar, Finola as pegava e comia, uma por uma."

Sophie era do tipo que engolia qualquer informação que aparecesse. Ela, porém, nunca tinha ouvido falar de Finola, a comedora de fadas, portanto, Hester certamente tinha errado.

"Correto! Finola, a comedora de fadas! Uma das mais famosas histórias de todas!", disse Lady Lesso, e colocou uma verruga imensa na mão de Hester.

Famosa? Sophie enrugou o nariz. Famosa onde?

"Anadil, diga o nome de uma vilã que tenha matado sua Nêmesis usando um disfarce!", disse Lady Lesso.

"Rex, o urso furioso. Ele vestiu-se de urso porque a princesa Anatole adorava ursos. Quando ela tentou afagá-lo, ele cortou-lhe a garganta."

"Um grande exemplo para todos nós, Rex, o urso furioso!", disse Lady Lesso, e plantou uma verruga no pescoço de Anadil. "Se ele estivesse vivo, arrancaria aquele sorriso satisfeito de todos os frangotes de Clarissa!"

Sophie mordeu o lábio. Será que elas estavam inventando tudo isso?

"Dot. Diga o nome de uma vilã que tenha assassinado sua Nêmesis com um truque de transformação!"

"A Rainha do Gelo! Transformou a princesa em gelo e colocou-a no sol matinal."

"Meu conto favorito!", Lady Lesso disse, radiante. "Uma história que viverá para sempre nos corações de..."

Sophie riu com desdém.

"Algo *engraçado*?", perguntou Lady Lesso.

"Nunca ouvi falar de nenhum desses vilões", disse Sophie.

Hester e Anadil afundaram-se em seus assentos.

"Nunca ouviu falar deles?", Lady Lesso debochou. "Esses são os maiores triunfos do Mal! A glória que inspira futuros vilões! *Quatro meninas em uma fonte! Doze princesas afogadas! Úrsula, a usurpadora, A bruxa de...*"

"Tampouco ouvi falar desses", Sophie suspirou, penteando os cabelos para trás. "Lá de onde eu venho, ninguém leria uma história em que o Mal vence. Todos querem que o Bem vença, porque o Bem tem uma aparência melhor, roupas mais bonitas e mais amigos."

Lady Lesso ficou sem palavras.

Sophie virou-se para suas colegas de turma. "Lamento que ninguém goste de vocês, que vocês nunca ganhem, e que tenham que ir à escola sem motivo, mas é a verdade."

Hester cobriu o rosto com a túnica.

Dot debruçou-se para a frente e sussurrou no ouvido de Sophie. "A charada, amor."

"Ah, sim", disse Sophie, toda profissional. "Enquanto tenho a palavra, aqui vai um pequeno exercício cerebral. É muito importante que eu resolva isso, portanto, qualquer ajuda será profundamente bem-vinda. O que uma vilã não tem que uma princesa não pode viver sem? Alguma ideia? Sintam-se à vontade para dizer. *Merci*, queridas."

"Eu tenho uma ideia", disse Lady Lesso.

"Eu sabia que teria", Sophie sorriu. "O que é? O que eu tenho que você não tem?"

Lady Lesso chegou seu rosto junto ao dela. "*Nada*. Que é o que ouviremos de você, pelo resto de nossa aula."

Sophie tinha um apelo, mas ele nunca chegou a sair de sua boca. Seus lábios foram lacrados.

"Muito melhor", disse Lady Lesso, e abençoou Sophie com uma verruga entre os olhos.

Enquanto Sophie tentava abrir os lábios, Lady Lesso alisava calmamente seu vestido roxo, ignorando as alunas petrificadas ao seu redor.

"Agora, Hort, diga o nome de uma vilã que tenha empregado a Armadilha da Morte do Corvo."

Sibilando pelo nariz, Sophie tentava abrir a boca com uma caneta, uma fivela de cabelo, e um pingente de gelo que furou seus lábios. Resfolegar, uivar, gritar, ela tentou de tudo mas só encontrou silêncio, pânico, sangue...

E Hester, olhando-a furiosamente da primeira fileira.

"Problema resolvido, hein?"

13

Sala da Condenação

Agatha não fazia ideia do motivo para o almoço ser uma atividade conjunta das escolas, já que os Sempre sentavam-se com os Sempre e os Nunca sentavam-se com os Nunca, e um grupo fingia que o outro não estava ali.

O almoço era realizado na Clareira, em uma área de piquenique reservada, do lado de fora dos portões da Floresta Azul. Para chegar à Clareira, os alunos tinham que se aventurar por túneis de árvores curvos, que iam ficando cada vez mais estreitos até que, um a um, eles eram cuspidos por um tronco oco no gramado esmeralda. Assim que Agatha passou pelo túnel do Bem, ela seguiu a fila dos Sempre, que recebiam cestos de piquenique de ninfas de capuzes vermelhos, enquanto os Nunca do túnel do Mal recebiam baldes enferrujados de lobos com uniformes vermelhos.

Agatha encontrou uma pequena área sombreada na grama, e enfiou a mão em seu cesto, encontrando um lanche com sanduíches de truta defumada, salada de rabanetes, suflê de morango e um frasco de limonada. Ela afastou quaisquer pensamentos sobre charadas e becos sem saída, enquanto abria a boca salivante para o sanduíche...

Sophie arrancou-o. "Você não sabe o que eu tenho passado", ela chorava, pegando tudo. "É seu." Ela soltou um balde de mingau.

Agatha ficou olhando para ela.

"Olhe, eu *pedi*", disse Sophie, de boca cheia, entre as mordidas. "Aparentemente, Nuncas precisam aprender sobre privação. É parte do seu treinamento. Isso está uma delícia, por sinal."

Agatha ainda estava olhando.

"O quê?", disse Sophie. "Estou com sangue nos dentes? Porque achei que tivesse tirado tudo..."

Por cima do ombro de Agatha, ela viu Tedros e seus amigos apontando e debochando.

"Ah, não", Sophie gemeu. "O que foi que você fez agora?"

Agatha continuou olhando pra ela, boquiaberta.

"Se for pra você reclamar, pode ficar com o suflê." Sophie franziu o rosto. "Por que aquela garota esquisita está acenando pra mim?"

Agatha virou-se e viu Kika, do outro lado da Clareira, acenando e ostentando novos cabelos ruivos. Estavam exatamente da mesma cor que os de Tristan. O rosto de Agatha ficou branco.

"É… você a *conhece*?", perguntou Sophie, vendo Kika aproximar-se de Tristan.

"Somos amigas", disse Agatha, sinalizando para que Kika se afastasse dele.

"Você tem uma *amiga*?" perguntou Sophie.

Agatha virou-se para ela.

"Por que você fica me olhando desse jeito?", Sophie gritou.

"Você não anda comendo doces, não é?"

"Hã?", Sophie deu um gritinho, percebendo – sua mão rapidamente arrancou a verruga de Lesso do rosto – "Por que você não me disse?", ela gritou, enquanto Tedros e os meninos morriam de rir.

"Ahhh, não tem como ficar pior", Sophie gemeu.

Hort pegou a verruga descartada e saiu correndo.

Sophie olhou para Agatha. Agatha abriu um sorriso.

"Não tem graça!", Sophie choramingou.

Mas Agatha estava rindo, e Sophie também.

"O que você acha que ele vai fazer com aquilo?", Agatha debochou.

Sophie parou de rir. "Nós precisamos ir pra casa. *Agora*."

Agatha contou a Sophie sobre suas tentativas frustradas de resolver a charada, incluindo o beco sem saída com o professor Sader. Antes que ela pudesse sequer perguntar sobre suas pinturas, Sader tinha partido para encontrar seus alunos do Mal, deixando três porcos idosos lecionando sobre a importância de fortalecer suas casas.

"Ele é o único que pode nos ajudar", disse Agatha.

"Melhor nos apressarmos. Meus dias estão contados", disse Sophie, taciturna, ao relatar tudo o que havia acontecido com suas colegas de quarto, incluindo a previsão que fizeram da maldição de Sophie.

"Você morre? Isso não faz nenhum sentido. Você não pode ser a vilã da história se nós somos amigas."

"É por isso que o Diretor da Escola disse que *não podemos* ser amigas", respondeu Sophie. "Alguma coisa tem que surgir entre nós. Algo que responda à charada."

"O que poderia surgir entre nós?", perguntou Agatha, ainda perdida. "Talvez tudo isso esteja ligado. Isso, que só o Bem tem, mas o Mal não. Você acha que é por isso que o Bem sempre ganha?"

"O Mal costumava ganhar, segundo Lady Lesso, mas agora, o Bem tem algo que supera tudo."

"Mas o Diretor nos proibiu de regressar à sua torre. Portanto, a resposta à charada não é uma palavra, ou uma coisa, ou uma ideia…"

"Nós temos que *fazer* algo!"

"Agora estamos chegando a algum lugar. Primeiro, é algo que pode nos jogar uma contra a outra. Segundo, é algo que sempre derrota o Mal. E, terceiro, é algo que podemos fazer fisicamente…"

As meninas voltaram-se uma para a outra. “Já sei”, disse Agatha... “Eu também”, disse Sophie...

“É tão óbvio.”

“*Tão* óbvio.”

“É... é...”

“Sim, é...”

“Não tenho ideia”, disse Agatha.

“Nem eu”, suspirou Sophie.

Do outro lado do campo, os meninos Sempre entravam lentamente no território das meninas Sempre. As meninas esperavam como flores a ser colhidas, mas Beatrix ganhava todos eles. Enquanto Beatrix flertava com seus pretendentes, Tedros remexia-se no tronco de uma árvore. Até que finalmente levantou-se, enfiou-se na frente de todos os outros e convidou Beatrix para dar uma volta.

“Ele deveria *me* salvar”, Sophie choramingou, vendo-os sair.

“Sophie, nós temos a chance de salvar nossa vila de uma maldição de duzentos anos, de salvar as crianças de espancamentos e fracassos, de fugir de lobos, ondas e gárgulas, e tudo mais nesta escola horrenda, e de acabar com uma história que vai *matar* você. E você está pensando em um menino?”

“Eu queria meu *final feliz*, Agatha”, disse Sophie, com as lágrimas brotando.

“Chegarmos em casa vivas é nosso *final feliz*, Sophie.”

Sophie concordou, mas seus olhos nunca deixaram Tedros.

“Bem-vindos à aula de Boas Ações”, disse a professora Dovey aos alunos, reunidos na Sala da Pureza. “Agora estamos atrasados em relação às outras matérias, portanto vamos dispensar as trivialidades habituais. Deixem-me começar dizendo que, ao longo dos anos, tenho visto uma diminuição perturbadora na estima por esta aula.”

“Porque é após o almoço”, Tedros cochichou no ouvido de Agatha.

“E por que você está falando comigo?”

“Sério, que bruxaria você fez comigo pra que eu escolhesse o seu duende?”

Agatha não se virou.

“Você fez *alguma coisa*”, Tedros disse, furioso. “Me diga.”

“Não posso contar segredos de bruxa”, disse Agatha, olhando para a frente.

“Eu sabia!”, Tedros viu a professora Dovey olhando-os e mostrou um sorriso convencido. Ela revirou os olhos e prosseguiu. Ele novamente aproximou-se de Agatha. “Diga o que foi e meu pessoal a deixará em paz.”

“Isso inclui você?”

“Apenas me diga o que fez.”

Agatha suspirou. “Eu usei o feitiço da Amarelinha, um poderoso encantamento das Bruxas Galvadônicas de Reapercat. Elas pertencem a uma pequena convenção às

margens do rio Callis, e não são apenas especialistas em feitiços, mas também grandes cultivadoras de...”

“O que você *fez*?”

“Bem”, disse Agatha, virando-se para ele “O feitiço da Amarelinha infiltra-se em seu cérebro como uma praga de sanguessugas. Ele vai invadindo cada canto, reproduzindo-se, multiplicando-se, inflamando-se, até o momento certo. E depois de penetrar em cada cantinho e cada fresta... *fssssst!* Ele suga todo o seu raciocínio inteligente e o deixa imbecil como um jumento.”

Tedros ficou vermelho.

“Mais uma coisa. É permanente”, disse Agatha, dando-lhe as costas outra vez.

Enquanto Tedros murmurava sobre enforcamentos, apedrejamentos e outros meios que seu pai usava para punir feiticeiras, Agatha ouvia a professora Dovey justificar a importância das boas ações.

“Cada vez que você pratica uma boa ação com intenção verdadeira, a sua alma fica mais pura. Muito embora, ultimamente, meus alunos do Bem venham praticando boas ações como se fossem obrigações, e prefiram cultivar seus egos, sua arrogância e a medida de sua cintura! Deixe-me assegurar-lhes de que nossa sequência de vitórias pode acabar a qualquer minuto!”

“Não se o Diretor da Escola controlar o Storian”, disse Agatha.

“Agatha, o Diretor da Escola não tem nenhuma participação na forma como as histórias se desenrolam”, disse a professora Dovey, impacientemente. “Ele *não pode* controlar o Storian.”

“Pra mim, ele me pareceu muito bom em magia”, respondeu Agatha.

“Perdão?”

“Ele consegue dividir-se em sombras. Ele pode fazer uma sala desaparecer. Pode fazer tudo parecer um sonho, então, certamente, pode controlar uma caneta...”

“E *como* você possivelmente saberia de tudo isso?”, suspirou a professora Dovey.

Agatha viu Tedros dando um sorriso afetado.

“Ele me mostrou”, disse ela.

O sorriso de Tedros sumiu. A professora Dovey parecia uma chaleira pronta para entrar em ebulição. Os alunos olhavam nervosamente para as duas, desviando o olhar de uma à outra.

A professora sorriu, tensa. “Oh, Agatha, mas que imaginação você tem! Isso lhe servirá quando estiver esperando que alguém a salve de um dragão voraz. Vamos torcer para que ele chegue a tempo. Bem, as três chaves para as boas ações são criatividade, viabilidade e espontaneidade...”

Agatha abriu a boca, mas a professora Dovey silenciou-a com um olhar. Sabendo que estava em território perigoso, ela pegou um pergaminho e começou a fazer anotações junto com os outros.

Antes de Sobrevivendo a Contos de Fadas, os alunos das duas escolas foram convocados para uma reunião na Clareira.

Assim que Agatha pulou do túnel de árvores, Kika agarrou-a... "Tristan mudou o cabelo!"

Agatha deu uma olhada para Tristan, recostado em uma árvore. Agora seu cabelo estava louro, caindo por cima de um olho. Ele a fazia lembrar alguém.

"Ele disse que fez isso por Beatrix!", choramingou Kika, com os cabelos ainda horrendamente ruivos.

Agatha seguiu o olhar de Tristan para Beatrix, que estava tagarelando com Tedros. Tedros não poderia estar menos entusiasmado, soprando a franja loura que estava caindo em seus...

Agatha tossiu. Ela olhou de volta para Tristan, que também soprava a franja loura. Depois para Tedros, que estava com dois botões da camisa abertos, com seu T dourado. Depois para Tristan, que tinha aberto dois botões e afrouxado a gravata com o T dourado.

"E se eu for loura como a Beatrix?", disse Kika. "Será que o Tristan vai gostar de mim?"

Agatha virou-se. "Você precisa encontrar uma nova paixão imediatamente."

"ATENÇÃO."

Ela ergueu os olhos, e viu todo o corpo docente espalhado entre os dois túneis, incluindo Cástor e Pólux, cujas cabeças haviam sido recolocadas em seu corpo canino.

A professora Dovey deu um passo à frente. "Houve alguns..."

"ANDEM LOGO, SEUS PREGUIÇOSOS!", Cástor latiu.

O último membro dos Nunca a sair do túnel foi Sophie. Ela lançou um olhar confuso para Agatha, do outro lado da clareira. Agatha sacudiu os ombros.

A professora Dovey abriu a boca para voltar a falar...

"APRESENTANDO CLARISSA DOVEY, REITORA DA ESCOLA DO BEM, E PROFESSORA EMÉRITA DE BOAS AÇÕES", disse Cástor.

"Obrigada, Cástor", agradeceu a professora Dovey.

"QUAISQUER INTERRUPÇÕES OU MAU COMPORTAMENTO SERÃO IMEDIATAMENTE PUNIDOS..."

"OBRIGADA, Cástor!", a professora Dovey deu um gritinho agudo.

Cástor ficou olhando para as patas.

A professora Dovey limpou a garganta. "Alunos, nós os chamamos aqui porque houve alguns boatos infelizes..."

"*Mentiras*, é o que chamo", disse Lady Lesso. Agatha reconheceu nela a professora que havia arrancado a pintura de Sader, na Galeria do Bem.

"Então, sejamos claros", prosseguiu a professora Dovey. "Primeiro, não há maldição no Mal. O Mal ainda tem poder para derrotar o Bem."

“Desde que o Mal faça seu dever de casa!”, rugiu o professor Manley.

Os Nunca murmuraram, como se não acreditassem nisso nem por um segundo.

“Segundo, o Diretor da Escola não está do lado de ninguém”, disse a professora Dovey.

“Como sabe?”, gritou Ravan.

“Por que devemos acreditar em você?”, gritou Hester, enquanto os Nunca assobiavam...

“Porque temos *provas*”, professor Sader deu um passo a frente.

Os Nunca calaram-se. Os olhos de Agatha arregalaram-se. *Provas? Que provas?*

Então, ela notou que Lady Lesso parecia especialmente azeda, confirmando que essas provas realmente existiam. Seria a prova a resposta para a charada?

“Por fim, mas nem por isso menos importante”, disse a professora Dovey, “a principal responsabilidade do Diretor da Escola é proteger o Storian. Por esse motivo, ele permanece em sua torre-fortaleza. Sendo assim, independentemente de qualquer história que ouçam, deixem-me assegurar-lhes: nenhum aluno jamais viu o Diretor da Escola e nenhum aluno jamais o *verá*.

Os olhares recaíram sobre Agatha.

“Ah, essa é a contadora de histórias?”, Lady Lesso olhou de esguelha.

“Não é história!”, Agatha disparou. Ela viu Sophie sacudir a cabeça para dizer que essa era uma batalha perdida.

Lady Lesso sorriu. “Eu lhe darei mais uma chance de redimir-se. *Você conheceu o Diretor da Escola*?”

Agatha olhou para a professora do Mal, com seus olhos roxos arregalados como bolas de gude. Depois para o professor Sader, que sorria curiosamente para ela. Então, para Sophie, do outro lado da Clareira, fazendo mímicas de colagem de verrugas e zíper na boca...

“Sim.”

“Você *mente* para uma professora?”, atacou Lady Lesso.

“Não é mentira!”, gritou uma voz.

Todos voltaram-se para Sophie. “Nós duas estivemos lá! Estivemos na torre dele!”

“E eu aposto que também viram o Storian, não?”, Beatrix debochou.

“Por acaso, vimos, sim!”, Sophie respondeu, para gargalhada geral.

“E ele *também* começou seu conto de fadas?”

“Começou! Ele começou nosso conto de fadas!”

“Todos deem um viva para a Rainha dos Tolos!”, Beatrix proclamou, sob aclamação.

“Então você deve ser a Grande *Imperatriz*.”

Beatrix virou-se para Agatha, com as mãos na cintura.

“Argh. O ‘Erro’”, Beatrix grunhiu. “O Bem nunca esteve tão errado.”

“Você não reconheceria o Bem nem se pulasse em você!”, Agatha gritou.

Beatrix engasgou tão alto que Tedros soltou uma risada.

"Não fale com Beatrix desse jeito!", disse uma voz...

Agatha virou-se e viu Tristan, com seu cabelo louro...

"*Beatrix*?", Agatha explodiu. "Tem certeza de que não quer Tedros? Ele adoraria casar-se consigo mesmo!"

Tedros parou de sorrir. Pasmo, ele desviou o olhar de Agatha, Tristan, Beatrix... Ele perdeu a paciência e deu um soco na boca de Tristan. Tristan sacou a espada cega de treino, Tedros sacou a sua, e eles começaram um duelo público. Contudo, Tristan vinha estudando Tedros na esgrima, então os dois usavam exatamente as mesmas investidas, as mesmas esquivas, até que ninguém mais sabia quem era quem...

Em vez de intervir, o professor Espada, que dava aula de esgrima, enrolava seu bigode comprido. "Vamos analisar isso minuciosamente na aula de amanhã."

Os Nunca tiveram uma reação imediata.

"LUUUUUUUUTAAAAA!", rugiu Ravan.

Os Nunca partiram pra cima dos Sempre, atropelando os lobos atônitos, e caíram em batalha em meio aos dois duelistas. Os meninos Sempre partiram pra dentro, incitando uma briga épica que respingou as meninas Sempre de lama. Agatha não pôde deixar de rir ao ver as meninas de joelhos na terra, até que Beatrix, imunda, apontou pra ela.

"Foi ela quem começou!"

As meninas Sempre, aos gritos, partiram pra cima de Agatha, que subiu em uma árvore. Ali perto, Tedros conseguiu erguer a cabeça acima dos meninos e ver Sophie passar correndo. "Socorro!", ele gritou...

Sophie passou direto pela cabeça dele ao correr para ajudar Agatha, que estava sendo bombardeada com seixos lançados por Beatrix. Então ela viu Hort de relance.

"Você! Devolva a minha verruga!"

Hort corria rapidamente em volta da massa ruidosa, com Sophie atrás dele, até que ela chegou perto o suficiente para pegar um galho caído e lançar na cabeça dele – ele abaixou-se e o galho bateu no rosto de Lady Lesso.

Os alunos ficaram petrificados.

Lady Lesso tocou seu rosto frio e cortado. Olhando o sangue em sua mão, ela ficou sinistramente calma.

Sua unha vermelha e comprida apontou para Agatha.

"Tranquem-na em sua torre!"

Um enxame de fadas pegou Agatha e arrastou-a, passando pelo sorriso debochado de Tedros, em direção ao túnel dos Sempre.

"Não, a culpa é minha!", gritou Sophie.

"E essa também." Lady Lesso apontou seu dedo sujo de sangue para Sophie. "Para a *Sala da Condenação*."

Antes que Sophie pudesse gritar, uma garra cobriu-lhe a boca e puxou-a, passando pelos colegas de turma petrificados, levando-a para a escuridão das árvores.

Sophie não conseguiria sobreviver à tortura! Sophie não sobreviveria ao verdadeiro Mal!

Enquanto as fadas levavam-na voando para cima, Agatha derramava lágrimas de pânico, olhando para baixo, vendo os professores entrarem no vestíbulo.

"Professor Sader!", ela gritou, agarrando-se ao balaústre. "Precisa acreditar na gente! O Storian acha que Sophie é uma vilã! Ele vai matá-la!"

Sader e vinte professores olharam para cima, alarmados...

"Como o senhor vê nossa vila?", Agatha gritava, enquanto as fadas arrastavam-na para longe. "Como voltamos pra casa? O que uma vilã não tem que uma princesa não pode viver sem?"

Sader sorriu. "Perguntas. Sempre em três."

Os professores riram e dispersaram-se. ("*Viu* o Storian?" Espada meditou. "Ela é aquela que come doces", explicou a professora Anêmona.)

"Não! Vocês têm que salvá-la!", Agatha implorava, mas as fadas arrastaram-na para seu quarto e trancaram-na.

Frenética, ela subiu na cama, passando por pinturas de heróis, e estendeu o braço em busca do ladrilho quebrado no teto... Mas ele não estava mais quebrado. Alguém o havia prendido muito bem.

O sangue fugiu das bochechas de Agatha. Sader era sua única esperança, e ele se recusava a responder às suas perguntas. Agora sua única amiga morreria naquela masmorra, tudo porque uma caneta mágica confundira uma princesa com uma bruxa.

Então algo surgiu em sua cabeça em um lampejo. Algo que Sader disse na sala de aula.

Se tiverem perguntas...

Ofegante, Agatha esvaziou seu cesto de livros escolares.

Um lobo cinza, estoico e eficiente, arrastava Sophie por uma corrente comprida, puxando-a por uma coleira de ferro bem justa, presa ao redor de seu pescoço. Margeando as paredes úmidas do esgoto, ela não conseguia lutar contra a coleira; um passo em falso e escorregaria do caminho estreito, caindo direto no lodo ruidoso. Do outro lado do rio negro e pútrido, viu dois lobos arrastando Vex, que gemia, vindo da direção para onde estava indo. Seus olhares cruzaram-se e seus olhos estavam vermelhos, repletos de ódio. O que quer que tivesse acontecido na Sala de Condenação, havia o tornado mais vilão do que quando entrou.

Agatha, Sophie disse a si mesma. *Agatha vai nos levar para casa*.

Ela conteve as lágrimas. *Fique viva por Agatha*.

Ao chegarem ao ponto central do canal de esgoto, onde o lodo tornava-se água limpa, ela sentiu as pedras sólidas da parede transformarem-se em grades enferrujadas. O lobo abriu a porta com um chute e empurrou-a para dentro.

Sophie ergueu a cabeça para o calabouço escuro, aceso por uma única tocha. Para todos os lados que olhava, só via ferramentas de punição: rodas extensoras, coronhas, laços, ganchos, garrotes, armaduras de ferro com tachas, e uma coleção horrenda de lanças, tacos, porretes, chicotes e facas. Seu coração parou. Ela desviou o olhar...

Dois olhos vermelhos observavam-na de um canto.

Lentamente, um lobo preto enorme surgiu da sombra, duas vezes o tamanho dos outros. Este, porém, tinha um corpo humano, com um peito peludo, braços fortes, panturrilhas salientes e pés enormes. A fera abriu um pergaminho e leu, com um rosnado profundo.

"Você, Sophie de Além da Floresta, foi trazida para a Sala da Condenação pelos seguintes pecados: conspiração para dar falso testemunho, perturbação de assembleia, tentativa de assassinato de um membro do corpo docente..."

"*Assassinato*!", Sophie sussurrou...

"Incitação de motim público, ultrapassagem de linhas fronteiriças durante assembleia, destruição de propriedade da escola, assédio a colegas, e crimes contra a humanidade."

"Eu alego que sou inocente de todas as acusações", Sophie fez uma cara feia. "Principalmente da última."

A Fera agarrou-lhe o rosto com as garras. "*Culpada, até que se prove o contrário*!"

"Solte-me", Sophie gritou.

Ele cheirou-a no pescoço. "Mas que coisinha *apetitosa*!"

"Você vai me deixar *marcada*!"

Para sua surpresa, a Fera soltou-a. "Geralmente, é preciso uma surra para descobrir o ponto fraco."

Sophie olhou para a Fera, confusa. Ele lambeu os lábios e sorriu.

Com um grito, ela saiu correndo para a porta – ele jogou-a contra a parede e prendeu seus braços em ganchos acima de sua cabeça.

"Solte-me!"

A Fera esgueirou-se ao longo da parede, buscando a punição mais apropriada.

"Por favor, o que quer que eu tenha feito, lamento muito!", Sophie chorava.

"Vilões não aprendem com pedidos de desculpas", disse a Fera. Ele olhou para um porrete, por um tempo, depois seguiu em frente. "Vilões aprendem com dor."

"Por favor! Alguém me ajude!"

"A dor torna-os mais fortes", disse a Fera.

Ele acariciou a ponta de uma lança, depois pendurou-a de volta.

"*Socorro*!", Sophie gritava.

"A dor os faz crescer."

A Fera pegou um machado. O rosto de Sophie ficou branco como o de um fantasma.

Ele caminhou até ela, de machado em punho, com suas mãos carnudas.

"A dor torna-os maus."

Ele pegou os cabelos dela.

"Não!", Sophie engasgou.

A Fera ergueu o machado...

"*Por favor*!"

A lâmina decepou seus cabelos.

Sophie ficou olhando seus lindos cachos compridos e dourados no chão negro do calabouço, com a boca paralisada, aberta, em silêncio. Ela lentamente ergueu o rosto aterrorizado para o rosto negro da Fera. Então, seus lábios tremeram, seu corpo pendeu nas correntes e as lágrimas vieram. Ela enterrou a cabeça com os cabelos curtos e irregulares no peito, e chorou até seus punhos sangrarem nas algemas e ela não conseguir mais respirar...

Um cadeado estalou-se. Sophie ergueu os olhos vermelhos, e viu a Fera soltá-la da parede.

"Saia", ele rosnou, e pendurou o machado.

Quando ele virou-se, Sophie tinha sumido.

A Fera saiu andando da cela, e ajoelhou-se no ponto central entre o lodo e a água limpa. Enquanto ele mergulhava as correntes ensanguentadas, a correnteza batia em ambas as direções, enxaguando-as. Depois de esfregar as últimas manchas de sangue, ele viu seu reflexo no lodo...

Contudo, não era o dele.

A Fera virou-se...

Sophie empurrou-o.

A Fera debateu-se na água e no lodo, gemendo, tentando alcançar a beirada. As ondas eram fortes demais. Ela o viu gorgolejar entre seus últimos suspiros e afundar como uma pedra.

Sophie passou a mão pelos cabelos, e caminhou em direção à luz, engolindo a repulsa em sua garganta.

O Bem perdoa, diziam as regras.

Mas as regras estavam erradas. Tinham que estar.

Porque ela não tinha perdoado.

Mas não tinha perdoado mesmo.

14

A solução do guardador da cripta

A capa era de seda prateada, e nela o Storian reluzia, preso entre os cisnes preto e branco.

A história da Floresta vista por um aluno

AUGUST A. SADER

Agatha abriu na primeira página. “*Esse livro reflete* SOMENTE *a visão de seu autor. A interpretação da história, pelo professor Sader, é apenas dele, e o corpo docente não compartilha dela. Cordialmente, Clarissa Dovey & Lady Lesso, Reitoras da Escola do Bem e do Mal*”.

Agatha sentiu-se encorajada pelo fato de os professores reprovarem o livro que estava em suas mãos. Isso deu-lhe esperanças de que nessas páginas estivesse a resposta para a charada. A diferença entre uma princesa e uma bruxa... a prova de que o Bem e o Mal estavam equilibrados... Será que ambas poderiam ser a mesma coisa?

Ela virou a página para começar, mas não havia palavras. Só havia padrões de estampas em relevo salpicados nas páginas, feitos por pontinhos nas cores do arco-íris, pequenos como cabeças de alfinete. Agatha virou a página. Mais pontinhos. Ela virou blocos de páginas. Nada de palavras. Ela mergulhou a cabeça no livro, frustrada. A voz de Sader ecoou:

"Capítulo quatorze: A Grande Guerra."

Agatha deu um pulo. Diante de seus olhos, uma cena assombrosa e tridimensional ganhou vida no alto da página do livro – um diorama vivo, com cores diáfanas, como nas pinturas de Sader na galeria. Ela agachou-se para observar a visão silenciosa, que desfraldava três velhos sábios, com barbas até o chão, em pé na torre do Diretor da Escola, com as mãos em súplica. Quando os homens abriram suas mãos, o Storian reluzente levitou para fora delas, pairando acima de uma conhecida mesa branca de pedra. A voz desencarnada de Sader continuou:

"Agora, lembrem-se do capítulo um, no qual o Storian foi colocado na Escola do Bem e do Mal por três videntes da Floresta Sem Fim, que acreditavam ser esse o único lugar onde ele

estaria protegido da corrupção...”

Agatha estava pasma de incredulidade. Sader, sendo cego, não tinha como escrever História. Contudo, ele podia vê-la, e queria o mesmo para seus alunos. Cada vez que ela virava uma página e tocava o pontilhado, a história ganhava vida com a narração dele. A maior parte do capítulo 14 relatava o que Sophie lhe dissera no almoço: que a Escola havia sido regida por dois irmãos, um Bom e um Mau, cujo amor recíproco superava sua lealdade a ambos os lados. Com o tempo, porém, o irmão do Mal viu o amor dando lugar à tentação, até que só via um obstáculo entre ele e a caneta de poder infinito... seu próprio sangue.

As mãos de Agatha varriam os pontilhados, observando cenas exaustivas de batalhas da Grande Guerra, alianças, traições, para ver como tudo terminava. Seus dedos pararam quando ela viu uma figura familiar, de túnica prateada e máscara, surgindo de uma matança, com o Storian na mão:

“Da última batalha entre o irmão do Mal e o irmão do Bem, surgiu um vencedor não comprometido com nenhum dos lados. Na Grande Trégua, o triunfante Diretor da Escola jurou erguer-se acima do Bem e do Mal, e proteger o equilíbrio pelo tempo que pudesse manter-se vivo. Claro que nenhum dos lados confiava no vencedor, mas nem precisavam.”

A cena mostrou o irmão moribundo sendo queimado, enquanto desesperadamente erguia as mãos aos céus, soltando um raio de luz prateada...

“Pois o irmão que morria usou suas últimas brasas de magia para criar um feitiço final contra seu irmão gêmeo: um meio de provar que o Bem e o Mal são iguais. Contanto que essa prova permanecesse intacta, então o Storian permaneceria incorruptível, e a floresta em perfeito equilíbrio. Ao que essa prova é...”

O coração de Agatha deu um pulo.

“Ela permanece na Escola do Bem e do Mal até os dias de hoje.”

A cena ficou escura.

Ela virou a página rapidamente e tocou os pontilhados. A voz de Sader estrondou...

“Capítulo quinze: A praga das baratas da Floresta”

Agatha arremessou o livro contra a parede, depois os outros, deixando marcas nos rostos dos casais pintados. Quando não havia mais nada para atirar, ela mergulhou o rosto na cama.

Por favor. Ajude-nos.

Então, no silêncio, entre as preces e as lágrimas, algo veio. Nem foi um pensamento. Foi um impulso.

Agatha ergueu a cabeça.

A resposta da charada estava olhando para ela.

É só um corte de cabelo, Sophie disse a si mesma, enquanto escalava um matagal de centáureas. Ninguém vai nem notar. Ela deslizou por entre duas árvores cobertas de

vinca, e entrou na Clareira Oeste, aproximando-se de seu grupo por trás.

Apenas encontre Agatha e...

O grupo inteiro virou-se de uma só vez. Ninguém riu. Nem Dot. Nem Tedros. Nem mesmo Beatrix. Eles ficaram olhando boquiabertos, tão horrorizados que Sophie não conseguia respirar.

"Com licença... algo no meu olho..." Ela abaixou-se atrás de uma roseira azulada, tentando puxar o ar. Não conseguia suportar mais humilhações.

"Pelo menos agora você se parece uma Nunca", disse Tedros, surgindo por detrás do arbusto. "Assim ninguém vai cometer o mesmo erro que eu."

Sophie ficou vermelha como um pimentão.

"Bem, isso é o que acontece quando se faz amizade com uma bruxa", o príncipe franziu o rosto.

Agora Sophie estava roxa.

"Olhe, não está assim *tão* ruim. Pelo menos não tão ruim quanto sua amiga."

"Com licença", disse Sophie, roxa como uma berinjela. "Algo em meu outro olho..."

Ela disparou e pegou Dot, como se fosse um bote salva-vidas "Onde está Agatha?"

Mas Dot ainda estava olhando para o cabelo dela. Sophie limpou a garganta.

"Ah, é... eles ainda não a trouxeram de seu quarto", disse Dot. "Que pena que ela vai perder o Campo Florido. Isso é, se Yuba conseguir chamar o condutor." Ela balançou a cabeça mostrando o gnomo, que resmungava, remexendo em um pedaço de terra com uma abóbora azul. Os olhos de Dot recaíram sobre os cabelos de Sophie.

"Está... legal."

"Por favor, não", disse Sophie, baixinho.

Os olhos de Dot lacrimejaram. "Você era tão *bonita*!"

"Vai crescer novamente", disse Sophie, tentando não chorar.

"Não se preocupe", Dot fungou. "Um dia, alguém muito Mau vai matar aquele monstro."

Sophie retesou-se.

"Todos a bordo!", Yuba chamou.

Ela virou-se e viu Tedros abrir o topo de uma abóbora azul comum como se fosse uma chaleira, e sumir lá dentro.

Sophie estreitou os olhos. "Mas que diabos..."

Algo espetou seu quadril e ela olhou para baixo. Yuba enfiou em sua mão um passe para o Campo Florido, e abriu uma tampa de abóbora, revelando uma lagarta magrinha de smoking de veludo roxo, com a cartola combinando, flutuando em um redemoinho de tons pastel.

"Nada de cuspir, espirrar, cantar, fungar, balançar, xingar, estapear, cochilar, ou urinar no Campo Florido, ele disse, com a voz mais ranzinza imaginável. "Infrações

resultarão na remoção de suas roupas. Todos a bordo!”

Sophie voltou-se para Yuba. “Espere! Eu preciso encontrar minha ami...”

Uma videira subiu e puxou-a para dentro.

Estarrecida demais para gritar, ela mergulhou por tons deslumbrantes de rosa, azul, amarelo, e mais brotos surgiram ao seu redor, prendendo-a como cintos de segurança. Sophie ouviu um chiado e virou-se a tempo de ver uma gigantesca planta carnívora verde engoli-la. Teve tempo de gritar antes que a vinha a lançasse para fora de sua boca e para dentro de um túnel de neblina quente, espessa. Ela prendeu-se em algo que a mantinha em movimento, enquanto seus pés e seus braços balançavam livremente. Então a névoa dissipou-se, e Sophie se deparou com a coisa mais mágica que já tinha visto.

Era um sistema subterrâneo de transporte, tão grande quanto uma vila inteira, feito inteiramente de plantas fluorescentes. Os passageiros pendurados seguravam-se em alças de vinhas, presas a troncos de árvores de cores diferentes, cobertas por flores em tons que combinavam. Esses troncos com códigos de cores entremeavam-se em emaranhados colossais de trilhas. Alguns seguiam paralelos, outros em ângulo perpendicular, e alguns bifurcavam-se em direções distintas, mas todos levavam passageiros precisamente aos seus destinos, na Floresta Sem Fim. Sophie olhava, em choque, para uma fileira de anões sérios, presos por tiras vermelhas fluorescentes, em um tronco com os dizeres LINHA ROSALINDA. Na direção oposta seguia a LINHA ARBÓREA, com uma família de ursos que usava ternos e vestidos bem passados, em meio a passageiros em redes de vinhas. Abismada, Sophie olhou para baixo, para a LINHA HIBISCO, e viu o restante de seu grupo balançando-se em um tronco azul-elétrico. Contudo, somente os Nunca estavam presos em arreios.

“O Campo Florido é só para os Sempre”, Dot falou. “Eles têm de nos deixar entrar porque somos da escola. Mas ainda não confiam em nós.”

Sophie não se importava. Ela ficaria andando no Campo Florido pelo resto de sua vida, se pudesse. Além do ritmo forte e calmante e dos aromas deliciosos, havia uma orquestra de lagartos para cada linha: os lagartos da LINHA TANGERINA tocavam banjos, os da LINHA VIOLETA tocavam cítaras, e os lagartos da linha de Sophie tocavam flautins, acompanhados por sapos azuis. Para que os passageiros não ficassem com fome, cada linha tinha seus petiscos, com pássaros azuis que revoavam ao longo da LINHA HIBISCOS, oferecendo bolinhos azuis de milho e suco de mirtilo. Pela primeira vez, Sophie tinha tudo o que precisava. Relaxando os músculos, ela esqueceu-se dos meninos e das feras, enquanto as vinhas puxavam-na para cima, em uma roda de vento de luz azul. Seu corpo sentia o vento, depois o ar, depois a terra, e seus braços abriam-se para o céu, enquanto ela florescia do chão como um jacinto celestial...

E ela se viu em um cemitério.

Lápides da cor do céu triste varriam as colinas desertas. Colegas de turma trêmulos saíam de um buraco no chão ao seu lado.

"Onde est-aaa-mos?", ela gaguejava, por entre os dentes que batiam.

"Jardim do B-bem e do Mal", disse Dot, tremendo, mordiscando um lagarto de chocolate.

"Pra mim não pare-cee jar-ddim", Sophie bateu os dentes.

O calor aqueceu sua pele assim que Yuba acendeu pequenas fogueiras ao redor do grupo, com sua vareta mágica. Sophie e seus colegas de turma suspiraram.

"Em algumas semanas vocês todos terão permissão para realizar feitiços", disse o gnomo aos alunos, que riam de empolgação. "Mas feitiços não são substitutos para técnicas de sobrevivência. Há minhocas que vivem perto de túmulos e que vão mantê-los vivos quando o alimento for escasso. Hoje vocês vão encontrá-las e comê-las!"

Sophie apertou seu estômago.

"Podem ir! Em duplas!", disse o gnomo. "A dupla que comer mais minhocas ganha o desafio!" Os olhos dele desviaram-se para Sophie. "Talvez nossa ovelha negra possa encontrar a redenção."

"A ovelha negra não consegue encontrar nada sem a *amiga*", murmurou Tedros.

Sophie olhava abatida, enquanto ele formava uma dupla com Beatrix.

"Vamos", disse Dot, puxando Sophie para o chão. "Podemos derrotá-los."

Subitamente motivada, Sophie começou a procurar no solo com Dot, cautelosa para manter-se perto do fogo. "Como são as minhocas que vamos comer?"

"Iguais às minhocas comuns", disse Dot.

Sophie estava formulando uma outra pergunta, quando notou a silhueta de uma figura à distância, no alto da colina. Era um gigante enorme, com uma longa barba preta, cabelos em tranças grossas e uma pele azulada como a meia-noite. Ele vestia apenas uma tanga marrom e cavava uma fileira de covas.

"Ele faz tudo sozinho, o Guardador da Cripta", Dot disse a Sophie. "Por isso que a espera é tão longa."

Sophie seguiu os olhos dela até uma fileira de três quilômetros de corpos e caixões, atrás do Guardador da Cripta, que esperavam sepultamento. Ela imediatamente notou a diferença entre os caixões escuros dos Nunca e os caixões de vidro e ouro dos Sempre. E havia também alguns corpos sem caixões, deixados na colina sem proteção, sobre os quais circulavam abutres.

"Por que ele não tem ajuda?", ela disse, nauseada.

"Porque ninguém pode interferir com o sistema do Guardador da Cripta, disse Hort, baixinho. "Meu pai esperou por dois anos." A voz dele falhou. "Ele foi morto pelo próprio Peter Pan, o meu pai. Merece um túmulo decente."

Agora o grupo inteiro observava o Guardador da Cripta cavar seus túmulos, antes de puxar um livrão de sua cabeleira e estudar uma das páginas. Então, o gigante escolheu

um caixão dourado, com um belo príncipe dentro, e colocou-o em uma cova vazia. Ele prosseguiu pela fila de corpos que esperavam, escolheu um caixão de cristal, com uma bela princesa, e colocou-a ao lado do caixão do príncipe, na mesma cova.

"Anastásia e Jacob. Morreram de fome, durante a lua-de-mel. Mortes que teriam sido evitadas se tivessem prestado atenção à aula", estrilou Yuba.

Resmungando, os alunos voltaram a caçar minhocas, mas Sophie manteve os olhos no Guardador da Cripta, que voltou a estudar seu livro antes de escolher um ogro sem caixão e colocá-lo na cova seguinte. Voltou ao livro e depois colocou uma tumba resplandecente de prata, de uma rainha, ao lado de outra igual, de um rei.

Os olhos de Sophie percorreram o cemitério, e viram o mesmo padrão em todas as colinas do vale. Os Sempre enterrados juntos, em lápides iguais – menino e menina, marido e mulher, príncipe e princesa, juntos na vida e na morte. Os Nunca enterrados sozinhos.

Para Sempre. Paraíso compartilhado.

Nunca Mais. Paraíso solitário.

Sophie gelou. Ela sabia a resposta para a charada do Diretor da Escola.

"Talvez devêssemos procurar no Cume Necro", Yuba suspirou. "Venham, alunos..."

"Me dê cobertura", Sophie disse a Dot.

Dot virou-se. "Aonde você... espere! Nós somos um..."

Mas Sophie estava percorrendo túmulos distantes na direção da entrada do Campo Florido.

"Time", disse Dot, aborrecida.

Pouco depois, na Floresta Azul, cinco stymphs ergueram os olhos de seu bode e viram Sophie segurando um ovo.

"Vamos tentar isso novamente?"

Estava ali o tempo todo, pensou Agatha enquanto olhava as paredes. A arma que fazia o Bem invencível contra o Mal. Aquilo que uma vilã jamais poderia ter, mas uma princesa não poderia viver sem. A tarefa que mandaria Sophie e ela para casa.

Se Sophie estiver viva.

Agatha sentiu outra onda de terror e impotência. Ela não podia simplesmente ficar ali sentada enquanto Sophie estava sendo torturada...

Gritos ecoavam lá fora. Ela virou-se, e viu Sophie ser jogada pela janela por um stymph triturador.

"Amor", Sophie disse, ofegante.

"Você está viva! Seu *cabelo*", Agatha engasgou.

"O amor é o que um vilão jamais pode ter, mas uma heroína não pode viver sem."

"Mas o que eles... você está..."

"Estou certa, ou não?"

Agatha viu que Sophie não tinha nenhuma intenção de falar da Sala da Condenação.

"Quase." Ela apontou para as pinturas na parede, com visões de heróis e heroínas, lábios colados, em abraços de clímax.

"Beijo do verdadeiro amor", Sophie disse.

"Se o seu verdadeiro amor beijá-la, então, você não pode ser uma vilã", disse Agatha.

"E se você não conseguir encontrar amor, então, não pode ser uma princesa", disse Sophie.

"E nós vamos pra casa", Agatha engoliu seco. "Minha metade está providenciada. A sua não é tão simples."

"Ora, por favor. Eu posso fazer qualquer um daqueles repulsivos meninos Nunca se apaixonarem por mim. Apenas me dê cinco minutos, um armário vazio e..."

"Há somente um, Sophie", disse Agatha, com a voz falhando. "Para todo Sempre há somente um verdadeiro amor."

Sophie olhou-a nos olhos. E desmoronou em sua cama.

"Tedros."

Agatha concordou, nauseada. O caminho de casa passava pela pessoa que poderia estragar tudo.

"Tedros precisa... me beijar?", disse Sophie, olhando para o nada.

"E ele não pode ser enganado, forçado, nem ludibriado para fazer isso. Ele tem de ter a intenção."

"Mas, como? Ele acha que eu sou uma vilã! Ele me odeia! Agatha, ele é filho de um rei. Ele é lindo, é perfeito e olhe pra mim...", ela agarrou seu cabelo curto e sua túnica larga. "Eu sou... eu sou..."

"Ainda é uma princesa."

Sophie olhou para ela. "E é a única forma de chegarmos em casa", disse Agatha, forçando um sorriso. "Portanto, nós precisamos fazer com que esse beijo aconteça."

"Nós?", disse Sophie.

"Nós", confirmou Agatha.

Sophie deu-lhe um abraço apertado.

"Nós vamos pra casa, Agatha."

Nos braços dela, porém, Agatha sentiu algo diferente. Algo que lhe dizia que a Sala da Condenação havia tirado mais de sua amiga do que apenas seus cabelos. Agatha afastou suas dúvidas, e apertou Sophie com mais força.

"Um beijo e tudo estará acabado", ela sussurrou.

Enquanto elas se abraçavam em uma torre, em outra o Diretor da Escola observava o Storian concluir uma pintura magnífica das duas meninas, uma nos braços da outra. A caneta acrescentou um último floreio de palavras embaixo, fechando o capítulo.

“Mas todo beijo tem seu preço.”

15

Escolha o seu caixão

Sempre que Tedros estava estressado, ele fazia exercícios. Portanto, vê-lo às seis da manhã arremessando pesos, levantando halteres e treinando na piscina da Sala de Embelezamento significava que estava com muitas coisas na cabeça. Era compreensível. Os convites para o Baile da Neve tinham sido distribuídos e colocados embaixo das portas durante a noite.

Enquanto escalava cordas feitas de cabelos louros trançados, ele praguejava pelo fato de que passaria o Natal em um baile. Por que tudo a respeito dos Sempre girava em torno de danças formais opressivas? O problema com bailes era que os meninos tinham que fazer todo o trabalho. Meninas podiam flertar e tramar tudo o que quisessem mas, no fim, era o menino que tinha de fazer sua escolha e torcer para que ela dissesse sim. Tedros não estava preocupado quanto à menina dizer sim. Estava preocupado por não haver nenhuma garota que ele quisesse convidar.

Ele não conseguia lembrar-se da última vez que tinha, de fato, gostado de uma menina. E, no entanto, sempre tinha uma atrás dele, perseguindo-o, afirmando ser sua namorada. Sempre acontecia. Ele jurava que esqueceria as garotas, depois notava uma que estava ganhando a atenção dos outros, dispunha-se a provar que podia ganhá-la, ganhava, e descobria que ela era uma tola caçadora de príncipes que estivera de olho nele o tempo todo. A Maldição Beatrix. Não. Havia um nome melhor pra isso.

A Maldição Guinevere.

Tedros tinha apenas 9 anos quando sua mãe, Guinevere, se mandou com o cavaleiro Lancelot, abandonando a ele e a seu pai. Ele ouviu os cochichos que vieram a seguir: "*Ela encontrou o amor*". E quanto a todas as vezes em que ela disse "eu te amo" ao seu pai? Qual amor era real?

Noite após noite, Tedros observava o pai mergulhar mais fundo na mágoa e na bebedeira. A morte veio em um ano. Em seus últimos suspiros, o Rei Arthur segurou as mãos do filho.

"O povo precisará de uma rainha, Tedros. Não cometa os meus enganos. Procure por uma garota que seja *verdadeiramente boa*."

Tedros escalava cada vez mais alto nas tranças douradas, com as veias estufadas sobre os músculos.

Não cometa os meus enganos.

Sua mão escorregou e ele caiu da corda, desmoronando em um colchão macio. Com o rosto vermelho, olhava as cascatas de cabelos.

Todas as garotas aqui eram enganos. Guineveres que confundiam amor com beijos.

A luz do dia bateu no travesseiro de Agatha. Ela revirou-se e viu Sophie encurvada sobre a antiga cama de Reena.

"Por que você ainda está aqui? Se os lobos te pegarem você irá novamente para a Sala da Condenação! Além disso, você deveria estar em casa, escrevendo aquele poema anônimo para Tedr..."

"Você não me disse que vai haver um Baile."

Sophie ergueu um convite cintilante em formato de floco de neve, com o nome de Agatha escrito com pérolas.

"Ah, quem liga para um baile imbecil?", gemeu Agatha. "Já teremos partido há muito tempo. Agora, assegure-se de que aquele poema fale sobre quem ele é como pessoa. Sua honra, sua coragem, sua bravu..."

Agora Sophie estava cheirando o convite.

"Sophie, me ouça! Quanto mais nos aproximarmos do Baile, mais Tedros vai procurar um par! Quanto mais ele procurar por um par, mais ele se apaixonará por outra pessoa! Quanto mais se apaixonar por outra pessoa, mais nos deixará aqui para morrermos! Entendeu?"

"Mas eu quero ser seu par."

"VOCÊ NÃO FOI CONVIDADA!"

Sophie apertou os lábios.

"Sophie, Tedros precisa beijá-la *agora*! Do contrário, nós jamais iremos pra casa!"

"Honestamente, eles verificam os convites em um Baile?"

Agatha arrancou o convite de Sophie. "Como eu sou estúpida. Achei que você quisesse continuar viva!"

"Mas não posso perder o Baile!"

Agatha empurrou-a em direção à porta. "Use o Túnel das Árvores..."

"Salão de mármore, trajes cintilantes, bailando sob as estrelas..."

"Se um lobo a pegar, apenas diga que está perdida..."

"Um baile, Agatha! Um baile de verdade!"

Agatha a pôs para fora. Sophie ficou olhando de cara feia.

"Minhas colegas de quarto vão me ajudar. Elas são amigas *de verdade*."

Ela bateu a porta diante da expressão chocada de Agatha.

Dez minutos depois, Hester pisou com força em seus pés, quase matando o rato de Anadil.

"SOCORRO! VOCÊ QUER QUE EU AJUDE UMA NUNCA A BEIJAR UM SEMPRE! EU PREFIRO ENFIAR MINHA CABEÇA NO TRASEIRO DE UM

CAVALO...”

“Sophie, nenhuma vilã jamais encontra o *amor*”, disse Anadil, torcendo para que a razão pudesse salvar seus ratos. “Procurar por isso é trair nossa própria alma...”

“Quer que eu vá pra casa?”, estrilou Sophie, catando folhas do túnel. “Então, ponha um feitiço em Tedros para que ele me convide para o Baile.”

“O BAILE!”, Hester deu um gritinho. “COMO VOCÊ SABE SOBRE O BAILE?”

“Uma vilã em um *Baile*?”, disse Dot.

“Uma vilã dançando valsa!”, disse Anadil.

“Uma vilã fazendo reverências”, disse Hester, e todas as três caíram na gargalhada.

“Eu *vou* àquele Baile”, Sophie disse, furiosa.

“Apresentando a *Bruxa de Além da Floresta*!”, Hester gargalhava, em meio às lágrimas.

Na hora do almoço ela não estava rindo mais.

Primeiro, Sophie estava vinte minutos atrasada para a aula, depois de tentar encontrar uma solução para seu cabelo picotado. Ela disfarçou-o com fivelas, laços, e pentes até decidir-se por uma tiara de margaridas.

“Não está horrendo”, ela suspirou, antes de entrar na aula de Enfeiamento e ver os cabelos dos alunos ficando grisalhos com poções de asa de morcego. Um “1” subitamente explodiu acima de sua cabeça.

“Horrenda!”, disse o professor Manley, radiante, olhando os cabelos dela. “Sua grande beleza se foi.”

Sophie estava aos prantos ao deixar a aula, mas depois ela ouviu Hester gritar. No corredor, Albermarle, um pica-pau zeloso de óculos, estava bicando e entalhando o nome de Sophie logo abaixo do dela, no quadro de classificação do Mal.

“Um pequeno feitiço de amor, Hester”, Sophie lembrou-a meigamente. “Então eu partirei para sempre.”

Hester saiu batendo os pés, lembrando a si mesma que Nunca beijando Sempre era algo que não podia ser incentivado, independentemente de quão extremas fossem as circunstâncias.

No começo da aula de Maldições, Lady Lesso entrou na câmara de gelo com o maxilar mais tenso do que o habitual.

“É impossível encontrar bons torturadores hoje em dia”, ela murmurou.

“Do que ela está falando?”, Sophie cochichou para Dot.

“A Fera sumiu!”, Dot cochichou de volta.

Atrás dela, Sophie parecia nauseada.

Enquanto testava a turma em sonhos com Nêmesis, Lady Lesso enfurecia-se diante de todas as respostas erradas.

“Mas eu achei que um sonho com o Nêmesis significasse que você seria uma Vilã Protagonista”, disse Hester...

“Não, sua imbecil! Só se você tiver sintomas! Um sonho com o Nêmesis não quer dizer nada sem sintomas!”, Lady Lesso respondeu.

“Dot, que gosto você sente em sua boca durante seu primeiro sonho com o Nêmesis?”

“O gosto do que comeu antes de ir para a cama?”

“*Sangue*, sua idiota!”, Lady Lesso arrastou as unhas na parede de gelo. “Ah, o que eu daria para ver um vilão de verdade nesta escola. Um vilão que pudesse fazer o Bem chorar, em vez dessas moscas de estrume.”

Quando chegou sua vez, Sophie esperou pelo maior abuso, mas Lady Lesso deu-lhe uma verruga por uma resposta certamente incorreta, e afagou seu cabelo tosado ao passar.

“Por que ela está sendo tão *legal* com você?”, Hester chiou, atrás dela.

Sophie tinha essa mesma pergunta, mas virou-se com um sorriso. “Porque sou a futura Capitã da Turma. Pelo tempo que *ficar* aqui.”

Hester parecia pronta para quebrar o pescoço de Sophie. “Feitiços de amor são vilania vagabunda. Não *funcionam*.”

“Tenho certeza de que você vai encontrar um que funcione”, disse Sophie.

“Eu estou avisando, Sophie. Isso vai acabar mal.”

“Hmm... Que tal petúnias em todos os quartos?”, Sophie pensou. “Acho que será minha primeira proposta, como Capitã da Turma.”

Naquela noite, Hester escreveu para seus parentes pedindo feitiços de amor.

“É contagioso”, Agatha gemia, enquanto as meninas Sempre circulavam pela Clareira mostrando seus convites umas às outras, cada um em um formato de floco de neve diferente. Ali perto, Tedros estava em um jogo de bola de gude, e ignorava-as inteiramente. “Cada desafio tinha a ver com a beleza do Baile, etiqueta do Baile, entrada no Baile, história do Baile...”

Sophie não estava ouvindo. Com um balde de pé de porco na mão, ela olhava ansiosamente para as meninas Sempre.

“Não”, disse Agatha.

“Mas, e se ele me *convidar*?”

“Sophie, ele precisa beijar você *agora*! Não levá-la a um Baile ridículo!”

“Ah, Agatha, você não conhece os contos de fadas? Se ele me levar ao Baile, *então* ele vai me beijar! Como a Cinderela, à meia-noite! Beijos *sempre* acontecem no Baile! E até lá, meu cabelo já terá crescido, e eu terei consertado meu sapato e... ah, não, o vestido! Você pode roubar um vestido de cetim de uma das garotas? Crepe também serve. E tule! *Montanhas* de tule! Preferencialmente rosa, mas eu posso tingir, embora tule nunca fique muito bom depois de tingido. Talvez a gente deva optar por chiffon, então. É muito mais fácil de manusear.”

Agatha piscou, sem palavras.

"Você está certa, eu deveria convidá-lo primeiro", disse Sophie, dando um salto. "Nada de cara feia, querida. Será moleza. Você vai ver! Princesa Sophie *em um Baile!*"

"O que está – VOCÊ VAI ESTRAGAR TU..."

Sophie, porém, já tinha desfilado para o lado dos Sempre, sentando-se ao lado de Tedros, e estendendo seu balde.

"Olá, bonitão. Quer um pouco dos meus... pés?"

Tedros errou a jogada com a bola de gude, acertando o olho de Chaddick. A Clareira inteira silenciou-se.

Ele virou-se para ela. "Sua amiga está chamando."

Sophie seguiu os olhos dele até Agatha, acenando para chamá-la.

"Ela só está chateada", Sophie suspirou. "Você está certo, Tedros. Ela e eu somos próximas demais. Foi por isso que eu saí no meio da aula, ontem. Para dizer a ela que agora é hora de eu fazer Bons amigos."

"A Dot disse que você foi embora porque estava passando mal."

Sophie tossiu. "Ora, bem, eu tive um leve resfriado..."

"Ela disse que era diarreia."

"*Diarr...*", Sophie engoliu seco. "Você conhece a Dot. Sempre inventando coisas."

"Ela não me parece mentirosa."

"Ah, ela está sempre mentindo. Só para ter atenção. Já que ela é... você sabe."

Tedros ergueu as sobrancelhas. "Já que ela é..."

"Gorda."

"Entendo." Tedros alinhou sua bola de gude. "Engraçado, não é? Ela entrou em sepulturas vazias para comer minhocas suficientes por vocês duas só para que você não fosse reprovada. Disse que você é sua melhor amiga."

"Disse?", Sophie viu Dot acenando para ela. "Que deprimente." Ela virou-se para Tedros, que estava se preparando para jogar. "Você se lembra de quando nos conhecemos, Tedros? Eu estava na Floresta Azul. Nada do que aconteceu depois importa, como você ter me dado um soco, ou me chamado de Nunca, ou ter aterrissado no cocô. O que importa é o que você sentiu à *primeira vista*. Você quis me salvar, Tedros. E aqui estou eu."

Ela cruzou as mãos. "Então, quando você estiver pronto."

Tedros olhou para ela. "Como?"

"Para me convidar para o Baile", disse Sophie, sorrindo.

O rosto do príncipe não mudou.

"Eu sei que está ligeiramente cedo, mas uma garota precisa fazer *planos*", Sophie pressionou.

Beatrix se intrometeu. "Não há lugar para *Nunca*."

"O quê? Há espaço de sobra", Sophie bufou...

Então, Reena empurrou-a, e depois mais seis garotas, e Sophie foi empurrada totalmente para fora do círculo. Ela voltou-se para Tedros, para que ele a defendesse.

"Será que você pode ir embora?", ele disse, de olho na bola de gude. "Está atrapalhando a minha visão."

Agatha deu um sorriso malicioso, enquanto Sophie seguia marchando na direção dela.

"Moleza, hein?"

Sophie passou direto por ela...

"Mas que humildezinha!", Agatha gritou.

"É o cabelo!", Sophie chorava.

"Não é o cabelo!", disse Agatha, enquanto elas passavam pelos portões da Floresta Azul. "Primeiro você precisa fazer com que ele *goste* de você. Do contrário nós nunca iremos pra casa!"

"Deveria ser amor à primeira vista. É assim que funciona nos contos de fadas!"

"É hora do plano B."

"Mas por outro lado, ele não disse não", disse Sophie, esperançosa. "Talvez não tenha sido tão ruim."

Dot apressou-se até elas. "Está todo mundo dizendo que você chamou Tedros de mentiroso, jogou cocô na cara dele e lambeu os pés dele!"

Sophie virou-se para Agatha. "Qual é o plano B?"

Elas chegaram com o restante do Grupo Florestal e encontraram oito caixões de vidro aninhados na grama turquesa.

"A cada semana nós vamos repetir o desafio para discernir o Bem do Mal, uma vez que é a habilidade mais crucial que vocês levarão para dentro da Floresta", anunciou Yuba. "Hoje, nós vamos testar os Sempre. Por causa do fascínio com os enterros de ontem, achei que valeria dar-lhes um gosto de seu próprio sepultamento."

Com isso, ele fez as garotas Sempre e as Nunca entrarem em caixões abertos e, com um aceno de seu bastão, transformou-as oito em princesas idênticas, de cabelos escuros, quadris largos, traseiros arredondadas e lábios carnudos.

"Estou *obesa*", Sophie engasgou.

"Olhe, essa é sua chance", disse Agatha, lembrando as palavras da princesa Uma. "Se Tedros é seu grande desejo, ele será puxado em sua direção! Ele saberá que você é seu verdadeiro amor!"

"Mas Beatrix também o desejará!"

"Você precisa desejar com mais força! Foque o que você ama nele! Foque o que o torna *seu*!"

Yuba bateu as tampas dos caixões sobre as duas garotas e misturou os oito caixões. "Agora, estudem as donzelas cuidadosamente e busquem sinais do Bem", ele disse aos

meninos. “Quando tiverem certeza de que encontraram uma Sempre, beijem sua mão, e ela revelará sua verdadeira natureza!”

Os meninos Sempre aventuraram-se cautelosamente em direção aos caixões.

“Nós também queremos jogar.”

Yuba virou-se e viu Hort e os meninos Nunca.

“Hmmm, acho que isso dará às nossas garotas um incentivo para se comportarem”, disse o gnomo.

Dentro dos caixões, oito princesas rechonchudas retesaram-se, enquanto meninos do Bem e do Mal perambulavam ao redor delas. Hort esgueirou-se em uma moita azul de hortelã, passou por cima de um gambá e arrancou algumas folhas. Ele viu Ravan olhando.

“O quê? Eu gosto do frescor”, disse Hort, mastigando a hortelã.

“Andem logo e façam suas escolhas!”, Yuba vociferou.

Em seu caixão, Agatha desejou que Tedros olhasse profundamente no coração de Sophie e visse quem ela realmente era...

Em seu caixão, Sophie fechou os olhos, e pensou em tudo que ela adorava em seu príncipe...

Enquanto isso, Tedros não queria nenhuma daquelas garotas. Contudo, na hora em que ia desistir do desafio, ele sentiu seus olhos desviarem-se para o terceiro caixão. Algo o atraiu na direção daquela donzela, embora ela tivesse a mesma aparência das outras. Um brilho terno, uma centelha de energia pulsou entre eles. Sim, havia algo ali. Algo que ele não tinha notado antes. Uma dessas meninas era mais do que parecia...

“Acabou o tempo!”, disse Yuba.

Agatha ouviu um grito de arrepiar, e virou-se para Sophie, de volta em seu corpo, com os lábios colados aos de Hort.

Hort soltou-a. “Ah, era na *mão*. Oops.” Ele enfiou outra folha de hortelã na boca. “Vamos começar de novo?”

“Seu GORILA!”, Sophie chutou-o, e ele caiu na moita de hortelã, em cima do gambá, que levantou o rabo e borrifou-o nos olhos. Hort cambaleou, batendo nos caixões “Estou cego! Estou cego!”, até cair novamente dentro do caixão de Sophie, que se fechou, lacrando o corpo dele ao dela. Aflita, Sophie bateu no vidro, mas ele não abriu.

“Regra número 5: Os Nunca não brincam com amor”, Yuba disse. “Punição apropriada. Agora venham, meninos, vamos ver quem vocês escolheram.”

Agatha ouviu seu caixão abrindo-se. Ela virou-se e viu Tedros erguer sua mão até seus lábios macios. Perplexa, Agatha chutou-o no peito. Tedros caiu para trás, bateu a cabeça na tampa do caixão, e ficou amuado no chão. Os meninos Sempre aglomeraram-se ao redor dele, e os clones de princesa pularam de seus caixões para

ajudar, enquanto Yuba providenciava gelo para colocar na cabeça do príncipe. No meio da confusão, Agatha saiu de seu caixão e entrou no caixão ao lado.

Tedros levantou-se, sem intenção de abrir mão de sua princesa.

Yuba fez uma careta. "Talvez seja melhor você se sentar..."

"Eu quero terminar."

Com um suspiro, Yuba assentiu para os clones, que entraram de volta em seus caixões e fecharam os olhos.

Tedros lembrava-se de que era o terceiro caixão. Ele ergueu o vidro acima da donzela e beijou-lhe a mão, confiante. A princesa transformou-se em Beatrix, que sorria imperiosamente – Tedros soltou a mão dela como se fosse uma pedra quente. No caixão ao lado, Agatha suspirou aliviada.

Os lobos uivaram à distância. À medida que a turma seguiu Yuba de volta à escola, Agatha ficou para trás, com Sophie.

"Venha, Agatha", Yuba chamou. "Essa é a uma lição para Sophie aprender."

Agatha deu uma olhada para trás, e viu Sophie lacrada com Hort, segurando o nariz enquanto gritava e chutava o vidro. Talvez o gnomo estivesse certo. Amanhã, sua amiga estaria pronta para ouvir.

"Ela sobreviverá", ela murmurou, seguindo os outros. "É só o Hort."

Mas Hort não era o problema.

O problema era que Sophie tinha visto Agatha trocando de caixão.

16

O cupido fica malandro

Protegendo-se de uma tempestade matinal, Agatha aproximou-se de Hester, na fila do almoço dos Nunca.

"Onde está Sophie?"

"Não quer sair do quarto. Perdeu todas as aulas", disse Hester, enquanto um lobo jogava uma carne misteriosa em seu balde. "Aparentemente, dividir um caixão com Hort roubou sua vontade de viver."

Quando Agatha chegou à Ponte do Meio do Caminho, cheia de poças, seu reflexo aguardava-a, mais melancólico e desolado do que da última vez.

"Preciso ver Sophie", disse Agatha, evitando olhar diretamente para si mesma.

"Essa é a segunda vez que ele olhou pra você daquele jeito."

"Ahn? Segunda vez que quem olhou pra mim?"

"Tedros."

"Ora, Sophie não me ouve."

"Bem, talvez Sophie não seja o verdadeiro amor de Tedros."

“Ela tem que ser”, disse Agatha, subitamente preocupada. “Não pode ser outra pessoa. Só assim voltaremos para casa! Quem mais poderia ser? Beatrix? Reena? Milli...”

“*Você*.”

Agatha ergueu os olhos. Seu reflexo estava dando um sorriso horrendo.

Os olhos de Agatha desviaram-se para seus sapatos pesados e molhados. “Essa é a maior imbecilidade que eu já ouvi. Primeiro, o amor é algo inventado em livros de contos de fadas, só para manter as meninas ocupadas. Segundo, eu *detesto* Tedros. Terceiro, ele acha que eu sou uma bruxa malvada, algo que, graças ao meu comportamento recente, pode ser verdade. Agora, deixe-me passar.”

Seu reflexo parou de sorrir. “Você acha que nós somos uma bruxa?”

Agatha ficou encarando a si mesma. “Estamos fazendo nossa amiga ganhar seu verdadeiro amor somente para tirá-lo dela.”

Seu reflexo instantaneamente ficou mais feio. “Decididamente do Mal”, disse o reflexo, e desapareceu.

A porta do quarto 66 estava destrancada. Agatha encontrou Sophie encolhida debaixo das cobertas chamuscadas.

“Eu *vi!*”, Sophie chiou. “Eu o vi escolher você! E eu aqui, preocupada com Beatrix, quando você é a falsa traidora!”

“Olhe, não sei por que Tedros fica me escolhendo”, disse Agatha, espremendo a água da chuva dos cabelos.

Os olhos de Sophie fulminavam-na.

“Eu quero que ele escolha você, sua tonta!”, Agatha gritou. “Quero que a gente vá para casa!”

Sophie olhou seu rosto por um bom tempo. Com um suspiro, virou-se para a janela.

“Você não sabe como *foi*. Ainda sinto o cheiro dele em todo lugar. Está em meu *nariz*, Agatha. Deram um quarto só pra ele até que o fedor passe. Mas quem pode dizer onde termina o gambá e começa o Hort?”

Trêmula, Sophie virou-se de volta. “Fiz tudo o que você disse, Agatha. Foquei todas as coisas que adoro em Tedros: sua pele, seus olhos, as maçãs de seu rosto...”

“Sophie, isso é só *aparência!* Tedros não sentirá ligação com você se só gostar dele porque ele é bonito. Em que isso a diferencia das outras garotas?”

Sophie franziu o rosto. “Eu não quis pensar em sua coroa, ou em sua fortuna, isso é fútil.”

“Pense em quem ele é! Sua personalidade! Seus valores! O que ele é lá no fundo!”

“*Com licença*, eu sei como fazer um garoto me amar”, Sophie bufou, enxotando a outra. “Apenas pare de *arruinar* as coisas e me deixe fazer do meu jeito.”

Aparentemente, o jeito de Sophie era humilhar-se ao máximo.

No dia seguinte, ela aproximou-se de Tedros na fila do almoço, e os garotos aglomeraram-se ao seu redor, mastigando folhas de hortelã. Depois, ela tentou ficar com o príncipe sozinha, em Sobrevivendo a Contos de Fadas, mas Beatrix ficou grudada nele como uma cola, aproveitando cada oportunidade para lembrá-lo de que ele havia escolhido o *seu* caixão.

“Tedros, posso falar com você?”, Sophie finalmente disse.

“Por que ele falaria com você?”, disse Beatrix.

“Porque somos *amigos*, sua mosca insignificante.”

“Amigos!”, disparou Tedros. “Eu já vi como você trata os seus amigos. Você os usa. E os trai. Chama de gordos, de mentirosos. Agradeço a oferta, mas dispenso.”

“Atacando. Traindo. Mentindo. Parece que uma de nossas Nunca está utilizando suas regras”, disse Yuba, radiante.

Sophie estava tão desanimada que até comeu um pedaço do chocolate de Dot.

“Nós encontraremos um feitiço de amor pra você, amanhã”, disse Dot.

“Obrigada, Dot”, Sophie disse, em prantos e de boca cheia. “Isso é incrível.”

“Cocô de rato. Dá o melhor chocolate.”

Sophie engasgou.

“De qualquer forma, quem você chamou de gorda?”, perguntou Dot.

As coisas pioraram. Para um desafio de uma semana em Treinamento de Capangas e Comunicação Animal, os alunos tiveram que transportar os assistentes designados para aonde quer que fossem. No começo, as duas escolas explodiram em um caos, com

trolls atirando Nuncas por janelas, sátiros roubando lanches de cestos, bebês dragões ateando fogo em carteiras, e animais batizando os corredores do Bem com montanhas de cocô.

"É uma tradição. Uma tentativa de união na escola", disse a professora Dovey aos Sempres, com um pregador no nariz. "Por mais mal organizado que seja."

Cástor olhava de cara feia para os Nunca, que perambulavam pela torre dos sinos, tomada por capangas. "QUANDO VOCES TIRAREM AS CABEÇAS DOS TRASEIROS, VÃO PERCEBER QUEM É O MESTRE!"

E de fato, depois de três dias, Hester fez seu bebê ogro aprender a fazer cocô na privada e cuspir nos Sempre durante o almoço, Tedros estava com seu lobinho abanando o rabo atrás dele, a serpente de Anadil fez amizade com seus ratos, e o coelhinho fofinho e branco de Beatrix inspirava tanto amor que ela o batizou de Teddy. (Tedros chutava-o toda vez que o via.) Até Agatha conseguiu ensinar sua avestruz a roubar doces sem que os professores notassem.

Sophie, no entanto, viu-se com um cupido gorducho chamado Grimm, com fartos cabelos pretos, nariz achatado, asas cor-de-rosa e olhos que mudavam de cor de acordo com seu humor. Ela sabia que seu nome era Grimm porque no primeiro dia ele escreveu-o para todo lado no quarto 66 com seu batom preferido. No segundo dia, ele viu Agatha pela primeira vez no almoço, e seus olhos passaram de verdes para vermelhos. Então, no terceiro dia, enquanto Yuba lecionava "Usos dos Poços", ele começou a lançar flechas em Agatha, que pulou atrás do poço da Floresta bem na hora.

"MANDE ELE PARAR COM ESSE NEGÓCIO!", Tedros gritou, desviando as flechas de Grimm para a fonte com sua espada hábil.

"Grimm! *Ela é minha amiga*!", Sophie gritou.

Grimm guardou seu arco com ar de culpado.

No quarto dia, ele passou todas as aulas de Sophie de dentes cerrados, no canto, e raspando as unhas na parede.

Lady Lesso lançou-lhe um olhar curioso. "Sabe, de olhar para ele é de pensar que..." Ela olhou para Sophie, depois afastou o pensamento. "Deixa pra lá. Apenas dê-lhe um pouquinho de leite e ele ficará mais dócil."

O leite funcionou no quinto dia. No sexto, Grimm começou a flechar Agatha novamente. Sophie tentou tudo o que pôde para acalmá-lo: ela cantou cantigas de ninar, deu a ele o melhor chocolate de Dot, até deixou que ficasse em sua cama enquanto ela dormia no chão, mas dessa vez nada o deteve.

"O que eu faço?", Sophie choramingou para Lady Lesso, depois da aula.

"Alguns capangas ficam malandros", Lady Lesso suspirou. É um risco da vilania. Mas geralmente é porque..."

"Por quê?"

"Ah, eu tenho certeza de que ele se acalmará. Eles sempre se acalmam."

Contudo, no sétimo dia, Grimm começou a voar atrás de Agatha durante o almoço, esquivando-se de ser pego pelos alunos e lobos, até que o demônio de Hester finalmente dominou-o. Agatha olhava fixamente para Sophie, por trás de uma árvore.

"Talvez você o faça lembrar alguém, não?", Sophie lamuriou.

No entanto, nem o demônio de Hester conseguiu controlar Grimm por muito tempo, e no dia seguinte suas flechas vieram com pontas de fogo. Depois que uma dessas atingiu sua orelha, Agatha finalmente chegou ao seu limite. Lembrando-se da última lição de Yuba, ela atraiu o cupido malandro até a Floresta Azul durante o almoço, e escondeu-se no poço de pedra. Quando Grimm mergulhou alegremente para encontrá-la, ela o atingiu e nocauteou com sua botina.

"Achei que ele mataria você", disse Sophie chorando, depois que elas lacraram a fonte com uma rocha.

"Eu sei me cuidar", disse Agatha. "Olhe, o Baile é em menos de dois meses e as coisas com Tedros estão piorando. Precisamos tentar um novo..."

"Ele é *meu* príncipe", Sophie retesou-se. "E eu mesma vou lidar com ele."

Agatha não se deu ao trabalho de discutir. Quando Sophie estivesse pronta ela ouviria.

Enquanto as duas escolas saíram com Cástor e Uma para soltarem seus capangas de volta na Floresta Azul, Sophie escapou até a Biblioteca do Mal.

Foi necessário usar toda a sua força de vontade para não sair correndo no instante em que entrou. O andar de cima da biblioteca era como o andar de uma biblioteca comum depois de uma inundação, um incêndio, e um tufão. As prateleiras enferrujadas eram inclinadas em ângulos estranhos, com milhares de livros caídos por todo o chão. As paredes eram esverdeadas pelo mofo, o tapete marrom era úmido e pegajoso, e a sala cheirava a uma mistura de fumaça e leite azedo.

Atrás de uma carteira, no canto, ficava um sapo gelatinoso fumando um charuto, e carimbando livros um após o outro antes de jogá-los no chão.

"Assunto de interesse", ele coaxou.

"Feitiços de amor", disse Sophie, tentando não respirar.

O sapo apontou para uma prateleira no canto. Só restavam três livros ali:

Espinhos, não rosas: Por que o amor é uma maldição, de Baron Dracul
O guia dos Nunca para acabar com o verdadeiro amor, de Dr. Walter Bartoli
Feitiços & poções de amor infalíveis, de Glinda Gooch

Sophie abriu o terceiro e percorreu a lista de feitiços até encontrar "Feitiço 53: A bruxaria do amor verdadeiro".

Ela arrancou a folha e saiu correndo antes que desmaiasse pelo fedor.

Dot, Hester e Anadil ficaram debruçadas sobre a folha durante o almoço. "Uma vez que o garoto estiver sob esse feitiço ele vai apaixonar-se por você instantaneamente, e fará tudo o que você pedir", Anadil leu. "Funciona especialmente bem com propostas de casamento e convites para bailes."

"Tudo o que você tem a fazer é misturar a poção prescrita formando uma bala, e atirar no coração de seu verdadeiro amor!", Sophie leu, empolgada.

"Não vai dar certo", disse Hester.

"Você só está zangada porque fui *eu* que encontrei."

Hester arrancou um monte de cartas de sua bolsa. "'Querida Hester, não conheço nenhum feitiço de amor que dê certo.' 'Querida Hester, feitiços de amor são notoriamente problemáticos.' 'Querida Hester, feitiços de amor são perigosos. Se você usar um feitiço ruim poderá lesar alguém para sempre'..."

"É 'infalível'!", disse Dot.

"Quem disse? Glinda *GOOCH*?"

"Eu digo que vale uma tentativa, se isso significar que não teremos mais que falar sobre bailes e beijos", disse Anadil, com seus olhos vermelhos estudando a receita. "Coração de morcego, magnetita, osso de gato... Todos esses ingredientes são comuns. Ah. Nós precisamos de uma gota do '*aroma*' de Tedros."

"Como vamos conseguir isso?", disse Dot. "Se um Nunca aproxima-se de um Sempre os lobos já vem pra cima de nós! Precisamos de um Sempre que faça isso."

Agatha sentou-se formando um monte cor-de-rosa. "O que eu perdi?"

Sophie só conseguiu dizer cinco palavras.

"Não! Nada de feitiços! Nada de bruxarias. Nada de truques!", Agatha ralhou. "Tem que ser amor verdadeiro!"

"Mas olhe!", Sophie segurou a página e a pintura do príncipe e da princesa beijando-se no baile. A legenda: "O ÚNICO SUBSTITUTO AUTÊNTICO PARA O VERDADEIRO AMOR!".

Agatha amassou a página e jogou-a no balde de Sophie. "Não quero mais ouvir falar nisso."

Sophie passou o resto do almoço remexendo em seu pão com queijo.

Dois dias depois, Hester sentiu um puxão no meio da noite. Ela remexeu-se e viu Sophie em pé acima dela, fungando uma gravata azul com um T dourado.

"Que cheiro de céu! Tenho certeza de que há suficiente aqui."

Por um instante Hester pareceu confusa. Depois, suas bochechas inflaram, prontas para explodir...

"Que tal um Coral de Vilões?", disse Sophie. "Acho que essa pode ser minha segunda proposta como Capitã da Turma."

Hester ficou acordada a noite inteira, misturando os ingredientes. Usando as tigelas de barro da mãe, ela misturou tudo até formar uma poção rosa espumada. Então ela

destilou a poção de amor em um gás cintilante, e despejou-o em uma bala com formato de coração forjada no fogo da lareira.

"Só espero que ele não morra", rugiu Hester, entregando a bala para Sophie.

Sophie praticou sua pontaria por dois dias, até saber que estava pronta. Ela esperou até a aula de Sobrevivendo a Contos de Fadas, quando Yuba e seu grupo estavam escalando árvores para estudar Flora Florestal. Quando Tedros esticou a mão para pegar um galho, ela percebeu que era a sua chance, e colocou a bala no estilingue...

"Você é *meu*", sussurrou Sophie.

O coração rosado disparou do estilingue e voou direto para o cisne prateado no coração de Tedros, ficando vermelho carmim, e ricocheteando como uma borracha até bater de volta nela, que soltou um grito violento. O grupo inteiro virou-se para olhar, em choque.

A túnica preta de Sophie estava com um borrão gigante, com uma letra F imensa em vermelho-sangue.

"F, por Falhar, descumprindo as regras." Yuba olhou furioso, de cima de uma árvore. "Nada de feitiços até *depois* do Desbloqueio."

Beatrix pegou no chão um pedaço da bala em formato de coração, que se quebrou. "Um feitiço de amor? Você tentou um feitiço de amor em *Tedros*?"

A turma caiu na gargalhada. Sophie voltou-se para Tedros, que não poderia estar mais enfurecido. Ao seu lado, Agatha tinha a mesma expressão. Sophie cobriu o rosto e saiu correndo, com o choro ecoando pela floresta.

"Todos os anos um pilantra tenta alguma coisa. No entanto, mesmo o pilantra mais patético sabe que não há atalhos para o amor", disse Yuba. "Vamos começar com feitiços apropriados na semana que vem, eu lhes garanto. Por hora, vamos às samambaias! Como podemos saber se uma samambaia é um Nunca disfarçado..."

Agatha não seguiu o grupo até o campo de samambaias. Recostada em um carvalho, ficou olhando os pedaços em forma de coração na grama, tão estilhaçados quanto seu sonho de ir para casa.

Hester voltou do jantar e encontrou Sophie esparramada na cama, mergulhada em lágrimas.

Sophie ergueu os olhos, com o F em sua túnica agora ainda mais vivo. "Não sai. Eu tentei de tudo."

Hester jogou a bolsa de Sophie no chão. "Estamos praticando nossos talentos no salão comunitário. Fique à vontade para participar." Ela abriu a porta e parou.

"Eu te *avisei*."

Sophie deu um pulo com a batida da porta.

Ela não conseguiu dormir a noite inteira, apavorada com a ideia de vestir o F para o almoço do dia seguinte. Finalmente, ela conseguiu cochilar, e ao acordar viu que todas

as suas colegas de quarto já tinham ido tomar café.

Agatha estava sentada na beirada de sua cama, catando folhas secas do vestido rosa.

"Dessa vez um lobo me viu, mas eu o despistei no túnel." Ela deu uma olhada para cima, para o espelho dourado na parede. "Ficou bonito aqui."

"Obrigada por trazer", disse Sophie.

"Meu quarto fica mais feliz sem ele."

Silêncio tenso.

"Desculpe, Agatha."

"Sophie, estou do seu lado. Nós temos que trabalhar juntas se quisermos sair daqui vivas."

"O feitiço era nossa única esperança", disse Sophie, baixinho.

"Sophie, nós não podemos desistir! Precisamos ir pra casa!"

Sophie encarou o espelho, com os olhos molhados. "O que *aconteceu* comigo, Agatha?"

"Você quer ir ao baile sem ganhar seu príncipe. Quer seu beijo sem fazer o trabalho duro. Olhe, tive que lavar louça depois do jantar a semana inteira, e enquanto fazia isso aproveitava para ler." Agatha tirou um livro do vestido – *Ganhando seu príncipe*, de Emma Anêmona – e começou a folhear as páginas que tinha marcado.

"Segundo o que diz aqui, ganhar o verdadeiro amor é o desafio máximo. Em todo conto de fadas pode parecer que é amor à primeira vista, mas há sempre uma habilidade por detrás."

"Mas eu já..."

"Cale a boca e escute. Tudo se resume a três coisas. Três coisas que uma garota precisa fazer para ganhar seu príncipe de contos de fadas. Primeiro, você precisa 'ostentar seus pontos fortes'. Segundo, precisa falar através das ações, não das palavras. E terceiro, precisa mostrar que tem outros pretendentes. Se você simplesmente fizer essas três coisas, e fizer bem, nós temos uma chan..."

Sophie ergueu a mão.

"O quê?"

"Não posso ostentar nada neste saco de batatas, não posso agir com aquela diaba na minha cara, e não tenho pretendentes, exceto um menino com aparência e cheiro de rato! Olhe pra mim, Agatha! Eu tenho um F no peito, meu cabelo parece cabelo de menino, estou com bolsas embaixo dos olhos, meus lábios estão secos, e ontem eu encontrei um cravo no meu nariz!"

"E como você vai mudar isso?", Agatha retrucou.

Sophie abaixou a cabeça. A letra horrenda lançava sombras em suas mãos. "Diga-me o que fazer, Agatha. Estou ouvindo."

"Mostre a ele quem você é", disse Agatha, abrandando a voz.

Ela olhou fundo nos olhos da amiga.

"Mostre a ele a verdadeira Sophie."

Sophie viu a fé ardendo radiante no sorriso de Agatha. Então, virando-se para o espelho, ela conseguiu dar um sorriso malicioso... um sorriso que combinava com o de um pequeno cupido cruel, preso na escuridão, esperando pacientemente para ser solto.

17

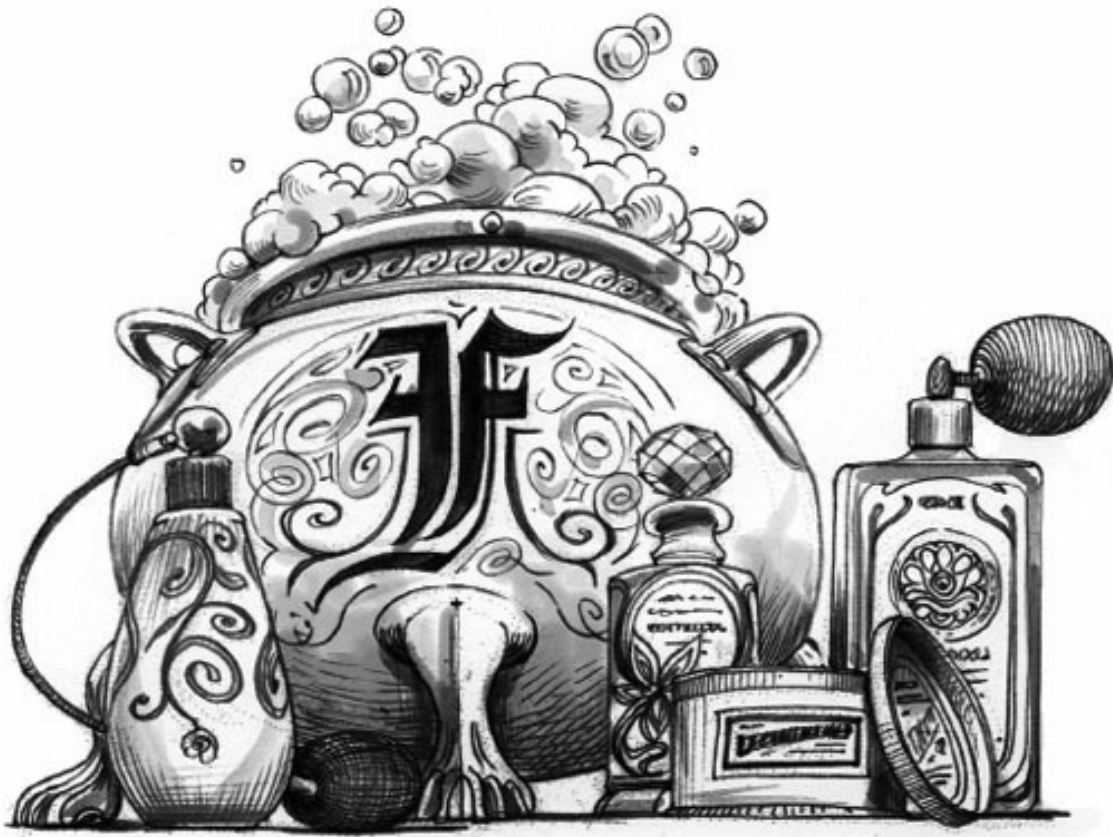
A roupa nova da imperatriz

A notícia do fracasso do feitiço de amor de Sophie espalhou-se pelas duas escolas, e até a metade da manhã todos esperavam ansiosos para dar uma olhada no F escarlate. Entretanto, quando Sophie faltou a todas as aulas matinais, ficou claro que ela estava envergonhada demais para mostrar o rosto.

"Vocês tinham que ouvir os nomes que Tedros usou para xingá-la." Beatrix disse às meninas Sempre, no almoço.

Sentada em um monte de folhas de outono, Agatha desligou-se de si mesma e olhou para Tedros e os meninos Sempre que jogavam rugby, com os cisnes prateados reluzindo nos suéteres azuis de tricô. Do outro lado da Clareira, Nunca evitavam atividades em grupo, e a maioria sentou-se sozinha. Hester ergueu os olhos do livro *Feitiços para sofrimento*, e leu os olhos de Agatha, dando uma sacudida de ombros, como se o paradeiro de Sophie fosse a menor de suas preocupações.

"Eu disse a ele, ora, Teddykins, não é culpa dela", Beatrix tagarelava em voz alta. "A pobre garota acha que é uma de nós. Devemos sentir pena de alguém tão patéti..."

Os olhos dela arregalaram-se. Agatha viu o motivo.

Sophie entrou desfilando na Clareira, com a túnica preta repaginada e transformada em um vestidinho tomara que caia, com o F brilhando em seu peito, em lantejoulas vermelho cor de diabo. Ela tinha cortado o cabelo louro ainda mais curto e penteado para baixo em um estilo Chanel. Seu rosto estava pintado com pó branco, como o de uma gueixa, com cílios rosa-choque e lábios carmim, e seus sapatos de vidro não estavam apenas consertados, mas ainda mais altos. O vestido extremamente curto exibia suas pernas longas e claras. Da sombra ela entrou no sol, e a luz explodiu em sua pele salpicada de purpurina, banhando-a com um brilho celestial. Sophie passou direto por Hester, que deixou cair o livro, passou pelos meninos Sempre, que deixaram cair a bola, e seguiu direto até Hort.

"Vamos almoçar", disse ela, levando-o como a um refém.

Do outro lado do campo a espada de Tedros caiu de sua bainha.

Ele viu Beatrix olhando, e colocou-a de volta.

Durante Sobrevivendo a Contos de Fadas, Sophie ignorou o sermão de Yuba sobre "deixar rastros úteis" e passou a aula inteira de papo com Hort, e enchendo seu balde de Nunca com raízes e ervas da Floresta Azul.

"O que está fazendo?", estrilou Agatha.

"Dá pra acreditar, Agatha querida? Eles têm beterraba, casco de salgueiro, madeira de limoeiro e tudo o mais de que eu preciso para fazer minhas velhas poções e cremes!

Logo voltarei a ser meu verdadeiro eu!”

“Não era essa ‘verdadeira Sophie’ que eu tinha em mente.”

“*Perdão*? Estou apenas seguindo as *suas* regras. *Ostentando* meus recursos, que são muitos, como você pode ver. Falando através de *ações* – eu disse uma *palavra* a Tedros? Não. Não disse. E não nos esqueçamos da parte sobre *exibir* os pretendentes. Você sabe o que é necessário para sobreviver a um almoço com Hort? Para ficar fungando aquele roedor a cada vez que vejo Tedros olhando? *Eucalipto*, Agatha. Eu *anestesio* meu nariz com eucalipto. Mas, no fim das contas, você estava certa.”

“Escute, você não entend... eu estava?”

“Você me fez lembrar o que era importante.” Sophie assentiu para Tedros e os meninos Sempre olhando para ela, do outro lado do gramado. “Não importa se você é uma Nunca, Sempre, ou seja o que for. No fim, o mais justo de todos é quem ganha.” Ela passou brilho nos lábios e estalou-os como em um beijo. “Você vai ver. Antes do fim da semana ele vai me convidar para o Baile, e você vai ganhar seu beijo precioso. Portanto, chega de negatividade, querida, isso me dá dor de cabeça. Agora, onde está aquele inútil do Hort? Eu disse a ele para ficar sempre do meu lado!” Ela saiu andando, deixando Agatha sem palavras.

Na Escola do Mal, os Nunca passaram todo o jantar aborrecidos por saber que teriam uma noite inteira de estudos pela frente. Com as aulas de feitiço programadas para começar, os testes dos professores eram menos baseados em talento e mais em tediosas revisões. Só para o dia seguinte, eles tinham que memorizar oitenta esquemas de assassinato para o primeiro desafio de Lady Lesso, comandos de Gigantes para Capangas e o mapa do Campo Florido, para o exame de geografia de Sader.

“Como ele vai corrigir?”, disse Hester. “Ele nem pode ver!”

Na hora do toque de recolher, Hester, Dot e Anadil saíram do salão comunitário cheias de livros empilhados, mas quando chegaram ao quarto, descobriram que ele havia sido transformado em um laboratório. Dúzias de poções de cores brilhantes borbulhavam sobre chamas acesas; frascos de cremes, sabonetes e tinturas estavam espalhados pelas prateleiras; uma bagunça de folhas secas, ervas e flores forrava as três camas... e no centro de tudo estava Sophie, por baixo de uma montanha de lantejoulas, laços e tecidos, testando suas misturas em pedaços de peles.

“Meu Deus, ela *é* uma bruxa”, sussurrou Anadil.

Sophie ergueu o exemplar de *O livro de receitas para boa aparência*. “Eu roubei de uma Sempre na hora do almoço.”

“Você não deveria estar estudando para os desafios?”, perguntou Dot.

“Beleza é um trabalho de tempo integral”, Sophie suspirou, besuntando-se com um bálsamo verde.

“E você se pergunta por que as Sempre são lentas”, disse Hester.

"Sophie está de volta, queridas. E ela está só começando", cantarolou Sophie. "Agora, o meu desafio é o *amor*."

E, de fato, embora Sophie tivesse ficado quase no último lugar em praticamente todos os desafios do dia seguinte, ela classificou-se em primeiro lugar em Atenção quando chegou para o almoço, com seu uniforme preto remodelado em um vestido solto deslumbrante em estilo egípcio, e com um decote nas costas enfeitado com orquídeas azuis. Seus saltos estavam um centímetro mais altos, seu rosto reluzia em bronze, sua sombra era de um tom provocante de violeta azulada, seus lábios de um delicioso tom carmim, e o F reluzente na frente de seu vestido estava agora completamente ornamentado com lantejoulas e dizia "F de *Fabulosa*".

"Isso não pode ser permitido", Beatrix resmungava, diante dos meninos babões.

Contudo, Sophie insistia com os professores que ela *estava*, sim, usando seu uniforme, enquanto os lobos ferozes pareciam tão admirados quanto os meninos. Dot jurava que um deles tinha até piscado para Sophie enquanto enchia seu balde, no almoço.

"Ela está debochando da vilania!", Hester disse, furiosa. "Deviam trancá-la na Sala da Condenação permanentemente."

"A Fera ainda está desaparecida", Anadil bocejou. "O que a assombrou deve ter sido bem ruim."

No dia seguinte, Sophie novamente tirou notas baixas em todos os desafios e, no entanto, de alguma forma conseguiu evitar ser reprovada na escola. Embora ela fosse claramente a pior, a cada vez que via a 19ª colocação em lugar da 20ª, ela dizia aos colegas de turma impressionados: "Eu sou simplesmente adorável demais para ser reprovada".

Durante os Grupos Florestais, Sophie ignorou o sermão de Yuba sobre "Sobrevivendo a Espantalhos" e ficou ocupada escrevendo em seu caderno, enquanto Agatha olhava seu vestido tipo baby-doll, de um rosa-pirulito e as lantejoulas dizendo "F de *Farra*".

"Diga alguma coisa que comece com *F*", sussurrou Sophie.

"Eu estou tentando ouvir e você também deveria, já que ficaremos aqui eternamente."

"Que tal 'Fabulosa'? Ou 'Fantástica'? Ou 'Feliz'?"

"Ou 'Fútil'! Ele ainda nem falou com você!"

"F de '*Fé*'", disse Sophie. "Que achei que você ainda tivesse em mim."

Agatha passou o resto da aula resmungando para si mesma.

Mas Sophie quase a fez botar fé, no dia seguinte, quando chegou com um corpete que mostrava a barriga, minissaia bufante e um penteado todo espetado, com os saltos tingidos de rosa-choque. Os meninos Sempre passaram o almoço olhando pra ela enquanto comiam. No entanto, mesmo que Sophie visse Tedros dando espiadas

sorrateiras para suas pernas, cerrando os dentes a cada vez que ela passava, suando quando ela se aproximava... ele ainda não falava com ela.

"Não é o bastante", disse Agatha, cercando-a, depois da aula de Yuba. "Você precisa de recursos melhores."

Sophie olhou para baixo, para si mesma. "Acho que meus recursos são bem suficientes."

"Recursos mais profundos, sua idiota! Algo *interior*! Como compaixão, caridade ou gentileza!"

Sophie piscou. "Às vezes, você faz tanto sentido, Agatha. Ele precisa ver o quanto eu sou Boa."

"Enfim ela voltou à razão", Agatha suspirou. "Agora, apresse-se. Se ele convidar outra pessoa para o Baile nós nunca iremos pra casa!"

Agatha propôs que Sophie deixasse poemas com rimas espertas, ou presentes secretos para Tedros, que revelassem profundidade e raciocínio, estratégias comprovadas e verdadeiras, ambas descritas em *Ganhando seu príncipe*. Sophie ouvia, assentindo a tudo isso, de forma que quando Agatha chegou para o almoço no dia seguinte esperava ler um primeiro rascunho ou verso, ou inspecionar um presente feito à mão. Em vez disso, ela chegou e viu um grupo de vinte garotas Nunca aglomeradas em um canto da Clareira.

"O que está havendo ali?", Agatha perguntou a Hester e Anadil, ambas estudando na sombra de uma árvore.

"Ela disse que foi ideia sua", Hester disse, com os olhos no livro.

"Má ideia", disse Anadil. "Tão má que nós não queremos falar com você."

Confusa, Agatha virou-se para a aglomeração. Uma voz familiar ecoou no meio...

"*Fabuloso*, queridas! Apenas um pouquinho menos de *creme*!"

O peito de Agatha apertou-se. Ela abriu caminho em meio ao enxame de garotas Nunca até chegar ao meio, e quase morreu de susto.

Sophie estava sentada em um toco de árvore, com um aviso pintado e pendurado em um galho acima dela:

Hora do almoço com Sophie

A beleza encontra a caridade

Tema de hoje:

Creme de beterraba para tirar manchas

Ao seu redor as garotas Nunca passavam um creme pegajoso de beterraba em suas espinhas e verrugas.

“Agora lembrem-se, meninas. Só porque vocês são horríveis não significa que não podem ficar apresentáveis”, disse Sophie.

“Amanhã eu vou trazer minhas colegas de quarto”, sussurrou Arachne, para Mona, de pele verde.

Agatha estava boquiaberta, pasma. Então, ela viu alguém se afastando. “Dot?”

Dot virou-se timidamente, coberta de creme vermelho. “Ah! Olá! Eu só estava, você sabe, achei que deveria dar uma checada... você sabe, ver se, por acaso...” Ela olhou para os pés. “Não conte à Hester.”

Agatha não fazia ideia de como isso poderia ter alguma coisa a ver com ganhar o amor de Tedros. Depois, porém, quando ela tentou cercar Sophie, três garotas Nunca enfiaram-se em sua frente para perguntar a Sophie sobre como colher as melhores beterrabas. Agatha não teve chance de falar com ela na hora do Grupos Florestais, porque Yuba separou Sempre e Nunca.

“Vocês precisam habituar-se a ver uns aos outros como inimigos! A primeira Prova de História é em três semanas!”, disse o gnomo. “E para a Prova vocês precisarão de alguns feitiços básicos. Claro que não existe uma maneira única de fazer magia. Alguns feitiços exigem visualização, alguns encantamentos, outros, floreios, batidas de pés, varinhas mágicas, códigos numéricos, ou até parceiros! No entanto, há uma regra comum a *todos* os feitiços.”

Do bolso, ele tirou uma chave prateada brilhante, com um formato ligeiramente parecido com o de um cisne.

“Sempre, mão direita, por favor.”

Os Sempre entreolharam-se confusos e estenderam as mãos.

“Humm. Você primeiro.”

Agatha franziu o rosto quando ele pegou a mão dela, depois seu segundo dedo. "Espere... o que você vai..."

Yuba prendeu sua chave de cisne magicamente na ponta do dedo de Agatha – a pele ficou transparente e o cisne mergulhou no tecido, nas veias, no sangue e grudou em seu osso. O gnomo virou o arco e seu osso girou, fazendo um círculo completo, de forma indolor. A ponta de seu dedo reluziu em um tom vivo de laranja por apenas um instante e depois apagou-se, quando Yuba retirou a chave. Desnorteada, Agatha olhava para seu dedo, enquanto Yuba desbloqueava o resto dos Sempre, depois os Nunca, incluindo Sophie, que mal ergueu os olhos do caderno em que escrevia.

"A *magia segue o sentimento*. Essa é nossa única regra", disse o gnomo, quando terminou. "Quando seu dedo reluzir, significa que você acumulou sentimento suficiente, propósito suficiente para realizar um feitiço. Você só pode fazer magia quando tiver profunda necessidade *e* desejo!"

Os alunos fixaram os olhos em seus dedos, sentindo e acumulando com toda força, e logo as pontas de seus dedos começaram a piscar em uma cor ímpar para cada pessoa.

"Porém, como uma varinha mágica, o brilho do dedo é como uma ferramenta de treinamento!", Yuba alertou. "Na Floresta, vocês parecerão uns patetas se acenderem-se a cada vez que fizerem um encanto. Nós bloquearemos seu brilho novamente quando demonstrarem que adquiriram controle." Ele fez uma cara feia para Hort, que batia inutilmente o dedo nas pedras, tentando fazer algo acontecer. "*Se demonstrarem*."

O gnomo virou-se de volta para o grupo.

"No primeiro ano vocês só aprenderão três tipos de feitiço: Controle da Água, Manipulação do Clima e Mogrificação, tanto para plantas, quanto para animais. Hoje nós vamos começar pelo último", ele disse, para sua plateia empolgada. "Um simples feitiço de visualização, mas altamente eficaz para escapar de inimigos. Agora, já que suas roupas não servirão mais após vocês se mogrificarem, é mais fácil se não estiverem vestindo nada."

Os alunos pararam de tagarelar.

"Mas imagino que todos continuaremos vestidos", disse Yuba. "Quem quer ir primeiro?"

Todos ergueram as mãos, exceto duas pessoas. Agatha, que agora rezava mais do que nunca para que Sophie tivesse um plano para ir para casa. E Sophie, que estava ocupada demais escrevendo sua próxima palestra ("Banho não é somente uma palavra de cinco letras") para ligar para aquilo.

No terceiro dia em seu toco, Sophie já tinha feito com que trinta garotas Nunca recém-banhadas participassem de sua palestra "Diga não ao monótono".

"Agora, o professor Manley diz que um Nunca tem que ser horrível. Essa feiura representa singularidade, poder, liberdade! Então essa é a minha pergunta ao professor

Manley. Como espera que nos sintamos singulares, poderosas, livres... com *isso*?" ela esbravejou, sacudindo as túnicas pretas como se fossem uma bandeira inimiga. A aclamação foi tão ruidosa que do outro lado da Clareira a caneta de Beatrix escorregou, estragando o seu desenho do vestido de baile.

"É aquela doente mental da Sophie", esbravejou Beatrix.

"Ainda procurando um acompanhante para o Baile?", murmurou Tedros, mirando a pontaria para arremessar a próxima ferradura.

"Pior. Agora ela está tentando convencer as Nunca de que elas não são umas fracassadas."

Tedros errou o arremesso, surpreso.

Agatha nem tentou ver Sophie depois do almoço, com as garotas Nunca aglomerando-se ao seu redor em busca de dicas de estilo. Ela também não tentou no outro dia, quando começou de repente uma queima improvisada de calçados depois da palestra de Sophie "Abandonem as botinas!", e os lobos corriam de um lado para o outro dando chicotadas para que os alunos voltassem à torre. E ela certamente não tentou no dia seguinte, quando todas as garotas Nunca apareceram para a palestra de Sophie sobre "Boa forma para barangas", exceto por Hester e Anadil, que cercaram Agatha depois do almoço.

"Essa ideia está ficando cada vez mais asquerosa", disse Anadil. "Tanto que nós não somos mais amigas."

"Meninos, bailes, beijos – é tudo problema seu, agora", rosnou Hester, com o demônio remexendo-se em seu pescoço. "Contanto que não mexam com a minha vitória como Capitã, não dou a mínima para o que vocês fazem. Sacou?"

No dia seguinte, Agatha escondeu-se no Túnel das Árvores, esperou pelo som de saltos altos sobre as folhas secas, e atacou Sophie, voando em cima dela. "O que vai ser, hoje? Cremes de cutícula? Branqueadores dentais? Mais exercícios abdominais?"

"Se quiser falar comigo pode esperar na fila, junto com todo mundo!", Sophie gritou.

"'Maquiagens malevolentes', 'Preto é o novo preto', 'Ioga para vilãs'! Você *quer* morrer aqui?"

"Você disse para mostrar a ele algo mais *profundo*. Isso não é compaixão? Não é bondade e sabedoria? Estou ajudando a quem não consegue se ajudar!"

"Desculpe, Santa Teresa, mas o objetivo aqui é Tedros. Como isso está chegando a alguma realização?"

"Realização. Mas que palavra vaga. Mas eu consideraria *isso* uma realização, você não?"

Agatha seguiu o olhar de Sophie para fora do túnel. A multidão diante de seu toco era de mais de cem Nunca. Só havia um, ao fundo, que não se parecia com os restantes.

Um garoto de cabelos louros e suéter de rugby azul.

Agatha soltou Sophie, chocada.

"Você deveria vir", Sophie gritou, ao sair rebolando do túnel. "Hoje é sobre cabelos secos e danificados."

Na frente do toco, Arachne encarava Tedros com seu único olho. "Por que o Príncipe Rostinho Bonito está aqui?"

"É, volte para o seu lado, garoto Sempre", ralhou Mona, atirando pedaços de cascas de árvore nele.

Mais garotas Nunca começaram a hostilizá-lo e Tedros recuou, ansioso. Ele não estava acostumado a não fazer sucesso. Mas assim que saiu, sendo vaiado...

"Nós damos boas-vindas a *todos*", Sophie advertiu, ao seguir para seu toco.

Naquela semana, Tedros voltou todos os dias. Ele disse aos seus colegas que só queria ver o que Sophie estava vestindo, mas havia algo mais. A cada novo dia ele observava, enquanto ela ensinava os pobres vilões a consertarem suas posturas, manterem contato visual e pronunciar melhor as palavras. Ele observava garotos Nunca que inicialmente ficavam amuados nos cantos começando a pedir conselhos a Sophie quanto a dormir melhor, disfarçar o odor corporal e controlar seus temperamentos. No começo, os lobos bocejavam durante essas assembleias, mas Tedros pode ver que eles começavam a ouvi-la à medida que cada vez mais e mais Nunca apareciam para as palestras. Logo os vilões começaram a debater suas receitas durante o jantar e ao longo de chás nas salas comuns. Eles começaram a sentar-se juntos no almoço, defender uns aos outros na aula, e pararam de fazer piadas sobre a maré de azar. Pela primeira vez em duzentos anos o Mal sentia *esperança*. Tudo isso por causa de uma garota.

Até o final da semana, Tedros tinha um lugar na primeira fila.

"Está dando certo! Não posso acreditar!", disse Agatha, enquanto caminhava com Sophie pelo Túnel das Árvores. "Talvez ele diga que te ama! Ele pode até beijá-la nessa semana! Nós vamos para casa! Qual é o assunto de amanhã?"

"'Engolindo suas palavras'", disse Sophie, rebolando adiante.

Naquele dia, durante o almoço, Agatha ficou na fila para pegar um cesto de alcachofras e tartines de oliva, sonhando com a acolhida de heroínas que ela e Sophie receberiam quando voltassem para casa. Gavaldon ergueria estátuas das duas na praça, faria musicais sobre a vida delas, e ensinaria as crianças nas escolas sobre as duas garotas que as salvaram da maldição. Sua mãe teria mil novos pacientes, Reaper teria trutas frescas todo dia, e ela teria suas fotos no pergaminho da cidade, e qualquer um que já tivesse se atrevido a debochar dela agora rastejaria ...

"Mas que piada."

Agatha virou-se para Beatrix que estava observando os Nunca aglomerarem-se em volta de Sophie, que vestia um revelador sári preto e botas de pele com saltos finos, para sua palestra sobre "Como ser a melhor em tudo (como eu!)".

"Como se *ela* fosse a melhor", fungou Beatrix.

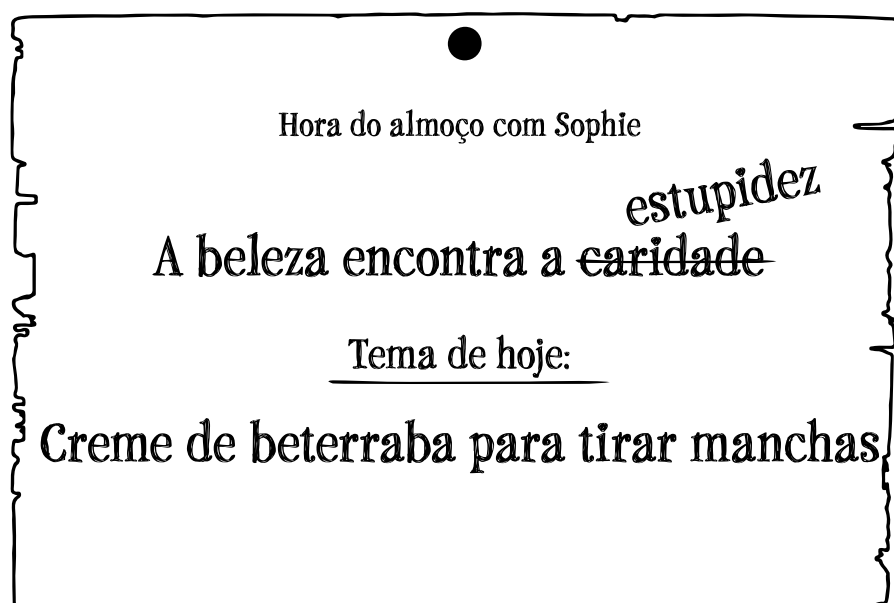
"Acho que ela é a melhor Nunca que eu já vi", disse uma voz atrás dela.

Beatrix virou-se para Tedros. "Agora ela é, Teddy? E eu acho que isso é tudo um grande *conto de fadas*."

Tedros seguiu os olhos dela ao quadro de classificação, sob a luz suave do sol, nos portões da Floresta Azul. No quadro dos Nunca, o nome de Sophie estava no fim, com buracos perfurados por pássaros. Número 120, dos 120.

"Para ser precisa, o conto é *A roupa nova da imperatriz*", disse Beatrix, e saiu andando.

Tedros não foi ver Sophie naquele dia. Espalhou-se o boato de que ele tinha achado triste ver os Nunca depositando suas esperanças na "pior garota da escola".

No dia seguinte, Sophie apareceu no toco deserto. A placa de madeira tinha sido desfigurada.

"Eu lhe disse para ficar esperta!", Agatha gritou, enquanto elas esperavam, sob uma chuva torrencial, depois da aula de Yuba, para que os lobos abrissem os portões.

"Entre a costura de novos trajes, as misturas de novas maquiagens e a preparação de novas palestras, não posso me preocupar com *aulas*!", Sophie chorava, embaixo de um guarda-chuva preto. "Tenho que pensar nos meus *fãs*!"

"Dos quais, agora, não resta nenhum!", Agatha berrou. Ela podia ver Hester dando um sorriso sarcástico, no meio do Grupo 6. "Três avaliações em último lugar e você será reprovada, Sophie! Não sei como você sobreviveu tanto tempo!"

"Eles não me *deixam* ser reprovada! Não importa quanto eu me saia mal! Por que acha que parei de estudar?"

Agatha tentou entender o sentido de tudo isso, mas não conseguia concentrar-se em nada, com a ponta de seu dedo ardendo. Desde que Yuba destravara-o, ele reluzia sempre que ela estava zangada, como se estivesse impaciente para fazer um feitiço.

“Mas como você conseguiu todas aquelas avaliações altas antes?”, ela perguntou, escondendo a mão no bolso.

“Isso foi antes de nos fazerem *ler*. Quer dizer, eu *pareço* me importar em como envenenar um pente, furar os olhos de um sapo, ou como dizer ‘Posso atravessar sua ponte’ na língua dos trolls? Aqui estou eu, tentando *melhorar* esses vilões, e você querendo que eu memorize a receita para sopa de criança com macarrão? Agatha, você sabia que para ferver uma criança precisa primeiro embrulhá-la em papel de pergaminho? Do contrário não ficará cozida apropriadamente e talvez acorde em sua panela. É isso que você quer que eu aprenda? Como machucar e matar? Como ser uma *bruxa*?”

“Ouça, você tem que recuperar o respeito...”

“Através do mal intencional? Não. Não vai dar.”

“Então estamos condenadas”, Agatha vociferou. Sophie suspirou zangada e afastou-se.

Subitamente sua expressão mudou. “Mas que...”

Ela ficou boquiaberta quando viu o quadro classificatório dos Sempre preso ao portão.

1. Tedros de Camelot	**71 pontos**
2. Beatrix de Jaunt Jolie	**84 pontos**
3. Reena de Pasha Dunes	**88 pontos**
4. Agatha de Além da Floresta	**96 pontos**

“Mas... você... você é... *você*!”, Sophie gritou.

“Eu faço meu dever de casa!”, Agatha rugiu. “Não quero aprender chamados de pombos nem praticar desmaios ou costurar lencinhos, mas faço o que for preciso para que possamos ir pra casa!”

Sophie, porém, não estava ouvindo. Um sorriso travesso surgiu em seu rosto.

Agatha cruzou os braços. “Sem chance. Primeiro, os professores vão nos pegar.”

“Você vai adorar meu dever de casa de Maldições, tem tudo a ver com enganar príncipes – e você *detesta* garotos!”

“Segundo, suas colegas de quarto vão delatá-la...”

“E você vai adorar meu trabalho de casa de Enfeiamento! Estamos aprendendo a assustar crianças – e você *detesta* crianças!”

"Se Tedros descobrir, nós estamos mortas..."

"E olhe o seu dedo! Ele acende quando você está aborrecida! Eu não consigo fazer isso!"

"É por acaso!"

"Parece até mais aceso agora! Você nasceu para ser uma vil..."

Agatha bateu o pé. "NÃO VAMOS TRAPACEAR!"

Sophie ficou em silêncio. Os lobos destrancaram os portões da Floresta Azul, e os alunos entraram pelos túneis.

Nem Sophie nem Agatha mexeram-se.

"Minhas colegas de quarto dizem que sou cem por cento do Mal", disse Sophie, baixinho. "Mas você sabe a verdade. Eu não sei *como* ser má. Nem mesmo um por cento. Portanto, não me peça para ir contra minha própria alma, Agatha. Eu não posso." A voz dela falhou. "Simplesmente não posso."

Ela deixou Agatha debaixo do guarda-chuva. Enquanto Sophie se juntava à massa, a tempestade lavava o brilho de seus cabelos, tirando a purpurina de sua pele até que Agatha não conseguia mais distingui-la das outras vilãs. A culpa invadiu-a, fazendo seu dedo queimar, brilhante como o sol. Ela não tinha contado a verdade a Sophie. Ela tinha tido a mesma ideia, de fazer o trabalho de casa de Sophie, mas afastou-a. Não por temer ser flagrada.

Ela tinha medo de gostar. De gostar cem por cento.

Naquela noite Sophie teve pesadelos. Tedros beijando duendes, Agatha saindo de um poço, rastejando com asas de cupido. O demônio de Hester perseguindo-a pelas galerias de esgoto, até que a Fera despertava da água escura, com as mãos ávidas e ensanguentadas, e Sophie passava por ela correndo e trancando-se na Sala da Condenação. Havia, no entanto, um novo torturador esperando. Seu pai, com uma máscara de lobo.

Sophie acordou em sobressalto.

Suas colegas de quarto dormiam profundamente. Ela suspirou, aninhada em seu travesseiro – e deitou-se bruscamente.

Havia uma barata em seu nariz.

Ela começou a gritar...

"Sou eu!", a barata chiou.

Sophie fechou os olhos. *Acorde, acorde, acorde.*

Ela abriu os olhos. Ela ainda estava ali.

"Qual é o meu muffin predileto?", ela murmurou.

"De mirtilo, sem farinha", disse a barata. "Mais alguma pergunta imbecil?"

Sophie tirou o inseto de seu nariz. Ele tinha os mesmos olhos arregalados e bochechas fundas.

“Como assim...”

“Mogrificação. Estamos estudando isso há duas semanas. Encontre-me no salão comunitário.”

Agatha, a barata, encarava-a enquanto seguia até a porta.

“E traga seus livros.”

18
A barata e a raposa

“Imagine se o meu brilhar num tom verde, ou marrom, ou algo assim?”, Sophie bocejou, coçando as pernas. Tudo na Sala Comunitária da Malícia era feito de um tecido de linho cru grosseiro – o piso, os móveis, as cortinas – como uma câmara de tortura por coceira. “Não vou fazer isso se não combinar com as minhas roupas.”

“Apenas foque o sentimento!”, a barata esbravejou, no ombro dela. “Como raiva. Tente a raiva.”

Sophie fechou os olhos. “Está acendendo?”

“Não. Em que você está pensando?”

“Na comida daqui.”

“Raiva de verdade, sua tonta! A magia vem de sentimentos *verdadeiros*!”

O rosto de Sophie contorceu-se pelo esforço.

"Com mais profundidade! Nada está acontecendo!"

O rosto de Sophie ficou sinistro, e a ponta de seu dedo piscou em rosa-choque.

"Isso! Você está conseguindo!", Agatha deu um pulo, empolgada. "Em que você está pensando!"

"Em como sua voz é irritante", disse Sophie, abrindo os olhos. "Devo pensar em você todas as vezes?"

Durante a semana seguinte, a Sala Comunitária da Malícia transformou-se em uma escola noturna para baratas. O feitiço de mogrificação só durava três horas, então Agatha tratou Sophie como uma escrava, obrigando-a a fazer com que seu dedo reluzisse com mais intensidade, para nublar uma sala e inundar um piso, para distinguir um salgueiro-adormecido de um salgueiro-chorão, e até para dizer algumas palavras na língua dos gigantes. A avaliação de Sophie imediatamente subiu, porém, no quarto dia as longas noites já causavam efeito.

"Minha pele parece tão *cinzenta*", disse Sophie.

"E você ainda está na 68ª posição, portanto, preste atenção!", repreendeu a barata em seu livro, com o cisne reluzindo. "A Praga de Woodside começou quando Rumpelstiltskin começou a pisar tão forte que o chão rachou..."

"O que a fez mudar de ideia? Quanto a me ajudar?"

"E do chão, um milhão de insetos venenosos saíram rastejando, infestando a Floresta, fazendo com que muitos Nunca e Sempre adoecessem", disse Agatha, ignorando-a. "Eles até precisaram fechar esta escola, pois os insetos eram altamente contagiosos..."

Sophie esparramou-se novamente no sofá. "Como você *sabe* tudo isso?"

"Porque enquanto você se olha em espelhos, eu leio *Venenos e pragas*!"

Sophie suspirou. "Então eles fecharam a escola de insetos. Então, o que aconte..."

"É pra *cá* que você tem escapado?"

Sophie virou-se e viu Hester na porta, de pijama preto, acompanhada por Anadil e Dot.

"Dever de casa", Sophie bocejou, erguendo o livro. "Preciso de luz."

"Desde quando *você* liga para o dever de casa?", Hester zombou dela

"Achei que a beleza fosse uma 'tarefa de tempo integral'", Anadil imitou-a.

"Ficar no quarto com vocês é uma inspiração e tanto", disse Sophie, sorrindo. "E me faz querer ser a melhor vilã que eu possa ser."

Hester olhou-a por um longo tempo. Com um rosnado, ela virou-se e deixou as outras saírem.

Sophie suspirou, soprando Agatha pra fora do sofá.

"Ela está aprontando alguma", as garotas ouviram Hester resmungar.

"Ou ela mudou!", palpitou Dot, balançando-se atrás dela. "Havia uma barata em seu livro e ela nem notou!"

Até a sexta noite de estudos, a avaliação de Sophie já tinha subido para a 55ª posição. A cada dia, porém, ela se parecia mais com um zumbi, com a pele branca de aspecto doentio, olhos vidrados e olheiras fundas. Em vez de um belo traje novo ou um chapéu, agora ela andava de cabelo sujo e vestido amassado, deixando um rastro de anotações de estudos pela torre inteira, como se fossem farelos de pão.

"Talvez seja melhor você dormir um pouco", Tedros lhe disse, na aula de Yuba, "Gastronomia de insetos".

"Estou ocupada demais tentando não ser a 'pior garota da escola'", disse Sophie, enquanto fazia anotações.

"Geralmente, há insetos disponíveis quando não há minhocas", disse Yuba, segurando uma barata viva.

"Veja, você não pode esperar que alguém lhe dê ouvidos quando está classificada abaixo de Hort", sussurrou Tedros.

"Quando eu estiver em primeiro lugar você vai me pedir para lhe perdoar."

"Se você chegar ao primeiro lugar, pode me pedir o que quiser", ele bufou.

Sophie voltou-se para ele. "Eu vou fazer você cumprir isso."

"Se ainda estiver acordada."

"Primeiro removam essas partes não comestíveis", disse Yuba, arrancando a cabeça da barata.

Agatha estremeceu e escondeu-se atrás de um arbusto pelo resto da aula. E, naquela noite, ela quase explodiu quando Sophie lhe disse o que havia acontecido com Tedros.

"Os meninos Sempre nunca deixam de cumprir suas promessas!", ela disse, saltitando em pernas de baratas. "É o Código Principesco de Cavalheirismo. Agora você só precisa chegar ao primeiro lugar, e ele vai convidá-la para o... Sophie?"

Sophie respondeu com um ronco.

No décimo dia da "Faculdade de Baratas", Sophie estava somente no 40º lugar, e suas olheiras estavam tão escuras que ela parecia um guaxinim. Então, no dia seguinte, caiu novamente para o 65º lugar, quando cochilou durante o teste de Sonhos sobre Nêmesis, de Lesso, depois de adormecer durante o Treinamento de Capangas, derrubando Beezle do palanque, e após perder a voz em Talentos Especiais, caindo ainda mais de posição.

"Seu talento está progredindo", Sheeba disse a Anadil, que conseguira fazer seus ratos crescerem cinco centímetros. Então ele virou-se para Sophie. "E eu que pensei que *você* fosse a nossa Grande Esperança."

Até o fim da semana Sophie voltara a ser a pior vilã da escola.

"Estou doente", disse Agatha, tossindo com a mão na boca.

A professora Dovey não ergueu os olhos do pergaminho aberto em sua mesa. "Chá de gengibre e duas fatias de toranja. Repita isso a cada duas horas."

"Eu tentei isso", disse Agatha, aumentando o volume de sua tosse.

“Agora não é hora de perder aulas, Agatha”, disse a professora Dovey, empilhando papéis sob os pesos reluzentes em forma de abóboras. “Falta menos de um mês para o Baile, e quero assegurar-me de que nossa aluna classificada em quarto lugar esteja preparada para a noite mais importante de sua juventude! Você tem algum menino Sempre em mente?”

Agatha explodiu em tosse. A professora Dovey olhou para cima, alarmada.

“Parece uma... *praga*”, Agatha espirrou.

A professora Dovey ficou branca.

Fechada em quarentena em seu quarto, Agatha, a barata, agora acompanhava Sophie a todas as suas aulas. Presa atrás da orelha de Sophie, ela sussurrou-lhe em seu ouvido qual era o primeiro sinal de um Sonho de Nêmesis (resposta: sentir gosto de sangue), guiou-a nas negociações com o Gigante Gelado durante a aula de Capangas, e disse-lhe quais eram os corvos do Bem e quais eram os do Mal durante a aula de Grupo Florestal de Yuba. No segundo dia, ela ajudou Sophie a perder um dente no Enfeiamento, a encontrar as respostas correspondentes durante a prova de Sader (Lalkies: têm fala mansa; Harpias: são comedoras de crianças), e a determinar qual dos pés de feijão de Yuba era venenoso, qual era comestível e qual era a Dot disfarçada. Houve momentos complicados, é claro. Ela quase foi parar debaixo da botina de Hester, sobreviveu por pouco a um morcego que passou sobrevoando, e quase transformou-se nela mesma em Talentos Especiais, antes de encontrar um armário de vassouras, no momento exato.

No final do terceiro dia, Agatha mal tinha olhado seu dever de casa do Bem, e passava todo o seu tempo livre aprendendo feitiços do Mal. Enquanto suas colegas de turma esforçavam-se para fazer o dedo piscar, ela conseguia manter o seu aceso ao pensar sobre as coisas que a deixavam zangada: escola, espelhos, meninos... Depois era só uma questão de seguir uma receita precisa de feitiço, e de repente conseguia fazer magia. Coisas simples, nada além de brincar com a água e o clima, mas, ainda assim – *magia de verdade*!

Ela teria se deixado paralisar pela incredulidade, pela impossibilidade, se tudo não lhe chegasse com tanta naturalidade. Enquanto os outros não conseguiam nem gerar uma garoa, Agatha formava nuvens de temporal em seu quarto e encharcava os murais odiosos da parede com raios e chuva. Nos intervalos, dava uma escapada até o banheiro e experimentava novos *Feitiços para sofrimento* – a Praga do Apagão, para escurecer temporariamente o céu, o Feitiço do Mar Bravo, para erguer uma onda gigante... O tempo voava quando ela estudava o Mal, tão abundante de poder e possibilidades que ela nunca ficava entediada.

Uma noite, enquanto esperava que Pólux entregasse seu dever de casa do Bem, Agatha assobiava enquanto rabiscava...

“O que, nesse mundo, significa *isso*?”

Ela voltou-se para Pólux, na porta, com a cabeça em um corpo de lebre, olhando para seu desenho.

"É... sou eu, no meu casamento. Está vendo, este é meu príncipe." Ela amassou a folha e tossiu. "Algum dever de casa?"

Depois de repreendê-la por ter baixado na classificação dos Sempre, explicando cada dever três vezes, e censurá-la mandando que cobrisse a boca quando tossisse, Pólux finalmente deixou-a sozinha. Agatha suspirou. Então seu olho captou o desenho amassado de si mesma voando pelas chamas, e ela viu o que estivera desenhando.

O *Nunca Mais*. O paraíso do Mal.

"Nós precisamos ir pra casa", ela murmurou.

Até o fim da semana, Agatha tinha conduzido Sophie por uma sequência magnífica de vitórias em todas as suas matérias, incluindo as Sintonizações Experimentais de Yuba. Nessa aula, havia duelos preparatórios para a Prova de História, e Sophie derrotou cada pessoa de seu grupo usando feitiços aprovados, como paralisar Ravan com um raio, congelar os lábios de Beatrix antes que ela pudesse pedir ajuda aos animais, ou liquefazer a espada de treinamento de Tedros.

"Tem gente que anda fazendo o dever de casa", disse Tedros, impaciente. Escondida embaixo da gola de Sophie, Agatha corou de orgulho.

"Antes era pura sorte. Isso é diferente", Hester pegou Anadil pelo braço, enquanto elas almoçavam um punhado de línguas chamuscadas de vaca. "Como será que ela está *fazendo* isso?"

"É o bom e velho trabalho duro", disse Sophie, ao passar desfilando com maquiagem cintilante, cabelos vermelhos cor de rubi, e um quimono preto bordado com pedras que diziam "F de *Focada*".

Hester e Anadil engasgaram com as línguas.

No final da terceira semana, Sophie já estava na quinta colocação, e suas palestras do horário de almoço tinham sido retomadas, a pedidos.

Assim como sua moda de túnicas pretas, ainda mais ousadas e extravagantes do que antes, e um desfile animado de recortes de plumagens, corpetes de rede de pescador, peles falsas de macaco, burcas enfeitadas com lantejoulas, terninhos de couro, perucas empoadas e até um bustiê feito de malha de armadura...

"Ela está *trapaceando*", Beatrix chiava, para qualquer um que ouvisse. "É alguma fada madrinha malandra, ou um encanto para dominar o tempo. Ninguém tem tempo para fazer tudo isso!"

Contudo, Sophie tinha tempo para desenhar um macacão de cetim que combinava com uma touca de freira, um vestido salpicado de conchas, e sapatos que combinavam com cada novo visual. Tinha tempo de derrotar Hester no desafio "Enfeiamento do Salão de Baile", escrever uma redação sobre "Lobos *versus* homens-lobos" e preparar suas palestras sobre "Sucesso perverso", "Horrendo é o novo lindo" e "Preparando-se

para fazer o mal". Ela tinha tempo de ser uma garota que personificava, sozinha, um desfile de modas inteiro, de ser uma grande agitadora, uma palestrante rebelde... e ainda lutar com Anadil e ganhar o segundo lugar na classificação.

Dessa vez, Beatrix não teve como impedir que Tedros caísse de amores por Sophie. Entretanto, Tedros tentava, valentemente, deter a si mesmo.

Ela é uma Nunca! E daí, que é bonita? Ou inteligente? Ou criativa e gentil e generosa e...

Tedros respirou fundo.

Os Sempre não gostam dos *Nunca. Você só está confuso.*

Ele sentiu-se aliviado quando Yuba lançou outro desafio "Do Bem ou do Mal". Dessa vez, o gnomo transformou todas as meninas em abóboras azuis e escondeu-as em uma parte densa da floresta.

Apenas encontre uma Sempre, Tedros repreendia a si mesmo. *Encontre uma Sempre, e esqueça-se dela.*

"Essa é do Bem!", gritou Hort, tirando uma concha azul. Nada aconteceu. Os outros meninos não conseguiam distinguir a diferença entre as abóboras, e começaram a discutir os méritos de cada uma.

"Isso não é um trabalho em grupo!", Yuba gritou.

Segurando a vinha azul de Sophie, Agatha-barata observava, enquanto os meninos dividiam-se. Tedros seguiu a oeste, em direção à Mata Turquesa, e parou. Ele lentamente virou-se para a abóbora de Sophie.

"Ele está vindo", disse Agatha.

"Como sabe?", Sophie sussurrou.

"Porque foi desse jeito que ele me olhou."

Tedros caminhou até uma abóbora. "Essa. Essa é uma Sempre."

Yuba franziu o rosto. "Primeiro, olhe atentamente..."

Tedros ignorou-o, tocou a casca azul e numa explosão de purpurina a abóbora transformou-se em Sophie. Um número "16" surgiu em fumaça verde, acima da cabeça do príncipe, e um "1" preto, acima da cabeça de Sophie.

"Somente os melhores Maus conseguem se disfarçar de Bons", comentou Yuba e, com um aceno de seu bastão apagou, definitivamente, o F do vestido de Sophie.

"E quanto a você, filho de Arthur, sugiro que estude suas regras. Vamos torcer para que não cometa equívocos tão terríveis quando for pra *valer*."

Tedros tentou parecer envergonhado.

"Não conseguimos encontrar nenhuma!", uma voz gritou.

Yuba virou-se, e viu todos os meninos com classificações baixas pairando sobre suas cabeças. "Deveria tê-las marcado", ele suspirou, e seguiu balançando-se pela mata, cutucando abóboras para ver se gritavam.

Depois que o gnomo se foi, Tedros permitiu-se sorrir. Como ele poderia dizer a um professor que não se importava com as regras? Regras que o haviam levado àquela horrenda Agatha *duas vezes*? Pela primeira vez, ele tinha encontrado uma menina que tinha tudo o que ele queria. Uma garota que não era um erro.

"Eu diria que você me deve uma pergunta, filho de Arthur."

Tedros virou-se e viu Sophie mostrando o mesmo sorriso. Ele seguiu os olhos dela até o quadro de avaliação dos Nunca, acima da Floresta, onde Albermarle tinha entalhado o nome dela bem no alto, com seu bico.

No dia seguinte, ela encontrou um bilhete em seu balde de comida.

Lobos não gostam de raposas. Riacho Azul, à meia-noite. T.

"O que significa isso?", ela cochichou com a barata na palma de sua mão.

"Significa que vamos para casa esta noite!", Agatha comemorou, com as anteninhas batendo tão depressa que Sophie deixou-a cair.

A barata andava de um lado para outro no piso de aniagem mofado do Salão Comunitário da Malícia, de olho no relógio, enquanto ele prosseguia com seu tique-taque, rumo à meia-noite. Finalmente ela ouviu a porta abrir-se e viu Sophie entrar usando um sedutor tubinho preto, realçado por longas luvas pretas, penteado colmeia, um delicado colar de pérolas e óculos escuros. Agatha quase estragou seu próprio disfarce.

"Primeiro, eu lhe disse para ser pontual. Segundo, não se arrume demais..."

"Olhe esses óculos. Não são chiques? Protegem os olhos do sol. Você sabe, agora as garotas, os Sempre, me dão uma porção de coisas escondidas, pérolas, joias, maquiagem, roupas. Primeiro achei que fossem boas ações, depois percebi que não, elas apenas gostam de ver suas coisas em alguém mais carismático e glamoroso. Só que é tudo tão *vagabundo* que me dá alergia."

A antena de Agatha enrolou-se. "Apenas... apenas tranque a porta!"

Sophie fechou a porta. Ela ouviu um estrondo e virou-se, vendo Agatha com o rosto vermelho e o corpo pálido envolto em uma cortina de saco de aniagem.

"Uhmm... devo ter errado ao calcular o tempo...", Agatha balbuciou.

Sophie olhou-a de cima a baixo. "Prefiro você como barata."

"Tem que haver um jeito de conseguir novas roupas quando se volta da transformação", Agatha resmungou, encolhendo-se mais. Então, ela viu Sophie remexendo no bilhete de Tedros. "Agora ouça, não faça nada de imbecil quando encontrá-lo esta noite. Apenas ganhe o beijo e..."

"Meu príncipe veio por mim", Sophie cantarolou, cheirando o papel. "E agora, ele é meu para sempre. Tudo graças a você, Agatha." Ela olhou para cima, amorosamente, e viu a expressão da amiga. "O quê?"

"Você disse para 'sempre'."

"Eu quis dizer esta noite. Ele é meu esta noite."

Ambas ficaram em silêncio.

"Seremos heroínas quando voltarmos a Gavaldon, Sophie", Agatha disse, baixinho. "Você terá fama e riqueza, e qualquer garoto que queira. Você lerá sobre Tedros em livros de contos de fadas pelo resto de sua vida. Terá a lembrança de que um dia ele foi seu."

Sophie concordou, com um sorriso doloroso.

"E terei meu cemitério e meu gato", murmurou Agatha.

"Algum dia, você encontrará o amor, Agatha."

Agatha sacudiu a cabeça. "Você ouviu o que o Diretor da Escola disse, Sophie. Uma vilã como eu jamais encontrará o amor."

"Ele também disse que não podíamos ser amigas."

Agatha olhou nos olhos lindos e lúcidos de Sophie.

Então, ela viu o relógio e deu um salto, ficando em pé. "Tire a roupa!"

"Tirar o *quê*?"

"Rápido, nós vamos perdê-lo!"

"Desculpe, mas eu estou colada nesse vest..."

"AGORA!"

Alguns minutos depois, Agatha estava sentada ao lado da roupa de Sophie, com a cabeça apoiada nas mãos.

"Você tem que fazer isso com convicção!"

"Estou nua atrás de um sofá horrível. Não consigo fazer nada com convicção, muito menos fazer meu dedo acender e me transformar em um roedor. Não podemos escolher um animal mais atraente?"

"Você está a cinco minutos de perder seu beijo! Apenas imagine-se no corpo do bicho!"

"Em vez disso, que tal um pássaro? Tem mais a ver *comigo*."

Agatha pegou os óculos de Sophie, esmagou-os com a botina e jogou-os por cima do sofá.

"Quer que eu faça o mesmo com as pérolas?"

TUM.

"Deu certo?", disse a voz de Sophie.

"Não estou vendo você..." disse Agatha, girando. "Pelo que percebo, você se transformou em uma salamandra!"

"Estou bem aqui."

Agatha virou-se e ficou sem ar. "Mas... mas... você está..."

"*Mais eu*", disse Sophie, e uma raposa arrebatadora, felpuda e cor-de-rosa surgiu, com seu pelo reluzente, olhos verdes encantadores, lábios vermelhos suculentos, e uma cauda magenta. Ela prendeu o colar de pérolas ao pescoço, e ficou admirando-se em um pedaço de vidro quebrado. "Ele vai me beijar, querida?"

Agatha olhava, hipnotizada.

Sophie olhou para Agatha no espelho. "Você está me deixando nervosa."

"Os lobos não irão incomodá-la", Agatha balbuciou, enquanto destrancava a porta. "Eles acham que raposas são portadoras de doenças, e além disso, eles são daltônicos. Apenas mantenha o peito junto ao chão, para que eles não vejam o cis..."

"Agatha."

"O quê? Você vai perdê-lo..."

"Pode vir comigo?"

Agatha virou-se.

Sophie delicadamente passou o rabo em volta da mão da amiga. "Somos uma dupla", ela disse.

Agatha teve de lembrar a si mesma de que não tinha tempo para chorar.

Sophie, a raposa, seguiu silenciosamente pela Floresta Azul, passou pelos salgueiros com fadas adormecidas e guardas-lobos, que recuaram dela como se fosse uma serpente. Ela seguiu pelas samambaias azuladas e carvalhos retorcidos da Mata Turquesa, até chegar ao topo da ponte, com vista para um riacho iluminado pela lua.

"Eu não o vejo", Sophie sussurrou para a barata aninhada no pelo rosa em seu pescoço.

"Seu bilhete dizia que ele estaria aqui!"

"Talvez Hester e Anadil tenham nos pregado uma peça..."

"Com quem você está falando?"

Dois olhos azuis reluziram na escuridão, do outro lado da ponte.

Sophie congelou.

"Diga algo!", Agatha ralhou em seu ouvido.

Sophie não conseguia.

"Falo comigo mesma, quando estou nervosa", Agatha sussurrou.

"Falo comigo mesma, quando estou nervosa", Sophie disse, rapidamente.

Uma raposa azul-marinho saiu da sombra, com o cisne reluzindo no peito estufado.

"Achei que somente as princesas ficassem nervosas. Não a melhor vilã da escola."

Sophie olhava para a raposa. Tinha os músculos torneados de Tedros, e seu sorriso meio presunçoso.

"Só os melhores Bons conseguem se disfarçar de Maus", Agatha interferiu. "Principalmente quando há um amor pelo qual lutar."

"Só os melhores Bons conseguem se disfarçar de Maus", disse Sophie. "Principalmente quando há um amor pelo qual lutar."

"Então foi mesmo um erro o tempo todo?", disse Tedros, contornando-a lentamente.

Sophie buscava palavras...

"Eu tive que agir dos dois lados para sobreviver", Agatha acudiu.

"Eu tive que agir dos dois lados para sobreviver", Sophie repetiu.

Ela ouviu os passos de Tedros, que parou. "Agora, segundo o Código do Príncipe, eu tenho uma promessa a cumprir." Seu pelo tocava o pelo dela. "O que gostaria que eu lhe perguntasse?"

O coração de Sophie parou na garganta.

"Agora você vê quem eu sou?", disse Agatha.

"Agora você vê quem eu sou?", repetiu Sophie, ofegante.

Tedros ficou quieto.

Ele ergueu o queixo dela, com a pata morna. "Você sabe que isso causará uma reviravolta nas duas escolas?"

Sophie encarava os olhos dele, hipnotizada.

"Eu sei", sussurrou a barata.

"Eu sei", disse a raposa.

"Sabe que ninguém vai aceitá-la como minha princesa?", disse Tedros.

"Sei."

"Sei."

"Sabe que passará o resto da vida tentando provar que é boa?"

"Eu sei", disse Agatha.

"Eu sei", disse Sophie.

Tedros aproximou-se, e os dois encostaram seus peitos um no outro.

"E você sabe que vou beijá-la agora?"

As duas meninas suspiraram ao mesmo tempo.

A água reluzente do riacho iluminou a face das duas raposas, azul e rosa, e Agatha fechou os olhos e disse adeus a esse mundo de pesadelos. Sophie fechou os olhos e sentiu o hálito morno e doce de Tedros, os lábios dele encostados aos seus...

"Mas é melhor esperarmos", disse Sophie, recuando.

Os olhos esbugalhados de Agatha abriram-se.

"Sim. Claro. Obviamente", Tedros gaguejou. "Eu, ahn, vou acompanhá-la até seu túnel."

Enquanto eles caminhavam silenciosamente de volta, o rabo rosa de Sophie enlaçou-se com o dele. Tedros olhou para ela e deu um sorriso. Agatha observava tudo, vermelha de raiva. E quando o príncipe finalmente desapareceu em seu túnel, ela apareceu no nariz de Sophie.

"O que está *fazendo*?"

Sophie não respondeu.

"Por que não o beijou?"

Sophie não disse nada.

Agatha mergulhou suas antenas no nariz de Sophie. "Você precisa correr atrás dele! Vá, *agora!* Não podemos ir pra casa, a menos que vocês se beijem..."

Sophie espanou Agatha de seu rosto e desapareceu no túnel escuro.

Retorcendo-se em meio às folhas secas, Agatha finalmente entendeu.

Não houve beijo porque jamais haveria.

Sophie não tinha intenção de que elas voltassem para casa.

Jamais.

19
Eu tenho um príncipe

Ao longo dos anos, o corpo docente da Escola do Bem e do Mal já tinha visto muitas coisas.

Viram alunos que eram patéticos no primeiro ano terminarem mais ricos do que reis. Viram alunos que eram brilhantes até o terceiro ano terminarem como pombos ou vespas. Viram trotes, protestos e motins, beijos, juras e canções de amor improvisadas.

Contudo, nunca tinham visto um Sempre e uma Nunca de mãos dadas na hora do almoço. "Tem certeza de que você não terá problemas?", perguntou Sophie, notando os olhares das sacadas.

"Se você é boa o suficiente para mim, é boa o suficiente para esses bastardos", disse Tedros, puxando-a adiante.

"Imagino que eles terão que se acostumar", suspirou Sophie. "Não quero problemas no baile."

A mão de Tedros tensionou-se segurando a dela. Sophie ficou vermelha de vergonha.

"Ah, depois de ontem à noite, eu só presumi..."

"Os meninos Sempre fazem um juramento de não convidar nenhuma garota antes do Circo de Talentos", disse Tedros, puxando a gola. "Espada disse que é tradição esperar até a Coroação do Circo, na véspera do Baile."

"Na véspera!", Sophie engasgou. "Mas como fazemos para combinar as cores e planejar nossa entrada..."

"É por isso que fazemos o juramento." Tedros pegou seu cesto de sanduíches de carneiro, cuscuz de açafrão e mousse de amêndoas, entregues por uma ninfa de cabelos verdes. "Um cesto para a moça, também."

A ninfa ignorou Sophie e estendeu um cesto para o próximo Sempre. Tedros pegou a alça.

"Eu disse um para a *moça*."

A ninfa segurou o cesto com mais força.

"Carneiro é difícil de digerir, de qualquer forma", disse Sophie.

Mas o príncipe ficou segurando, até que a ninfa entregou o cesto com um gemido. Tedros entregou-o a Sophie. "Como você disse, é melhor que se acostumem."

Os olhos dela arregalaram-se. "Você vai... me levar?"

"Você fica tão bonita quando quer alguma coisa."

Sophie tocou-o. "Prometa", ela disse, sem fôlego. "Prometa que você me levará ao baile."

Tedros olhou para baixo, para as mãos macias dela, segurando os cadarços da camisa dele.

"Tudo bem", finalmente suspirou. "Eu prometo. Mas conte a qualquer pessoa e eu coloco uma cobra no seu corpete."

Com um gritinho, Sophie jogou-se nos braços dele. Ela finalmente poderia planejar seu vestido.

Com isso, o Sempre número 1 e a Nunca número 1, inimigos de corpo e alma nos livros de contos de fadas, sentaram-se de mãos dadas embaixo de um carvalho. Tedros de repente notou todos os Sempre o encarando, perplexos por sua deslealdade. Sophie viu alguns Nunca, a quem tinha palestrado durante semanas sobre o orgulho do vilão, olhando-a fixamente, traídos.

Tensos, ela e Tedros morderam seus sanduíches ao mesmo tempo.

"A bruxa ainda está contagiosa?", perguntou Tedros, rapidamente. "É seu primeiro dia de volta à escola."

Sophie deu uma olhada para Agatha, encostada a uma árvore, olhando diretamente pra ela.

"É... nós não estamos nos falando muito, realmente."

"Ela é uma sanguessuga, não é? Acha que a inteligência dela complementa a sua beleza. Mal sabe ela que você tem tudo isso junto."

Sophie engoliu em seco. "É verdade."

"Uma coisa é certa. Não vou mais escolher aquela bruxa em nenhum desafio."

"Como sabe disso?"

"Porque agora que encontrei minha princesa não vou largá-la mais", disse o príncipe, olhando nos olhos dela.

Sophie sentiu-se subitamente triste. "Mesmo que isso signifique esperar uma vida inteira por um beijo?", disse, quase para si mesma.

"Mesmo que signifique esperar uma vida por um beijo." Tedros respondeu, pegando a mão dela. Depois, ergueu a cabeça. "Imagino que isso seja uma pergunta hipotética."

Sophie riu e deitou a cabeça no ombro dele, a tempo de esconder as lágrimas. Um dia, ela lhe explicaria. Quando o amor deles estivesse suficientemente forte.

Nas sacadas das duas escolas, o corpo docente observava os pombinhos aconchegando-se sob o sol. Professores do Bem e do Mal trocaram olhares sinistros, e seguiram para suas salas.

Sentada na sombra fria, Agatha tampouco fez movimentos súbitos. Assim como os professores, ela sabia que esse romance estava condenado. Havia algo no caminho deles. Algo de que Sophie tinha se esquecido.

Algo chamado Prova dos Contos.

"Vencer uma Prova dos Contos é uma das maiores honras na Escola do Bem e do Mal", declarou Pólux, com a cabeça de volta ao lado da cabeça de Cástor, no imenso corpo de cão. Com os quinze líderes dos Grupos Florestais atrás deles, Pólux olhou para os alunos reunidos após o café da manhã, no Teatro das Fábulas.

"Uma vez por ano, nós mandamos nossos melhores Sempre e Nunca para dentro da Floresta Azul por uma noite, para ver quem dura até de manhã. Para vencer, o aluno precisa sobreviver *tanto* às armadilhas mortais do Diretor da Escola, *quanto* aos ataques do lado oposto. O último Sempre e o último Nunca que estiverem em pé pela manhã são declarados vencedores, e lhes são dadas cinco avaliações adicionais de primeira colocação." Pólux ergueu o focinho. "Como vocês sabem, o Bem venceu os últimos duzentos testes."

O pessoal do Bem começou uma torcida "O BEM DOMINA! O BEM DOMINA!..."

"SÃO IMBECIS, ARROGANTES E TOLOS!", esbravejou Cástor, e os Sempre se calaram.

"Daqui a uma semana, cada Grupo Florestal mandará seus melhores Sempre e Nunca para a Prova", disse Pólux. "Mas antes de anunciarmos os competidores, deixem-nos revisar rapidamente as regras."

"Ouvi dizer que Beatrix tirou primeiro lugar em Boas Ações ontem", Chaddick cochichou para Tedros. "Aquela garota Nunca está te amolecendo?"

“Pois tente remendar a asa de uma pomba com a minha força”, respondeu Tedros. Então, seu rosto suavizou-se. “Os garotos estão mesmo me odiando?”

“Não dá pra se meter com uma Nunca, companheiro”, disse Chaddick, com seus cinzentos olhos sérios. “Mesmo se ela *é* a garota mais bonita, inteligente e talentosa da escola.”

As dúvidas fizeram Tedros afundar-se em seu assento... ele rapidamente levantou-se.

“Posso provar que ela é do Bem! Posso revelar isso na Prova!”

“Beatrix ou Agatha podem cair no seu grupo”, disse Chaddick.

O peito de Tedros apertou-se. Ele viu Sophie olhando-o radiante, do banco do Mal. O futuro dos dois dependia da aprovação dele na Prova. Como poderia falhar com ela?

“Segundo as regras, pode haver mais de um vencedor em uma Prova dos Contos”, disse Pólux. “No entanto, os que durarem até o amanhecer têm que dividir a avaliação de primeiro lugar. Dessa forma, é de seu interesse eliminar seus rivais. Naturalmente, o Diretor da Escola prefere um único vencedor, e vai elaborar o maior número possível de obstáculos para garantir isso.”

“Pelo resto da semana, todas as aulas serão dedicadas à preparação desses quinze Sempre e quinze Nunca para a noite que terão na Floresta Azul”, o cão prosseguiu, enquanto os alunos comentavam sobre quem seriam esses. “Os desafios realizados dentro de sala serão restritos apenas a esses competidores. Os que tiverem as piores pontuações na semana vão primeiro para a Prova, enquanto os que tiverem a melhor colocação ingressarão bem mais tarde. Claro que isso é uma vantagem imensa. Quanto menos tempo vocês passarem na Prova dos Contos mais chance terão de sair vivos.”

Os alunos pararam de falar.

Pólux percebeu o que havia dito e forçou o riso.

“É maneira de *falar*. Nenhum aluno morre em um teste. Que ridículo!”

Cástor tossiu. “Mas, e quanto a...”

“A competição é totalmente *segura*”, disse Pólux, sorrindo para os garotos. “Cada um de vocês receberá uma bandeira de rendição. Caso vocês se encontrem em perigo mortal, deitem-se no chão e serão resgatados ilesos da Floresta Azul. Vocês aprenderão mais sobre as regras em suas inúmeras aulas, portanto eu agora cedo o palco aos líderes dos Grupos Florestais, que anunciarão os competidores do Julgamento desta temporada.

Uma pequeníssima ninfa de lírio, com um vestido cor de esmeralda, deu um passo à frente. “Do Grupo 9, Reena representará o Bem, e Vex representará o Mal!”

Reena fez uma reverência em resposta aos aplausos dos Sempre, enquanto os Nunca murmuravam que Vex, que tinha orelhas pontudas, teve sorte de cair em um grupo fraco.

Um ogro designou Tristan e Arachne, de um olho só, para o Grupo 7, seguidos de outros líderes que indicaram o moreno Nicholas e Anadil para o grupo 4, Kika e Mona,

de pele verde, para o 12, Giselle e Hester para o 6...

O tempo todo, Sophie ficou olhando para Tedros, sonhando com a vida como sua rainha. (Será que Camelot tem armários suficientes? Espelhos? Pepinos?) Então, Yuba apresentou-se. Sophie olhou para Tedros e Beatrix, ambos ansiando pelas palavras do gnomo. *Por favor, deixe que ele derrote essa branca azeda*, ela rezava...

"Do Grupo 3, Tedros representará o Bem", disse Yuba.

Ela suspirou aliviada.

"E Sophie representará o Mal."

Sophie coçou as orelhas. Ela certamente tinha ouvido mal. Então, ela ouviu os risos debochados.

"Imagino que esse seja o problema de namorar uma vilã", disse Chaddick. "É só amor e beijos, até que você tenha que matá-la."

Tedros ignorou-o, e focou seu plano para provar que Sophie era do Bem. Graças a Deus seu pai estava morto, pensou ele, suando em bicas. O que estava prestes a fazer partiria o coração dele.

Os Sempre saíram pelas portas do lado esquerdo, os Nunca, pelas portas do lado direito, para seguirem rumo à trilha do Mal, e Sophie permaneceu sentada, chocada, em um banco do mal. Uma sombra aproximou-se dela.

"Tudo o que pedi foi que você ficasse fora do meu caminho..."

A respiração de Hester gelou a parte de trás do pescoço de Sophie.

"E aqui está você, a vilã número um, caçoando de todos nós. Bem, você se esqueceu de que a história de uma vilã não tem final feliz, querida. Então, deixe-me lembrá-la de como termina. Primeiro você. Depois seu príncipe. *Mortos*."

Lábios gélidos passaram pela orelha de Sophie. "E isso não é só uma maneira de falar."

Sophie virou-se para trás. Não havia ninguém ali. Ela deu um salto, ficou em pé, trombou em Tedros, gritou – e caiu nos braços dele. "Ela vai nos matar, você, depois eu, ou eu, depois você – não me lembro da ordem – e você é um Sempre, e eu sou uma Nunca, e agora nós lutamos um contra o outro..."

"Ou lutamos um *com* o outro."

Sophie piscou. "Nós... mesmo?"

"Todos saberão que você é boa se eu a proteger", disse Tedros, ainda suando um pouco. "Somente uma verdadeira princesa pode ganhar a proteção de um príncipe."

"Mas... eles vão perseguir você! Todos acham que sou do Mal!"

"Não se nós ganharmos", disse Tedros, sorrindo. "Eles terão que transformá-la em uma Sempre."

Sophie sacudiu a cabeça e abraçou-o fortemente. "Você é meu príncipe. De verdade."

“Agora vá ganhar seus desafios, para que possamos entrar no Julgamento ao mesmo tempo. Você não pode estar lá dentro sem mim.”

Sophie ficou branca. “Mas... mas...”

“Mas, o quê? Você é de longe a melhor Nunca.”

“Eu sei, é que...”

Tedros ergueu seu queixo, forçando-a a olhar em seus olhos azuis cristalinos. “Primeira colocação em todos os desafios. Combinado?”

Sophie concordou, sem convicção.

“Somos uma dupla”, disse Tedros, fazendo covinhas ao sorrir, roçando o rosto dela uma última vez antes de sair pela porta dos Sempre.

Sophie foi arrastando-se pelo palco até a porta dos Nunca, e parou. Virou-se lentamente.

Agatha estava sentada nos bancos cor-de-rosa, totalmente sozinha.

“Eu lhe disse que meu lugar era aqui, querida”, Sophie suspirou. “Você simplesmente não ouviu.”

Agatha não disse nada.

“Talvez o Diretor da Escola deixe você voltar pra casa sozinha”, Sophie disse, amansando a voz.

Agatha não se mexeu.

“Você precisa fazer alguns amigos, Agatha”, Sophie sorriu gentilmente. “Agora eu tenho um príncipe.”

Agatha só olhou em seus olhos.

Sophie parou de sorrir. “Eu tenho um *príncipe*.”

Ela bateu a porta violentamente atrás de si.

Na aula de Enfeiamento, Manley pediu que os quinze competidores Nunca elaborassem um disfarce que afugentasse um Sempre “à primeira vista”. A poção de Hester fez seu corpo inteiro irromper em espinhos. A de Anadil deixou sua pele tão fina que era possível ver todas as suas veias. Enquanto isso, Sophie esmagava girinos para ficar novamente com herpes, mas, em vez disso, por algum motivo, surgiu nela um chifre em espiral e um rabo de cavalo.

“Pois o que é mais assustador para uma princesa do que um unicórnio?”, rosnou Manley.

Na aula de Capangas, os Nunca classificados tiveram que domar um Gigante de Fogo, um grandalhão de três metros, de pele laranja e cabelos em labaredas. Sophie tentou ler seus pensamentos, mas todos os seus pensamentos eram na língua de Gigante. Por sorte ela lembrou-se de algumas palavras em Gigante, que Agatha lhe ensinara.

GIGANTE DE FOGO: E por que eu não deveria matá-la?
SOPHIE: Eu conheço esse cavalo.
GIGANTE DE FOGO: Não estou vendo cavalo nenhum!
SOPHIE: É tão grande quanto sua cueca.

Cástor interviu antes que o Gigante a comesse.

Então Lady Lesso pediu que os Nunca selecionados citassem um feitiço que só pudesse ser desfeito por quem o tivesse feito.

"Respostas?"

Tremendo, os Nunca ergueram tabuletas entalhadas em gelo:

HESTER: Petrificação
ANADIL: Petrificação
ARACHNE: Petrificação
SOPHIE: Feitiço Especial

"Quem dera o amor fosse a resposta para *tudo*", disse Lady Lesso, entregando a Sophie outra pontuação mínima.

"O que *aconteceu*?", Tedros censurou-a enquanto a empurrava pela fila dos Sempre.

"É só um começo ruim..."

"Sophie, você não pode estar naquela Floresta sem mim!"

Ela seguiu os olhos dele até as caras feias dos Sempre. Quando chegar a Prova, todos eles vão querer vingança.

"Apenas faça o que estava fazendo *antes*!", Tedros implorou.

Sophie cerrou os dentes enquanto caminhava de volta ao seu quarto. Se Agatha podia se dar bem na Escola do Bem, então, ela podia se dar bem ali! Sim, ela ferveria olhos de sapo, aprenderia a língua de Gigante, cozinharia uma criança se fosse preciso! (Ou, pelo menos, supervisionaria.) Nada a impediria de alcançar o *felizes para sempre*! Ela estufou o peito, irrompeu porta adentro e congelou.

Sua cama tinha desaparecido. O espelho tinha sido quebrado.

E acima dela estavam todas as suas antigas roupas, mutiladas e penduradas em forcas, como cadáveres decapitados.

Em sua cama, Anadil ergueu os olhos do livro *Matando belas garotas*, e Hester ergueu os olhos do seu *Matando garotas ainda mais belas*.

Sophie apressou-se até o escritório do último andar. "Minhas colegas de quarto querem me matar!"

Lady Lesso sorriu, de sua mesa. "Esse é o espírito da coisa."

A porta fechou-se magicamente na cara de Sophie.

Sophie acovardou-se no corredor escuro. Na semana anterior era a garota mais popular da escola! E agora não conseguia nem voltar ao seu quarto?

Ela limpou os olhos. Não importava, não é mesmo? Logo mudaria de escola, e tudo isso ficaria pra trás. Tinha o garoto que todas queriam. Tinha o seu príncipe! Duas bruxas imbecis não eram páreo para o amor verdadeiro!

Vozes ecoaram de cima. Ela abaixou-se na sombra...

"Hester disse que quem matar Sophie durante a Prova será sua ajudante de capitã no ano que vem", disse Arachne, ao descer a escada. "Mas tem que parecer acidental, ou seremos expulsas."

"Temos que superar a Anadil para poder fazer isso!", disse Mona, com a pele verde corando. "Imaginem se ela matá-la antes da Prova!"

"Hester disse *durante* a Prova. Até Vex e Brone sabem disso. Vocês já ouviram o plano deles para matá-la? Eles vasculharam o lago do Bem para encontrar os *ovos* restantes. Aquela garota já era!"

"Não posso acreditar que ficamos ouvindo as palestras daquela traidora", Mona disse, irada. "Quando menos esperássemos ela nos faria usar cor-de-rosa e beijar os Sempre!"

"Ela humilhou todos nós, e agora terá que pagar", disse Arachne, estreitando seu único olho. "Somos quatorze. Ela é uma só. Os números não estão a seu favor."

As risadas ecoaram pela escada úmida.

Sophie não saiu do escuro. Não eram apenas suas colegas de quarto. A escola inteira a queria morta. Agora não havia nenhum lugar seguro.

Nenhum lugar, exceto...

No final de um corredor velho e escuro a porta do Quarto 34 abriu uma fresta, após a terceira batida. Duas pupilas negras espiaram.

"Olá, bonitão", Sophie cantarolou.

"Nem tente – você é amante de um príncipe, é uma falsa, uma..."

Sophie tampou o nariz, passou direto por Hort, e trancou-o fora de seu novo quarto.

Hort bateu e choramingou do lado de fora durante vinte minutos, até que finalmente Sophie deixou-o entrar.

"Você pode me ajudar a estudar até a hora do toque de recolher", ela disse, borrifando o quarto com lavanda. "Mas nada de dormir aqui."

"Esse quarto é *meu*!", Hort fez bico, estatelado no chão com seu pijama preto estampado com sapinhos verdes de cara feia.

"Bem, eu estou aqui, não estou? E meninos e meninas não podem ser colegas de quarto, portanto, esse não pode ser *seu* quarto", disse Sophie, deitando-se na cama dele.

"Mas onde eu vou ficar?"

"Ouvi dizer que o Salão Comunitário da Malícia é bem confortável."

Ignorando os resmungos de Hort, Sophie mergulhou nos travesseiros e segurou uma vela para ler as anotações que ele tinha feito na aula. Ela tinha que ganhar todos os desafios no dia seguinte. Sua única chance de sobreviver à Prova era entrar com Tedros e esconder-se atrás de seu escudo o tempo todo.

"Para humilhar um inimigo, transformá-lo numa galinha: *Banta pareo dirosti*?", ela estreitou os olhos. "Isso está certo?"

"Sophie, como você sabe que não é uma vilã?", Hort bocejou, curvado no chão queimado.

"Eu me olho no espelho. Hort, sua caligrafia é *podre*."

"Quando me olho no espelho, pareço um vilão."

"Isso provavelmente significa que você é um vilão."

"Meu pai disse que vilões não podem amar, independentemente de qualquer coisa. Que é antinatural e repulsivo."

Sophie identificou algumas palavras rabiscadas. "*Para congelar um Sempre, esfrie sua própria alma...*"

"Portanto, eu decididamente não posso amar", disse Hort.

"*Torne-a mais fria do que achou que seria possível... Depois, diga as palavras...*"

"Mas se eu pudesse amar, amaria você."

Sophie virou-se. Hort estava roncando baixinho, no chão, com o traseiro para cima, mostrando os sapos zangados.

"Hort, você não pode dormir aqui", ela disse.

Hort encolheu-se mais.

Sophie arrancou as cobertas e foi marchando até ele...

"Tome isso, Peter Pan", dizia, baixinho.

Sophie ficou olhando enquanto ele tremia e suava, encolhido formando uma bolinha.

Ela voltou às cobertas bolorentas. Com a vela acesa tentou estudar, mas as fungadas dele embalaram-na em um transe e, de repente, era de manhã.

O segundo dia foi como o primeiro, com Sophie ganhando mais três últimas posições, sendo a terceira em Capangas, quando ela não conseguiu fazer o dedo acender a tempo de desarmar um troll fedorento.

Ela pôde ver as veias saltando no pescoço de Tedros enquanto ele a puxava pela fila do almoço, tampando o nariz.

"Eu devo perder de propósito, ou você *quer* entrar no Teste três horas mais cedo?"

"Estou tentando o máximo possível..."

"A Sophie que eu conheço não tenta, ela *vence*!"

Eles comeram em silêncio.

"Onde está a fada madrinha dela agora?", Sophie ouviu Beatrix dizer.

Do outro lado do campo, Agatha fazia seu dever de casa com Kika, virada de costas para eles.

No dia seguinte, os desafiantes passaram as duas primeiras aulas experimentando os uniformes da Prova: túnicas azul-escuras feitas de uma tela sedosa de arame, e capas de lã com capuz e brocado vermelho. Como trinta alunos usariam as mesmas capas, seria impossível distinguir Sempre de Nunca, isso se fosse possível sequer *enxergar* as capas azuis na Floresta Azul. Quando o assunto era roupas, Sophie geralmente era toda ouvidos. Hoje, porém, ela estava com a cabeça mergulhada nas anotações de Hort. A aula de Lady Lesso seria a seguir, e ela precisava tirar o primeiro lugar.

"Um vilão mata por um propósito: destruir seu Nêmesis. Aquele que fica mais forte quando você enfraquece. Só quando ele está morto é que você se sente saciado", disse a professora de pele repuxada, batendo o salto pelo corredor. "É claro que, como apenas os melhores Nunca terão sonhos com Nêmesis, a maioria de vocês passará a vida inteira sem tirar a vida de ninguém. Considerem-se sortudos. Matar exige a mais pura Maldade. Nenhum de vocês já é puro o suficiente para matar."

Sophie ouviu murmúrios em sua direção.

"Mas como a Prova dos Contos é um exercício *inofensivo*", Lady Lesso sorriu pra ela, "por que não fazermos a preparação com meu desafio preferido..."

Ela fez surgir uma princesa fantasma, com cachos castanhos, bochechas rosadas e o sorriso mais doce que o de um bebê.

"*Exercício de Assassinato*. Quem matá-la da forma mais cruel, ganha."

"Finalmente, algo útil", disse Hester, de olho em Sophie.

Embora a câmara estivesse mais fria do que nunca, a pele de Sophie brilhava de tanto suor.

Como a princesa estava trancada atrás de uma porta e desconfiada de estranhos, os Nunca em treinamento tinham que ser criativos para matá-la. Mona enfeiou-se e, fingindo ser mascate, ofertou um batom envenenado à princesa. Depois que Lady Lesso materializou outra donzela, Anadil bateu em sua porta, e deixou um buquê de flores carnívoras do lado de fora. Hester transformou-se em um lindo esquilo, e ofertou um balão cintilante à sua vítima.

"Oh, obrigada!", disse a princesa, radiante, enquanto o balão puxava-a cada vez mais para o alto, na direção dos filetes afiados de gelo que pendiam do teto.

Sophie ficou de olhos fechados durante a maior parte do tempo.

"Quem é o próximo?", disse Lady Lesso, prendendo uma nova princesa atrás da porta. "Ah, sim. *Você*." Ela tamborilou com suas unhas compridas e vermelhas na carteira de Sophie. *Tsc, tsc, tsc.*

Sophie sentia-se enjoada. Assassinato? Mesmo sendo um fantasma, ela não podia assassin...

O rosto da Fera morrendo surgiu em sua mente, e ela ficou branca. Aquilo foi diferente! Ele era do Mal! Qualquer príncipe teria feito o mesmo!

"Pelo que parece, outro fracasso", disse Lady Lesso, sarcástica.

Olhando para ela, Sophie pensou em Tedros perdendo a fé nela. Pensou em quatorze vilões convencidos de serem puros o suficiente para matar. Pensou em seu final feliz escapando...

A Sophie que eu amo não tenta...

Apertando os maxilares, ela irrompeu pela porta, passou pela professora surpresa, com o dedo reluzindo em rosa...

Para prender um Sempre no gelo...

Ela bateu na porta.

Esfrie sua própria alma ...

A porta abriu-se, e a luz de seu dedo diminuiu.

Era seu próprio rosto olhando para ela, porém com os longos cachos louros que ela tinha antes da Fera. Para vencer esse desafio ela tinha que matar... *a si mesma*.

Sophie viu Lady Lesso sorrindo, debochada, no canto.

"Posso ajudar?", perguntou a princesa Sophie.

Apenas um fantasma. Sophie cerrou os dentes e sentiu seu dedo arder mais uma vez.

"Você parece uma estranha", disse a princesa, corando.

Mais frio do que você achou possível...

Sophie apontou o dedo aceso para ela.

"Minha mãe me disse para nunca falar com estranhos", disse a princesa, nervosa.

Diga!

A ponta do dedo de Sophie piscou – ela não conseguia encontrar as palavras...

"Eu preciso ir. Minha mãe está chamando."

Mate-a! Mate-a, agora!

"Tchau", disse a princesa, fechando a porta...

"BANTA PAREO DIROSTI!"

Puf! A princesa transformou-se em uma galinha. Sophie pegou-a nos braços, estilhaçou a janela congelada com uma cadeira e soltou a ave no céu.

"*Voe*, Sophie. Você está *livre*!"

A galinha tentou voar, depois percebeu que não conseguia, e despencou rumo à morte.

"Pela primeira vez, sinto pena de um animal", disse Lady Lesso.

Outra 15ª posição cuspida no rosto de Sophie.

Talvez a única coisa que Sophie gostasse na Escola do Mal fosse o fato de que havia muitos lugares para chorar. Ela enfiou-se atrás de um arco em ruínas e caiu em prantos. Como poderia encarar Tedros?

“Insistimos para que tire Sophie da Prova.”

Sophie reconheceu a voz rouca do professor Manley. Ela saiu de trás do arco e espiou pelo buraco da fechadura, olhando a sala de aula pútrida. No entanto, as cadeiras que habitualmente eram ocupadas por vilões estavam agora repletas pelos professores das duas escolas. A professora Dovey presidia a reunião, do púlpito de caveira de dragão, que ela ornamentou com um peso de papel em forma de abóbora.

“Os Nunca planejam matá-la, Clarissa”, concluiu o careca e espinhento Manley.

“Bilious, nós temos medidas seguras para impedir a morte de um aluno.”

“Vamos torcer para que sejam mais seguras do que há quatro anos”, ele disparou de volta.

“Acho que todos concordamos que a morte de Garrick foi um *acidente*!”, disse a professora Dovey.

Houve um silêncio agourento na sala. No corredor, Sophie podia ouvir a própria respiração ofegante.

Garrick de Gavaldon. Levado com Bane.

Bane havia sido reprovado. Garrick havia morrido.

O coração dela estava disparado, apertado junto às costelas.

Irmos vivas pra casa é nosso final feliz.

Agatha sempre estivera certa.

“Há outro motivo para que Sophie seja retirada da Prova”, disse Cástor, seriamente. “As fadas disseram que ela e o garoto Sempre planejam atuar como uma dupla.”

“Como uma *dupla*?”, a professora Dovey ficou boquiaberta. “Um Sempre e uma Nunca?”

“Imagine se eles ganhassem?”, o professor Sheeks deu um grito agudo. “Imagine se isso se espalhasse pela Floresta?”

“Portanto, ou ela morre, ou destrói a escola”, lamentou Manley, e cuspiu no chão.

“Clarissa, essa é uma decisão fácil”, disse Lady Lesso.

“Mas não há precedentes que justifiquem remover um aluno qualificado de uma Prova!”, protestou a professora Dovey.

“Qualificada! Ela foi reprovada em todos os desafios desta semana!”, disse Manley. “O garoto convenceu-a de que ela é do Bem!”

“Talvez ela esteja apenas sentindo a pressão da Prova”, opinou a princesa Uma, alimentando uma codorna em seu ombro…

“Ou ela enganou a todos nós, fazendo-nos pensar que ela fosse a maior esperança do Mal!”, disse o professor Sheeks. “Ela deveria ter sido reprovada antes da Prova!”

“Então por que *não* foi?”, perguntou a professora Anêmona.

“Todas as vezes em que tentamos reprová-la outro aluno ficava em último lugar”, disse Manley. “Alguém impediu-a de ser reprovada!”

Os professores do Mal vociferaram concordando, furiosos.

“Faz total sentido”, disse a professora Dovey, de cima. “Então algum intrometido misterioso, que ninguém nunca viu, entra em sua torre e interfere em suas avaliações.”

“Você descreve o Diretor da Escola muito bem, Clarissa”, disse Lady Lesso.

“Não seja ridícula, Lady Lesso. Por que o Diretor da Escola interferiria na avaliação de um aluno?”

“Porque não há nada que ele adoraria mais do que ver o ‘melhor’ aluno do Mal ganhar por trás do escudo do Bem”, rosnou Lady Lesso com seus olhos violeta, piscando freneticamente. “Uma aluna que até eu, tolamente, achei que tivesse esperança. Mas se Sophie ganhar com aquele príncipe patético, eu não ficarei olhando, Clarissa. Não vou permitir que o Diretor da Escola, nem você, nem suas bestas arrogantes destruam o trabalho de minha vida. Agora, ouçam-me. Deixem a Sophie competir naquela Prova e estarão arriscando mais do que apenas a vida dela. Estão arriscando-se a uma *guerra*.”

A sala ficou em silêncio mortal.

A professora Dovey limpou a garganta. “Talvez ela possa competir no ano que vem...”

Sophie relaxou, aliviada.

“Você se rende ao Mal!”, disse o Professor Espada.

“Só para proteger a garota...”, disse Dovey, baixinho...

“Mas o garoto Sempre ainda vai amá-la!”, alertou Anêmona.

“Uma semana na Sala da Condenação consertará isso”, disse Lady Lesso.

“Ainda não consegui encontrar aquela Fera”, disse Sheeba...

“Então arranje uma *nova*!”, rosnou Lady Lesso.

“Que tal uma votação?”, palpitou Uma.

“VOTAÇÃO É COISA DE MARICAS!”, rugiu Cástor, e os professores fizeram um rebuliço. A codorna de Uma bombardeou os professores do Mal com cocô, Cástor tentou comê-la e Pólux fez o favor de perder novamente sua cabeça, até que alguém assobiou com autoridade. Todos viraram-se para o homem em pé, no canto da sala queimada.

“Essa escola tem uma, e apenas uma missão”, disse o professor Sader. “Proteger o equilíbrio entre o Bem e o Mal. Se a participação de Sophie na Prova perturbar esse equilíbrio, então ela deve ser desqualificada imediatamente. Para nossa sorte, a prova desse equilíbrio está diante de seus olhos.”

Todos os olhares desviaram-se. Sophie tentou ver o que eles estavam olhando, depois percebeu que todos olhavam em direções diferentes.

“Todos concordam que o equilíbrio está *intacto*?”, perguntou o Professor Sader.

Ninguém discutiu.

“Então, Sophie competirá na Prova dos Contos, e não temos mais nada a discutir.”

Sophie engoliu um grito.

"Sempre tão sensato, August", disse Lady Lesso, levantando-se. "Ainda bem que os fracassos da garota garantiram que ela passará a maior parte da Prova sem o menino para protegê-la. Vamos torcer para que ela morra tão brutalmente que ninguém atreva-se a repetir seus erros. Somente então a história dela terminará como *merece*. Talvez até de forma apropriada para uma pintura."

Ela saiu da sala, e os professores do Mal a seguiram.

Enquanto os professores do Bem saíam, murmurando uns com os outros, em pares, a professora Dovey e o professor Sader saíram por último. Eles caminhavam em silêncio, a echarpe dela batendo no terno verde dele.

"E se ela morrer, August?", perguntou Clarissa.

"E se ela *viver*?", disse Sader.

Clarissa parou. "Você ainda acredita que é verdade?"

"Acredito. Assim como acredito que é verdade que o Storian começou seu conto de fadas."

"Mas isso é impossível... é uma loucura... é...", Clarissa ficou horrorizada. "Foi por *isso* que você interferiu?"

"Ao contrário, eu não interferi", disse Sader. "Nosso dever é deixar que a história siga seu curso..."

"Não! O que você...", a mão da professora Dovey foi até sua boca... "Foi por *isso* que você enviou uma menina para arriscar sua vida? Por que acredita em sua falsa *profecia*?"

"Há muito mais em jogo aqui do que a vida de uma garota, Clarissa."

"Ela é só uma menina! Uma menina inocente!", a professora Dovey engasgou, com lágrimas furiosas brotando de seus olhos. "O sangue dela está em suas mãos!"

Quando ela sumiu, chorando escada abaixo, os olhos do professor Sader enevoaram-se pelas dúvidas.

Ele não conseguia ver Sophie agachada ao seu lado, tentando parar de tremer.

Em meio às folhas da Clareira, Kika embrulhou-se melhor em seu xale e lambeu sua espiga de milho apimentada.

"Então, eu perguntei a todas as garotas se elas diriam sim a Tristan, e todas disseram que não! Portanto, isso significa que ele *tem* que convidar a mim! É claro que ele poderia ir sozinho, mas se um menino vai ao baile sozinho ele só recebe metade da avaliação, e Tristan gosta de usar a Sala de Embelezamento, portanto ele decididamente vai me convidar. Bem, Tristan poderia convidar *você*, mas você disse a ele para se casar com Tedros, então eu não acho que ele goste de você. Não posso acreditar que você tenha dito aquilo. Como se príncipes pudessem casar uns com os outros. Então, o que nós faríamos?"

Agatha mordeu sua espiga para fazê-la calar-se. Do outro lado da Clareira ela viu Sophie e Tedros discutindo vorazmente, na entrada do túnel de árvores. Parecia que

Sophie estava tentando desculpar-se e abraçá-lo – talvez até beijá-lo –, mas Tedros a afastava.

"Você está me ouvindo?"

Agatha voltou-se para ela. "Espere. Então, se uma garota não for convidada para o Baile ela é reprovada, e sofre uma punição pior do que a morte. Mas um garoto que não vai ao Baile recebe meia avaliação? Mas é muito justo, hein?"

"Porque é a verdade", disse Kika. "Um menino pode escolher ficar sozinho, se quiser. Mas se uma garota acaba sozinha... ela talvez seja morta."

Agatha engoliu em seco. "Isso é ridículo..."

Algo caiu em seu cesto.

Agatha ergueu os olhos e cruzou com o olhar de Sophie, enquanto Tedros arrastava-a para a fila dos Sempre.

Enquanto Kika prosseguia falando, Agatha tirou uma linda rosa de seu cesto, e viu que era feita de saco de aniagem. Com o maior cuidado ela desfez a flor no colo do vestido.

O bilhete tinha apenas três palavras.

Preciso de você.

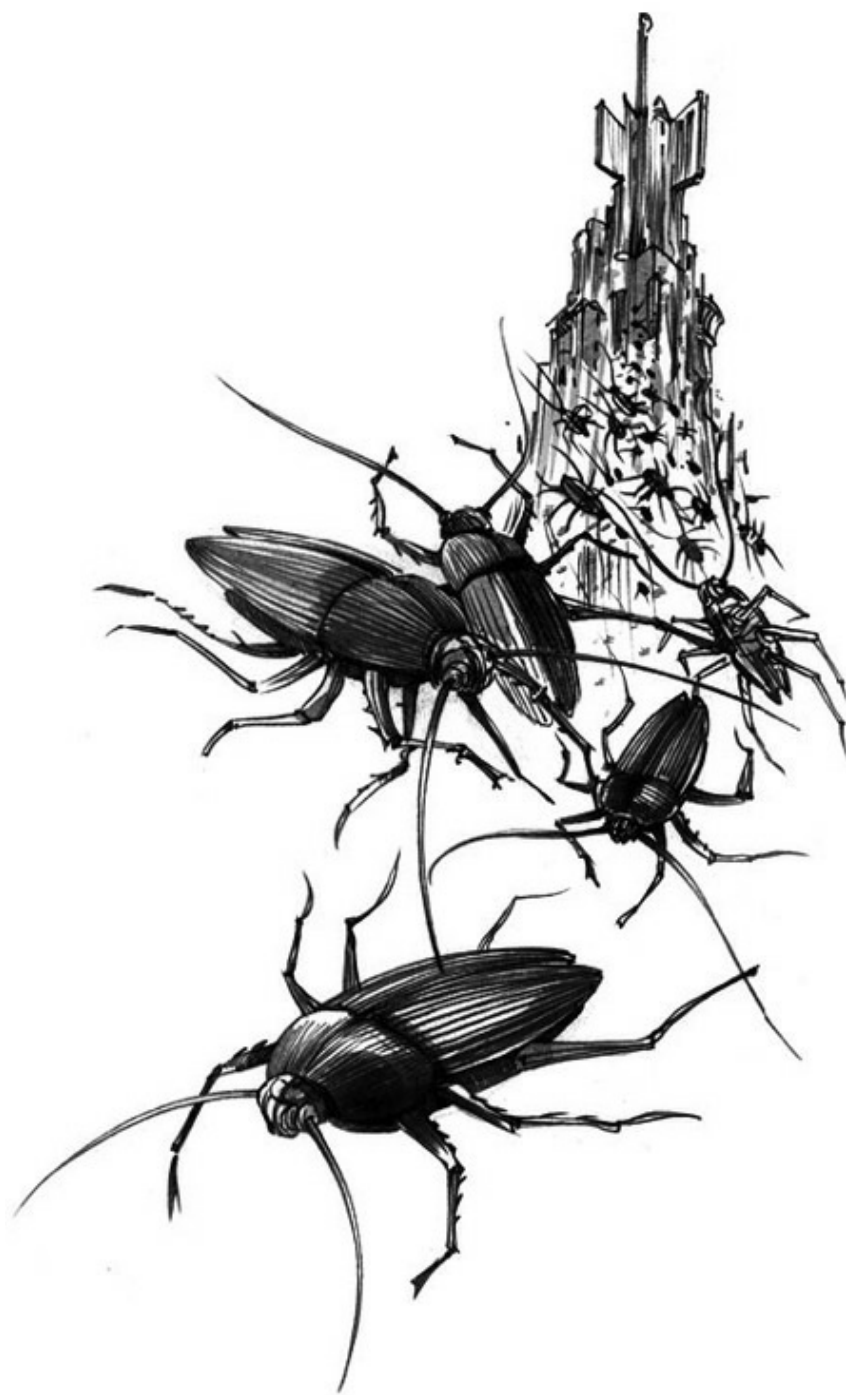
20
Segredos e mentiras

A barata disparou por baixo da porta do quarto 66, e quase pulou de sua casca. Ela ficou boquiaberta, olhando o vidro quebrado, os vestidos com nós, e as três bruxas dormindo – e saiu depressa antes que alguém a visse.

Contudo, uma delas viu, sim, a barata.

E o cisne em sua barriga.

Remexendo as antenas de um lado para o outro, Agatha seguiu o perfume de Sophie pela escada e os corredores úmidos (quase sucumbindo a uma furtiva barata macho no caminho), até encontrar o salão comunitário. A primeira coisa que viu lá dentro foi Hort, sem camisa, com o rosto retorcido e vermelho, como se fosse um garotinho fazendo força na privada. Com um último gemido, ele olhou para baixo, para seu peito, e viu dois pelos novinhos em folha.

"*É!* Quero ver que talento pode superar *isso*!"

No sofá ao lado, Sophie mergulhava o nariz em *Invocações de feitiços para idiotas*.

Ela ouviu dois ruídos de inseto e ergueu os olhos, aflita. Hort estufou o peito e piscou. Ela virou-se, horrorizada, depois viu rabiscos de batom no chão, atrás do sofá.

"BANHEIRO. TRAGA ROUPAS."

Sophie desprezava os banheiros do Mal, mas, pelo menos, eram seguros para encontros. Os Nunca pareciam ter fobia de banheiros, e evitavam-nos totalmente (ela não tinha ideia do que lhes causava esse medo, ou de onde eles faziam suas necessidades, mas preferia não pensar a respeito). A porta rangeu, e ela entrou na

escura cela de ferro. Havia duas tochas na parede enferrujada, alongando as sombras dos cubículos. Enquanto seguia até o último, viu alguém nu, por entre as frestas.

"Roupa?"

Sophie passou-as por baixo da porta da cabine.

A porta se abriu e Agatha saiu com o pijama de sapos de Hort, de braços cruzados.

"Eu não *tenho* mais nada!", Sophie lamuriou. "Minhas colegas de quarto acabaram com toda a minha roupa!"

"Ninguém gosta de você ultimamente", Agatha respondeu, escondendo o dedo aceso. "Por que será?"

"Olhe, desculpe-me! Eu não podia simplesmente ir pra casa! Logo quando finalmente consegui meu príncipe!"

"*Você? Você* arranjou seu príncipe?"

"Bem, a maior parte fui eu..."

"Você disse que queria ir pra casa. Disse que éramos uma dupla! Foi por isso que te ajudei!"

"Nós somos uma dupla, Agatha! Toda princesa precisa de uma auxiliar!"

"Auxiliar! *Auxiliar*!", Agatha berrou. "Ora, então vamos ver como nossa heroína se sai *sozinha*!"

Ela afastou-se. Sophie pegou-a pelo braço. "Eu tentei beijá-lo! Mas agora ele duvida de mim!"

"Me solte..."

"Eu preciso da sua ajuda..."

"E não vou te ajudar", Agatha disse, livrando-se dela com cotoveladas. "Você é uma mentirosa, uma covarde e uma fraude."

"Então por que você veio?", disse Sophie, com os olhos cheios de água.

"Cuidado. Lágrimas de crocodilo dão rugas de crocodilo", Agatha disse, da porta, debochando.

"Por favor. Eu farei qualquer coisa!", Sophie debulhava-se em lágrimas...

Agatha virou-se. "Jure que você vai beijá-lo na primeira chance que tiver. Jure por sua *vida*."

"Eu juro!", Sophie gritou. "Eu quero ir pra casa! Não quero que eles me matem!"

Agatha ficou olhando pra ela. "Ahn?"

Sophie contou-lhe, histericamente, gestos e vozes incluídos, sobre a reunião dos professores, os desafios fracassados, e a briga com Tedros.

"Estamos chegando bem perto do fim, Sophie", disse Agatha, agora branca como um fantasma. "Alguém sempre morre no final de um conto de fadas!"

"O que você quer que eu faça agora?", Sophie deu um grito agudo.

"Ganhe a Prova, e beije Tedros no instante em que ganhar."

“Mas eu não vou conseguir sobreviver! Tenho três horas sem o Tedros para me proteger!”

“Você não estará sozinha”, Agatha resmungou.

“Não?”

“Você terá sua fada madrinha barata, embaixo de sua gola, para tirá-la dos problemas. Só que dessa vez, se você não beijar o príncipe na hora, vou amaldiçoá-la com todas as pragas do Mal que conheço até que você o faça!”

Sophie passou seus braços em volta dela. “Ah, Agatha, sou uma amiga terrível, mas terei a vida inteira para recompensá-la.”

Passos ecoaram no corredor. “Vá!”, Agatha sussurrou. “Preciso fazer a mogrificação!”

Sophie deu-lhe um último abraço, radiante de alívio, saiu sorrateiramente do banheiro e voltou à proteção de Hort. Um minuto depois, uma barata saiu atrás, e disparou para a escada.

Nenhuma das duas notou uma tatuagem vermelha acesa por entre as sombras.

Tradicionalmente, não havia aulas na véspera da Prova. Em vez disso, os 15 Sempre e os 15 Nunca classificados ganhavam um tempo para fazer um reconhecimento da Floresta Azul. Então, enquanto os alunos que não tinham sido escolhidos trabalhavam seus talentos circenses, Sophie seguiu Tedros pelos portões, ciente do gelo entre eles.

Embora os outros terrenos tivessem caído presas de uma lenta morte outonal, a Floresta Azul reluzia, mais viçosa do que nunca, sob o sol do meio-dia. Por toda a semana os alunos tinham tentado arrancar de seus professores quais seriam os obstáculos que os desafiantes enfrentariam, mas eles afirmavam não saber. O Diretor da Escola elaborava a Prova em segredo, dando aos professores somente o poder de proteger as bordas do terreno. Os professores não podiam sequer *assistir* à competição, pois ele lançava um véu de feitiços sobre a Floresta azul por toda a noite.

“O Diretor da Escola proíbe nossa interferência”, a professora Dovey murmurou para a turma, claramente perturbada. “Ele prefere que as Provas simulem os perigos da Floresta, além da razão e da responsabilidade.”

Quando, porém, os competidores aglomeraram-se Floresta adentro atrás de Sophie e Tedros, nenhum deles podia acreditar que dali a uma noite esse lindo lugar se transformaria em um corredor polonês. Juntos, Sempre e Nunca passaram por lindas samambaias, viram pequenos gambás no pinheiral, o Riacho Azul repleto de trutas, até se lembrarem de que eram inimigos, e se dividirem.

Tedros passou por Sophie. “Siga-me.”

“Eu vou sozinha”, disse baixinho. “Não mereci ganhar sua proteção.”

Tedros voltou-se. “Beatrix disse que você trapaceou para obter um primeiro lugar. Isso é verdade?”

“Claro que não!”

"Então por que você fracassou nos desafios pré-Prova?"

As lágrimas brotaram dos olhos de Sophie. "Eu queria provar que podia sobreviver sem você. Para que você se orgulhasse de mim."

Tedros ficou olhando pra ela. "Você... perdeu de *propósito*?"

Ela assentiu.

"Você é maluca!", ele explodiu. "Os Nunca... eles vão *matá-la*!"

"Você arriscaria a vida para provar que eu sou do Bem", Sophie fungava. "Também estou disposta a lutar por você."

Por um instante pareceu que Tedros ia bater nela. Então o rubor sumiu de seu rosto, e ele tomou-a nos braços. "Quando eu passar por aqueles portões, prometa que você estará lá."

"Eu prometo", Sophie chorou. "Por você, eu prometo."

Tedros olhou em seus olhos. Sophie fez um beicinho, com os lábios perfeitamente pintados com gloss...

"Você está certa, você deve mesmo seguir sozinha", disse seu príncipe, recuando. "Você precisa sentir-se confiante sem mim. Principalmente depois de perder tantos desafios."

"Mas... mas..."

"Fique longe dos Nunca, está bem?"

Ele apertou a mão dela e disparou para alcançar os garotos Sempre na plantação de abóboras. A voz afiada de Chaddick ecoou. "Ainda é uma vilã, companheiro. Não ganhará tratamento especial de nossa parte..."

Sophie não ouviu a resposta de Tedros. Ela ficou sozinha, embaixo de uma árvore azul de visco.

"Ainda estamos aqui", ela disse.

"Talvez se você tivesse repetido as minhas falas como eu as ditei!", a barata respondeu, embaixo de sua gola.

"Três horas sozinha não é tão ruim", Sophie suspirou. "Quer dizer, Nunca não podem usar feitiços não autorizados. Tudo o que podemos fazer é iniciar uma tempestade, ou nos transformar em bichos preguiça. O que eles poderiam fazer contra mim?"

Algo passou raspando pela cabeça dela. Ela moveu-se rapidamente, e viu um entalhe no tronco do carvalho, exatamente onde ela estava. O endiabrado Vex estava em um galho acima dela, com uma vara afiada na mão.

"Eu só estava curioso para saber a sua altura", disse Vex.

O balofo e careca Brone veio por trás do carvalho, e checou a marca. "Sim, ela vai caber."

Sophie ficou olhando para os dois, boquiaberta.

"Como eu disse", Vex falou, remexendo as orelhas pontudas. "Apenas curioso."

“Vou morrer!”, Sophie chorou, enquanto fugia da Floresta.

“Não comigo aqui”, disse Agatha, com as antenas encolhidas. “Eu supero todos eles em suas aulas, e vou superá-los novamente amanhã. Concentre-se apenas em conseguir o bei...” Algo bateu raspando sobre a cabeça dela.

“Mas que diab...”

Agatha olhou para baixo, para uma barata morta na grama. Mais quatro aterrissaram ao lado dela.

Sophie e Agatha olharam para cima, e viram uma névoa rosa emanando das torres do Mal. Insetos mortos estavam chovendo das sacadas, para dentro da Clareira.

“O que está havendo?”, disse Sophie.

“Extermínio”, disse uma voz.

Sophie voltou-se e viu Hester, que estava de braços cruzados junto aos portões da Floresta. “Aparentemente elas estão perambulando por nossa escola à noite. Não podemos correr o risco de uma praga, é claro. Principalmente depois que sua amiga ficou doente.”

Hester pegou um dos insetos que caiu no ombro de Sophie.

“Além disso, é um bom lembrete para qualquer coisa que esteja onde não devesse *estar*, não acha?”

Ela lambeu a barata e voltou à Floresta, esmigalhando as folhas com seus pés.

Sophie respirou fundo. “Você acha que ela sabe que você é uma barata?”

“Claro que sabe, sua idiota!”

Vozes de Nunca aproximaram-se da Floresta.

“Vá!”, Agatha sussurrou, descendo pela perna de Sophie. “Não podemos nos encontrar mais!”

“Espere! Como vou sobreviver à Prov...”

Contudo, Agatha tinha desaparecido pelo túnel do Bem, abandonando Sophie à própria sorte.

Como as fadas faziam as inspeções do toque de recolher partindo dos andares mais baixos, Agatha teve o tempo exato para escapar pelo passadiço e atravessar para a torre da Coragem. O quarto de Sader, assim como os de todos os professores, era anexo ao seu escritório. Se ela arrombasse o cadeado poderia surpreendê-lo em sua cama. Não importava se o imbecil não quisesse responder às suas perguntas. Ela o amarraria na cama, se fosse preciso.

Agatha sabia que era um plano terrível, mas que escolha ela tinha? Ela não podia entrar escondida na Prova agora, e Sophie jamais sobreviveria sozinha por três horas. Sader era a última esperança de irem para casa.

A escada conduzia diretamente ao seu escritório, a porta solitária no sexto piso da Coragem. Havia uma série de bolinhas azuis pairando no mármore. Agatha passou os

dedos nelas.

"*Nenhum aluno é autorizado neste andar*", ecoou a voz de Sader. "*Volte ao seu quarto imediatamente*".

Agatha pegou a maçaneta e apontou seu dedo aceso para a tranca...

A porta abriu uma fresta, sozinha.

Sader não estava lá dentro, mas não fazia tempo que ele havia saído. Os lençóis de seu quarto estavam remexidos, o chá em sua mesa estava morno... Agatha percorreu furtivamente o escritório, vendo as prateleiras, as cadeiras e o chão cobertos por livros. A mesa estava enterrada sob três palmos de livros, mas havia alguns abertos em uma pilha, com linhas ressaltadas por marcadores e estrelas prateadas nas margens. Ela passou a mão em uma dessas linhas marcadas, e uma cena nebulosa explodiu para fora do livro, com uma aguda voz de mulher:

"*Um fantasma não pode descansar até que tenha realizado seu propósito. Para isso ele precisa usar o corpo de um vidente.*"

Agatha viu um fantasma magricela trombar para dentro do corpo de um homem barbado antes que a névoa voltasse para a página em um redemoinho. Ela tocou as linhas estreladas do livro seguinte:

"*Um espírito pode durar somente alguns segundos no corpo de um vidente, até que ambos sejam destruídos.*"

Diante de seus olhos, dois corpos flutuantes fundiram-se, depois desintegraram-se feito pó.

Ela correu os dedos por mais linhas estreladas.

"*Somente os videntes mais fortes podem abrigar um espírito...*"

"*A maioria dos videntes morre antes que o fantasma possa...*"

Agatha fez uma careta. O que era essa obsessão com videntes...

O coração dela parou.

Profecia, disseram os professores.

Será que Sader podia *ver o futuro*?

Será que ele podia ver se elas chegariam em casa?

"Agatha!"

A professora Dovey estava boquiaberta, na porta. "O alarme de Sader... achei que fosse uma barata... uma *aluna*! Fora da cama depois do toque de recolher!"

Agatha passou por ela em direção à escada. "Duas semanas limpando banheiros!", a professora gritou.

Agatha olhou para trás e viu a professora Dovey passando a mão nos livros de Sader e franzindo o rosto. Ela pegou Agatha olhando, e bateu a porta magicamente.

Naquela noite, as duas garotas sonharam com seus lares.

Sophie sonhou que estava fugindo de Hester em meio a uma neblina rosa. Ela tentava gritar o nome de Agatha, mas uma barata saía de sua boca. Finalmente, ela encontrou um poço de pedra, nadou até o fundo e se viu em Gavaldon. Ela sentiu braços fortes, e seu pai carregou-a para casa, que cheirava a carne e leite. Ela precisava ir ao banheiro, mas ele a levou para a cozinha, onde havia um porco pendurado em um gancho. Uma mulher tamborilava unhas vermelhas na bancada. *Tac, tac, tac.* "Mãe?", Sophie gritou. Antes que a mulher pudesse virar-se, seu pai deu-lhe um beijo de boa noite, abriu o forno e jogou-a lá dentro.

Sophie acordou com um solavanco tão forte que bateu a cabeça na parede e desmaiou.

Agatha sonhou que Gavaldon estava em chamas. Uma trilha de vestidos negros em chamas levava a Graves Hill, e quando ela chegou ao topo da colina, encontrou uma sepultura em vez da sua casa. Ela ouviu sons lá de dentro, e começou a cavar, ouvindo vozes, agora mais próximas, até que acordou e viu que vinham da porta ao lado...

"Você disse que era importante!", Tedros rugiu.

"As Nunca dizem que ela trapaceia com Agatha!", disse Beatrix.

"Sophie não é amiga de Agatha! Agatha é uma *bruxa*..."

"As duas são! Agatha transforma-se em barata para soprar as respostas no ouvido dela!"

"Uma *barata*? Você não está só sendo mesquinha com seus ciúmes, está completamente maluca!"

"As *duas* são vilãs, Teddy, elas estão usando você!"

"É *você* que está dando ouvidos aos Nunca! Sabe por que Sophie perdeu seus desafios? Ela queria me manter em segurança! Se isso é ser vilã, então, o que você é..."

Com o barulho do vento remexendo as cortinas, Agatha não pôde ouvir o restante, mas logo a porta bateu e Tedros foi embora. Agatha tentou voltar a dormir, mas pegou-se encarando a flor cor-de-rosa de papel que tremulava em sua mesinha de cabeceira de mármore, como uma rosa em um túmulo.

Ela deu um grito, tomada por uma ideia.

Todos os quartos do corredor pareciam escuros, exceto os dos Sempre selecionados, que ficaram acordados até o amanhecer para preparar-se para a noite seguinte. Com seu traje de renda, Agatha foi, descalça e nas pontas dos pés, até a escada de vidro rosa, com os olhos grudados no alto, atenta para fadas ou professores.

Cinco andares abaixo, Tedros observava-a pelo vão da escada, subitamente imaginando se Beatrix não teria dito a verdade.

Deixando as botas lá embaixo, ele seguiu Agatha pelo passadiço, até o quarto andar da torre da Honra, totalmente ocupado pela Biblioteca da Virtude. Agachado, com suas meias três quartos pretas, ele espiou e a viu desaparecer na imensidão de livros de dois andares, mantidos impecavelmente por uma tartaruga, que dormia profundamente

sobre o imenso livro de notas da biblioteca, com a caneta tinteiro na mão. Assim que Agatha encontrou o que precisava, saiu sorrateiramente, passou pelo réptil e pelo príncipe, que não conseguiu ver o livro em suas mãos. Ela diminuiu os passos no passadiço azulado, e logo sumiu.

Tedros cerrou os dentes. Que planos assassinos a bruxa teria? Será que Sophie estava participando e planejando traí-lo? Será que as duas vilãs ainda eram amigas? O príncipe ficou em pé, com o coração disparado – então ele ouviu um som estranho e raspado.

Ao virar-se, viu a pena da caneta terminar de escrever magicamente no diário da tartaruga, e voltar à mão da criatura que roncava. Fixando os olhos ele aproximou-se para ver o registro.

O poder das flores: Encantos de plantas para um
mundo mais feliz (Agatha, Pureza 51)

Tedros fungou. Repreendendo a si mesmo por duvidar de sua princesa, ele foi pegar suas botas.

As regras da Prova dos Contos eram poucas e precisas. No instante em que o sol se pusesse, os dois primeiros desafiadores adentrariam a Floresta Azul. A cada quinze minutos mais dois ingressariam, segundo suas colocações anteriores à Prova, até que o último par entrasse, mais de três horas após o primeiro. Uma vez lá dentro, os Nunca poderiam atacar os Sempre com seus talentos e qualquer feitiço aprendido em aula, enquanto os Nunca poderiam defender-se com armas e contra feitiços aprovados. As invocações do Diretor da Escola assombrariam a ambos. Não havia outras regras.

Era dever do desafiador reconhecer o perigo mortal e soltar seu lenço encantado; no instante em que tocasse o solo ele seria seguramente removido da Prova. Diante do primeiro vislumbre do raiar do sol, os uivos dos lobos anunciariam o fim, e quem passasse pelos portões seria declarado vencedor. Nunca tinha havido mais de um. Com muita frequência, não havia nem mesmo um.

O inverno chegou em um momento capcioso, soprando ventos glaciais na Clareira, bem no instante em que os desafiadores entraram. Cada um dos garotos Sempre carregava uma pipa azul em formato de escudo, que combinava com a capa azul-marinho e uma única arma; a maioria havia escolhido arcos e flechas (instruídos pelo professor Espada a assustar em lugar de ferir), embora Chaddick e Tedros tivessem optado por espadas pesadas de treinamento. Ali perto, as meninas Sempre ensaiavam silenciosamente seus chamados de animais, e tentavam parecer tão indefesas quanto possível para que os meninos as protegessem.

Do outro lado do campo, os Nunca classificados agachavam-se junto a árvores secas, vestidos com suas capas, olhando os alunos que não foram escolhidos aglomerados dentro dos túneis. Os Sempre não designados estavam prontos para uma festa de pijamas, com travesseiros, cobertores, cestos de tortas de espinafre, crepes de frango, pimentões recheados, pudim e jarros de suco de cereja. Enquanto isso, os Nunca não nomeados pairavam por perto de seu túnel, de chinelos e gorros, prontos para fugir diante do primeiro sinal de humilhação de sua equipe.

Enquanto os lobos distribuíam os lenços encantados – brancos para Sempre e vermelhos para Nunca –, Cástor e Pólux alinhavam os competidores pela ordem de entrada. Por terem obtido as piores colocações nos desafios pré-Prova, Sophie e Kika entrariam exatamente ao pôr do sol. Brone e Tristan entrariam quinze minutos depois, seguidos por Vex e Reena, e os pares prosseguiram até Hester e Tedros, que entrariam por último.

No final da fila, o príncipe pegou seu lenço branco com o lobo.

“Não vou precisar disso”, murmurou ele, enfiando o lenço na bota.

Na frente da fila, Sophie segurava seu lenço com força, pronta para soltá-lo no instante em que entrasse. Ela desejou ter prestado mais atenção durante as provas de roupa. Sua túnica estava larga no decote, a capa arrastava-se no chão, e o capuz azul caía tanto em seu rosto que parecia que ela nem tinha cabe...

Como ela podia pensar em *roupas*! Frenética, olhava a multidão. Ainda nenhum sinal de Agatha.

“Ouvimos boatos de que alunos não qualificados talvez tentem entrar escondidos na Prova”, disse Pólux, ao lado de Cástor, uma sombra imponente com duas cabeças, na luz minguante. “Este ano nós tomamos precauções extras.”

Em princípio, Sophie achou que ele estivesse se referindo aos lobos que guardavam cada centímetro do portão. Mas depois Cástor acendeu uma tocha, e ela viu que os portões não eram mais feitos de ouro – eram feitos de imensas aranhas pretas e vermelhas, magicamente entremeadas, e com seus ferrões em posição.

Seu coração murchou. Como Agatha poderia entrar agora?

“Se alguém trapacear, merece morrer.”

Ela virou-se.

“E eu não descarto nenhum daqueles vilões”, disse Tedros, com o rosto dourado rubro pelo frio. Ele pegou a mão dela, ainda segurando o lenço. “Você não pode, Sophie. Não pode soltá-lo.”

Sem a ajuda de Agatha, Sophie apenas assentiu, impotente.

“Quando nos juntarmos eles farão qualquer coisa para tirar um de nós – Sempre, Nunca, e também o Diretor da Escola”, disse seu príncipe. “Nós precisamos *proteger* um ao outro. Preciso que você proteja minha retaguarda.”

Sophie assentiu.

"Você não tem nada a dizer?"

"Um beijo de boa sorte?", ela disse, esganiçada.

"Na frente da escola inteira?", Tedros deu um sorriso. "É uma ideia."

Sophie ascendeu e projetou os lábios, aliviada. "Um bem comprido", ela suspirou. "Só para garantir."

"Ah, eu lhe darei um bem comprido", sorriu. "Quando ganharmos. Antes de carregá-la direto para o Castelo do Bem."

Sophie engasgou. "Mas... mas... imagine se nós não..."

Tedros puxou delicadamente a seda vermelha de seus dedos trêmulos.

"Somos do Bem, Sophie", disse, enfiando o lenço no fundo do bolso do casaco dela. "E o Bem *sempre* vence."

E nos olhos dele, de um límpido azul, Sophie viu Hester refletida atrás dela, com o capuz abaixado sobre o rosto, a própria figura da Morte.

Num instante, os lobos empurraram-na, junto com Kika, para lados opostos do Portão Norte. Aranhas peludas sibilaram em seu rosto, e ela perdeu o ar. Em pânico, desviou os olhos para a torre do Diretor da Escola, altaneira, acima da Floresta. Com os últimos raios de sol, ela pôde ver sua silhueta observando da janela. Sophie virou-se rapidamente para que Agatha a salvasse, mas só viu o céu escurecendo acima da Floresta. Da torre do Diretor da Escola veio um jorro de centelhas prateadas que cobriram a Floresta, como uma névoa embaçada...

"O PRIMEIRO PAR ESTÁ PRONTO!", Cástor rugiu.

"Não... espere!..."

Patas agarraram Sophie por trás e lançaram-na em direção das aranhas. Centenas de pinças peludas cutucavam sua pele enquanto ela gritava. Com um estalo, elas pararam de se mexer magicamente, deixando-a sozinha na entrada da Floresta, iluminada pelas tochas. Os lobos uivaram. As aranhas lacraram a retaguarda.

A Prova havia começado.

21
Prova dos Contos

Aterrorizada, Sophie virou-se para ir em direção a Kika. Elas tinham de ficar juntas.

Mas Kika disparava em direção ao leste, aos Campos de Mirtilo, espiando para ter certeza de que Sophie não a seguia.

Sophie seguiu rapidamente pela trilha oeste rumo ao Riacho Azul, onde ela poderia esconder-se sob a ponte. Ela imaginou que a Floresta estaria um breu, e fez Hort ensinar-lhe um feitiço de fogo durante o café da manhã. Contudo, naquela noite as árvores estavam fluorescentes, com um brilho azulado, e a floresta reluzia em um tom ártico. Embora o efeito fosse agourento, ela respirou aliviada. Uma tocha flamejante a transformaria em alvo fácil.

À medida que adentrava o campo de samambaias, Sophie sentia folhagens azul-neon passando por seu pescoço. Seu corpo relaxou. Ela havia imaginado um cerco ininterrupto de horrores. No entanto, a Floresta estava mais calma do que jamais vira. Nada de animais espreitando-a. Nada de corujas agourentas. Apenas ela, em um prado etéreo, e o dedilhar das lâminas de vento, como as cordas de uma harpa.

Enquanto caminhava com dificuldade por entre as samambaias de sua altura, pensava em Agatha. Será que alguma professora teria flagrado-a enquanto tramava um plano? Será que Hester teria interceptado-a?

O suor de Sophie pinicava todo o seu corpo.

Ou será que Agatha ficou com medo de me ajudar?

Pois se ela ganhasse junto com Tedros, ninguém poderia negar-lhe a troca de escolas. Poderia governar o Bem como sua Capitã beneficente. Poderia ter seu príncipe *para sempre* e uma vida de rainha. Sophie cerrou os dentes. Se ao menos não tivesse feito aquela promessa sobre voltar pra casa! Se ao menos conseguisse ganhar esta Prova sozinha, então, não teria que cumprir a promessa!

Ela parou de repente. *Mas eu posso! Olhe pra mim! Estou indo muito bem...*

Um grito ecoou pela floresta. Centelhas brancas espalharam-se pelo céu. Kika havia se rendido.

As pernas de Sophie amoleceram. Quanto tempo levaria para que o agressor de Kika a encontrasse? O que ela estava pensando? Ela não poderia durar ali! Ela pegou seu lenço no bolso, em vermelho vivo e...

CRAC! Algo caiu do alto e aterrissou aos seus pés. Ela olhou para baixo e viu um rolo de pergaminho envolto por uma tira de tecido.

O tecido brilhava, cheio de sapinhos zangados.

Sophie olhou para cima e viu uma pomba branca no alto das árvores. A pomba tentou voar para baixo...

CRAC! Uma barreira de labaredas explodia no céu quando ela sequer se aproximava das árvores. A escola não tinha deixado brechas.

Sophie abriu rapidamente o pergaminho chamuscado...

Vá para o Jardim de Tulipas. Quando seu dedo acender, coloque um botão de tulipa embaixo da língua e diga FLORADORA FLEURIANA.
Você vai se transformar em uma tulipa bebê.
Eu vou orientá-la. Ande logo!

Agatha

Sophie encurvou-se, aliviada. Uma tulipa! Ninguém a encontraria! Ah, como ela pôde duvidar de Agatha? A doce e leal Agatha! Culpada, Sophie fez uma bola com o

lenço vermelho, enfiou-o de volta no bolso e seguiu a pomba.

Para chegar ao Jardim de Tulipas pela trilha ela teria que atravessar a Mata Turquesa, depois o Campo de Abóboras, e finalmente o Bosque do Salgueiro Adormecido. Enquanto seguia Agatha, distanciando-se das samambaias e adentrando a mata fechada, folhas fluorescentes acendiam a trilha com uma sombria luz azulada. Sophie podia ver cada arranhão e marca nos troncos, incluindo o rasgo que Vex tinha feito quando mirou acima de sua cabeça.

O vento soprou subitamente, e as folhas cintilaram sobre a trilha. Ela não conseguia enxergar Agatha por entre o topo das árvores. Sophie ouvia sons abafados – humanos? animais? –, porém, não parava para descobrir. O grito de Kika ainda retumbava em sua cabeça, e ela disparou pela trilha puxando sua capa, que arrastava-se pelo chão. Tropeçando em raízes e tocos, abaixava-se diante de galhos perfurantes e pulava para escapar de tentáculos de folhas azuis, até que vislumbrou as abóboras e uma pomba impaciente, no meio de dois troncos reluzentes...

Havia alguém entre elas. Uma garotinha de capa vermelha e capuz.

"Com licença?", Sophie disse. "Eu preciso passar."

A estranha de vermelho olhou para cima. Não era, em absoluto, uma criança. Ela tinha olhos azuis enevoados e um blush rosado nas bochechas enrugadas e manchadas, e seus cabelos grisalhos e volumosos estavam presos em duas marias-chiquinhas.

Sophie franziu o rosto. Ela odiava velhas.

"Eu disse que preciso *passar*."

A mulher não disse nada.

Sophie marchou em sua direção. "Você é surda?"

A velha deixou cair a capa, revelando o corpo inchado e sujo de um falcão. Sophie recuou, ouvindo um grasnido de quase furar os tímpanos, e virou-se rapidamente, vendo mais duas mulheres-pássaro vindo em sua direção.

Harpias.

Agatha lhe ensinara. *Têm fala mansa? Andam às cegas?*

Então ela viu as garras retorcidas, afiadas como lâminas.

Comedoras de crianças.

Elas avançavam com gritos terríveis, e Sophie abaixou-se sob uma asa, enquanto os monstros guinchavam e mergulhavam atrás dela, com as caras horrendas contorcidas pela cólera. Ela corria pelos arbustos para se esconder, mas cada canto da mata estava iluminado de azul. As harpias avançavam no seu pescoço e tentavam mexer em seu bolso, tocando a seda vermelha – o pé de Sophie se prendeu em sua capa, rasgando-a, e ela caiu em uma moita. Garras cravaram-se em suas costas e ela gritou enquanto era erguida do chão, debatendo-se, tentando pegar o lenço. As harpias abriram os bicos na frente do rosto dela...

A mata ficou escura.

Gritos agudos de confusão – garras soltaram-na e ela despencou na terra. Na escuridão, ela remexeu gravetos, até que suas mãos encontraram um tronco, e ela se escondeu atrás dele. Dava para ouvir as garras buscando a terra cegamente, e os gemidos furiosos se aproximando. Sophie deu um salto para trás e bateu em uma rocha, soltando um grito. Os monstros ouviram-na e avançaram em direção à sua cabeça...

A mata acendeu-se novamente.

As harpias ergueram seus bicos e viram Agatha, a pomba, pairando acima delas, com a ponta da asa reluzindo em laranja. Agatha ergueu a asa e a mata acendeu-se. Apagava e acendia, apagava e acendia, até que as harpias entenderam, e voaram em direção a Agatha, que arrulhava assustadoramente, parada onde estava...

"*Voe*!", Sophie gritou, mas Agatha debatia-se, como se tivesse se esquecido de como voar. Monstros gêmeos avançaram na direção da pomba indefesa, voando mais alto e mais depressa, até terem-na ao alcance de suas garras...

Labaredas explodiram do outro lado da barreira, com um estalido cruel, e eles caíram, com as penas e o corpo carbonizados.

A última harpia grasnia junto aos dois corpos flamejantes. Ela lentamente olhou para cima. Agatha sorria e erguia sua asa acesa. A mata acendeu-se. O monstro se virou...

Sophie esmagou sua cabeça com uma pedra.

No silêncio da Floresta, ela arfava e sangrava, sozinha no chão, com as pernas trêmulas sob a capa.

Sophie olhou para o céu.

"Eu quero trocar de lugar!"

A pomba, contudo, já estava na metade do caminho para o Campo de Abóboras. Sophie não pôde fazer nada exceto segui-la, segurando firmemente o lenço em seu bolso.

Do outro lado do campo silencioso, as abóboras brilhavam, fluorescentes, em mil tons de azul. Sophie entrou na trilha de terra que serpenteava entre as orbes acesas, murmurando para si mesma que elas eram apenas abóboras, e que nenhum Diretor de Escola poderia torná-las assustadoras. Ela apressou-se, para acompanhar Agatha...

Silhuetas escuras surgiram na trilha. Duas pessoas à sua frente.

"Olá?", Sophie chamou.

Elas não se mexeram.

Com o coração disparado, aproximou-se. Havia mais do que dois. Pelo menos dez.

"O que vocês querem!", gritou.

Nada de resposta.

Ela chegou mais perto. Elas tinham mais de dois metros de altura, corpos espigados, rostos de caveira e mãos tortas feitas de...

Palha.

Espantalhos.

Sophie suspirou.

Os espantalhos perfilavam os dois lados da trilha, dezenas deles, formando cruzes de madeira, protegendo as abóboras com os braços estendidos. De trás, as abóboras reluzentes iluminaram seus perfis, revelando camisas marrons esfarrapadas, cabeças carecas de saco de aniagem e chapéus pretos de bruxa. Enquanto caminhava lentamente entre eles, Sophie viu seus rostos terríveis – olhos de aniagem recortada, focinhos irregulares de porcos, e costurados sorrisos lascivos. Assustada, ela seguiu em frente, de olho no caminho.

"*Ajude-me...*"

Ela congelou. A voz vinha do espantalho ao seu lado. Uma voz que ela conhecia.

Não pode ser, pensou Sophie. Ela prosseguiu.

"*Ajude-me, Sophie...*"

Agora não havia dúvida.

Sophie forçou-se a seguir em frente. *Minha mãe está morta*.

"*Estou aqui dentro...*", disse a voz atrás dela, fraca de agonia.

Os olhos de Sophie encheram-se de lágrimas. *Ela está morta*.

"*Estou presa...*"

Sophie virou-se.

O espantalho não era mais um espantalho.

Um homem que ela conhecia a olhava, da cruz de madeira. Sob o chapéu preto, seus olhos eram cinzentos e sem pupilas. Em vez de mãos ele tinha dois ganchos de pendurar carne.

Sophie ficou pálida. "Pai...?"

Ele estalou o pescoço e desprendeu-se cuidadosamente de sua cruz.

Sophie recuou, trombando diretamente em outro espantalho. Também era seu pai, despregando-se de sua cruz. Sophie virou-se rapidamente, e viu que todos os espantalhos eram seu pai, descendo de suas estacas e caminhando em sua direção, com os ganchos de pendurar carne reluzindo sob a fria luz azulada.

"Pai... sou *eu*..."

Eles continuaram vindo. Sophie recuou até uma cruz... "Sou eu... Sophie."

Bem adiante, a pomba olhou para trás e viu Sophie acovardando-se, gritando enquanto os espantalhos permaneciam parados tranquilamente, ainda nas laterais da trilha. Agatha arrulhou...

Sophie tropeçou em uma abóbora e caiu. Ela voltou-se e viu, várias vezes, o rosto impiedoso de seu pai. "Pai, *por favor*!"

Os espantalhos ergueram seus ganchos. O coração de Sophie parou... ela engasgou, dando seu último suspiro, e fechou os olhos para o aço dilacerante...

Água.

Água fresca e cristalina.

Seus olhos abriram-se diante de uma tempestade.

O caminho estava deserto. Espantalhos em cruzes despedaçavam-se sob a chuva.

Pairando acima da tempestade, Agatha moveu a asa que brilhava, e a chuva parou.

Sophie encolheu-se no caminho inundado. "Não posso... não posso sobreviver a isso..."

Uivos à distância. Os olhos dela arregalaram-se.

O par seguinte havia adentrado a Floresta.

Alarmada, a pomba deu um gorjeio para ela, e voou em direção ao Bosque dos Salgueiros.

Tremendo, Sophie seguiu cambaleando, impressionada por um coração tão assombrado ainda continuar batendo.

A trilha estreita e comprida que atravessava os Salgueiros Adormecidos estendia-se colina abaixo, assim Sophie podia ver o brilho fantasmagórico do Jardim de Tulipas, que ficava ao pé do vale. Só mais um último impulso e ela estaria segura entre as flores. Por um instante, se perguntou por que Agatha não a transformara em uma árvore, ou uma folha de capim, perto dos portões – então, lembrou-se que Yuba lhes ensinara a identificar árvores encantadas, e que o capim seria pisoteado até o fim da noite. Não, Agatha tinha escolhido bem. Uma tulipa em meio a milhares. Ela estaria segura até o amanhecer.

Enquanto Sophie passava sorrateiramente por entre os salgueiros, seus olhos buscavam a próxima ameaça. No entanto, as árvores cor de safira mantinham sentinela ao longo da trilha, com seus galhos compridos reluzindo como lustres. À medida que seguia, as folhas caíam sobre ela em um ritmo lento e belo, como miçangas caindo de pulseiras.

Tem alguma coisa aqui. Não se iluda.

Os lobos uivaram novamente junto aos portões, e seu estômago apertou-se.

Agora havia pelo menos outros quatro na Floresta: Brone, Tristan... depois, quem? Por que ela não decorou a ordem! Ela tinha que chegar às tulipas antes que a encontrassem! Sophie saiu em disparada, seguindo a pomba que vinha em cima. Ela não notou que quanto mais depressa seguia, mais depressa as folhas dos salgueiros caíam, banhando-a com suspeitos cometas de luz.

Então, sua cabeça ficou pesada, suas pernas ficaram fracas...

Não...

Banhada de folhas, desacelerou até seguir mancando e cambaleando.

Salgueiros Adormecidos...

Voando acima dela, Agatha olhou para trás e gritou.

Sophie arrastava-se para a frente, sentindo o cheiro das tulipas... *Mais alguns passos...*

Ela desmoronou a dez palmos das flores.

Agatha moveu sua asa acesa, emitindo uma explosão de centelhas. Sophie não se mexeu. Agatha tentou feitiços de chuva, granizo, neve, mas nada de reação. Frenética, grasnou a canção predileta de Sophie, uma ode à princesa e aos casamentos...

Os olhos de Sophie entreabriram-se.

Eufórica, a pomba continuou arrulhando, mais desafinada a cada nota...

Agatha engasgou.

Capuzes azuis.

Dois na mata, dois no Campo de Abóboras, mais dois perto dos portões. Não dava pra saber quem eram, mas estavam todos paralisados, tentando cuidadosamente discernir a origem da canção que tinham acabado de ouvir.

Então eles começaram a correr em direção às tulipas.

Agatha olhou para Sophie, estatelada na terra... depois, para os capuzes azuis que vinham para matá-la...

No chão, Sophie cravou as unhas na terra e rastejou alguns centímetros para a frente.

Percebendo sua fuga, os salgueiros desfolharam-se mais depressa, paralisando seus músculos. Agatha debatia-se, impotente, com seu bico de pomba alternando-se entre Sophie e seus caçadores.

Ofegante, gemendo, Sophie arrastou-se pelo último pedaço do terreno dos salgueiros e a terra sob ela transformou-se em pétalas. Exultante, desmoronou nas imensas flores azuis, inalando seu aroma, revivendo instantaneamente. Ela enfiou um botão de tulipa na boca, pegou o bilhete de Agatha no bolso, seu dedo reluziu em rosa...

"FLORADORA FLEUR..."

Ela congelou.

Do outro lado do Jardim de Tulipas, Brone e Vex sorriam para ela, com dois peixinhos brancos debatendo-se em suas mãos.

"É assim que vocês vão me matar?", Sophie fungou. "*Peixes*?"

"Peixes do Desejo", corrigiu Brone, com o peixe enegrecendo nas mãos deles.

"E nós desejamos ser Capitães Capangas", Vex riu, debochado.

Os garotos lançaram os peixes no ar – instantaneamente eles inflaram, chegando ao tamanho do corpo de Sophie, e mergulharam em direção a ela, batendo dentes de piranha...

Petrificada, Sophie fechou os olhos, sentiu seu dedo arder...

Puf! Sua raposa rosa espantou os peixões, que caíram no chão como bolas, quicando. Sophie fugiu passando entre eles, com as patas derrapando nas tulipas...

Mais depressa! Você precisa ir mais depressa! Seu dedo reluzia, pronto para ajudar. *Leopardo! Leão! Tigre!*

Puf! Ela se transformou em um javali lento e rosa, que gingava e soltava puns. Sophie gemeu, horrorizada. Os peixes desviaram-se de uma árvore e vieram para cima dela. Ela estendeu seu casco reluzente e concentrou-se mais...

Puf! Passou por entre eles, como uma gazela rosa, e ouviu os peixes colidindo-se.

Sophie foi mancando até uma clareira, ofegante. Uivos de lobos ecoavam baixinho, vindos do portão, provocando arrepios em seu pelo. Mais inimigos a caminho.

Seus imensos olhos verdes percorriam o céu à procura de Agatha. Só havia estrelas piscando para ela.

Ela olhou de novo para baixo e tomou um susto. Do outro lado da clareira, Tristan e Chaddick estavam sob o luar. Com uma expressão gélida, Tristan posicionou uma flecha em seu arco. Chaddick puxou sua espada.

Sophie virou-se para correr...

Reena impediu sua fuga. A princesa árabe assobiou, e dois cães-lobos dourados surgiram atrás dela, mostrando dentes afiados.

Sophie voltou-se e viu Arachne saindo das árvores com o dedo aceso. Mais dois garotos Sempre colocaram flechas em seus arcos.

Com as pernas tremendo, a gazela rosa de Sophie estava cercada, esperando que a pomba branca a salvasse.

"Agora!", Chaddick gritou...

Os meninos dispararam as flechas, Arachne pôs o dedo em riste e dois cães investiram contra ela, enquanto ela esticava a pata rosa e fechava os olhos...

Flechas e palavrões voaram por cima de sua cabeça de cobra. Sophie chiou, aliviada, esquivando-se para a segurança das árvores... até que uma sombra pairou sobre ela.

O cão-lobo de Reena pulou e pegou-a com a boca.

Furiosa, Sophie sentiu seu chocalho de cobra arder num tom rosa...

Um traseiro de elefante esmagou a cabeça do cão, enquanto Sophie saía da clareira num estampido, com sua tromba bramindo de terror. Flechas dos garotos Sempre batiam nas ancas imensas e ela encolheu-se na grama, de tanta dor. Sophie deu uma olhada pra trás e viu dez assassinos encapuzados e dois peixes dentuços vindo em sua direção. Irremediavelmente cercada, ela ergueu a tromba reluzente de elefante...

Palavrões, flechas, espadas, peixes, passaram pelas penas do periquito-namorado de Sophie, que erguia-se no ar...

Grasnando em triunfo, ela voava cada vez mais alto, fora do alcance das flechas. Então viu o brilho de chamas na barreira. Sophie recuou, assustada, e sentiu algo enlaçar-se em sua asa. Uma chicotada de água lançava-a, lentamente, na direção de uma figura encapuzada, no Riacho Azul.

Sophie gritou por ajuda, porém mais chicotadas enroscaram-na, puxando-a por entre os galhos até seu capturador, que lançava a água, do riacho, com um dedo verde

reluzente. Lentamente os filetes de água levaram o periquito-namorado de Sophie até suas mãos pálidas, enquanto a sombra puxava seu capuz.

"Você teria sido uma grande bruxa, Sophie", disse Anadil, acariciando seu bico. "Até melhor do que eu."

O pássaro olhou para cima, com olhos suplicantes.

Os dedos de Anadil esmagavam seu pescocinho. O pássaro debatia-se tentando respirar, mas Anadil apertava com mais força, e os olhos de Sophie escureceram. Ela sabia que a última coisa que veria seria uma estrela cadente de fogo, que caía majestosa pelo céu, vindo direto na direção da bruxa, prestes a quebrar seu pescoço...

Num lampejo, uma pomba em chamas roubou Sophie das mãos de Anadil, com suas asas de fogo, e subiu pelo céu gélido.

Enquanto as flechas irrompiam pelo topo das árvores, Agatha estendeu a ponta reluzente de sua asa e transformou-as em margaridas ao vento. Ela voou pelo tempo que conseguiu, pegando fogo, com Sophie agarrada aos seus pés, depois mergulhou em um vale de pinheiros, e elas caíram no chão, rolando uma por cima da outra, apagando as chamas.

Choramingando, Agatha relutava para fazer reluzir a sua asa chamuscada. A luz piscou – ela e Sophie instantaneamente transformaram-se em humanas, ambas paralisadas de dor. Sophie deu uma olhada nos braços nus de Agatha, marcados por queimaduras. Antes que pudesse gritar, os olhos de Agatha arregalaram-se, e ela fez um círculo em volta das duas com a ponta de seu dedo laranja brilhante... "*Floradora Pinscoria*!"

Ambas transformaram-se em esqueléticos arbustos azulados.

Anadil irrompeu no vale com Arachne. Elas olharam o campo deserto.

"Eu lhe disse que elas aterrissaram nas abóboras", disse Arachne.

"Então vá na frente", disse Anadil.

"Qual de nós vai matá-la?", disse Arachne, virando-se...

Anadil fez surgir um raio, deixando-a boquiaberta. Ela arrancou o lenço vermelho do bolso de Arachne e jogou-o no chão. Centelhas vermelhas voaram pelo ar, e Arachne desapareceu.

"Eu", disse Anadil.

Estreitando os olhos vermelhos, deu uma última longa olhada ao seu redor.

"Nick, eu a vi por aqui!", disse Chaddick, ali perto.

Anadil sorriu cruelmente e seguiu na direção dele.

No vale escuro e silencioso, dois arbustos tremiam, lado a lado.

A noite tinha apenas começado.

Do lado de fora dos portões dourados, os Sempre e os Nunca selecionados esperavam que o nome de Sophie sumisse do quadro de pontuação, como já ocorrera

com o de Kika e de Arachne. Contudo, as horas passavam e mais nomes sumiam – Nicholas, Mona, Tristan, Vex, Tarquin, Reena, Giselle, Brone, Chaddick, Anadil – e o de Sophie teimava em permanecer.

Será que Sophie e Tedros tinham se unido? O que essa vitória representaria? Um príncipe e uma bruxa... *juntos*?

Conforme as horas passavam, o Bem e o Mal trocavam olhares na Clareira... primeiro, ameaçados... depois, curiosos... então, esperançosos... e, de repente, estavam aproximando-se uns dos outros, compartilhando cobertores, crepes e suco de cereja. O Mal achava que havia corrompido o Bem, e o Bem achava que tinha iluminado o Mal, mas não importava.

Pois os dois lados logo tornaram-se um só, aclamando a revolução Príncipe-Bruxa.

No frio vale dos pinheiros, dois arbustos esperavam.

Esperavam no silêncio interrompido pelos gritos. Esperavam através dos sons de colegas de classe lutando contra inimigos e contra amigos traidores. Esperavam enquanto algo capturava um aluno após o outro, com ruídos raivosos no Riacho. Esperavam enquanto trolls babões passavam correndo, empunhando martelos ensanguentados. Esperavam enquanto centelhas vermelhas e brancas pintavam o céu, até que apenas quatro competidores permaneceram.

Então a Floresta Azul caiu no silêncio por um longo tempo.

A fome doía em seus estômagos. O frio cobria suas folhas com a geada. O sono atacava seus sentidos. Mas as duas plantas continuaram enraizadas até que o céu começou a ficar azul. Sophie segurava sua respiração, ansiando pelo raiar do sol...

Então, Tedros entrou mancando no vale.

Ele estava sem capa, sem espada, somente com seu escudo brutalmente marcado. Sua túnica estava em farrapos, o cisne prateado em seu peito nu reluzia em meio aos vergões e ao sangue. O príncipe olhou para o céu que clareava. Ele encolheu-se junto a um pinheiro esquelético, fungando baixinho.

"*Corpadora volvera*", sussurrou Agatha. "Esse é o contrafeitiço. Vá até ele!"

"Quando o sol nascer", Sophie sussurrou em resposta.

"Ele precisa saber que você está bem!"

"Ele saberá em mais alguns minutos."

Tedros deu um salto, ficando em pé. "Quem está aí?"

Os olhos dele desviaram-se para os arbustos de Agatha e Sophie. Alguém saiu das sombras.

Tedros recuou até a árvore.

"Onde está sua bruxa?", chiou Hester, ilesa, usando uma capa limpa.

"Segura", disse Tedros, rouco.

"Ah, entendo", Hester riu com sarcasmo. "A sua *dupla* já era."

O príncipe ficou tenso. “Ela sabe que também estou seguro. Do contrário, estaria aqui, para lutar comigo.”

“Você tem certeza disso?”, disse Hester, com os olhos negros faiscando.

“Isso é o que nos torna do Bem, Hester. Nós confiamos. Nós protegemos. Nós amamos. O que vocês têm?”

Hester sorriu. “*Isca*.”

Ela estendeu a ponta do seu dedo, que reluzia em vermelho, e a tatuagem desprendeu-se de seu pescoço, inchando-se com sangue. Tedros recuou, chocado, enquanto o demônio dela entupia-se de sangue, ficando cada vez mais saturado, prestes a explodir. Sibilando um encantamento, Hester ficou cinza, e sua pele perdeu toda a cor. Ela mergulhou no chão, em agonia, e uivou em fúria, como se estivesse despedaçando a própria alma. Então as partes do corpo do demônio desprenderam-se umas das outras... cabeça, dois braços, duas pernas.

Cinco pedaços separados, todos vivos.

Tedros ficou branco como a neve.

Os cinco pedaços do demônio partiram para cima dele, transformados em punhais em vez de raios de fogo. Ele deu cacetadas na cabeça e na perna perfurantes com seu escudo, mas um braço cravou o punhal em sua coxa. Com um grito, ele interceptou o braço, tirou a faca da perna e segurou-se na única árvore do vale...

O arbusto de Agatha bateu no de Sophie. “Ajude-o!”

“Para acabar em cinco pedaços?”, Sophie retrucou.

“Ele precisa de você!”

“Ele precisa que eu fique em segurança!”

Uma perna de demônio lançou uma faca na cabeça do príncipe, e ele pulou, bem na hora, para um galho mais alto. Os outros quatro membros partiram para cima dele com os punhais erguidos...

Encurralado, ele olhou para Hester, fraca e ajoelhada, direcionando os fragmentos do demônio, com o dedo aceso. Os olhos de Tedros arregalaram-se, avistando algo entre as folhas.

Seda vermelha. Na bota dela.

Os fragmentos arremessaram cinco facas, todas apontando para seus órgãos. Na hora em que perfuraram sua camisa, ele saiu de perto da árvore e caiu em cima de seu pulso, provocando um ruído horrendo.

Hester o viu rastejando em sua direção. Ela girava o dedo loucamente, trazendo as partes do demônio com novas facas. Tedros encarou-a, enquanto rastejava em sua direção. Olhando com escárnio, Hester ergueu o dedo, e os membros do demônio voltaram para matá-lo. Dessa vez não haveria erro. Ela rugiu, e as facas apontaram para baixo – o príncipe pulou para pegar-lhe a bota...

Hester abriu a boca, aterrorizada, quando Tedros prendeu seu lenço vermelho no chão. As facas caíram no solo e as partes do demônio desapareceram. Então Hester também sumiu, com olhos arregalados.

Tedros despencou de costas. Ofegante, estreitou os olhos para o céu cor de rosa. O sol vinha chegando.

"Sophie", ele chamou.

Ele respirou fundo.

"SOPHIE!"

As folhas de Agatha murcharam de alívio. Então ela viu as folhas de Sophie afofando-se.

"O que você está... *Vá*, sua tola!"

"Agatha, eu não tenho *roupa*."

"Pelo menos grite para que ele saiba...", Agatha parou.

No chão, um braço de demônio não tinha sumido inteiramente. Estava remexendo-se em pleno ar, forçando-se a ficar.

Então ele arrastou-se pela grama e pegou uma faca.

"Sophie... Sophie, vá..."

"O sol vai nascer a qualquer minuto..."

"*Sophie, vá*!"

O arbusto de Sophie virou-se e viu a faca erguer-se acima do ombro de Tedros. Ela engasgou e tampou os olhos...

A lâmina mergulhou. Tedros viu, tarde demais, quando ela atingiu seu coração.

Um escudo esmagou o braço no chão. Com um grito, o membro do demônio murchou e desapareceu.

Confuso, Tedros olhava para o corte raso em seu peito, e a faca ensanguentada no centro de seu tórax. Estupefato, olhou para cima e viu Agatha, cobrindo o próprio corpo com o escudo dele.

"Ainda não consegui dominar bem a parte da roupa", ela murmurou.

Tedros deu um salto e ficou em pé, chocado. "Mas... você nem está no... o que você..."

Ele viu um arbusto tremulando atrás dela. Tedros estendeu a ponta dourada de seu dedo reluzente – "*Corpodora volvera*!", Sophie caiu para a frente e escondeu o corpo atrás de um arbusto...

"Agatha, preciso de roupas! Teddy, você pode se virar?"

Tedros sacudiu a cabeça. "Mas a biblioteca... aquele livro... Você *trapaceou* mesmo!"

"Teddy, nós *tivemos* que fazê-lo... Agatha, *socorro*!"

Agatha apontou seu dedo queimado para Sophie, para embrulhá-la em vinhas, mas Tedros deteve sua mão.

"Você disse que lutaria comigo!", gritou, com os olhos fixos em Sophie, atrás do arbusto. "Você disse que me daria cobertura!"

"Eu sabia que você ficaria bem... Agatha, *por favor*..."

"Você mentiu!", disse, com a voz falhando. "Tudo o que você disse era mentira! Você estava me usando!"

"Isso não é verdade, Tedros! Nenhuma princesa arriscaria a própria vida! Nem mesmo o seu mais verdadeiro amor..."

O rosto de Tedros brilhava de tão enrubescido. "Então por que *ela* o fez?"

Sophie seguiu os olhos do príncipe para Agatha, toda marcada de queimaduras.

Agatha viu os olhos de Sophie arregalarem-se lentamente, como se descobrisse uma faca fincada em suas costas. Quando, porém, Agatha tentou se defender, a luz do sol irrompeu no vale, e banhou seu corpo de dourado.

Os lobos uivaram nos portões. Sons de crianças e passos explodiram pela Floresta.

"Eles conseguiram!"

"Eles venceram!"

"Sophie e Tedros venceram!"

Todos corriam para dentro do vale. Em pânico, Agatha acendeu o dedo e sua pomba voou para longe, bem quando os alunos ficaram à vista...

"Sempre e Nunca!", gritou um.

"Bruxa e Príncipe!", gritou outro.

"Viva Sophie e Ted..."

A Floresta ficou quieta.

De uma árvore, Agatha olhou para baixo, para os Sempre e os Nunca não escolhidos que chegavam, depois para os competidores eliminados, magicamente curados e limpos, todos paralisados, ao captarem a cena.

Sophie acovardada atrás de uma moita. Tedros olhando-a fixamente, com os olhos em fogo.

E eles souberam que jamais haveria paz.

Sempre e Nunca afastaram-se, como eternos inimigos.

Nenhum dos lados pôde ouvir a gargalhada vinda da torre, meio sombreada, governando todos eles.

22

Sonhos com o Nêmesis

"Você viu meu pijama?", Hort choramingava do lado de fora da porta de Sophie. "Aquele que tem os sapinhos?"

Embrulhada nos lençóis dele, Sophie olhava para a janela que ela havia lacrado com um cobertor preto.

"Foi meu pai quem fez pra mim", Hort fungava. "Não consigo dormir sem ele."

No entanto Sophie só olhava para a janela preta, como se houvesse algo na escuridão que só ela pudesse ver.

Hort trouxe mingau de cevada, ovos cozidos e legumes grelhados do Salão de Jantar, porém, ela não atendeu às suas batidas. Durante dias, Sophie só ficou deitada como um cadáver, esperando que seu príncipe viesse. Logo, os seus olhos ficaram

embaçados. Ela não sabia que dia era. Não sabia se era noite ou dia. Ela não sabia se estava dormindo ou acordada.

Em algum momento, em meio a essa névoa horrível, veio o primeiro sonho.

Filetes em preto e branco, e então, ela sentiu gosto de sangue. Ela olhou para cima, para uma tempestade de vermelho fervente. Ela tentava se esconder, mas estava presa a uma mesa branca de pedra, amarrada por espinhos violeta, seu corpo tatuado com escritas estranhas que ela já vira mas não se lembrava onde. Três bruxas velhas surgiram ao seu lado cantando e tracejando a escrita em sua pele, com dedos tortos. As bruxas cantavam cada vez mais depressa, até que uma faca de aço, longa e fina como uma agulha de tricô, surgiu no ar, acima de seu corpo. Ela tentou se soltar, mas era tarde demais. A faca caiu vingativa, a dor invadiu sua barriga e algo nasceu dentro dela. Uma semente branca e pura, depois uma massa leitosa, maior, maior, até que ela viu o que era... Um rosto... um rosto embaçado demais para ver...

"Mate-me agora", disse a voz.

Sophie deu um solavanco, acordando.

Agatha estava sentada na beirada de sua cama, embrulhada nos lençóis manchados de Hort.

"Quer dizer, eu nem quero *saber* que manchas são essas."

Sophie não olhou pra ela.

"Ora, vamos. Você pode pegar emprestado o meu prendedor de nariz para a aula de Yuba." Agatha ficou em pé, iluminada por um pequeno buraco na janela. "Terceiro dia de 'Conheça o cocô de seu animal'!"

O silêncio tenso se estendia.

Agatha jogou-se na cama. "O que eu deveria ter feito, Sophie? Eu não podia deixá-lo morrer."

"Não é certo", disse Sophie, quase que para si mesma. "Você e eu... isso não está certo."

Agatha aproximou-se. "Eu só quero o melhor pra você..."

"*Não*", disse Sophie, de forma tão dura que Agatha recuou.

"Eu só queria que a gente fosse pra casa!"

"Nós não vamos pra casa. Você já providenciou isso."

"Você acha que eu quis isso?", disse Agatha, aflita.

"Por que você está aqui?"

"Porque eu queria ver como você estava. Eu fiquei preocupada com você!"

"Não. Por que você está *aqui?*", disse Sophie, olhando para a janela. "Na minha escola. No meu conto de fadas."

"Porque tentei salvá-la, Sophie! Tentei salvar você da maldição!"

"Então, por que você está sempre *amaldiçoando* a mim e ao meu príncipe?"

Agatha fez uma cara feia. "Não é culpa minha."

"Eu acho que, no fundo, você não quer que eu encontre o amor, Agatha", disse Sophie, com a voz calma.

"O quê? Claro que..."

"Acho que você me quer *só pra você*."

Agatha sentiu o corpo inteiro enrijecer. "Isso é..." Ela engoliu em seco. "Isso é uma *imbecilidade*."

"O Diretor da Escola estava certo", disse Sophie, ainda sem olhar para ela. "Uma princesa não pode ser amiga de uma bruxa."

"Mas nós *somos* amigas", Agatha gaguejou. "Você é a única amiga que já tive!"

"Você sabe por que uma princesa não pode ser amiga de uma bruxa, Agatha?", Sophie lentamente virou-se para ela. "Porque uma bruxa nunca tem seu próprio conto de fadas. Uma bruxa tem que *estragar* um conto de fadas para ficar feliz."

Agatha lutou contra as lágrimas. "Mas eu não... não sou uma bruxa..."

"ENTÃO TENHA SUA PRÓPRIA VIDA!", Sophie berrou.

Ela ficou olhando a pomba fugir pelo rasgo da janela preta, depois voltou para debaixo dos lençóis, até toda a luz sumir.

Naquela noite, Sophie teve seu segundo sonho. Estava correndo pela floresta, mais faminta do que jamais estivera, até que encontrou um alce com um rosto humano, o mesmo rosto leitoso e embaçado que ela vira na noite anterior. Ela olhou mais atentamente, para ver de quem era, mas agora o rosto do alce era um espelho e ela viu seu reflexo nele. Contudo, não era o seu reflexo.

Era o reflexo da Fera.

Sophie acordou suando frio, com o sangue fervendo em suas veias.

Do lado de fora do quarto 34, Hort estava encolhido, de cueca, lendo *A dádiva da solidão* à luz de velas.

Abriu-se uma fresta na porta, atrás dele. "O que todo mundo está falando de mim?"

Hort ficou tenso como se tivesse visto um fantasma. Ele virou-se, de olhos arregalados.

"Eu quero saber", disse Sophie.

Ela foi até ele, no corredor escuro, com as juntas estalando. Nem se lembrava há quanto tempo não ficava em pé.

"Não estou vendo nada", disse, procurando o brilho do cisne no peito dele. "Onde está você?"

"Aqui."

Uma tocha foi acesa e ela pôde ver Hort. Cambaleou para trás.

Cada centímetro da parede atrás dele estava coberta com pôsteres, *banners*, grafites – PARABÉNS, CAPITÃ! VENCEDORA DA PROVA! LEITORA AO RESGATE! – acompanhados de desenhos de Sempre sofrendo mortes terríveis. Abaixo da parede,

buquês de flores carnívoras cobriam o chão, com mensagens escritas à mão, entre os dentes afiados das flores:

EM QUERIA SABER AGIR COMO VOCÊ
RAVAN

Você é a maior ladra de corações!
Mona

TEDROS MERECEU!
SUA AMIGA, ARACHNE

Sophie parecia confusa. “Não entendo...”

“Tedros disse que você o usou para ganhar a Prova!”, disse Hort. “Lady Lesso batizou isso de ‘Armadilha Sophie’... disse que você enganou até a ela! Os professores estão dizendo que você é a melhor Capitã do Mal que já existiu. Olhe!”

Sophie seguiu os olhos dele até uma fileira de caixas verdes, em meio aos buquês, embrulhadas com laços vermelhos.

Ela abriu a primeira e encontrou um cartão que dizia:

ESPERO QUE VOCÊ SE LEMBRE DE COMO USAR ISSO. PROFESSOR MANLEY

Embaixo, havia uma capa preta de pele de cobra.

Nas caixas seguintes, Cástor lhe deu uma codorna morta, Lady Lesso deixou uma flor entalhada em gelo, e Sader mandou sua capa da Prova, perguntando se ela poderia gentilmente doá-la à Exposição do Mal.

“Que truque de gênio”, Hort franziu o rosto, experimentando a capa. “Se esconder como uma planta, esperar até que Tedros e Hester sobrassem, depois atacar e derrotar Hester, enquanto Tedros estava ferido. Mas, por que você não acabou com Tedros? Todos estão perguntando, mas ele não diz nada. Eu disse que foi porque o sol nasceu.”

Hort viu a expressão de Sophie e seu sorriso desapareceu.

“Foi um truque, não foi?”

Os olhos de Sophie se encheram de lágrimas. Ela começou a sacudir a cabeça...

Entretanto, havia mais alguma coisa na parede à sua frente.

Uma rosa negra, com um bilhete espetado nos espinhos, pingando tinta.

Sophie pegou o bilhete nas mãos.

Trapaceira. Mentirosa. Cobra.

Você está onde é seu lugar.

Viva a bruxa.

“Sophie? De quem é?”

Com o coração aos pulos, Sophie sentiu o cheiro dos espinhos negros e amargos, envoltos por um perfume que ela conhecia tão bem.

Então era essa a sua recompensa pelo amor.

Ela amassou a rosa com a mão, cuspindo as palavras de Tedros com sangue.

“Isso fará com que você se sinta melhor.”

No quarto 66, Anadil servia um caldo turvo e amarelado de seu caldeirão em uma tigela, respingando todo o chão. Seus ratos imediatamente surgiram, agora vinte centímetros mais altos, mordendo, engalfinhando-se para ver quem ganhava as primeiras lambidas dos respingos.

“Seu talento está vindo à tona”, Hester disse.

Anadil sentou-se na beirada da cama de Hester, com a tigela. “Apenas alguns goles.”

Hester só conseguiu tomar um, depois caiu pra trás.

“Eu não deveria ter experimentado isso”, resmungou. “Ela é boa demais. É uma bruxa duas vezes melhor que eu...”

“Shhh, não força a barra.”

“Mas ela o ama”, disse Dot, encolhida em sua cama.

“Ela *pensa* que ama”, disse Hester. “Assim como todas nós um dia pensamos.”

Os olhos de Dot arregalaram-se.

“Por favor, Dot. Você acha que ela é a única Nunca que já se envolveu com amor?”

“Hester, chega”, Anadil pressionou.

“Não, vamos falar a verdade”, disse Hester, esforçando-se para se sentar. “Todas nós já sentimos vibrações vergonhosas. Todas nós já tivemos fraquezas.”

“Mas esses sentimentos são errados”, disse Anadil. “Não importa quão fortes sejam.”

“É por isso que esse é especial”, disse Hester. “Ela quase nos convenceu de que eles estavam certos.”

O quarto caiu em silêncio.

“Então o que acontece com ela, agora?”, perguntou Dot.

Hester suspirou. “A mesma coisa que aconteceu com todas nós.”

Dessa vez, o silêncio foi rompido por estalidos distantes, em um ritmo lento e ameaçador. As três garotas esticaram o pescoço em direção à porta, enquanto os estalos ficavam mais altos, cruéis e límpidos, como chicotadas. Os estalos tomaram o corredor, e depois passaram pelo quarto, que ficou em silêncio.

Dot soltou um pum, aliviada.

A porta escancarou-se e as garotas gritaram – Dot caiu da cama, de barriga...

Um vento soprou os vestidos pendurados depois da tocha, acima da porta, lançando centelhas de luz no rosto de uma sombra.

Os cabelos reluziam, espetados e alisados, pretos como os olhos e lábios borrados. A pele branca de fantasma contrastava com o esmalte preto, capa preta, e roupa de couro preta.

Sophie entrou no quarto, fincando o chão com suas botas pretas de salto alto.

Hester sorriu para ela.

"Bem-vinda ao lar."

Do chão, Dot desviava o olhar nervoso de uma para outra. "Mas onde vamos encontrar uma nova cama?"

Três pares de olhos cruzaram com os dela.

Ela nem teve tempo para juntar seus petiscos. No corredor escuro e úmido, Dot batia na porta de ferro, no silêncio do banimento. Contudo, não adiantou.

Três bruxas fizeram um covil, e ele tinha um novo dono.

Os Sempre nem comemoraram quando Tedros recebeu seu distintivo de Capitão. Como poderiam, se Sophie o havia feito de tolo?

"O Mal está de volta!", gabavam-se os Nunca. "O Mal tem uma Rainha!"

Então os Sempre lembraram-se de que eles tinham algo que os Nunca não tinham. Algo que provava que eram superiores.

Um Baile.

E a Rainha não estava convidada.

A primeira neve cobriu a Clareira com pedras de gelo que bombardeavam os baldes dos Nunca, fazendo ruídos altos. Enquanto tentavam pegar queijo mofado com seus dedos congelados, eles lançavam olhares cortantes para as garotas Sempre, que perambulavam de lá pra cá sem a menor preocupação com o clima. Como o Baile seria dali a duas semanas, as garotas precisavam cuidar dos preparativos, pois os meninos se recusavam a convidá-las antes do Circo. Reena, por exemplo, esperava que Chaddick a convidasse, então ela tingiu o vestido do uniforme antigo da mãe de modo que combinasse as cores com os olhos dele, de tom acinzentado. E se Chaddick convidasse Ava (ela flagrara-o olhando o retrato de Branca de Neve com ares de cobiça, portanto, talvez ele gostasse de garotas mais claras), então Nicholas talvez a convidasse, e nesse caso ela trocaria de vestido pelo de Giselle, que era branco, para combinar melhor com a pele bronzeada dele. E se Nicholas não a convidasse...

"Minha mãe diz que Bondade é fazer com que as pessoas se sintam queridas, mesmo quando você não as quer de modo nenhum", suspirou para Beatrix, que parecia entediada. Com Sophie fora da jogada, Beatrix sabia que Tedros era seu par. Não que

ele tivesse confirmado isso. O príncipe vinha ignorando a todos desde a Prova, carrancudo como um Nunca. Agora Beatrix sentia seu astral infectá-la, enquanto o observava lançar flechas na árvore sob a qual ele e Sophie costumavam sentar-se.

Tedros abriu mais buracos no coração entalhado na árvore, mas não ficou satisfeito. Após alguns dias de provocações, seus colegas tinham tentado animá-lo. Quem se importava se ele compartilhava sua premiação com uma garota Nunca? Quem se importava se ela o enrolou ao longo do caminho? Ainda assim, ele ganhara uma prova brutal, e durara mais do que todos eles lá dentro. Tedros, porém, só via vergonha naquilo, pois agora ele não tinha nada de melhor do que seu pai. Um escravo dos erros de seu coração.

E ele ainda não tinha dito a ninguém sobre Agatha. Sabia que ela estava surpresa com aquilo, pois ela retraía-se sempre que ele falava na sala de aula, como se esperasse que ele fosse expô-la a qualquer momento. No entanto, embora uma semana antes ele adoraria vê-la punida, agora sentia-se confuso. Por que ela arriscara a vida para salvá-lo? Será que ela estava dizendo a verdade sobre aquela gárgula? Será que aquela bruxa poderia ser... *Boa*?

Ele pensou nela percorrendo os corredores com os olhos desconfiados de um inseto...

Uma barata. Foi isso o que Beatrix disse.

Então, Agatha estivera ali, o tempo todo, ajudando Sophie a subir na pontuação? Ela só podia ter se escondido no vestido ou no cabelo de Sophie, sussurrando as respostas e lançando os feitiços... Contudo, como ela fizera-o escolher Sophie no desafio da abóbora?

Tedros sentiu-se enjoado.

Um goblin escolhido entre dois... Uma princesa cujo caixão derrubou-o... Uma barata escondida em uma abóbora...

Ele nunca havia escolhido Sophie.

Ele havia escolhido Agatha todas as vezes.

Tedros virou-se, horrorizado, procurando por ela, mas não viu Agatha em nenhum lugar da Clareira. Precisava ficar longe daquela garota. Tinha de dizer a ela que ficasse longe dele. Precisava cessar tudo aquilo...

Um punhado de granizo atingiu como um beijo gelado seu rosto. Cego pela água, Tedros viu sombras vindo em sua direção, limpou os olhos... e baixou seu arco.

Sophie, Anadil e Hester andavam no mesmo passo, idênticas, com cabelos e maquiagens pretos e carrancas negras de coração. Com um sibilar conjunto, afugentaram as garotas Sempre, que saíram em disparada, deixando apenas Tedros e os garotos Sempre assustados, espalhados atrás dele. Anadil e Hester ficaram atrás de Sophie, que se aproximou para encarar seu príncipe.

Filetes de gelo caíam do céu, entre eles.

“Você acha que eu fingi”, disse Sophie, olhando para ele com seus olhos verdes. “Acha que nunca amei você.”

Tedros tentou conter seu coração disparado. De alguma forma ela estava mais bonita do que nunca.

“Você não pode trapacear em seu caminho para o amor, Sophie”, ele disse. “Meu coração nunca quis você.”

“Ah, eu vi as escolhas de seu coração”, Sophie riu debochada, imitando os olhos esbugalhados de Agatha, e a careta que era sua marca registrada.

Tedros corou. “Posso explicar isso...”

“Deixe-me adivinhar. Seu coração é cego.”

“Não, ele apenas escolhe qualquer uma menos *você*.”

Sophie riu. Num lampejo, ela avançou, e Tedros sacou a espada, como fizeram todos os seus companheiros atrás dele.

Sophie deu um sorriso fraco. “Olhe o que aconteceu, Tedros. Você está com medo do seu verdadeiro amor.”

“Volte para o seu lado!”, o príncipe gritou.

“Eu esperei por você”, disse Sophie, com a voz falhando. “Achei que você viesse me buscar.”

“O quê? Por que eu iria buscar *você*?”

Sophie ficou olhando para ele. “Porque você me fez uma promessa”, ela disse.

Mostrando os dentes, Tedros encarou-a. “Não lhe fiz promessa nenhuma.”

Sophie encarou-o, perplexa. E abaixou seu olhar. “Entendo.”

Seus olhos ergueram-se lentamente.

“Então, serei o que você quiser que eu seja.”

Ela estendeu seu dedo aceso e as espadas dos meninos transformaram-se em serpentes. Enquanto todos fugiam, Tedros chutava terra nas cobras, que sibilavam. Ele virou-se rapidamente e viu Sophie limpar as lágrimas, depois puxar sua capa e sair apressada.

Hester correu para alcançá-la – “Sente-se melhor?”

“Eu dei a ele uma chance”, disse Sophie, caminhando mais depressa.

“Agora vocês estão quites. Acabou.” Hester tranquilizou-a.

“Não. Não até que ele cumpra sua promessa.”

“Promessa? Que promessa?”

No entanto, Sophie já tinha corrido na frente, entrando no túnel. Enquanto disparava por entre os galhos retorcidos, sentiu alguém olhando-a. Por entre as lágrimas e as árvores, não dava pra ver o rosto na sacada, apenas uma imagem branca embaçada. Seu estômago apertou-se... ela encontrou um vão nas folhas...

O rosto, porém, tinha sumido... como se fosse um sonho.

Na manhã seguinte, todos os pisos da Escola do Bem estavam escorregadios e cobertos de banha. Na outra manhã, os garotos Sempre gritaram após vestirem seus casacos, que estavam repletos de pó de mico. Na terceira manhã, os professores encontraram cuecas emolduradas no lugar do retrato de Bela Adormecida nas Lendas do Obelisco, os lados trocados no Teatro de Fábulas e as salas de aula de doce cobertas por uma gosma verde e fedorenta.

Como as fadas não conseguiram pegar os vândalos em ação, Tedros e seus colegas formaram uma guarda noturna, que patrulhava corredores desde o anoitecer até o amanhecer. Ainda assim, os criminosos fugiam da captura, e até o fim da semana os bandidos já haviam enchido a piscina da Sala de Embelezamento com arraias, entortado os espelhos do corredor para provocar quem passasse, soltado pombos excessivamente alimentados no Salão de Jantar, e lançado feitiços nos sanitários do Bem para que explodissem quando os alunos se sentassem.

Enfurecida, a professora Dovey insistia para que Sophie fosse levada à justiça, mas Lady Lesso disse que era altamente improvável que uma aluna conseguisse prejudicar uma escola inteira sem ajuda.

Ela estava certa.

"Já não está mais sendo legal", disse Anadil, depois do jantar, no quarto 66. "Hester e eu queremos parar."

"Você já obteve sua vingança", disse Hester. "Deixe-o pra lá."

"Achei que vocês duas fossem vilãs", disse Sophie, de sua cama, com os olhos colados em *Sumam, pesadelos*.

"Vilões têm propósitos", estrilou Hester. "O que estamos fazendo é só bandidagem."

"Nesta noite nós vamos colocar sífilis nas cuecas dos garotos", disse Sophie, virando a página. "Encontre um feitiço pra isso."

"O que você *quer*, Sophie?", perguntou Hester. "Pelo que estamos lutando?"

Sophie ergueu os olhos. "Vocês vão ajudar ou devo entregar todo mundo?"

Em pouco tempo, Tedros já estava com todos os sessenta meninos na guarda noturna, mas Sophie aumentou os ataques. Na primeira noite, ela fez Hester e Anadil prepararem uma poção para transformar o lago do Bem em pântano do Mal, forçando a onda mágica a migrar para o esgoto. A mistura deixou-as com as mãos queimadas, mas Sophie fez com que voltassem ao amanhecer para impregnar todos os lençóis dos Sempre com piolhos. Em pouco tempo, as meninas atacavam com tanta frequência – colocando sanguessugas no ponche dos Sempre, soltando gafanhotos durante uma palestra de Uma, mandando um touro invadir o treino de esgrima, enfeitiçando as escadas para que berrassem palavrões a cada degrau – que metade dos professores do Bem cancelou suas aulas, Pólux cambaleava em patas de carneiro, caindo em suas próprias armadilhas, e os Sempre só se sentiam seguros circulando em bandos.

A professora Dovey escancarou a porta do escritório de Lady Lesso. "Aquela bruxa tem que ser reprovada!"

"Não há meios para que um Nunca *entre* em sua escola, muito menos para que ataque dia e noite", Lady Lesso disse antes de bocejar. "Pelo que sabemos, isso é coisa de um Sempre trapaceiro."

"Um *Sempre*! Meus alunos ganharam todas as competições nesta escola durante duzentos anos!"

"Até agora." Lady Lesso sorriu. "E não tenho planos de abrir mão de *minha* melhor aluna, sem *provas*."

Enquanto a professora Dovey mandava cartas não respondidas ao Diretor da Escola, Lady Lesso observava, cautelosamente, que Sophie distanciava-se cada vez mais de suas colegas de quarto, já não tremia em sua sala de aula gélida, e profanava o nome de Tedros nas capas de seus livros.

"Está se sentindo bem, Sophie?", perguntou Lady Lesso, bloqueando a porta de gelo, depois da aula.

"Sim, obrigada", respondeu Sophie, desconfortável. "Preciso ir andando..."

"Entre sua vitória como Capitã da Turma, suas novas peças de moda, e suas atividades noturnas... é um bocado de coisas para assimilar."

"Não sei a que atividades você está se referindo", disse Sophie, passando de lado por ela.

"Você tem tido sonhos estranhos, Sophie?"

Sophie parou, aturdida.

"Que tipos de sonhos seriam estranhos?"

"Sonhos zangados. Sonhos que vão piorando a cada noite", disse Lady Lesso, atrás dela. "Você sentirá se algo estiver nascendo em sua alma. Um *rosto*, talvez."

O estômago de Sophie contraiu-se. Os sonhos terríveis persistiam, e todos terminavam com o rosto leitoso e embaçado. Nós últimos dias, filetes vermelhos surgiam ao redor do rosto, como se ele estivesse contornado de sangue. Contudo, ela não conseguia reconhecê-lo. Ela só sabia que despertava mais zangada a cada dia.

Sophie virou-se. "É... o que um sonho desses significaria?"

"Que você é uma garota especial, Sophie", disse Lady Lesso. "Alguém de quem todos devemos nos orgulhar."

"Ah. É... talvez eu tenha tido um ou dois..."

"Sonhos com Nêmesis", disse Lady Lesso, com seus olhos violeta cintilando. "Você tem tido sonhos com Nêmesis."

Sophie ficou olhando para ela. "Mas... mas..."

"Não há nada com que se preocupar, querida. Não até que surjam os sintomas."

"*Sintomas?* Que sintomas? O que acontece se houver sintomas?"

“Então você finalmente verá o rosto de seu Nêmesis. Aquele que vai se fortalecer enquanto você enfraquece”, Lady Lesso respondeu, calmamente. “Aquele que você precisa destruir para que possa viver.”

Sophie ficou branca. “M-mas... isso é impossível!”

“É? Acho que está bem claro quem é seu Nêmesis.”

“O quê? Eu não tenho ninguém que...”

Sophie perdeu o fôlego.

“*Tedros?* Mas eu o amo! Foi por isso que fiz tudo aquilo! Para tê-lo de volta...”

Lady Lesso apenas sorriu.

“Eu estava com raiva!”, Sophie gritou. “Não tive a intenção... não quero machucá-lo! Não quero machucar ninguém! Não sou uma vilã!”

“Sabe, não importa o que somos, Sophie.”

Lady Lesso chegou tão perto que só precisou sussurrar.

“É o que *fazemos*.”

As pupilas dela percorreram o rosto de Sophie. “Mas eu receio que ainda não haja sintomas”, suspirou, e foi para sua mesa. “Feche a porta ao sair.”

Sophie saiu depressa demais para se dar ao trabalho.

Naquela noite, Sophie não atacou os Sempre.

Deixe-o pra lá, ela disse a si mesma, com o travesseiro na cabeça. *Deixe Tedros pra lá*.

Ela disse isso repetidamente, até apagar o encontro com Lady Lesso de sua memória. Enquanto as palavras embalavam-na para dormir, sentia as vibrações de seu antigo eu. Amanhã ela seria amorosa. Amanhã perdoaria. Amanhã voltaria a ser Boa.

Então outro sonho veio.

Ela corria por entre espelhos que refletiam seu rosto risonho, cabelos louros compridos, um lindo vestido rosa. Através do último espelho havia uma porta aberta onde Tedros aguardava por ela, com ares de rei, vestindo seu traje azul de gala, debaixo do pináculo de Camelot. Ela corria e corria para ele, mas não conseguia aproximar-se, até que arbustos mortais e afiados, inflados com a cor roxa, começaram a serpentear rumo ao seu verdadeiro amor. Frenética, passou pela última porta para salvá-lo, perdendo um salto de vidro, lançando-se em seus braços... o príncipe dissolveu-se em um borrão leitoso e vermelho e jogou-a aos espinhos.

Sophie despertou enfurecida e esqueceu-se completamente da sua decisão de deixá-lo de lado.

“Estamos no meio da noite! Você disse que tinha acabado!”, Anadil disse, furiosa, seguindo-a rumo ao túnel...

“Não podemos continuar a fazer essas coisas sem propósito”, disse Hester, indignada.

“Eu tenho um propósito”, disse Sophie, virando-se. “Estão me ouvindo? Eu tenho um *propósito*.”

No dia seguinte, os Sempre chegaram para o almoço e encontraram todas as árvores do seu lado derrubadas. Todas, exceto aquela sob a qual Sophie e Tedros costumavam sentar-se, agora entalhada várias vezes com uma única palavra.

MENTIROSO.

Perplexos, os lobos e as ninfas chamaram os professores e formaram imediatamente uma barreira entre as duas metades da Clareira. Tedros disparou como um raio até a fronteira, entre dois lobos.

“Pare. *Agora*.”

Todos seguiram os olhos dele até Sophie, sentada serenamente junto a uma árvore coberta de neve, do lado dos Nunca.

“Ou o que você vai fazer?”, ela desdenhou. “Vai me pegar?”

“Agora você realmente soa como uma vilã”, Tedros caçoou.

“Cuidado, Teddy. O que dirão quando dançarmos no Baile?”

“Certo, agora você ficou maluca...”

“E eu aqui pensando que você fosse um príncipe”, disse Sophie, caminhando em direção a ele. “Porque você prometeu me levar ao Baile, exatamente neste lugar. E um príncipe jamais quebra uma *promessa*.”

Ouviam-se sussurros de ambos os lados da Clareira. Tedros parecia ter levado um chute no estômago.

“Afinal, um príncipe que quebra sua promessa”, Sophie encarou-o entre dois lobos, “é um *vilão*.”

Tedros não conseguia falar. Seu rosto queimava.

“Mas você não é um vilão e nem eu”, disse Sophie, com os olhos culpados. “Portanto, tudo o que tem a fazer é manter sua promessa, e nós podemos voltar a ser nós mesmos. Tedros e Sophie. Príncipe e princesa.”

Com um sorriso hesitante ela estendeu a mão para ele, por entre os lobos.

“O Bem para Sempre.”

A Clareira caiu em silêncio mortal.

“Eu jamais a levarei ao Baile”, Tedros vociferou. “*Jamais*.”

Sophie recolheu a mão.

“Ora, então”, ela disse baixinho. “Agora todos sabem quem é o *responsável* pelos ataques.”

Tedros sentiu os olhos acusadores dos Sempre encarando-o fixamente. Envergonhado, saiu da Clareira, enquanto Sophie olhava-o, com o coração na garganta, lutando contra o ímpeto de chamá-lo de volta.

“Isso tem a ver com um *baile*?”, disse uma voz.

Sophie virou-se, e viu Hester e Anadil, olhando furiosas.

“Isso tem a ver com o que é *certo*”, ela disse.

“Você está por sua conta”, Hester rosnou, e Anadil foi atrás dela.

Sophie ficou ali, cercada por todos, estarrecidos: alunos, professores, lobos e fadas, ouvindo sua respiração ofegante. Ela lentamente olhou para cima.

Tedros encarava-a, de cima, do castelo de vidro. Sob o sol fraco, seu rosto claro tinha um reflexo vermelho.

O olhar de Sophie cruzou com o dele, o que endureceu seu coração.

Ele retribuiria seu amor. Tinha de retribuir.

Porque ela o destruiria se ele se atrevesse a amar qualquer outra pessoa.

23

Magia no espelho

Enterrada debaixo de travesseiros rendados, Agatha ouvia o eco de quatro palavras terríveis.

TENHA SUA PRÓPRIA VIDA.

Que vida? Antes de Sophie, tudo de que ela podia se lembrar era escuridão e dor. Sophie fizera com que ela se sentisse necessária. Sem Sophie, ela era uma aberração, um nada, um...

Agatha sentiu um aperto no estômago. *Uma bruxa nunca tem seu próprio conto de fadas.*

Sem Sophie, ela era uma bruxa.

Durante seis dias, Agatha ficou fechada em sua torre, ouvindo os gritos de Sempres aterrorizados pelos novos ataques. Todas as atividades conjuntas da escola haviam sido canceladas indefinidamente, incluindo o almoço e os Grupos Florestais. Será que tudo aquilo era culpa sua? As bruxas não deixavam os contos de fadas em frangalhos? À medida que os gritos de fora tornavam-se mais apavorados, sua culpa aumentava mais.

Então os ataques pararam.

Reunidos em salas comunitárias, os Sempre prenderam a respiração. Entretanto, quando o sábado e o domingo se foram, Agatha soube que a tempestade tinha passado. A qualquer momento, Sophie viria desculpar-se. Olhando para a lua pintada de rosa, Agatha abraçava seu travesseiro e rezava. A amizade delas sobreviveria a isso.

As fadas tilintaram do lado de fora da porta, e ela viu um bilhete que havia sido jogado por baixo. Com o coração disparado, pulou da cama e pegou o papel, com as

mãos suando...

Prezados alunos,

Com o Baile da Neve em seis dias, os desafios desta semana servirão para ver se vocês estão preparados. Apesar das interrupções recentes, não haverá mais cancelamentos. Nossas tradições são o que separam o Bem do Mal. Mesmo nos momentos mais difíceis, um baile pode ser nossa melhor chance de encontrar um final feliz.

Professora Dovey

Agatha gemeu e afundou-se em seus lençóis cor-de-rosa. Quando, porém, cedeu ao sono, ela começou a ouvir palavras... *baile... propósito... feliz...* Elas vagueavam na escuridão, ecoando mais profundamente, até que foram plantadas em sua alma, como sementes mágicas.

Ravan foi nas pontas dos pés até o quarto 66, e os cisnes de seis Nuncas trêmulos reluziam na escuridão atrás dele.

"Se os ataques pararam, talvez ela esteja morta", disse Vex.

"Talvez vilões não façam maldade aos domingos", disse Brone.

"Ou, talvez, Sophie tenha superado seu maldito príncipe!", disse Ravan.

"Ninguém nunca supera o amor", disse Hort, cabisbaixo, seguindo com seu macacão sujo. "Mesmo que ele roube seu quarto e seu pijama."

"Sophie nem deveria ter se *permitido* amar!", Ravan respondeu. "Da primeira vez que eu disse ao meu pai que gostava de uma garota, ele me lambuzou de mel e me trancou em uma cela de ursos, para passar a noite. Desde então, nunca mais gostei de nenhuma."

"Da primeira vez que eu disse à minha mãe que gostava de alguém, ela me assou no forno por uma hora", concordou Mona, com a pele verde empalidecendo. "Agora nunca penso em meninos."

"Da primeira vez que gostei de um garoto, meu pai o matou."

O grupo parou e ficou olhando para Arachne. "Talvez Sophie tenha simplesmente tido maus pais", ela disse.

Assentindo solenemente, os Nunca seguiram ao quarto 66, escondidos nas sombras. Na expectativa, cada um encontrou um pedacinho da porta onde encostar o ouvido.

Mas não ouviram nada.

"No três", Ravan fez mímica com a boca. Eles recuaram, preparando-se para arrombar a porta. "Um... dois..."

"Beba isso."

Era a voz de Anadil, lá dentro. Os Nunca encostaram novamente os ouvidos na porta.

"Estão... me... matando...", disse Sophie, com a voz fraca.

Sons de vômito.

"Ela está com febre, Hester."

"Lady Lesso disse... Sonhos... Nêmes..."

"Não são nada, Sophie", disse a voz de Hester. "Agora vá dormir."

"Será que eu... estarei... melhor... para... o Baile? Tedros... prometeu..."

"Feche seus olhos, querida."

"Os sonhos... virão...", Sophie choramingou.

"Shhh, estamos aqui", disse Hester.

Fez-se silêncio lá dentro, mas Ravan e os Nunca não se mexeram. Então eles ouviram vozes mais próximas à porta.

"Sonhos de rostos, febre alta, obsessão... A Lady Lesso está certa!", Anadil sussurrou. "Tedros é o Nêmesis dela!"

"Então ela conheceu mesmo o Diretor da Escola!", Hester cochichou de volta. "Ela está dentro de um conto de fadas de verdade!"

"Então é bom que esta escola inteira fique alerta, Hester. Contos de fadas de verdade significam *guerra*!"

"Ana, nós precisamos fazer com que Tedros e Sophie voltem, *agora*! Antes que surjam quaisquer sintomas!"

"Mas como?"

"Seu *talento*", sussurrou Hester. "Mas não podemos contar a ninguém! Se isso escapar, nossas vidas estarão em ris..."

A voz dela parou.

Ravan sinalizou para os outros.

A porta foi escancarada. Hester olhou lá fora, estreitando os olhos.

Entretanto, o corredor estava vazio.

Na segunda-feira de manhã, Agatha acordou com um forte ímpeto de ir à aula.

Marchando ao redor do quarto, ela enfiou seu avental amarrotado e catou fiapos de seu cabelo oleoso. Quantos dias poderia esperar? Sophie não queria se desculpar?

Sophie não queria ser sua amiga? Ela amassou a rosa de papel de Sophie e jogou-a pela janela...

Eu posso ter minha própria vida!

Ela procurou mais alguma coisa para jogar, depois viu o papel amassado embaixo dos dedos de seus pés.

"Um baile pode ser sua melhor chance..."

Agatha pegou o papel e leu novamente o bilhete da professora Dovey, com os olhos faiscando.

É isso! O baile *era, sim*, a sua chance!

Ela só precisava de um daqueles garotos vis e arrogantes para levá-la! Então Sophie engoliria suas palavras!

Enfiou os pés calejados em suas botinas e desceu os degraus, acordando a torre inteira.

Tinha cinco dias para encontrar um par para o Baile da Neve dos Sempre.

Cinco dias para provar que não era uma bruxa.

A semana do Baile começou bizarra, quando a professora Anêmona surgiu, dez minutos atrasada, usando um vestido de plumas de ganso escandalosamente curto, com uma meia-calça roxa, cintas-ligas cintilantes e uma coroa que poderia ser um candelabro de cabeça para baixo.

"Observem o que é *elegância* de Baile", disse, afagando suas plumas. "Ainda bem que os meninos não podem *me* convidar para o Baile, ou muitas de vocês perderiam seus príncipes!"

Ela analisou os olhares dos alunos. "Sim, não é divino? Eu fui informada pela Imperatriz Vaisilla que isso está arrasando em Putsi."

"Putsi? Onde fica Putsi?", perguntou Kika.

"Lar de muitos cisnes zangados", disse Beatrix.

Agatha furou-se com uma caneta para não rir.

"Como seus pretendentes preferem esperar até o Circo de Talentos para convidá-las, eu aconselho-as a levar os desafios desta semana a sério", disse a professora Anêmona. "Um desempenho excepcionalmente bom ou fraco podem muito bem fazer um menino mudar de ideia!"

"Imagino que Tedros deve, mesmo, ter prometido levar Sophie ao Baile, não?", Reena cochichou para Beatrix. "Príncipes não podem quebrar promessas sem que algo terrível aconteça!"

"Algumas promessas são feitas para ser quebradas", respondeu Beatrix. "Mas se alguém tentar estragar a minha noite com Tedros, eu juro que não vai *sobreviver* ao baile."

"É claro que nem todas serão convidadas para o Baile da Neve", alertou a professora Anêmona. "A cada ano uma garota aflita sobra, pois os meninos preferem receber meia

avaliação do que ter que levá-la. E essa garota, que não consegue encontrar um menino, mesmo nas circunstâncias mais propícias... bem, ela só pode ser uma bruxa, não é?”

Agatha sentiu todos os olhares recaindo sobre ela. *Reprovada* se um garoto não a convidasse?

Agora encontrar um par era uma questão de vida ou morte.

“Para o desafio de hoje vocês devem tentar ver *quem* será seu par para o Baile!”, declarou a professora. “Somente quando puderem enxergar claramente o rosto de um garoto em suas mentes, vocês saberão que ele também a quer. Agora juntem-se à pessoa que está ao seu lado e alternem-se fazendo os convites. Quando for sua vez de aceitar, feche os olhos e vejam de quem é o rosto que surge...”

Agatha virou-se para Millicent, que estava de frente para a sua mesa, e parecia pronta para vomitar.

“Querida, é... Agatha... vocêseriaminhaprincesaparaoBaile?”, ela disse, sem ar, depois teve uma ânsia de vômito tão ruidosa que Agatha deu um pulo.

Ora, a quem ela queria enganar? Olhou para baixo, para seus membros ossudos, sua pele pastosa e as unhas todas roídas. Que garoto escolheria convidá-la para o Baile? À medida que a esperança foi se esvaindo, ela olhou para as garotas, fechando os olhos, eufóricas, sonhando com os rostos de seus príncipes...

“A *pergunta* requer um sim ou um não”, gemeu Millicent.

Com um suspiro, Agatha fechou os olhos e tentou imaginar o rosto de seu príncipe. No entanto, tudo o que conseguia ouvir eram os garotos brigando para não ser seu par...

“*Não sobrou ninguém pra você, querida...*”

“*Mas eu achei que todos os garotos tivessem que ir, professora Dovey...*”

“*Bem, o último se matou para não ter que levar você.*”

Gargalhadas de fantasma ecoaram em seus ouvidos. Agatha cerrou os dentes.

Eu não sou uma bruxa.

As vozes dos meninos abrandaram-se.

Eu não sou uma bruxa.

As vozes sumiram na escuridão.

Mas não havia nada no lugar deles. Nada em que acreditar.

Não sou! Não sou uma bruxa!

Nada.

Algo.

Uma silhueta clara e sem rosto surgiu na escuridão.

Ele curvou-se à sua frente, apoiado em um dos joelhos... pegou sua mão...

“Está se sentindo bem?”

Ela abriu os olhos. A professora Anêmona a encarava. Assim como o restante da turma.

"É... acho que sim."

"Mas você... você... *sorriu!* Um sorriso *de verdade*!"

Agatha engoliu. "Sorri?"

"Você foi enfeitiçada?", a professora deu um gritinho. "Isso é um dos ataques dos Nunca..."

"Não... quer dizer... foi um acidente..."

"Mas minha querida! Foi *lindo*!"

Agatha achou que sairia flutuando da cadeira. Ela não era uma bruxa! Não era uma aberração! Ela sentiu seu sorriso voltar, maior, mais radiante do que antes.

"Se ao menos o restante também fosse", a professora Anêmona suspirou.

O sorriso de Agatha desfigurou-se em sua confortável careta.

Desanimada, fracassou em seus dois desafios seguintes, com Pólux que chamou sua postura de "nefasta" e Uma que suspirou que já tinha visto bichos-preguiça com mais charme.

Emburrada em seu banco, antes da aula de História, Agatha ficou imaginando se o professor Sader poderia realmente prever seu futuro. Será que ela encontraria um par para o Baile da Neve? Ou Sophie estava certa quanto a ela ser uma bruxa? Ela seria reprovada e morreria ali, sozinha?

O problema era que não havia meio de perguntar qualquer coisa a Sader, mesmo que ele *fosse* um vidente. Além disso, para abordar o assunto, ela teria que admitir que tinha invadido seu escritório. Não era a melhor forma de ganhar a confiança de um professor.

No fim, não importava, porque Sader nem apareceu. Ele tinha optado por passar a semana lecionando na Escola do Mal, alegando que as aulas de História não poderiam competir com as distrações de um Baile. Em sua ausência, cedeu o ensino de "Costumes & Tradições de Baile" a uma gangue de irmãs de meia-idade, desgrenhadas e com trajes mofados. As Doze Princesas Dançarinas, de um famoso conto de fadas, que tinham conquistado seus príncipes em um baile da corte. Antes que pudessem revelar como fizeram exatamente para ser acompanhadas por esses príncipes, porém, as doze matronas começaram a discutir, corrigindo-se mutuamente na versão de suas histórias, e depois a gritar umas com as outras.

Agatha fechou os olhos e desligou-se delas. Independentemente do que a professora Anêmona dissera, ela havia visto o rosto de alguém. Embaçado, enevoado... mas real. Alguém que *queria* convidá-la para o Baile.

Ela contraiu o maxilar.

Eu não sou uma bruxa.

Lentamente, a silhueta surgiu na escuridão, dessa vez mais próxima, mais clara do que antes. Ele abaixou-se diante dela, apoiado em um dos joelhos, ergueu seu rosto à luz...

Um grito a fez despertar.

No palco, as doze irmãs estavam gritando e engalfinhando-se, como gorilas.

"Como essas *aí* podem ser princesas?", gritou Beatrix.

"Isso é o que acontece depois que você se casa", disse Giselle. "Minha mãe parou de raspar as pernas."

"A minha não cabe mais em seus vestidos antigos", disse Millicent.

"A minha não usa maquiagem", disse Ava.

"A minha come queijo", suspirou Reena. Beatrix parecia que ia desfalecer.

"Bem, se minha esposa tentar qualquer dessas coisas, ela pode ir morar com as bruxas", disse Chaddick, comendo uma perna de peru. "Em todas aquelas pinturas de *felizes para sempre*, ninguém vê princesas horríveis."

Ele notou Agatha sentada ereta ao seu lado. "Ah. Sem querer ofender."

Na hora do almoço Agatha já havia abandonado por completo a ideia de arranjar um par, e queria voltar rastejando para Sophie. No entanto, ela, Hester e Anadil não estavam em nenhum lugar (nem Dot, por sinal), e os Nunca pareciam curiosamente calados do outro lado da Clareira. Enquanto isso, ela escutava as garotas Sempre rindo, ouvindo Chaddick recontar sua história a grupos diferentes, com a frase "Sem querer ofender" parecendo mais ofensiva a cada vez. E o que é pior, Tedros lançava-lhe olhares estranhos entre um e outro arremesso de ferraduras (e um especialmente esquisito, depois que ela deixou cair a tigela de ensopado de beterraba no colo).

Kika sentou-se ao seu lado. "Não fique aborrecida, não pode ser verdade."

"O quê?"

"O negócio dos dois garotos."

"Que negócio dos dois garotos?"

"Você sabe, que eles todos fizeram um pacto para dois meninos irem juntos, em vez de convidar você."

Agatha encarou-a.

"Ah, não!", Kika gritou e saiu correndo.

Na aula de Boas Ações, a professora Dovey deu-lhes um teste escrito sobre como deveriam lidar com dificuldades morais no Baile. Por exemplo:

1. Se você for ao Baile com alguém que não seja sua primeira opção, mas sua primeira opção, por quem você está loucamente apaixonada, convidá-la para dançar, você:

A) Gentilmente informa que, se ele quisesse dançar com você, deveria tê-la convidado para o Baile.
B) Dança com ele, mas só uma dança de ritmo rápido.
C) Dá um perdido no seu par e fica com a primeira opção.
D) Pergunta ao seu par se ele se importaria.

Agatha respondeu D. Embaixo, ela escreveu:

"A menos que ninguém jamais a convidasse para o Baile, muito menos para dançar. Portanto, essa pergunta não se aplica."

2. Ao chegar ao Baile, você nota que o hálito de sua amiga está com um cheiro insuportável de alho e truta. No entanto, sua amiga está indo com a pessoa que você havia torcido para lhe convidar para o Baile. Você:

A) Informa sua amiga, de uma vez, sobre o cheiro podre.
B) Não diz nada, já que é culpa de sua amiga estar fedendo.
C) Não diz nada porque vai gostar de vê-la constrangida.
D) Oferece-lhe um pedaço de doce, sem mencionar o hálito.

Agatha respondeu A. Ela acrescentou, "*Porque, pelo menos, o mau hálito é temporário. A feiura é eterna*".

3. Uma pombinha filhote, com a asa quebrada, entra no Salão do Bem, cai na pista de dança durante a última valsa e está correndo grande perigo de ser esmagada. Você:

A) Grita e interrompe a dança.
B) Termina de dançar e depois socorre a pombinha.
C) Chuta a pombinha pra fora da pista, para dançar em segurança, depois socorre a pombinha.
D) Abandona a dança e salva a pomba, mesmo que isso signifique deixar seu parceiro constrangido.

Agatha respondeu a D. "*Meu parceiro é imaginário. Tenho certeza de que ele não vai se importar*".

Ela respondeu às outras 27 perguntas dentro do mesmo espírito.

Em sua mesa feita de bombons, a professora Dovey corrigia os testes e colocava-os sob um peso de papel em formato de abóbora, com uma expressão cada vez mais melancólica.

“Exatamente o que eu temia”, disse, zangada, devolvendo os testes aos alunos. “Suas respostas são vãs, vagas e, às vezes, simplesmente desprezíveis! Não admira que aquela menina Sophie tenha feito todos vocês de tolos!”

“Os ataques acabaram, não?”, murmurou Tedros.

“Não, graças a você!”, vociferou a professora Dovey, atirando um teste tingido de vermelho para ele. “Uma Nunca ganha uma Prova, tumultua nossa escola – e nenhum Sempre consegue pegá-la? Não tem ninguém Bom o suficiente para derrubar uma *aluna*?”

Ela atirou os testes ao longo de uma fileira. “Devo lembrar-lhes de que o Circo de Talentos é em quatro dias? E que quem vencer o Circo terá o Teatro de Fábulas transferido para sua escola? Vocês querem que o Teatro vá para o *Mal*? Querem caminhar acanhados até o Mal pelo resto do *ano*?”

Ninguém conseguia encará-la.

“Para serem Bons, vocês têm que *demonstrar-se* Bons, Sempre”, alertou a professora Dovey. “Defender. Perdoar. Ajudar. Amar. Essas são as nossas regras. Mas é sua *opção* segui-las.”

Enquanto ela repassava os testes, condenando cada resposta errada, Agatha empurrou o seu. Mas então, ela notou algo escrito no canto:

100%

VENHA FALAR COMIGO

Quando as fadas tilintaram anunciando o fim da aula, a professora Dovey enxotou todos os Sempre, fechou a porta de doce de abóbora e trancou-a. Ela virou-se e viu Agatha sentada em sua mesa, comendo um bombom.

“Então, se eu seguir as regras”, disse Agatha, mastigando ruidosamente, “Não serei uma bruxa.”

A professora Dovey viu um novo buraco em sua mesa. “Somente uma alma verdadeiramente boa sobrevive a essas regras, sim.”

“E se meu rosto for do Mal?”, disse Agatha.

“Ora, Agatha, não seja ridí...”

“E se meu *rosto* for do *Mal*?”

A professora se retraiu diante de seu tom.

“Estou longe de casa, perdi minha única amiga, todos aqui me detestam, e tudo o que eu quero é encontrar algum tipo de *final feliz*”, disse Agatha, vermelha. “Mas você não pode nem me dizer a verdade. Meu final não tem a ver com o Bem que eu faça, ou com o que está dentro de mim. Tem a ver com a minha *aparência*.” Cuspe voou de sua boca. “Eu nunca tive uma *chance*.”

Por um bom tempo, a professora Dovey apenas olhou para a porta. Então, sentou-se na mesa, ao lado de Agatha, arrancou um pedaço de bombom e mordeu-o, provocando um esguicho adocicado.

“O que você achou de Beatrix da primeira vez que a viu?”

Agatha encarava o doce na mão da professora.

“Agatha?”

“Eu não sei. Ela era linda”, disse Agatha, lamentosa por lembrar-se da apresentação repleta de puns que elas haviam tido.

“E agora?”

“Ela é revoltante.”

“Ela ficou menos bonita?”

“Não, mas...”

“Então, ela é bonita ou não?”

“Sim, à primeira vista...”

“Então, a beleza só dura um olhar?”

“Não, se você for uma pessoa do Bem...”

“Então, se você não for uma Boa pessoa...”

“Então, é ser Bom que importa? Achei que fosse a aparência.”

Agatha abriu a boca. Não saiu nada.

“A beleza só pode lutar com a verdade até aí, Agatha. Você e Beatrix compartilham mais do que você imagina.”

“Ótimo. Posso ser sua animal escrava”, disse Agatha, mordendo seu doce.

A professora Dovey levantou-se. “Agatha, o que você vê quando se olha no espelho?”

“Não me olho em espelhos.”

“Por quê?”

“Porque cavalos e bruxas não ficam por aí olhando seus reflexos!”

“O que você teme ver?”, perguntou a professora Dovey, recostando-se perto da porta de doces em formato de abóbora.

“Não tenho medo de espelhos”, fungou Agatha.

“Então olhe para este.”

Ela deu uma olhada para cima e viu que na porta próxima à professora Dovey havia agora um espelho liso e polido.

Ela desviou-se. “Belo truque. Está em seu livro?”

"Olhe-se no espelho, Agatha", disse a professora Dovey, calmamente.

"Isso é tolice." Agatha saltou da mesa e passou pela professora, cabisbaixa, para evitar seu reflexo. Ela não conseguiu encontrar a maçaneta...

"Deixe-me sair!" Ela arranhou a porta, fechando os olhos todas as vezes em que se via.

"Se você se olhar no espelho, pode sair."

Agatha esforçou-se para fazer seu dedo acender, "Deixe-me... sair!"

"Então, olhe-se no espelho."

"DEIXE-ME SAIR, SENÃO..."

"Apenas uma olhada..."

Agatha chutou com sua botina o vidro. Com um tremor, o espelho estilhaçou-se, e ela se protegeu do brilho e do pó cintilante. Quando o ruído pareceu silenciar, ela ergueu lentamente a cabeça.

Um novo espelho a encarava.

"Faça-o sumir", ela implorou, escondendo o rosto.

"Apenas tente, Agatha."

"Não posso."

"Por quê?"

"Porque eu sou horrível!"

"E se você fosse bonita?"

"*Olhe* pra mim", Agatha gemeu.

"Suponha que fosse."

"Mas..."

"Imagine que você fosse como as meninas nos livros de contos de fadas, Agatha."

"Eu não leio aquele lixo", Agatha retrucou, furiosa.

"Você não estaria aqui se não lesse."

Agatha retesou-se.

"Você os lê, exatamente como a sua amiga, querida", disse a professora Dovey. "A questão é, *por quê?*"

Agatha não disse nada por um bom tempo.

"*Se eu* fosse bonita?", ela perguntou, baixinho.

"Sim, querida."

Agatha olhou para cima, com os olhos brilhando.

"Eu seria feliz."

"Isso é estranho", disse a professora, voltando à mesa. "Isso foi exatamente o que Ella de Maidenvale me disse..."

"Bem, três vivas para Ella de Maidenvale!", Agatha disse, emburrada.

"Eu lhe fiz uma visita quando descobri que ela desejava ir a um Baile, mas não sabia como. Tudo que ela precisava era de um novo rosto e um belo par de sapatos."

"Não vejo como isso pode ter algo a ver...", os olhos de Agatha arregalaram-se. "Ella... *Cinderela*?"

"Nem foi meu melhor trabalho, embora bem notório", disse sua professora, afagando um peso de papel. "Sabe, vendem desses pesos em Maidenvale. Na verdade, não se parece nem um pouco com a carruagem de Ella."

Agatha cambaleou para trás. "Mas... mas isso significa que você é..."

"A fada madrinha mais desejada da Floresta Sem Fim. Ao seu dispor, querida."

Agatha sentiu sua cabeça girar. Ela recostou-se na porta.

"Eu a alertei, quando você salvou a gárgula, Agatha", disse a professora Dovey. "Você tem um talento poderoso. Bom o suficiente para dominar qualquer Mal. Bom o suficiente para encontrar seu *final feliz*, mesmo que tenha se perdido no caminho! Tudo o que você precisa está *dentro* de você, Agatha. E agora, mais do que nunca, nós precisamos botar isso para fora. Mas se é a beleza que a está detendo, querida..."

Ela suspirou. "Bem, isso é muito fácil de providenciar, não?"

Enfiando a mão em seu vestido verde, tirou uma varinha de cerejeira.

"Agora, feche os olhos e faça um pedido."

Agatha piscou, para ter certeza de que estava acordada. Os contos de fadas sempre puniam garotas feias. Contos de fadas nunca realizavam os desejos de garotas que não eram bonitas.

"*Qualquer* pedido?", perguntou, com a voz falhando.

"Qualquer pedido", respondeu a fada madrinha.

"E eu tenho que falar em voz alta?"

"Não leio pensamentos, querida."

Agatha olhou para ela, por entre as lágrimas. "Mas é... eu nunca disse isso a ninguém..."

"Então já está na hora."

Tremendo, Agatha olhou a varinha em sua mão e fechou os olhos. Será que isso estava mesmo acontecendo?

"Eu desejo..."

Ela não conseguia respirar.

"Ser... você sabe... é..."

"A mágica responde à convicção, receio", disse a professora Dovey.

Agatha puxou o ar.

Ela só conseguia pensar em Sophie. Sophie olhando diretamente para ela como se ela fosse um cachorro.

TENHA SUA PRÓPRIA VIDA!

Seu coração subitamente ardeu de raiva. Com os dentes cerrados, ela fechou os punhos, ergueu a cabeça e, com um grito...

"*Eu desejo ser bonita*!"

Um movimento de varinha e um estalo terrível.

Agatha abriu os olhos.

A professora Dovey franziu o rosto para a varinha quebrada em sua mão.

"Um pouco ambicioso, esse pedido. Teremos que fazer isso à moda antiga."

Ela deu um assobio ensurdecedor, e seis ninfas de pele rosada, com dois metros de altura e cabelos da cor do arco-íris, entraram pela janela em uma fileira organizada.

Agatha defendeu-se do espelho. "Esperem... esperem aí..."

"Elas serão gentis. Como puderem."

Agatha conseguiu dar um último grito antes que as ninfas caíssem sobre ela como ursos.

A professora Dovey protegeu os olhos do massacre.

"Elas realmente são muito altas."

Os olhos de Agatha piscaram e abriram-se, na sombra. Sentia-se dolorida e estranha, como se tivesse dormido durante dias. Mal pôde perceber seu corpo completamente vestido, desmoronado em uma cadeira verde, as amarras soltas...

Estava na Sala de Arrumação. As ninfas tinham partido.

Agatha deu um pulo da cadeira. As piscinas de banho estavam todas espumantes e cheias. A estação de maquiagem de Rosa Vermelha, à sua frente, estava perfilada com centenas de frascos abertos de ceras, cremes, tinturas e máscaras. Na pia havia lâminas usadas, tesouras, pinças. No chão, estavam montes de cabelos cortados.

Agatha pegou um pouco.

Eram louros.

Espelho.

Ela olhou ao redor, mas a outra estação com cadeira e espelho tinha sumido. Ela tocou freneticamente nos seus cabelos, na sua pele. Tudo parecia mais macio, mais liso. Ela tocou seus lábios, seu nariz, até seu queixo. Tudo parecia mais delicado.

"*Tudo o que ela precisava era de um novo rosto.*"

Ela despencou de volta na cadeira.

Elas conseguiram.

Fizeram o impossível! Ela era normal! Não, não era apenas normal. Ela era bonita! Era adorável! Ela era...

Linda!

Finalmente poderia viver! Finalmente poderia ser feliz!

Cochilando em seu ninho no alto da porta, Albermarle soltou um ronco ruidoso quando a porta foi aberta.

"Tenha uma boa-noite, Albermarle!"

Albermarle abriu um de seus olhos um pouquinho por trás dos óculos. "Tenha uma boa-noite, Aga... oh, *minha nossa*!"

O sorriso de Agatha só aumentava enquanto ela subia os degraus para o primeiro andar.

Precisava chegar até o espelho dourado do Salão de Jantar (ela tinha memorizado a localização de todos os espelhos a fim de evitá-los). Agatha sentia-se alegremente leve. Será que *reconheceria* a si mesma?

Ela ouviu suspiros e viu Reena e Millicent observando-a com olhos arregalados, de baixo, através do vão da escada em espiral.

“Olá Reena!”, disse Agatha, radiante. “Olá, Millicent!”

As duas garotas estavam perplexas demais para acenar de volta. Enquanto entrava faceira no salão das escadarias, Agatha sentiu que sorria ainda mais.

Subindo até o Obelisco das Lendas, Chaddick e Nicholas observavam os retratos das garotas Sempre do passado.

“Rapunzel era 4, na melhor das hipóteses”, disse Chaddick, pendurado em um tijolo, como se fosse um alpinista. “Mas essa Martine era 9.”

“Pena que terminou como um cavalo”, disse Nicholas.

“Espere até que coloquem Agatha na parede. Ela vai acabar como um...”

“O quê? Vou acabar como o quê?”

Chaddick virou-se para Agatha. Ele ficou boquiaberto.

“Uma gata?”, Agatha sorriu. “Eu pareço ter comido a sua língua?”

“Oooh”, disse Nicholas, e Chaddick chutou-o para fora do pilar.

Agora com um sorriso tão largo que até doía, Agatha foi desfilando, e subiu a escada da Coragem, na direção do Salão de Jantar. Ela passou pelos arcos azuis, e seguiu para as portas duplas douradas, pronta para enfrentar o espelho ali dentro, pronta para sentir o que Sophie sentira a vida toda... mas na hora em que esticou a mão, as portas abriram-se.

“Com licença...”

Agatha ouviu sua voz antes de vê-lo. Lentamente ergueu o olhar, com o coração disparado.

Tedros a encarava, parecendo tão confuso que ela achou que tinha, de alguma forma, petrificado-o com algum feitiço do mal.

Ele tossiu, como se tentasse encontrar a voz. “É... Oi.”

“Oi”, disse Agatha, sorrindo tolamente.

Silêncio.

“O que teve no jantar?”, ela perguntou, de um jeito mais tolo ainda.

“Pato”, disse, e a voz saiu aguda.

Ele tossiu novamente.

“Desculpe, é que você está... está tão...”

Agatha subitamente sentiu algo estranho. Isso a assustou.

“Eu sei... não pareço eu...”, ela deixou escapar, e saiu andando.

Entrou rapidamente em um corredor e parou embaixo da moldura de um quadro. O *que eles fizeram?* Teriam trocado a sua alma quando lhe deram um novo rosto? Teriam substituído seu coração quando lhe deram um novo corpo? Por que as palmas de suas mãos estavam encharcadas? Por que seu estômago estava trêmulo? Onde estava o insulto que ela sempre trazia na ponta da língua para Tedros? O que neste mundo poderia fazê-la sorrir para um *garoto*? Ela detestava garotos! Sempre detestou garotos! Ela não sorriria para um nem ameaçada por uma espad...

Agatha percebeu onde estava.

O retrato sob o qual ela estava não era um retrato.

Suando de pavor, ficou diante do espelho gigante do hall, pronta para ver uma estranha.

Agatha fechou os olhos, chocada.

Ela abriu-os novamente.

Mas as banheiras de sais de banho... os frascos... o cabelo louro...

Encolheu-se junto à parede, em pânico.

O pedido... a varinha de condão...

Tudo isso fazia parte da astúcia de sua fada madrinha.

Pois as ninfas não tinham feito absolutamente nada com Agatha.

Ela deu uma olhada em seu cabelo preto e oleoso, seus olhos esbugalhados, e caiu no chão, horrorizada.

Ainda sou horrível! Ainda sou uma bruxa!

Espere.

E quanto a Albermarle? E quanto a Reena, Chaddick... *Tedros*?

Eles também eram espelhos, não? Espelhos que lhe diziam que ela não era mais horrível.

Agatha lentamente levantou-se, olhando seu reflexo. Pela primeira vez em sua vida ela não se desviou dele.

A beleza só pode lutar com a verdade até aí, Agatha.

Durante todos esses anos, ela havia acreditado ser o que correspondia à sua aparência. Uma bruxa de coração escuro.

Nos corredores, porém, ela havia acreditado em algo diferente. Por um instante ela havia libertado seu coração, e deixado a luz entrar.

Agatha delicadamente tocou seu rosto no espelho, radiante por dentro.

Um rosto que ninguém reconhecia, por estar tão feliz.

Agora não haveria mais volta. Os farelos de pão da trilha escura tinham desaparecido. Em vez disso, ela possuía a verdade para guiá-la. Uma verdade maior do que qualquer mágica.

Eu sempre fui linda.

Agatha caiu em prantos, em um choro purificador, sem jamais parar de sorrir.

Ela não ouviu os gritos de alguém, à distância, ainda acordando de seus piores pesadelos.

24
Esperança no banheiro

Os alunos da Escola do Bem e do Mal achavam que magia significava feitiços. Agatha, porém, tinha descoberto algo mais poderoso em um sorriso.

Em todo lugar aonde ia, ela notava olhares, queixos caídos, e sussurros perplexos, como se tivesse evocado a feitiçaria mais profunda que os professores já tinham visto. Até que um dia, a caminho das aulas matinais, Agatha viu que também havia sido enfeitiçada, pois, pela primeira vez, se viu cheia de expectativa para as aulas.

As outras mudanças foram igualmente astutas. Ela notou que não sentia mais ânsias por causa do cheiro de seu uniforme. Não detestava lavar o rosto nem se importava de gastar um minuto escovando o cabelo. Ficava tão envolvida nos ensaios de dança para o Baile que levava sustos quando os lobos uivavam, anunciando o término da aula. E, em vez de debochar de seu dever de casa do Bem, como fazia antes, agora lia os trabalhos

designados e continuava lendo, arrebatada pelas histórias de heroínas que eram mais espertas do que bruxas letais, vingavam as mortes de seus pais, e sacrificavam seus corpos, sua liberdade e até sua vida pelo verdadeiro amor.

Fechando seu livro, Agatha olhou em direção à Floresta Azul, com as fadas decorando-a com luzes para o Baile. Era lindo, realmente, o que o Bem podia fazer. Ela não seria capaz de admitir isso algumas semanas atrás. Agora, porém, enquanto estava deitada na cama, sob a luz da luminária, pensava em seu quarto, em Gavaldon, e não conseguia se lembrar de como era o cheiro. Subitamente, não conseguia lembrar da cor dos olhos de Reaper... do som da voz de sua mãe...

E, de repente, faltavam apenas dois dias para o Baile. O Circo de Talentos aconteceria na noite seguinte, e Pólux passou pelas salas de aula com a cabeça presa ao casco de uma tartaruga cadavérica, para anunciar as regras.

"Atenção, atenção, atenção! Por ordem do Diretor da Escola de Iluminação para o Bem e Encantamento e Edificação no Ma..."

"Ande logo com isso!", disse a professora Anêmona.

Pólux explicou, abatido, que o Circo era uma competição de talentos entre o Bem e o Mal, na qual os dez melhores Sempre e Nunca apresentariam, um de cada vez, seus talentos no palco. No final da competição, o vencedor receberia a Coroa do Circo, e o Teatro de Fábulas seria automaticamente transferido para a sua escola.

"É claro que o Teatro não é transferido há séculos", Pólux fungou. "A essa altura, está firmemente estabelecido."

"Mas quem é o juiz?", perguntou Beatrix.

"O Diretor da Escola. Embora, é claro, vocês não vão vê-lo", bufou Pólux. "Quanto à vestimenta, sugiro que usem roupas de cores humildes e modest..."

A professora Anêmona chutou a cabeça dele para fora da porta. "Chega! Os convites serão feitos amanhã, e a única coisa em que vocês têm que pensar é no rosto de seu príncipe!"

Enquanto a professora circulava pela sala, Agatha observava as meninas aceitando os convites, de olhos fechados, narizes enrugados de tanta concentração, enquanto Pólux gemia, lá fora.

Seu estômago apertou-se.

Com sua pontuação, ela decididamente conseguiria entrar na equipe do Circo! Um show de *talentos?* Ela não tinha talentos! Quem a convidaria, uma vez que se humilhasse diante da escola inteira! E se ninguém a convidasse...

"Então, você é uma bruxa e vai *fracassar*", Millicent a lembrara, quando ainda não conseguia ver um rosto.

Agatha passou a aula de Uma inteira com os olhos fechados, mas o único vislumbre que teve foi de uma silhueta turva que se desintegrava toda vez que ela se aproximava.

Voltou cabisbaixa para o castelo, desanimada, e notou algumas alunas em polvorosa na sala das escadas. Ela parou ao lado de Kika.

"O que está haven..."

Ela respirou fundo. O V pintado com anjos que havia na parede agora estava desfigurado, com traços violentos em vermelho...

ESTA NOITE

"O que isso quer dizer?", perguntou Agatha.

"Que Sophie vai nos atacar novamente", respondeu uma voz.

Agatha virou-se e viu Tedros, de camisa azul sem mangas, brilhando de suor depois do treino de esgrima. Ele subitamente pareceu constrangido.

"É... desculpe... preciso de um banho."

Inquieta, Agatha colou os olhos na parede. "Achei que os ataques haviam acabado."

"Desta vez, vou pegá-la", disse Tedros, olhando a parede ao lado dela. "Ela é um veneno, aquela garota."

"Ela está magoada, Tedros. Acha que você fez uma promessa."

"Não é uma promessa, se é feita sob circunstâncias falsas. Ela me usou para ganhar a Prova, e usou você também."

"Você não sabe nada sobre ela", disse Agatha. "Ela ainda o ama. E ainda é minha amiga."

"Uau, você deve ter uma alma melhor do que a minha, porque não sei o que você enxerga nela. Eu só vejo uma bruxa manipuladora."

"Então olhe com mais atenção."

Tedros virou-se. "Ou olho para outra pessoa."

Agatha voltou a sentir-se enjoada.

"Estou atrasada", disse, seguindo até a escada...

"História é para cá."

"Banheiro", respondeu.

"Mas essa é a torre dos meninos!"

"Eu prefiro banheiros... de meninos..."

Ela abaixou-se por trás de uma escultura de um tritão seminu, buscando ar. *O que está acontecendo comigo!* Por que ela não conseguia respirar perto dele? Por que se sentia enjoada a cada vez que ele olhava pra ela? E por que agora ele a olhava como se ela fosse uma... *menina*? Agatha conteve um grito.

Ela precisava impedir o ataque de Sophie.

Se Sophie se retratasse, se ela implorasse pelo perdão de Tedros, ainda havia esperanças de que ele a aceitasse de volta! Esse era o *final feliz* para este conto de fadas! Então não haveria mais olhares estranhos, nem enjoos, nem mais temores de perder o controle de seu próprio coração.

Com alunos e professores aglomerando-se junto à parede desfigurada, Agatha saiu correndo até a Coleção de Empalhados de Merlin, onde os nichos finalmente tinham voltado à sua antiga glória, depois do incêndio. Ela correu até a última escultura do jovem Arthur, aninhado em um lago, seus braços musculosos arrancando a espada de uma rocha. Entretanto, agora ela não via Arthur, mas seu filho, piscando para ela. Agatha ficou vermelha de pavor e mergulhou na água gélida.

"Deixe-me passar!", ela vociferou, correndo até seu reflexo, na Ponte. "Preciso deter Sophie antes que ela..." Seus olhos arregalaram-se. "Espere. Onde estou *eu*?"

Uma princesa encantadora olhava-a de volta, com cabelos escuros despenteados, um magnífico vestido azul com delicadas folhas douradas, um pingente de rubi no pescoço e uma tiara de orquídeas azuis.

Agatha sentiu uma pontada de culpa no estômago. Ela reconheceu aquele sorriso.

"Sophie?"

"*O Bem fica com o Bem,*

O Mal fica com o Mal,

Volte pra sua torre, antes que você se dê seriamente *mal*".

"Bem, agora sou decididamente do Mal, portanto, deixe-me passar", Agatha ordenou.

"E por quê?", perguntou a princesa. "Por que você ainda insiste nesse corte de cabelo?"

"Porque eu tenho pensado em *seu* príncipe!"

"Já não era sem tempo."

"Bom, então, deixe-me passar... O quê?", Agatha fez uma cara feia. "Mas isso é Mal! Sophie, ele é seu verdadeiro amor!"

A princesa sorriu. "Eu alertei você, da última vez."

"O quê? Quem alertou quando..."

Então, Agatha lembrou-se da última vez que estivera ali.

Ele é seu.

Seus olhos arregalaram-se. "Mas isso significa... que você é..."

"*Decididamente do Bem*. Agora, se me dá licença, nós temos um Baile para o qual nos preparar."

E com isso a princesa Agatha desapareceu diante de seu reflexo, deixando a barreira intacta.

"É... Esse é seu sexto pedaço", disse Kika, olhando Agatha espetar outro pedaço de torta de cereja.

Agatha ignorou-a e enfiou o pedaço na boca, engolindo a culpa. Ela contaria para Sophie. Sim, ela diria tudo a Sophie e Sophie riria histericamente, e a colocaria em seu lugar. Ela, uma *princesa*? Tedros, seu *verdadeiro amor*?

"Você vai comer sua sobremesa?", perguntou Agatha, de boca cheia.

"E eu que achei que você estivesse progredindo", suspirou Kika, entregando o pedaço.

Enquanto devorava, Agatha voltou a pensar em um modo de entrar escondida na Escola do Mal. Durante os primeiros ataques, os professores haviam cercado as Torres do Bem com encantos antimogrificação, já que imaginaram que Sophie estava invadindo na forma de uma mariposa, um sapo ou um lírio. Sophie, porém, ainda tinha encontrado um jeito de entrar no Bem.

Portanto, tem de haver outra rota, pensou Agatha. Sem pensar, se viu saindo do Salão de Jantar para ir ao lugar aonde sempre ia quando precisava de respostas.

Agatha imediatamente notou um novo acréscimo na Galeria do Bem. A túnica ensanguentada usada por Tedros na Prova tinha ganhado uma vitrine própria, e abaixo dela estava escrito PROVA DO SÉCULO, ao lado de um breve relato da aliança condenada entre Tedros e Sophie. Ela podia ver dezenas de digitais no vidro, sem dúvida marcas das meninas que o cobiçavam. Começando a enjoar, Agatha disparou até a exposição da Escola de História, onde havia dúzias de mapas que mostravam os acréscimos de novas torres ao longo dos anos. Tentou estudá-los à procura de uma passagem escondida, mas logo seus olhos embaçaram-se, e ela se viu seguindo para o nicho conhecido, no canto.

Passou diretamente por todas as pinturas dos Leitores, até chegar na que mostrava Sophie e ela envoltas por um halo à beira de um lago. Seus olhos lacrimejaram com a visão das duas juntas, era uma vez, duas melhores amigas. Lá no alto da torre do Diretor da Escola o Storian escreveria o final. A que distância ele as levaria daquela costa banhada pelo sol?

Olhou a pintura do lado, a última da fileira. A visão sombria de crianças jogando seus livros de contos de fadas em uma fogueira, enquanto chamas e nuvens de fumaça devoravam a floresta em volta delas.

A *Profecia do Leitor*, dissera Lady Lesso.

Seria *esse* o futuro de Gavaldon?

Suas têmporas latejavam, tentando dar sentido a tudo aquilo. Quem se importava se crianças queimavam livros? Por que Gavaldon era tão importante para Sader e o Diretor da Escola? E quanto a todas as outras vilas?

"*Que outras vilas*?"

Há muito ela havia descartado as palavras do Diretor, como uma ideia incompleta. O mundo era feito de vilas como a dela, em algum lugar além das florestas de Gavaldon. Então, por que *elas* não estavam nessa galeria? Por que suas crianças não eram levadas?

Enquanto seu pescoço pinicava, seu foco voltava-se para as nuvens de fumaça que cercavam as crianças da pintura, pois agora ela via que não eram nuvens.

Eram sombras.

Enormes e negras. Saindo sorrateiramente da Floresta e entrando na vila.

E não pareciam humanas.

Subitamente, sua própria sombra na parede estava crescendo, entortando. Agatha voltou-se, horrorizada...

"Professor Sader", suspirou.

"Receio que eu não seja um pintor muito bom, Agatha", ele disse, segurando uma maleta que combinava com seu terno de trevos. "As reações aos meus novos acréscimos foram um tanto pobres."

"Mas o que são essas sombras?"

"Pensei em verificar depois que descobri alguns espinhos faltando na Exposição do Mal. Às vezes, os vilões agem exatamente como você espera", ele suspirou, e seguiu rumo à porta.

"Espere! Por que essa é sua última pintura?", pressionou Agatha. "É assim que *termina* o conto de fadas para mim e para Sophie?"

O Professor Sader virou-se de volta. "Sabe, Agatha, videntes simplesmente não podem responder às perguntas. De fato, se eu fosse responder à sua pergunta, envelheceria dez anos na hora, como punição. É por isso que tantos videntes parecem tão velhos. São necessários alguns equívocos para que se aprenda a não respondê-las. Ainda bem que eu mesmo só cometi um."

Ele sorriu e foi saindo novamente.

"Mas preciso saber se Tedros é o verdadeiro amor de Sophie!", Agatha gritou. "Diga-me se ele vai beijá-la!"

"Você aprendeu alguma coisa com a galeria, Agatha?", disse Sader, virando-se.

Agatha olhou os animais empalhados em volta dele. "Que o senhor gosta de seus alunos bem empalhados?"

Ele não sorriu. "Nem todo herói alcança a glória. Mas os que conseguem têm algo em comum." Aparentemente, ele queria que ela adivinhasse o que era.

"Eles matam vilões?", disse.

"Nada de perguntas."

"Eles matam vilões."

"Pense com mais profundidade, Agatha. O que liga nossos maiores heróis?"

Ela seguiu seu olhar vidrado até os estandartes azuis que pendiam do teto, cada um celebrava um herói icônico. Branca de Neve em seu caixão, Cinderela colocando o sapatinho de cristal, João matando o gigante, Maria empurrando a bruxa no forno...

"Eles encontram a felicidade", disse, sem graça.

"Ora, bem. Eu tenho coisas a fazer."

"Espere..."

Agatha concentrou-se nas faixas e fixou a mente. *Mais profundamente*. Abaixo da superfície, o que esses heróis tinham em comum? Verdade, todos compartilhavam beleza, bondade, triunfo, mas onde haviam começado? Branca de Neve vivia na sombra da madrasta. Cinderela era empregada de duas irmãs postiças. A mãe de João dizia que ele era um imbecil. Os pais de Maria a abandonaram à própria sorte na floresta...

Não eram os finais que eles tinham em comum.

Eram os começos.

"Eles confiavam em seus inimigos", Agatha disse ao professor.

"Sim, seus contos de fadas todos começaram quando eles nem esperavam", disse Sader, com o cisne dourado brilhando no bolso de seu blazer. "Depois de formarem-se em nossa escola eles foram para a Floresta, esperando batalhas épicas com monstros e magos, mas descobriram que seus contos de fadas desvendavam-se em suas *próprias casas*. Não percebiam que os vilões são aqueles mais próximos de nós. Não notavam que para encontrar um *final feliz* um herói precisa primeiro olhar bem debaixo de seu nariz."

"Então, Sophie tem que olhar debaixo de seu nariz", Agatha estrilou, ao sair andando. "É *esse* o seu conselho."

"Eu não estava falando de Sophie."

Agatha ficou olhando pra ele, sem palavras.

"Diga-lhes que não há motivo para pressa", disse, da porta. "Eu já encontrei uma substituição."

A porta fechou-se atrás dele.

"Espere!", Agatha correu, escancarando a porta. "Você está indo a algum lu..."

Mas o professor Sader não estava no corredor. Ela entrou correndo no salão das escadarias, mas ele também não estava ali. Seu professor tinha simplesmente desaparecido.

Agatha ficou em pé, entre as quatro escadas, com um nó no estômago. Alguma coisa não batia. Algo lhe dizia que ela estava entendendo toda essa história da maneira errada. E, então, ouvia palavras ecoando em sua cabeça, exigindo sua atenção.

Debaixo do seu nariz.

Foi quando ela viu.

A trilha de pedaços de chocolate subindo a escada da Honra.

Os pedacinhos de chocolate serpenteavam para cima por três lances de escada de vidro azul, passavam pelo mosaico de conchas do chão do dormitório e paravam subitamente diante do banheiro dos meninos.

Agatha colou o ouvido na porta incrustada de pérolas e deu um salto para trás quando dois garotos Sempre saíram do quarto em frente.

"Desculpe...", gaguejou. "Eu só estou... é..."

"Essa é a que gosta do banheiro dos meninos", ela ouviu, enquanto eles passavam.

Com um suspiro, Agatha empurrou a porta.

Os sanitários do prédio da Honra pareciam mais mausoléus do que banheiros, com seus pisos de mármore, frisos de tritões lutando com serpentes marinhas, mictórios que esguichavam água azul-royal e cabines de marfim maciço, cada uma com vasos sanitários e banheiras azul-safira. Se o banheiro das meninas Sempre cheirava a perfume, ali ela sentia um aroma de pele limpa com um toque de suor. Seguindo o rastro de chocolate ao longo dos vasos e banheiras azuis, ela pegou-se imaginando qual delas Tedros tinha acabado de usar... Ficou vermelha de vergonha. *Desde quando você pensa em garotos! Desde quando você pensa em banheiras! Você perdeu completamente...*

Uma fungada. Na última cabine.

"Olá?", chamou.

Nada de resposta.

Ela bateu na porta.

"*Com licença*", respondeu uma voz grave, obviamente falsa.

"Dot, abra a porta."

Depois de um longo silêncio a porta foi destrancada. As roupas de Dot, seu cabelo, o cubículo, tudo estava salpicado com pedacinhos de chocolate, como se ela tivesse tentado transformar papel higiênico em um alimento sustentável e só tivesse conseguido fazer uma bagunça.

"Achei que Sophie fosse minha *amiga*!", balbuciou. "Mas depois ela pegou meu quarto e minhas amigas, e agora eu não tenho para onde ir!"

"Então você está vivendo em um *banheiro* de meninos?"

"Não posso contar aos Nunca que elas me expulsaram!", Dot choramingou, assoando o nariz na manga. "Eles me atormentariam ainda mais do que fazem!"

"Mas tem de haver algum outro lugar..."

"Tentei entrar escondida no Salão de Jantar de vocês, mas uma fada me mordeu antes que eu conseguisse escapar!"

Agatha fez uma careta, sabendo exatamente qual era a fada.

"Dot, se alguém encontrá-la aqui vão lhe *reprovar*!"

"É melhor ser reprovada do que ser uma vilã sem-teto, sem amigos", disse Dot, aos prantos. "O que Sophie acharia se alguém fizesse isso com ela? O que acharia se *você* ficasse com o príncipe dela? Ninguém jamais poderia ser tão perverso!"

Agatha engoliu em seco. “Eu só preciso falar com ela”, disse, nervosa. “Vou ajudá-la a conseguir Tedros de volta, está bem? Vou consertar tudo, Dot. Eu prometo.”

O choro de Dot foi abrandando, transformando-se em fungadas.

“Amigos de verdade podem consertar as coisas, por pior que pareçam”, Agatha insistiu.

“Até bruxas como Hester e Anadil?”, choramingou Dot.

Agatha tocou seu ombro. “Até bruxas.”

Lentamente, Dot ergueu os olhos. “Sei que Sophie diz que você é uma bruxa, mas você jamais se encaixaria em nossa escola.”

Agatha sentiu náuseas novamente. “Queria saber como foi que você conseguiu *chegar* aqui?”, franziu o rosto, catando farelos de chocolate do cabelo de Dot. “Não há mais como atravessar para as duas escolas.”

“Claro que há. Como acha que Sophie atacou todas aquelas noites?”

Agatha deu um puxão no cabelo de Dot, surpresa.

25

Sintomas

O rio que rugia através das tubulações percorria o longo túnel do Bem para o Mal, interrompido somente pela Sala da Condenação, que ficava no ponto central entre as duas escolas. Por muito tempo, a Fera havia guardado o ponto central, no qual a água límpida do lago transformava-se no lodo turbulento do fosso. No entanto, nas duas últimas semanas, Sophie tinha passado despercebida, e sem dúvida voltaria esta noite, como prometido. A única esperança de Agatha era detê-la antes que atravessasse para voltar ao Bem.

À medida que Agatha agarrava-se às paredes do túnel e aproximava-se da Sala de Condenação, seu peito foi ficando apertado. Sophie jamais falara sobre sua punição ali.

Será que a Fera havia deixado cicatrizes invisíveis nela? Será que ela a teria machucado de maneiras que ninguém sabia?

"Espere até que estejam a ponto de matá-lo."

Agatha girou a cabeça na direção do fim do túnel.

"Tedros tem que pensar que você o salvou da morte", a voz de Anadil ecoou.

Transpirando no vestido, Agatha seguiu abrindo caminho junto à parede da tubulação, até que viu três sombras agachadas na frente da grade enferrujada do calabouço.

"Todos os Sempre pensarão que foi um ataque de Anadil, não seu", disse Hester, com a voz ressoando acima do barulho do rio. "Tedros vai pensar que você o salvou. Vai achar que você salvou sua vida."

"E então ele vai me amar?", perguntou a terceira sombra.

Agatha cambaleou para trás, surpresa.

Hester virou-se rapidamente. "Quem está aí?"

Agatha saiu da sombra – Hester e Anadil pularam, ficando em pé. A terceira sombra virou-se lentamente.

Sob a luz fraca, Sophie parecia pálida, abatida e bem mais magra. "Minha querida, querida Agatha."

Agatha ficou com a boca seca. "O que está acontecendo?", perguntou, com a garganta seca.

"Estamos ajudando um príncipe a cumprir sua promessa."

"Armando um *ataque*?"

"Mostrando a ele quanto eu o *amo*", respondeu Sophie.

Da Sala da Condenação veio um clamor de guinchos e grunhidos ruidosos. Agatha virou-se. "O que foi isso?"

Sophie sorriu. "Anadil vem ensaiando para o Circo de Talentos."

Agatha deu um pulo à frente para ver o que havia na cela, mas Hester impediu-a. Por cima de seu ombro avistou três focinhos pretos enormes, sobressaindo sobre a grade, mostrando dentes afiados como lâminas. Eles estavam farejando algo fora de seu alcance.

A gravata de um Sempre com um *T* bordado.

"Não enxergam direito, pobrezinhos", suspirou Sophie. "Captam o alvo pelo olfato."

Agatha ficou branca. "Mas isso é de... é de Tedros..."

"Vou parar antes que lhe causem algum dano, é claro. É só pra dar um bom susto nele."

"Mas... mas... imagine se atacarem outras pessoas!"

"Não foi isso o que você disse que queria? Que eu encontrasse o amor?", disse Sophie, sem piscar. "Infelizmente essa é realmente a maneira mais segura, depois de

tudo o que aconteceu."

Agatha não conseguia falar.

"Senti sua falta, Agatha", disse Sophie, baixinho. "De verdade."

Ela inclinou a cabeça. "Ainda assim é estranho. A Agatha que eu conheço adoraria um salão cheio de príncipes mortos."

Outro gemido violento vindo do calabouço. Agatha correu para a porta, mas Anadil pegou-a e prendeu-a contra a parede...

"Sophie, você não pode fazer isso!", Agatha implorava, lutando para se soltar. "Você tem que pedir que ele a perdoe! É a única forma de acertar tudo outra vez!"

Sophie arregalou os olhos, surpresa. Ela estreitou lentamente o olhar. "Aproxime-se, Agatha."

Agatha livrou-se de Anadil e deu um passo, sob a luz da tocha que vinha da Sala de Condenação.

"Sophie, por favor me ouça..."

"Você parece... diferente."

"O jantar dos Sempre já está quase terminando, Sophie", pressionou Anadil, incitando gemidos impacientes na cela.

"Sophie, você pode se desculpar com Tedros no Circo", disse Agatha, elevando a voz acima das outras. "Quando você estiver no palco! Então todos verão que você é do Bem!"

"Acho que prefiro a Agatha antiga", disse Sophie, perscrutando o rosto dela.

"Sophie, não vou deixar você atacar a minha escola..."

"*Sua* escola!", Sophie soltou um grito tão alto e agudo que Agatha se retraiu. "Então agora é a *sua* escola, é?" Ela apontou para o lodo depois do ponto central. "Você está dizendo que *aquela* é a minha escola?"

"Não, claro que não...", Agatha gaguejou. "Tedros vai perceber isso, Sophie! Ele quer alguém em quem possa confiar!"

"E agora você sabe o que o *meu* príncipe quer?"

"Quero que você o consiga de volta!"

"Sabe, não acho que esse visual combina com você, Agatha", disse Sophie, dando um passo na direção dela.

Agatha recuou. "Sophie, eu estou do seu lado..."

"Não, receio que não combine com você *de jeito nenhum.*"

Agatha escorregou e caiu, aterrissando a um centímetro do rio bravio. Rastejou para a frente e ficou paralisada de terror. Assim como Anadil e Hester.

A Fera encarava-as de volta, seu tosco corpo negro enredado pelo lodo, junto à parede do rio, com os olhos mortos pontilhados de sangue.

Agatha lentamente ergueu a cabeça e viu Sophie olhando para a Fera.

"O Bem nunca quer ferir, Agatha. Mas, às vezes, o amor significa punir vilões que ficam em nosso caminho."

Uivos ecoaram de cima. "Acabou o jantar", Anadil engasgou.

Hester tirou os olhos da Fera. "Agora, Ana! Solte-os agora!"

Em pânico, Anadil estendeu o dedo aceso para explodir a porta da cela.

"Preciso alertá-lo", Agatha disse, esforçando-se para ficar em pé, mas uma força a derrubou.

Ela olhou para cima, confusa. Hester imobilizou-a sobre o ponto central da ponte. "Não está entendendo?", ela chiou em seu ouvido. "Tedros é o *Nêmesis* dela! Se os sintomas de Sophie começarem, nada impedirá que ela o mate! Estamos salvando a vida dele!"

"Não... isso é do Mal...", disse Agatha. "Isso é do Mal!"

Sophie aproximou-se e fitou-a no chão, perto da beirada, entre o lodo e o lago.

"Seja delicada, Hester. Apenas ajude-a a voltar para sua verdadeira escola..."

Agatha ouviu a fechadura e viu as sombras das criaturas gigantescas grunhindo no portão...

"Por favor, Sophie... não faça isso..."

O olhar de Sophie cruzou com o dela e abrandou-se.

"Não se preocupe, Agatha. Dessa vez, eu terei meu *final feliz*."

Seu rosto ficou gélido.

"Porque você não estará lá para *estragá-lo*."

Hester empurrou Agatha dentro do lodo que jorrava. Arrastada em direção ao Mal, ela engasgava e cuspia, tentando em vão abrir os olhos que ardiam. Mas bem na hora em que o fosso puxou-a para a correnteza, estendeu as mãos cegamente, encontrou uma pele fria – e puxou Sophie para dentro.

As duas garotas mergulharam para o fundo da escuridão turbulenta. Aterrorizada, Agatha empurrou Sophie para longe, e seguiu em direção ao ponto central e à água limpa à sua frente. Ela deu uma olhada pra trás e viu uma silhueta distante, debatendo-se e afundando no lodo. Sophie *não sabia nadar*. Perdendo o ar, Agatha oscilou entre a água limpa e Sophie, e deu um mergulho. Com seu último lampejo de ar, agarrou Sophie pela cintura e a puxou para a superfície. Suas cabeças vieram à tona sobre o lodo, já bem adiante na tubulação do Mal...

"Socorro...", Sophie balbuciou.

"Segure-se em mim", Agatha gritou, puxando-a contra a sujeira que jorrava. Engasgando, sem ar, ela debatia-se em direção à parede, mas o peso de Sophie impedia-a de alcançá-la. Ou ela a soltava ou arriscava-se a ir contra a corrente.

"Não me deixe morrer", Sophie implorou.

Agatha agarrou-a com mais força e deu um impulso em direção à parede. Ela não conseguiu alcançá-la, e o lodo bateu contra elas, separando-as. Submersa, ela esticou a

mão à procura de Sophie, mas só encontrou seu salto de vidro, e viu a amiga sendo puxada, afogando-se na escuridão.

De repente, ganchos prateados agarraram-nas...

Atônitas, as duas garotas olharam para trás, e viram uma onda brilhante impulsionando-as pra fora do lodo em direção à água azul e límpida. Quando a onda ergueu-se, elas perceberam que podiam respirar, e renderam-se às últimas baforadas de ar em suas bochechas ofegantes. À medida que fixavam sua visão, Agatha viu o rosto de Sophie ficando triste, depois assustado, como se tivesse acordado de um pesadelo terrível. E, justamente quando a onda encantada puxou-as em cristas separadas, prestes a lançá-las de volta a suas escolas, os olhos de Agatha abriram-se completamente.

Uma sombra familiar avançava na direção delas, preta e encurvada. Antes que Agatha pudesse gritar, a sombra golpeou-as para dentro da onda, desalojando as meninas. Ela pegou-as com seus dedos delgados e as arrastou para longe dos castelos, em direção às margens externas do lago. Agatha viu Sophie debatendo-se para se defender e juntou-se a ela em sua luta. Tendo apanhado de volta, a sombra perdeu sua pegada, mas quando Sophie lançou-se na direção de Agatha, a sombra pegou-a pelos quadris e jogou-a para fora da água com uma força aterrorizante. Engasgando de terror, Agatha tentou se afastar nadando, mas a sombra avançou e puxou-a para a frente, atirando-a violentamente, por baixo da água, em direção a um arrecife de rochas. Ela fechou os olhos e rezou por uma morte instantânea na hora exata em que o Diretor da Escola agarrou-a e tirou-a do lago, lançando-a no ar frio da noite.

Agatha bateu no chão tão violentamente que teve certeza de que havia desmaiado. De alguma forma ela aguentou firme por tempo suficiente para abrir os olhos e ver árvores gigantescas envoltas por espinhos violeta. Ela devia estar em algum lugar do território do Bem. Agatha tentou sentar-se mas seu corpo explodia de dor, e ela desmoronou de volta na terra molhada. Por que o Diretor da Escola atacou a onda? Como ele pôde atirá-la ali sem explicação? Sua cabeça latejava de raiva e confusão. Ela contaria à professora Dovey o que acontecera... exigiria respostas...

Primeiro, porém, precisava voltar para a escola.

Agatha ergueu a cabeça. Ela só conseguia enxergar as árvores enormes, com guirlandas roxas de arbustos espinhosos. Ela devia estar perto do campo de flores onde ela e as garotas Sempre chegaram, no primeiro dia. Mas, onde estava o lago? Ela olhou para trás e viu um brilho refletir-se entre os galhos. Transbordando de alívio, rastejou para a frente, contraindo-se de dor, até estar perto o suficiente para ver.

Seu queixo caiu.

Não era o lago. Eram os portões de lanças douradas, com a placa: “INVASORES SERÃO MORTOS”. A Escola do Bem reluzia atrás deles, com seus pináculos acesos em rosa e azul.

Agatha não estava no território escolar.

Ela estava na Floresta.

"*Agatha*!", Sophie gritou, ali perto.

Agatha ficou pálida.

O Diretor da Escola tinha libertado-as.

Ela sentiu uma onda de alívio, e depois pontadas de medo. Tudo o que ela sempre quis foi voltar para casa com Sophie. Contudo, o que tinha acontecido nas tubulações deixara-a aterrorizada.

"*Agatha? Onde está você?*"

Agatha não fez nenhum som. Será que ela deveria encontrá-la? Ou deveria fugir para casa sozinha?

Seu coração batia mais depressa. Entretanto, como poderia partir agora? Quando finalmente sentia que pertencia àquele lugar?

"*Agatha! Sou eu!*"

A dor na voz de Sophie tirou-a de seu transe. *O que aconteceu comigo?*

Sophie estava certa. Ela havia começado a acreditar que essa era *sua* escola, *seu* conto de fadas. Havia até começado a torcer para que o rosto que ela estava sempre vendo talvez fosse de...

Ninguém poderia ser tão perversa, disse Dot.

Agatha ficou vermelha pela culpa.

"*Sophie, estou indo*!", ela gritou.

Sophie não respondeu. Subitamente ansiosa, Agatha arrastou-se para a frente, em direção ao último chamado, com seu cisne reluzindo no escuro. Algo fez cócegas em sua perna.

Ela deu uma olhada para baixo e viu uma vinha de espinhos violeta subindo por seu quadril. Chutou, mas viu-a enroscando sua outra perna. Deu um solavanco pra trás, mas duas vinhas prenderam seus braços, duas prenderam seus pés, e foram multiplicando-se até prenderem cada centímetro de seu corpo. Agatha sacudia-se tentando se livrar, mas os espinhos prendiam-na no chão como a um carneiro pronto para o abate. Então veio uma vinha mais grossa, escura, serpenteando e subindo malignamente por seu peito. Ela parou a um centímetro de seu rosto e olhou-a com sua lança roxa. Com calma ela recuou e mergulhou na direção de seu cisne.

O aço rasgou a vinha, braços mornos puxaram Agatha para cima...

"Agarre-se em mim!", gritou Tedros, arrancando as vinhas com sua espada de treino.

Confusa, Agatha agarrou-se ao peito dele, enquanto ele enfrentava as chicotadas dos espinhos com gemidos de dor. Logo ele obteve o controle e puxou Agatha da Floresta em direção aos portões de lança, que reluziram em reconhecimento e abriram-se, mostrando o caminho estreito para os dois Sempre. Depois que os portões

se fecharam, Agatha olhou para Tedros, mancando, todo arranhado e ensanguentado, com a camisa azul em farrapos.

"Tive a sensação de que Sophie estava entrando pela Floresta", disse, ofegante, puxando-a com seus braços cortados, antes que ela pudesse protestar. "Então a professora Dovey me deu permissão para trazer algumas fadas e ficar à espreita nos portões externos. Eu deveria saber que você estaria aqui tentando pegá-la."

Agatha olhava para ele como uma boba.

"Que ideia tola para uma princesa, enfrentar bruxas sozinha", disse Tedros, com o suor pingando sobre o vestido rosa dela.

"Onde está ela?", perguntou Agatha, com a voz rouca. "Ela está segura?"

"Também não é uma boa ideia princesas preocuparem-se com bruxas", disse Tedros, segurando-a pela cintura. A barriga dela explodiu em mil borboletas.

"Ponha-me no chão", ela disse.

"Mais ideias ruins para uma princesa."

"Ponha-me no chão!"

Tedros obedeceu e Agatha recuou.

"Não sou uma princesa!", ela repreendeu-o, arrumando sua gola.

"Se você está dizendo", disse o príncipe, olhando para baixo.

Agatha olhou para as próprias pernas cortadas, escorrendo sangue. Ela viu o sangue ficando embaçado...

Tedros sorriu. "Um... dois... três..."

Ela desmaiou nos braços dele.

"Decididamente uma princesa", ele disse.

Tedros carregou-a em direção a seis fadas distantes, que brincavam no lago, e parou de repente. No gramado morto, Sophie ergueu os olhos, com a túnica preta ensanguentada.

"Agatha?"

"*Você*!", Tedros disse, furioso.

Sophie impediu o caminho dele, estendendo os braços. "Dê-me. Eu fico com ela."

"Isso é culpa *sua*!", Tedros vociferou, segurando Agatha com mais força.

"Ela salvou minha vida", Sophie disse, sussurrando. "Ela é minha amiga."

"Uma princesa não pode ser amiga de uma *bruxa*!"

Sophie ficou furiosa e seu dedo acendeu em rosa. Tedros percebeu, e seu dedo instantaneamente reluziu em dourado, em riste, para se defender...

O de Sophie foi lentamente enfraquecendo. Quase se apagou.

"Não sei o que aconteceu comigo", sussurrou, as lágrimas brotando.

"Nem tente", Tedros rosnou.

"É aquela escola", ela dizia, aos prantos. "A escola me modificou."

"Saia do meu caminho!"

"Por favor... me dê uma chance!"

"*Saia*!"

"Deixe-me mostrar-lhe que sou do Bem!"

"Eu avisei", disse, partindo para cima dela...

"Tedros, *desculpe-me*!" Sophie gritou, mas ele apenas empurrou-a para o lado, e seguiu em frente.

"O Bem perdoa", uma voz sussurrou.

Tedros parou. Ele olhou para baixo, para Agatha, fraca, junto ao seu peito.

"Você prometeu a ela, Tedros", disse Agatha, baixinho.

Ele a olhava, perplexo. "O quê? O que você está dizen..."

"Leve-a de volta ao castelo", disse Agatha. "Mostre a todos que ela é sua princesa para o Baile."

"Mas ela é... ela é..."

"Minha amiga", disse Agatha, cruzando com o olhar chocado de Sophie.

A cabeça de Tedros virava de uma para a outra.

"*Não!* Agatha, ouça-me..."

"Cumpra sua palavra, Tedros", disse Agatha. "Você tem de cumprir."

"Não posso...", ele suplicou...

"Perdoe." Agatha olhou no fundo dos olhos dele. "Por mim."

A voz de Tedros falhou, e ele perdeu o fervor.

"Vá", disse Agatha, soltando-se dele. "Eu voltarei com as fadas."

Infeliz, Tedros tirou o restante dos trapos de sua camisa azul e embrulhou-os ao redor dos ombros trêmulos dela. Ele abriu a boca para brigar...

"*Vá*", ela disse.

Tedros não conseguia olhar para ela e desviou-se, zangado – sua perna cortada bambeou. Sophie deu um salto à frente e colocou o ombro embaixo do braço dele, segurando-o pelo peito. O príncipe retraiu-se de seu toque.

"Por favor, Teddy", Sophie sussurrou, em meio às lágrimas de vergonha. "Prometo que vou mudar."

Tedros afastou-a, esforçando-se para ficar em pé, mas então ele viu Agatha atrás de Sophie, e seu olhar o fez lembrar-se de sua promessa.

Tedros tentou lutar consigo mesmo... tentou dizer a si mesmo que promessas podiam ser quebradas... mas ele sabia a verdade. Ele relaxou, junto ao peito de Sophie.

Surpresa, Sophie ajudou-o a seguir em frente, temendo dizer qualquer palavra. Tedros olhou de volta para Agatha, que parecia aliviada, e seguia atrás deles, sozinha. Resignado, o príncipe suspirou, e seguiu cambaleando para a frente, sob o braço de Sophie.

Sophie puxou-o em direção ao lago, com toda a sua força, ofegante, fungando. Aos pouquinhos ela sentiu Tedros render-se ao seu apoio. Com um rápido olhar para ele,

ela sorriu, por entre as lágrimas, com seu delicado rosto arrependido. Finalmente, o príncipe conseguiu retribuir com um sorriso rancoroso.

A meia-lua escondeu-se atrás das nuvens, banhando-os com sua luz purificadora. Quando ele e Sophie chegaram ao lago com seus corpos entrelaçados, Tedros olhou para baixo, para a sombra dos dois, em passos perfeitamente sincronizados, para suas botas ao lado dos sapatos de vidro dela, e viu seu reflexo ensanguentado na água limpa, ao lado do reflexo de uma... bruxa velha horrenda.

Tedros virou-se, horrorizado, mas ali só estava a bela Sophie, conduzindo-o bondosamente ao Bem. Ele olhou de novo para o lago, mas a água ficara enevoada. A pele dele arrepiou-se.

"Não posso...", engasgou, soltando-se...

"Teddy?", Sophie suspirou.

Ele cambaleou para trás, e apoiou Agatha, que ficou muito surpresa.

Sophie ficou branca. "Teddy, o que foi que eu fiz..."

"Fique longe de nós!", disse, segurando Agatha junto ao peito. "Fique longe de nós dois!"

"*Nós*?", Sophie gritou.

"Tedros, espere", Agatha implorou. "E quanto..."

"Deixe que ela encontre seu caminho para o Mal", vociferou o príncipe, erguendo seu dedo aceso para chamar as fadas.

Sophie encolheu-se, chocada. Agatha olhou para trás, dos braços de Tedros, vermelha, querendo se desculpar. Mas o rosto da amiga não tinha nada de perdão. Em vez disso ele inchava-se, com raiva e ódio ferozes...

"*OLHE PARA ELA*!"

O eco ressoou pelo lago.

Agatha ficou pálida.

"*ELA É UMA BRUXA*!", Sophie gritou.

Tedros virou-se lentamente, perfurando-a com o olhar. "Olhe mais atentamente."

Sophie fitou-os, horrorizada, enquanto as fadas revoavam ao redor dos Sempre. Nos braços de Tedros, Agatha tinha a mesma expressão.

Pois agora ela via que as duas sempre estiveram na escola certa.

Enquanto Sophie via as fadas voarem com Agatha e seu príncipe para longe, ela manteve-se paralisada às margens do lago, ofegante, sozinha na escuridão. Seus músculos retraíram-se de tensão, depois seus dedos curvaram-se em punhos fechados e estalados. Seu sangue fervia, esquentando-se cada vez mais, seu corpo ardia em fogo, e quando ela achou que irromperia em chamas – uma dor aguda perfurou seu queixo. Sophie levou a mão até ele.

Havia algo ali.

Ela passou seus dedos no local, tentando entender, até que sentiu gotas que caíam em seus braços. Ela deu um passo para trás, enquanto a onda erguia-se lá do alto, cobrindo-a de sombra...

Sophie atravessou a janela do quarto 66 envolta em um monte de lodo.

Hester e Anadil pularam da cama. "Nós procuramos por você por toda parte... onde você estava..."

Levando a mão ao rosto, Sophie passou por elas rastejando, até o último caco de espelho restante na parede, e parou bruscamente.

Havia uma verruga preta e imensa em seu queixo.

Sophie cutucou-a freneticamente, puxando-a – depois viu suas colegas de quarto pelo reflexo, ambas brancas como lençóis.

"*Sintomas*", sussurraram.

Encharcada, pingando, tremendo, Sophie subiu correndo as escadas, até o escritório do último andar, e arrombou a tranca com seu dedo aceso. Lady Lesso veio bruscamente de seu quarto, de camisola, de dedo em riste. Sophie instantaneamente levitou do chão, sufocada, tentando respirar.

Lady Lesso baixou a mão, calmamente, trazendo Sophie ao chão. Com os olhos arregalados, foi na direção de Sophie, e pegou seu rosto trêmulo nas mãos, com suas unhas vermelhas afiadas.

"Bem a tempo para o Circo", ela disse, com os dedos acalentando a verruga preta. "Os Sempre que se preparem para uma surpresa."

Sophie debatia-se, em busca de palavras...

"Às vezes, nossos capangas nos conhecem melhor do que nós mesmos", disse Lady Lesso, maravilhada.

Sophie sacudiu a cabeça, sem entender.

Os lábios de sua professora roçaram sua orelha. "Ele está esperando por você."

Quando as tochas dos castelos se apagaram, somente uma lua grávida permaneceu, iluminando uma sombra que cortava a Floresta Azul. Encoberta em sua capa preta de pele de cobra, Sophie seguia pisando forte por entre as samambaias e os carvalhos, tremendo descontroladamente. Quando chegou no imenso poço de pedra, jogou seu corpo violenta e repetidamente contra a pedra que bloqueava a entrada, até fazê-la ceder. Entrando no balde, desceu até as profundezas do poço, penetrando na escuridão, até que um pedacinho de lua iluminou o fundo.

Junto à parede leitosa e lisa, Grimm esperava, com as bochechas e as asas enegrecidas pela sujeira. As paredes à sua volta estavam recobertas com milhares de desenhos do mesmo rosto. Um rosto entalhado em batom vermelho-sangue. Um rosto que ela não tinha conseguido decifrar em seus sonhos. Mas ali, na calada da noite, seu Nêmesis tinha um nome.

E não era Tedros.

26
O Circo de Talentos

"Para o escritório da professora Dovey", Tedros ordenou às fadas, enquanto ele e Agatha deixavam um rastro de sangue pelo céu.

"Para o meu quarto", Agatha ordenou às fadinhas que a transportavam.

"Mas você está ferida!", disse Tedros, tremendo...

"Se contarmos a alguém o que aconteceu, as coisas vão ficar ainda piores do que já estão", disse Agatha.

As fadas separaram-nos. "Espere!", Tedros gritou...

"Não diga a ninguém!", Agatha respondeu, seguindo em direção aos pináculos cor-de-rosa.

"Você estará no Circo?", Tedros perguntou, voltando ao azul...

Mas Agatha não respondeu, enquanto ele e suas fadas iam sumindo até virarem luzinhas cintilantes.

Enquanto suas próprias fadas erguiam-se rumo ao céu escuro, ela olhou para a torre prateada, na sombra acima da enseada, sentindo-se deprimida e entorpecida. O Diretor da Escola tinha alertado as duas. Ele tinha visto quem elas eram.

Ela embrulhou-se na camisa ensanguentada de Tedros, com as fadas voando mais e mais alto através do vento cortante. Contudo, à medida que Agatha olhava para cima e via as janelas acesas por lanternas, e silhuetas enfeitando-se para a noite das propostas, a culpa e o choque foram ardendo dentro dela e transformando-se em raiva.

Os vilões são os mais próximos de nós.

Vilões sob o manto de melhores amigos.

Ah, sim, ela estaria no Circo.

Porque Sader estava certo.

Esse conto de fadas nunca tinha sido de Sophie.

Ele era seu.

“Então, no fim das contas, não houve ataque?”, perguntou a professora Anêmona, tomando um gole de sua sidra fervente.

Em pé, junto à janela de seu escritório, a professora Dovey olhava para a torre do Diretor da Escola, de um vermelho polido, no sol poente. “O professor Espada disse que os meninos não encontraram nada. Enquanto isso, Tedros passou metade da noite vasculhando o terreno inutilmente. Talvez essa tenha sido a tática de Sophie. Roubar o sono dos nossos melhores participantes.”

“As meninas também quase não dormiram”, disse a professora Anêmona, limpando a sidra derramada no cisne de sua túnica de pelo de camelo. “Vamos torcer para que estejam com uma aparência decente para as propostas.”

“O que ele tem tanto medo que vejamos?”, perguntou a professora Dovey, olhando para a água. “Qual é o sentido de preparamos os alunos para essas provas se não podemos *estar* lá para apoiá-los?”

“Porque não estaremos lá para apoiá-los na Floresta, Clarissa.”

A professora Dovey desviou-se da janela.

“É por isso que ele nos proíbe de interferir”, disse a professora Anêmona. “Não importa quão cruéis as crianças sejam umas com as outras, nada pode prepará-las para a crueldade que suas histórias podem ter.”

A professora Dovey ficou quieta por um instante.

“É melhor que você vá, querida”, ela disse, finalmente.

A professora Anêmona olhou para o pôr do sol e deu um salto. “Minha nossa! Você quase fica presa aqui comigo a noite inteira! Obrigada pela sidra.” Ela seguiu até a porta...

“Emma.”

A professora Anêmona olhou para trás.

“Ela me dá medo”, disse a professora Dovey. “Aquela garota.”

“Seus alunos estão prontos, Clarissa.”

A professora Dovey conseguiu dar um sorriso e assentiu. “Em breve ouviremos seus gritos de vitória, não?”

Emma jogou um beijo e fechou a porta ao sair.

A professora Dovey ficou observando o sol no horizonte. Quando o céu ficou escuro, ela ouviu o estalo do trinco. Foi rapidamente até a porta e puxou-a... então tentou explodi-la com sua varinha, atirar nela com seu dedo, mas já estava lacrada por uma magia mais forte do que a dela.

Ela contorceu o rosto de nervoso, depois relaxou lentamente.

“Eles estarão seguros”, suspirou, arrastando-se até o quarto. “Eles sempre estão.”

No dia anterior ao Baile, às oito horas da noite, os alunos entraram no Teatro de Fábulas e viram que ele havia sido inteiramente encantado para a ocasião. Um candelabro com dez velas em formato de cisnes pairava sobre cada lado do teatro. As velas produziam chamas brancas no lado do Bem, e azul-escuras no lado do Mal. Entre os lustres, a Coroa do Circo flutuava, toda feita em aço, brilhando sob a luz das chamas, com suas sete pontas afiadas esperando pelo vencedor da noite.

As garotas Sempre chegaram primeiro, preparadas para receber suas propostas para o Baile, com vestidos de noite coloridos e sorrisos nervosos. Enquanto entravam pelas portas do lado esquerdo, ostentando bandeirinhas com cisnes brancos e faixas com os escritos EQUIPE DO BEM!, flores de vidro borrifavam-nas com fragrâncias e ornamentos de cristal ganhavam vida.

“Saudações, bela donzela, poderá o seu talento render-nos a Coroa?”, dizia um príncipe de cristal, enquanto lutava com um dragão que expelia uma névoa escaldante.

“Ouço dizer que a tal menina, Sophie, é mesmo formidável. Você pode derrotá-la?”, perguntava uma princesa de cristal ao lado dele, sobre uma roca de fiar que reluzia.

“Não consegui entrar para a equipe”, admitiu Kika.

“Sempre alguém é deixado para trás”, disse o príncipe, cravando a espada no dragão.

Pelas portas do lado direito, os ruidosos Nunca atiravam-se para dentro, agitando cartazes horríveis com os rabiscos EQUIPE DO MAL!, enquanto Hort balançava uma bandeira com um cisne preto com tamanha avidez que quebrou as estalactites do teto, fazendo com que os Nunca saíssem em debandada para se proteger. Quando correu para pegar um lugar, Hort viu as marcas chamuscadas na parede contorcerem-se e formarem sombras de monstros que comiam camponeses e bruxas que cozinhavam crianças. Os frisos dos bancos ganharam vida, com os príncipes entalhados em madeira gritando, enquanto os vilões atrás deles apunhalavam-nos, lançando fluidos pretos para todos os lados.

“Quem *fez* tudo isso?”, ele perguntou, com os olhos arregalados, salpicados de preto.

“O Diretor da Escola”, disse Ravan, tapando os ouvidos por causa dos gritos. “Não é de admirar que ele não deixe os professores entrarem.”

Enquanto isso, à medida que os últimos Nunca e Sempre chegavam, acompanhados por lobos e fadas, eles também sentiam a empolgação de um salão sem adultos. Tedros era o único que parecia inabalado. Foi o último a passar, mancando, usando calças creme e uma camisa azul-royal, cujas tiras desamarradas deixavam à mostra o corte em seu peito. Com o rosto salpicado por arranhões raivosos, ele examinou os bancos dos Sempre à procura de alguém, depois sentou-se sozinho, amuado pela decepção.

Ao vê-lo, Hester ficou tensa. “Onde está Sophie?”, perguntou para Anadil, ignorando os olhares de Dot, no fim do banco.

“Ela não voltou da sala de Lesso!”, Anadil cochichou.

“Será que Lesso a curou?”

“Ou talvez os sintomas tenham piorado! Imagine se ela atacar Tedros?”

“Mas *ele* não tem nenhum sintoma, Ana”, disse Hester, olhando para o príncipe. “Quando começam os sintomas de um vilão, seu Nêmesis fica mais forte!”

Contudo, sentado em seu banco, Tedros só parecia fraco e abatido.

Anadil ficou boquiaberta. “Mas se ele não é o Nêmesis de Sophie, então quem é?”

Atrás delas, as portas do lado dos Sempre abriram-se, e a mais bela princesa já vista por todos entrou deslizando pelo Teatro.

Ela usava um vestido azul-marinho que cintilava, com delicadas folhas douradas, e uma longa cauda de veludo que arrastava-se pelo corredor. Seus cabelos brilhantes, cor de ébano, estavam presos bem no alto, com uma tiara de orquídeas azuis. De seu pescoço pendia um pingente de rubi, que contrastava com sua pele clara, assim como o sangue com a neve. Nos olhos escuros ela usava uma sombra dourada, e nos lábios um brilho rosa.

“Está meio tarde para novos alunos”, disse Tedros, com um olhar de cobiça.

“Ela não é nova”, disse Chaddick, ao seu lado.

Tedros seguiu o olhar dele até as botinas pretas com as pontinhas aparecendo por baixo do vestido, e engasgou.

Com um sorriso dissimulado, Agatha passou por Beatrix, que estava petrificada, pelos meninos que babavam, e pelas meninas que, subitamente, temiam por seus pares no Baile, e sentou-se ao lado de Kika, cujos olhos estavam quase pulando do rosto.

“Magia negra?”, Kika perguntou, olhando de relance.

“Sala de Embelezamento”, sussurrou Agatha, avistando o lugar vazio de Sophie. Ela viu que Tedros também percebera a ausência dela. Ele olhou de volta, e seus imensos olhos azuis cruzaram com os dela.

Do outro lado do corredor, Hester e Anadil ficaram brancas, compreendendo tudo.

"Bem-vindos ao Circo de Talentos."

Todos os alunos olharam para cima e viram o lobo branco no palco, com uma fada que flutuava ao seu lado. "As apresentações dessa noite consistirão de vinte duelos feitos por ordem de classificação", rugiu. "O Sempre que foi avaliado em décimo lugar apresentará seu talento, seguido de um Nunca com a mesma colocação. O Diretor da Escola consagrará o vencedor e punirá o perdedor publicamente."

Os alunos examinaram o Teatro avidamente, buscando por ele. O lobo fungou e prosseguiu.

"Nós prosseguiremos com o nono par, depois com o oitavo, até chegarmos ao par que obteve o primeiro lugar nas avaliações. Ao final desta noite, aquele que for avaliado pelo Diretor da Escola como o talento mais expressivo será o ganhador da Coroa do Circo, e sua escola terá o Teatro de Fábulas no ano que vem."

O Bem entoou: "JÁ GANHOU!! JÁ GANHOU!!", enquanto os Nunca acrescentavam: "ACABOU!! ACABOU!!".

"Só porque não há professores aqui não significa que vocês podem agir feito animais", rugiu o lobo, com a fada tilintando em acordo. "Não me importo se precisar bater em uma ou duas princesas para sair daqui mais depressa."

As garotas Sempre seguraram a respiração.

"Se tiverem perguntas, guardem-nas para vocês. Se precisarem ir ao banheiro, façam nas calças", rugiu o lobo. "Porque as portas estão trancadas, e o Circo começa *agora*."

Agatha e Tedros suspiraram de alívio. Hester e Anadil também.

Porque, de todas as atuações que veriam naquela noite, Sophie não estaria em nenhuma.

Os Sempre ganharam as quatro primeiras disputas, deixando para os Nunca as punições do Diretor da Escola. Brone começou a soluçar borboletas, Arachne perseguia cegamente seu único olho, que quicava pelo teatro inteiro, Vex viu suas orelhas pontudas aumentarem até ficar do tamanho de orelhas de elefante, todos sendo vítimas do juiz invisível do Circo, que parecia deleitar-se em punir o Mal.

Vendo outra vela do Mal sendo apagada, Agatha sentiu-se mal. Só faltavam três rodadas para a sua vez.

"Qual é o seu talento?", Kika cutucou-a.

"Usar maquiagem conta?", perguntou Agatha, pouco à vontade, notando que os garotos Sempre ainda estavam lhe lançando olhares sorrateiros de admiração.

"Não importa como olhem pra você, Agatha! Nenhum príncipe vai propor a alguém que perde para o Mal!"

Agatha retesou-se. Sua mente ficou embaçada com mil coisas, mas só uma importava. Porque se ninguém a convidasse...

Você é reprovada.

Com a respiração acelerada, Agatha virou-se para o palco. Ela precisava de um talento *agora*.

"Apresentando o Nunca Ravan!", anunciou o lobo, e a fênix entalhada na frente do palco brilhou em tom verde.

Com sua cabeleira oleosa e suas grandes pupilas pretas, Ravan olhou para baixo e viu os Sempre bocejando, prontos para outra maldição tosca ou para mais um monólogo vilanesco. Ele acenou para seus colegas de beliche, que puxaram baterias de sob os bancos e tocaram, para lhe dar o ritmo. Ravan começou a pular de um pé para o outro, depois acrescentou poses angulares com os braços, e antes que os Nunca percebessem, um de seus melhores vilões estava...

"*Dançando*?", disse Hester, espantada.

As batidas aceleraram-se, os pulos de Ravan ficaram mais ruidosos, e seus olhos tornaram-se vermelhos e malevolentes.

"Um vilão de olhos vermelhos", murmurou Tedros. "Inovador."

De repente, ouviu-se um estalo bem alto. Primeiramente, todos acharam que o som estivesse vindo dos pés de Ravan, e depois viram que vinha de sua cabeça, pois ao lado dela surgiu uma *segunda*. Ele bateu novamente os pés, e uma terceira cabeça apareceu, depois, uma quarta e uma quinta, até que dez cabeças rosnavam, equilibrando-se em seu pescoço, formando uma fileira horripilante. Os tambores cessaram, as batidas de pés chegaram ao auge, Ravan saltou do palco e caiu agachado, com as pernas abertas, mostrando dez línguas e irrompendo em ruidosas chamas.

Os Nunca ficaram em pé, aplaudindo efusivamente.

"Quem pode superar isso?", gritou Ravan, agora com apenas uma cabeça, enquanto a fumaça dissipava-se.

Agatha notou que os guardas-lobos do Mal não pareciam impressionados. Em vez disso, eram as fadas que zuniam empolgadas. *Talvez eles tenham feito uma aposta pelo placar final*, imaginou, voltando a pensar em sua carência de talentos. Os Nunca estavam ficando melhores a cada apresentação, e ao contrário dos Sempre, que tinham ganhado até agora, ela não conhecia truques com laços ou espadas, nem sabia encantar serpentes. Como poderia provar que era do Bem?

Agatha viu Tedros olhando para ela novamente, e sentiu um aperto por dentro que lhe tirou o fôlego. O tempo todo ela pensara que voltar para casa com Sophie era o seu *final feliz*, mas não era. Seu final feliz era ali, naquele mundo mágico. Com seu príncipe.

Ela havia percorrido um longo caminho desde seu cemitério.

Agora tinha sua própria história. Sua própria *vida*.

Os olhos de Tedros fixaram-se nos dela, brilhando esperançosos, como se não houvesse mais ninguém no mundo.

Ele é seu, o reflexo dela prometera, vestido da mesma forma que ela estava vestida agora. Ela havia ido à Sala de Embelezamento torcendo para sentir-se igual àquela princesa que retribuíra seu sorriso na Ponte.

Então por que não estava sorrindo? Por que ainda estava pensando em...

Sophie?

Tedros sorriu radiante e, com as mãos em concha ao lado da boca, fez mímica com os lábios dizendo *Qual é o seu talento?*

Agatha sentiu um nó na barriga. Estava chegando a sua vez.

"Apresentando o Sempre Chaddick!", anunciou o lobo branco, com a fênix reluzindo em dourado.

Os Nunca atacaram Chaddick com vaias e mãos cheias de mingau. A decoração do lado do Mal também entrou em cena, com as marcas queimadas da parede mostrando-o surrado, queimado, decapitado, enquanto os vilões esculpidos nos bancos lançavam-lhe lascas e seiva de madeira. Chaddick, com seus braços louros e peludos cruzados sobre o peito, encarava tudo com um sorriso tranquilo. Então ele sacou seu arco e disparou uma flecha na direção dos bancos. Ela ricocheteou, passando pelas orelhas e pescoços dos Nunca, fez um movimento de bumerangue e tingiu as marcas chamuscadas nas paredes de vermelho, antes de bater novamente em cada entalhe, espetando-os um a um, até que eles gemeram em coro e caíram em um silêncio mortal.

Outra vela apagou-se no lustre do Mal.

O sorriso de Ravan desapareceu. No mesmo instante, foi içado ao ar por uma força invisível. Um nariz de porco surgiu em seu rosto, um rabo surgiu em seu traseiro, e caiu no corredor com um ruidoso *oinc*.

"Ganham os Sempre", o lobo sorriu.

Que estranho, pensou Agatha. *Por que ele quer que seu próprio lado perca?*

O coração de Agatha agitou-se. Ela não conseguia concentrar-se com sua mente oscilando entre Sophie e Tedros, entre a empolgação e a culpa. *Talento... Pense em um talento...* Ela não podia fazer Mogrificação, já que os contrafeitiços dos professores estavam ativos, nem podia fazer seus feitiços preferidos, pois eram todos do Mal.

"Vou apenas chamar um pássaro, ou algo assim", murmurou, tentando lembrar-se das lições de Uma.

"É... como o pássaro vai *entrar*?", perguntou Kika, apontando para as portas trancadas.

Agatha quebrou sua unha recém-pintada.

Com seus talentos ainda trancados na Sala da Condenação, Anadil tentou fazer um feitiço para destrancar as portas, mas descobriu que a magia era forte demais para ser

rompida e, como punição, foi atacada por uma colônia de percevejos. Então, Hort tomou o palco para seu confronto com Beatrix. Desde a Prova, vinha subindo em suas avaliações na tentativa de buscar uma chance no Circo, o que, ele garantia, faria com que fosse finalmente respeitado. Agora, porém, usava a maior parte de seus quatro minutos no palco gemendo e espirrando, tentando fazer brotar pelos em seu peito.

"Eu vou respeitá-lo se ele se sentar", disse Hester, enquanto os Nunca vaiavam.

Contudo, assim que o tempo se esgotou, Hort soltou um grunhido violento e estalou o pescoço. Gemeu e seu peito inchou. Berrou e suas bochechas estufaram-se. Contorceu-se, agitou-se bruscamente, deu solavancos, e com um grito primal, explodiu para fora de sua roupa.

Todos recostaram-se em suas cadeiras, em choque.

Hort olhou com escárnio para baixo, com seus imensos músculos cobertos de pelos marrons e seu focinho de dentes afiados, molhado e comprido.

"Ele é um... *lobisomem*?", sussurrou Anadil.

"Um homem-lobo", disse Hester, afastando os pensamentos do cadáver da Fera. "Tem mais controle do que um lobisomem."

"Estão vendo?", Hort, o lobo, rosnava para todos. "*Estão vendo*?"

Subitamente sua expressão mudou, e com um *puf!* flatulento murchou de volta para o seu corpo esquelético e sem pelos, abaixando-se atrás do palco para se cobrir.

"Eu retiro a parte do controle", disse Hester.

Ainda assim, o Mal achou que tinha ganhado, até que Beatrix entrou no palco, usando um vestido campestre cor de pêssego, segurando um coelhinho branco e cantando uma música tão doce que logo todos os Sempre cantavam junto:

Eu posso ser má
E agir com baixeza
O que não quer dizer, que eu não chegue à grandeza...

Mas fui sempre fiel
E lhe disse a verdade
Sou quem sempre o tratou com bondade

Não serei sua amiga por momentos vãos
Nem jurarei amor causando decepção,
Tedros, será que não mereço a sua mão?

"Eles não serão perfeitos no Baile?", Kika suspirou para Agatha.

E ao ver Tedros acompanhando a cantoria, entretido por uma devoção tão sincera, Agatha também teve que sorrir. Em algum lugar, lá no fundo, Beatrix tinha uma ponta

de bondade. Só era preciso um talento para demonstrar.

Agatha piscou e viu Tedros sorrindo diretamente para ela, como se estivesse confiante de que ela arranjaria um talento muito superior. Um talento digno do filho de Camelot. Era a mesma expressão que ele um dia mostrara a Sophie.

Antes que ela falhasse com ele.

"Nunca Hester *versus* Sempre Agatha!", disse o lobo branco, depois que Hort foi punido com agulhas de porco-espinho.

Agatha murchou. Seu tempo havia se esgotado.

"Sem Sophie, Hester é nossa última esperança", Brone soluçou, espalhando um novo punhado de borboletas.

"Ela não parece achar", disse Vex, com suas orelhas de elefante, vendo Hester cabisbaixa ao subir ao palco.

Eles logo viram o motivo, pois quando Hester soltou seu demônio ele só conseguiu lançar um pequeno raio antes de voltar e sumir em seu pescoço. Ela tossiu dolorosamente, segurando o coração, como se o esforço a tivesse esgotado.

Se Hester desistiu sem sequer lutar, seus colegas de equipe não tinham a mesma intenção. Como todos os vilões, quando a derrota assomou-se, eles simplesmente mudaram as regras. E quando Agatha subiu ao palco, tentando freneticamente pensar em um talento, ela ouviu sussurros... "Faça! Faça!", e então, a voz de Dot... "*Não*!"

Ela virou-se a tempo de ver os meninos reunidos sobre um livro vermelho de feitiços. Vex ergueu seu dedo aceso em vermelho, gritou um encantamento, e Agatha ficou rígida e despencou inconsciente.

O único som no Teatro era uma estalactite que lentamente rachava-se no teto.

Ela caiu.

Tedros agarrou Vex pelas orelhas de abano. Brone pegou Tedros pelo colarinho, jogou-o de encontro a um lustre, e os alunos esquivavam-se de velas que caíam, incendiando os corredores. Os garotos Sempre saltaram nos bancos dos Nunca, enquanto os Nunca acendiam e lançavam borboletas mortas que estavam embaixo do banco de Brone.

Agatha lentamente voltou a si, no palco, e olhou para a plateia, vendo Nunca e Sempre arremessando sapatos uns nos outros pelo corredor em chamas, com botinas, botas e sapatos voando pela fumaça como se fossem mísseis.

Onde estão os guardas?

Através da névoa ela vislumbrou lobos batendo em Nunca, e fadas bombardeando Sempre de cima, alimentando as chamas com seu pó mágico. Agatha esfregou os olhos e olhou novamente. Lobos e fadas estavam *piorando* a briga?

Então viu um menino-fada em especial, que mordia todas as meninas bonitas que encontrava.

"Eu não quero morrer."

"*Eu também não queria*", disse o lobo branco.

Em um flash, Agatha entendeu.

Ela acendeu seu dedo em riste, e um ruído de chicotada ecoou em um relâmpago pelo corredor, fazendo todos pararem, assustados.

"Sentem-se", ela ordenou.

Ninguém desobedeceu, incluindo lobos e fadas, que se esgueiraram pelo corredor, envergonhados.

Agatha observou cuidadosamente os guardas de ambas as escolas.

"Nós achamos que sabemos de que lado estamos", disse, no teatro silencioso. "Achamos que sabemos quem somos. Separamos a vida entre o Bem e o Mal, o belo e o feio, a princesa e a bruxa, o certo e o errado."

Ela olhou para o pequeno menino-fada mordedor.

"Mas e se existirem coisas no meio?"

O menino-fada olhou para ela, com as lágrimas minando.

Faça um pedido, pensou.

Aterrorizado, o menino-fada sacudiu a cabeça.

Você só precisa fazer um pedido, Agatha pediu.

O menino-fada derramou lágrimas, lutando contra si mesmo...

Então, assim como acontecera com os peixes e com a gárgula, Agatha começou a ouvir seus pensamentos.

Mostre a eles... veio uma voz que ela conhecia.

Mostre a eles a verdade...

Agatha sorriu pra ele, tristemente. *Pedido concedido*.

Ela estendeu a mão e uma luz azul fantasmagórica irrompeu no alto dos corpos dos lobos e fadas, que congelaram-se, completamente imóveis.

Chocados, os alunos estreitaram os olhos para os espíritos *humanos* que flutuavam em luz azul, acima dos corpos congelados. Alguns dos espíritos eram da idade deles, a maioria era de velhos sábios, mas todos usavam os mesmos uniformes escolares – somente os que estavam com a roupa do Bem flutuavam acima dos corpos dos lobos, e os que estavam com o uniforme do Mal pairavam acima das fadas.

Emudecidos, os alunos viraram-se para Agatha, em busca de explicação.

Agatha ergueu os olhos para o careca Bane, de robe preto, que flutuava acima do corpo do menino-fada. O menino que mordia belas garotas em Gavaldon, agora alguns anos mais velho, com as bochechas murchas e manchadas de lágrimas.

"Se você fracassar, torna-se escravo do outro lado", disse Agatha. "Essa é a punição do Diretor da Escola."

Ela fitou um idoso de cabelos grisalhos acima do lobo branco, acalmando o espírito de uma menina, acima de uma fada.

“Punição eterna para uma alma impura”, disse Agatha, enquanto a garota chorava nos braços do velho. “Ele acha que isso consertará esses maus alunos. Colocá-los na escola errada vai ensinar-lhes uma lição. É isso o que este mundo nos ensina. Que só podemos estar em uma escola, e não na outra. Mas isso nos deixa uma pergunta...”

Ela olhou para o outro lado, para os fantasmas, todos assustados e impotentes como Bane.

“Isso é *verdade*?”

A mão dela perdeu a estabilidade. Os fantasmas deram um lampejo e pularam de volta em seus corpos de fada e lobo, que voltaram à vida.

“Eu os livraria a todos, se pudesse, mas a magia dele é forte demais”, disse Agatha, com a voz falhando. “Eu só queria que meu talento tivesse um final melhor.”

Enquanto descia os degraus, cabisbaixa, ela ouviu fungadas, e olhou para cima, vendo lobos, fadas e alunos de ambos os lados secando os olhos.

Agatha sentou-se ao lado de Kika, cuja maquiagem tinha ficado toda borrada de rosa e azul. “Eu costumava detestar esses lobos”, choramingou. “Agora quero abraçá-los.”

Do outro lado do corredor, Agatha viu Hester sorrir por entre as lágrimas. “Isso me faz pensar de que lado estou”, disse Hester, suavemente.

A nona vela do Mal apagou-se, acima dela.

Com um suspiro infeliz, Hester levantou-se, e instantaneamente um óleo preto escaldante começou a jorrar do teto. Ela fechou os olhos bem na hora em que ele a atingiu...

Mas tudo o que ele acertou foram pelos.

Hester virou-se e viu três lobos protegendo-a com seus corpos, suportando o óleo fervente. Arquejando de dor, olhavam furiosamente para cima, informando ao Diretor da Escola que já tinham presenciado punições suficientes.

No teatro silencioso, todos entreolhavam-se, como se as regras do jogo tivessem subitamente mudado.

“Está vendo, ele *tem* que ser Bom”, Kika sussurrou para Agatha. “Se fosse do Mal, ele os teria matado!”

“Duelo finaaaal”, disse o lobo branco, pressentindo sua sorte. “A Nunca Sophie *versus* o Sempre Tedros. Com Sophie ausente, prosseguiremos com Tedros.”

“Não.”

Tedros levantou-se. “O Circo acaba agora. Já presenciamos um Bem que não pode ser igualado.”

Ele curvou-se para Agatha. “Não há dúvidas quanto à vencedora.”

Agatha encontrou seus olhos azul-claros. Pela primeira vez, ela não pensou em Sophie.

Os dois lados olharam para cima, para a Coroa reluzente, esperando para abençoar o veredicto do príncipe.

Em vez disso, ouviu-se uma batida muito alta.

27
Promessas não cumpridas

No primeiro momento, ninguém soube ao certo de onde vinha a batida.

Entretanto, logo veio outra, mais ruidosa. Alguém estava às portas dos Nunca.

“O Circo está *fechado*!”, rugiu o lobo.

Mais duas batidas.

“Achei que os professores estivessem trancados em seus quartos”, sussurrou Agatha.

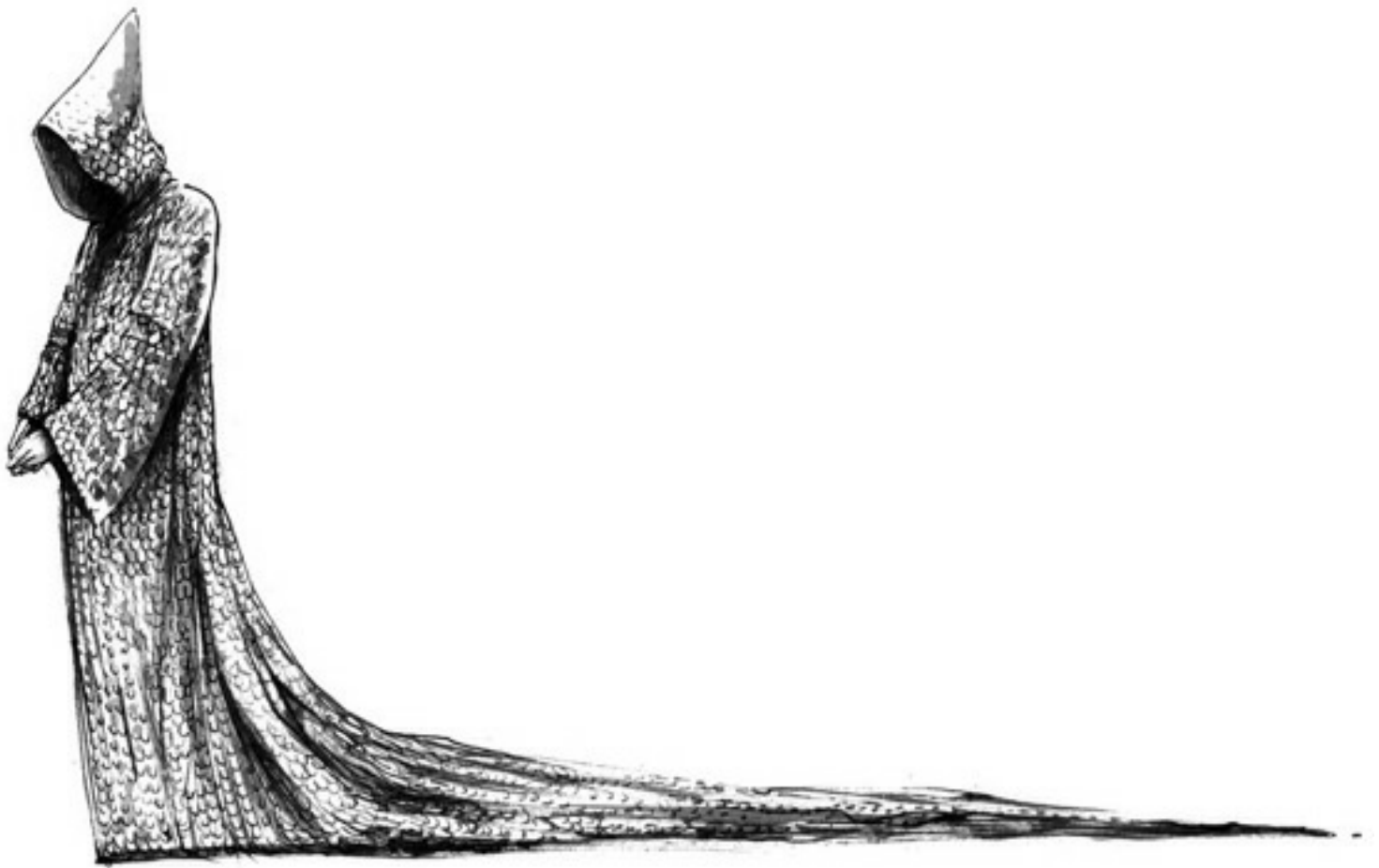
“Então não é um professor, obviamente”, sussurrou Kika, com os olhos colados em Tristan.

O olhar de Agatha cruzou com o de Hester, do outro lado do corredor. Assustadas, as duas garotas viraram-se para trás, na direção das portas, que tremiam com as batidas.

“Você não terá permissão para entrar!”, esbravejou o lobo.

As batidas cessaram.

Agatha suspirou.

Então as portas rangeram, abrindo-se vagarosa e magicamente.

Uma figura encoberta por um capuz preto esgueirou-se pelo Teatro das Fábulas. Centenas de olhos observaram-na deslizar pelo corredor em passos silenciosos, com uma capa de pele de cobra arrastando-se por trás, como um véu de noiva. Lenta e silenciosamente, a sombra preta subiu até o palco, e ficou em pé abaixo da Coroa do Circo, com as escamas da pele de cobra reluzindo sob a luz das chamas e o queixo colado ao peito, como um morcego.

As portas bateram, fechando-se.

Dedos claros deslizaram para fora da capa e puxaram o capuz para trás.

Sophie ficou olhando para baixo, para a sua plateia, com seu nariz e queixo marcados por verrugas. Mechas brancas entremeavam seus cabelos pintados de preto. Seus olhos cor de esmeralda eram agora de um cinza turvo, sua pele estava tão fina que era possível enxergar suas veias.

Lentamente ela observou a multidão, assimilando os rostos assustados com um sorriso de escárnio. Então ela viu Agatha, em sua realeza, de azul, e perdeu o sorriso. Sophie encarou-a, com as pupilas cinzentas enevoadas de pavor.

"Vejo que temos uma nova princesa", disse, baixinho. "Bonita, não?"

Agatha encarou-a também, já não sentindo mais pena nem desejo de agradar.

"Mas olhem mais atentamente, crianças, e vejam a vampira que ela é, vindo sugar nossas almas", Sophie disse, debochada. "Já que ela não tem *uma*."

Por baixo do vestido, Agatha tremeu, mas resistiu ao olhar fulminante, até que Sophie subitamente virou-se para Tedros e sorriu.

"Meu querido Teddy! Que bom vê-lo aqui. Acredito que ainda temos nossa competição para terminar."

"O Circo *acabou*", Tedros vociferou. "Uma vencedora já foi coroada."

"Entendo", disse Sophie. "Então o que é aquilo?"

Ela apontou seu dedo ossudo para o ar, e todos olharam para cima, para a Coroa pendurada, ainda completamente intacta.

"Isso é ruim", Hester disse a Anadil. "Isso é muito ruim."

Tedros levantou-se, do outro lado do corredor.

"Apenas vá embora", rugiu para Sophie. "Antes que faça papel de tola."

Sophie sorriu. "Com medo, é?"

Tedros estufou o peito, tentando se conter. Sentia os olhos dos Sempre sobre ele, como sentiu na Clareira, quando Sophie expôs sua promessa.

"Mostre-nos, Teddy", Sophie disse, com doçura. "Mostre-me algo que eu não possa igualar."

Tedros cerrou os dentes, lutando com seu orgulho.

Vex subitamente notou um estandarte queimado no chão, escrito EQUIPE DO MAL. Seus olhos cintilaram de esperança.

"MOSTRA!", ele gritou, e deu um soco em Brone, que aderiu. "MOSTRA! MOSTRA!" Num ímpeto de tentar arrebatar a vitória das garras da derrota, os Nunca entraram no coro. "MOSTRA! MOSTRA!"

"Não! Parem!", Hester gritou, conforme ela e Anadil viraram...

Os vilões rosnaram para elas como se fossem traidoras, e as duas bruxas rapidamente ingressaram no canto.

Contudo, enquanto a torcida dos Nunca tomava vulto, Tedros mantinha-se imóvel. Os Sempre remexiam-se em seus lugares, impacientes para que seu Capitão aceitasse o desafio. Todos, exceto Agatha, que fechou os olhos.

Não faça isso. Isso é o que ela quer.

Rugidos ecoavam pelo ar. Os olhos de Agatha rapidamente se abriram...

Tedros estava atravessando rumo ao palco.

"*Não*!", ela gritou, mas os vivas de ambos os lados abafaram seu grito.

Separada de Tedros por dois metros, Sophie sorria deliciosamente, e o príncipe a encarava, furioso. Nenhum dos dois disse uma palavra, enquanto os Nunca gritavam "É DO MAL! É DO MAL! É DO MAL", e os Sempre, "É DO BEM! É DO BEM! É DO BEM!". Trovões ressoaram a distância, e os vivas aumentaram, engolindo o barulho da tempestade. Os músculos de Tedros contraíram-se, as maçãs de seu rosto salientaram-se, e o sorriso de Sophie se alargou. Agatha tremia com mais força, com medo, olhando o sorriso de Sophie, agora provocador, debochado, até que o príncipe finalmente ficou

vermelho de fúria, com o dedo reluzindo em dourado, e quando pareceu que ele atacaria...

Ele caiu de joelhos.

O salão silenciou, em choque.

Os Nunca vibraram, vitoriosos. Agatha ficou branca.

Com um suspiro de pesar, Sophie caminhou em direção ao príncipe ajoelhado. Ela tocou delicadamente em seus cabelos louros e fitou seus olhos azuis amedrontados.

"Finalmente estou fazendo o meu dever de casa, Teddy. Quer ver?"

Tedros retesou-se. "Ainda é a minha *vez*."

Ele desembainhou a espada e Sophie recuou. Entretanto, em vez de golpeá-la, Tedros agachou-se em um dos joelhos, virou-se para o corredor, empunhou a espada em direção à multidão...

"Agatha de Além da Floresta."

Ele baixou a espada.

"Quer ser minha princesa para o Baile?"

Sophie congelou. Os Nunca pararam de vibrar.

No silêncio mortal, Agatha tentou respirar. Então viu o rosto de Sophie, o choque se fundindo à dor. Fitando os olhos fundos e assustados da amiga, Agatha caiu na velha cova da escuridão e da dúvida...

Até que um garoto a trouxe de volta.

Um garoto apoiado em um dos joelhos, olhando para ela do jeito que olhara através de goblins, caixões e abóboras.

Um garoto que a escolhera muito antes que os dois soubessem.

Um garoto que agora pedia que ela o escolhesse.

Agatha olhou de volta para seu príncipe.

"*Sim*."

"Não!", gritou Beatrix, ficando em pé.

Chaddick caiu de joelhos à sua frente.

"Beatrix, você quer ser minha princesa para o Baile?"

Um a um, os garotos Sempre foram caindo de joelhos.

"Reena, você quer ser minha princesa para o Baile?", disse Nicholas.

"Giselle, quer ser minha princesa para o Baile?", disse Tarquin.

"Ava, quer ser minha princesa para o Baile?"

Os meninos ajoelharam-se em um ritmo glorioso, com as mãos estendidas. Cada menina ouviu seu nome, cada menina suspirou, até que sobrou somente uma sem ninguém para amar. As lágrimas cegaram Kika e ela limpou-as, sabendo que fracassaria – mas então viu Tristan à sua frente, sobre um dos joelhos.

"Quer ser minha princesa para o Baile?"

"Sim!", Kika gritou.

“Sim!”, disse Reena.

“Sim!”, disse Giselle.

Pelo Teatro emanavam ondas de êxtase – “Sim!” “Sim!” “Sim!” – até que o mar de amor envolveu até mesmo Beatrix, que esboçou seu melhor sorriso e pegou a mão de Chaddick. “Sim!”

Assistindo a tudo pelos corredores, os Nunca começaram a mudar suas feições. Seus rostos carrancudos foram tornando-se lamentosos, e seus olhos passaram a expressar mágoa. Hort, Ravan, Anadil e até Hester... Como se eles também desejassem ter essa alegria. Como se também quisessem sentir-se tão queridos. O ímpeto de luta ficara pra trás, perdido para os corações partidos, e os vilões ficaram em silêncio, serpentes sem veneno.

Uma cobra, porém, ainda se mantinha em pé.

Do palco, os olhos de Sophie nunca deixaram Agatha, enquanto Tedros envolvia-a em seus braços. Suas pupilas escureceram-se como brasas de carvão. Seu corpo estremeceu de suor. Suas unhas negras arrancaram sangue de seus punhos fechados. Das profundezas de sua alma, o ódio jorrou feito lava, revivendo o cântico de seu coração. Com os olhos fixos no casal feliz, Sophie ergueu as mãos, e cantou a plenos pulmões. Acima dela, estalactites negras metamorfosearam-se em bicos afiados como navalhas, grasnando, gritando, ganhando vida.

De uma só vez, corvos irromperam do teto, atacando tudo o que havia à sua frente.

Todos abaixaram-se em busca de proteção, tapando os ouvidos enquanto Sophie berrava uma oitava mais alto. As fadas voaram em direção a Sophie, mas os corvos engoliram todas exceto uma, que quase não conseguiu escapar por uma rachadura na parede. Com as patas nos ouvidos, os lobos ficaram igualmente expostos aos pássaros, que cortavam suas gargantas em uma velocidade impiedosa. O lobo branco abraçou um lobo marrom, lutando com os corvos, enquanto seu focinho sangrava, mas o bando arrastou ambos para trás do palco e acabou com a luta. Quando as aves mergulharam para fazer o mesmo com os alunos...

Sophie parou de cantar e os corvos desintegraram-se em pleno ar.

Gemendo de dor, todos viraram-se lentamente para a vilã no palco. Contudo, Sophie não estava olhando para eles.

Sempres e Nuncas seguiram o olhar dela até a Coroa do Circo, que balançava no ar, finalmente despertada para o julgamento. Ela agitava-se, de cima para baixo, pairando entre o Bem e o Mal, de um lado para outro, de um lado para o outro, até que, leve como uma pluma, rodopiou com decisão... e pousou suavemente sobre a cabeça de Sophie.

Ela esboçou um sorriso forçado. “Não se esqueçam do prêmio.”

Agatha viu borrões brancos apagarem magicamente o palco atrás de Sophie. Borrões que ela já tinha visto antes...

"*CORRAM*!", ela gritou.

As manchas brancas apagaram as paredes, espalhando-se na direção dos corredores, enquanto os alunos gritavam e fugiam para as portas, tarde demais...

O Teatro de Fábulas desapareceu em um clarão branco, expelindo as duas escolas para o salão da escadaria do Bem. Os Sempre se espremeram na escadaria cor-de-rosa e os Nunca na azul. Enquanto raios e trovões estilhaçavam as vidraças, Hester e os vilões fugiram, subindo as escadas da Honra e da Coragem. No entanto, assim que chegou ao segundo patamar, Hester escorregou no vidro e caiu pela lateral. Pendurada no corrimão por uma das mãos, ela avistou Dot passando por ela...

"*Dot*! Dot, socorro!"

"Lamento", Dot fungou, seguindo em frente. "Só ajudo *colegas de quarto*."

"Dot, por favor!"

"Eu moro em um *banheiro*! Vocês são amigas más e tiranas, e me deixam constrangida de ser uma vi..."

"*DOT*!"

Dot pegou a mão de Hester bem na hora em que ela escorregou.

Os Sempre não tiveram tanta sorte. Enquanto rastejavam freneticamente, subindo a Pureza e a Caridade, Sophie soltou uma nota agudíssima, e as duas escadas de vidro explodiram, fazendo os belos garotos e garotas esborracharem-se no mármore. Sophie cantou uma oitava acima. O vestíbulo tremeu sob seus pés, rachou-se como gelo fino, e partiu-se em uma centena de pedaços. Atordoados, os Sempre caíram uns sobre os outros e cambalearam em direção às fendas abertas. Eles tentaram agarrar pedaços quebrados de mármore e cacos das escadas, mas os desníveis acentuados no chão eram muito íngremes, e entre gritos angustiantes eles despencaram das beiradas. Quando lançavam-se no vazio, suas mãos encontravam bordas de mármore quebrado. Os Sempre usavam suas últimas forças e aguentavam firmes, com os pés sacudindo na escuridão mortal abaixo deles.

"Agatha!", Tedros gritou, pulando sobre desfiladeiros e abismos encharcados pela chuva, ficando cada vez mais aflito.

"Agatha, onde está você?"

Do outro lado da sala, no alto de uma janela estilhaçada, duas mãos claras agarravam-se a uma parede quebrada.

"*Agatha*! *Estou indo*!'

Ele seguiu por cima de crateras de rochas, subiu por pedaços quebrados de escadas, indo cada vez mais alto. Com um salto ele mergulhou do alto do penhasco, passou pelo vidro e agarrou-a pelo lado oposto...

Sophie olhou para cima, encarando-o.

Tedros recuou, horrorizado, e se viu na beira do precipício, com os Sempre gritando por ajuda abaixo deles.

“Então, se príncipes salvam princesas, agora eu me pergunto...”, disse Sophie, com a Coroa do Circo cintilando em seu cabelo encharcado de chuva. “Quem salva o *príncipe*?”

“Você prometeu...”, Tedros gaguejou, procurando escapar. “Você prometeu mudar!”

“Prometi?”, Sophie coçou a cabeça. “Bem, nós dois fizemos promessas que não cumprimos.” Com um grito ela soltou sua nota mais aguda.

O príncipe encolheu-se, de joelhos. Vendo-o se retorcer de dor, Sophie cantou ainda mais alto. Paralisado, Tedros sentiu seu nariz sangrar e seus ouvidos zunirem. Sophie lentamente achegou-se a ele e pousou um dedo em seus lábios trêmulos. Então, ela sorriu para os olhos azuis chocados dele, e entoou sua nota mortal...

Agatha lançou-a contra a janela aberta, fazendo sua coroa voar tempestade adentro.

Ensanguentado e fraco, Tedros tentou ajudá-la, mas Agatha encarou-o. “Salve os outros!”

“Mas...”

“*Agora*!”, Agatha gritou, prendendo Sophie mais alto contra a janela.

Com toda sua força, Tedros saltou do penhasco para salvar seus colegas de turma. Ouvindo os gritos que vinham de baixo, Agatha desviou o olhar de Sophie, para ter certeza de que ele estava seguro. Sophie rapidamente deu-lhe um chute, e Agatha bateu de cara no parapeito da janela.

Ela cambaleou para levantar-se, com o nariz sangrando.

“Lady Lesso estava certa”, disse Sophie, ficando em pé para encará-la. “Você se fortalece quando eu enfraqueço. Você ganha quando eu perco. Você é minha Nêmesis, Agatha.”

Sophie caminhou em direção a ela. “Sabe como eu sei?”

Seu rosto nublou-se de tristeza.

“Porque eu só serei feliz quando você estiver morta.”

Agatha recuou em direção à janela, tentando fazer seu dedo trêmulo acender.

Quatro andares acima, Hester, Anadil e Dot irromperam pelos corredores da Honra, com os gritos e trovões ecoando abaixo delas.

“A Coroa do Circo foi entregue!”, Hester gritava, escancarando as portas dos professores. “Onde estão eles?” Ela virou a esquina em um corredor e descobriu.

A professora Anêmona, a professora Dovey e o professor Espada estavam congelados em plena corrida, de bocas abertas, como se tivessem sido emboscados por um feitiço na hora exata em que corriam para o salão das escadarias.

“Hester...”

Hester seguiu os olhos de Anadil para fora da janela do hall. Na Ponte do Meio do Caminho, um raio iluminou Lady Lesso, o professor Sheeks e o professor Manley, congelados com as mesmas expressões estarrecidas.

“Podemos descongelá-los?”, perguntou Dot, empalidecendo. “É só um Feitiço de Susto.”

“Não é um Feitiço de Susto”, Anadil deu um tapinha na pele da professora Dovey, que produziu um som oco e fino.

“Petrificação”, disse Hester, lembrando-se da aula de Lesso. “Só quem lançou o feitiço pode retirá-lo.”

“Mas, *quem*?”, Dot deu um gritinho.

“Alguém que não quer que os professores interfiram”, disse Anadil, olhando para a torre prateada acima da baía.

Dot tremeu. “Mas isso... isso significa...”

“Estamos por nossa conta”, disse Hester.

Sob a tempestade, em uma ilha de mármore erguida acima do vestíbulo demolido, Agatha enfrentava Sophie, sozinha.

“Nós não precisamos ser inimigas, Sophie”, implorou ela, tentando acender o dedo atrás das costas.

“Você me fez ficar assim”, disse Sophie ofegante, com as lágrimas brilhando. “Você pegou tudo o que era meu.”

Agatha viu Tedros e os Sempre rastejando pelos escombros, tremendo de dor e medo. Por entre os flashes de raios ela viu os Nunca assistindo-os, das torres do outro lado da baía, tremendo, com as mesmas expressões. O coração de Agatha martelava. Agora tudo dependia dela.

“Nós podemos encontrar a felicidade aqui”, ela implorou, sentindo o dedo esquentar-se atrás dela. “Nós duas podemos encontrar um final feliz.”

“*Aqui*?”, Sophie sorriu ligeiramente. “O que aconteceu com sua urgência de ir pra casa, Agatha?”

Agatha gaguejou em busca de uma resposta.

“Ah, entendo”, disse Sophie, sorrindo mais abertamente “Agora você tem um baile para ir. Agora você tem um *príncipe*.”

“Eu só queria que fôssemos amigas, Sophie”, disse Agatha, com os olhos repletos de lágrimas. “Isso foi o que sempre quis.”

Sophie ficou gélida. “Você nunca *quis* ser minha amiga, Agatha. Você queria que *eu* fosse a horrenda.”

Em um passe de mágica, a pele de seu rosto ficou ainda mais enrugada.

O dedo de Agatha apagou-se pelo choque. “Sophie, é você quem está fazendo isso consigo mesma!”

“Você queria que *eu* fosse a do Mal.” Sophie fervia, as mãos contorcendo-se em garras.

“Você pode ser do Bem, Sophie!”, Agatha gritou, mas o trovão abafou sua voz.

“Você queria que *eu* fosse a bruxa”, disse Sophie, com os olhos repletos de veias vermelhas.

“Não é verdade!”, Agatha apoiou-se contra a janela...

“Bem, queridinha”, disse Sophie, com um dente faltando. “Seu desejo foi *concedido*.”

“*Não*!”

Com um único empurrão, Sophie jogou Agatha para dentro da tempestade. Agatha mergulhou em direção à Ponte, para a morte instantânea... Tedros gritou...

Um pequeno menino-fada lançou-se sob ela e pegou-a com todas as suas forças. Ao deitá-la com segurança na rocha encharcada, Bane agradeceu silenciosamente à Agatha de Gavaldon por todo o Bem que ela havia feito. Então, ao mesmo tempo em que ela voltou a respirar, ele soltou seu último suspiro, e morreu na palma da mão dela, aberta e molhada.

Quando um trovão iluminou a torre, Sophie olhou para baixo e viu Agatha, cujo rosto estava branco de choque. Do outro lado da baía, os Nunca encaravam-na, profundamente apavorados. Ela virou-se e viu Tedros e os Sempre amontoados em cantos lá embaixo, enquanto Hester, Anadil e Dot observavam tudo da escada, boquiabertas.

Com seu coração fazendo eco ao trovão, Sophie pegou um caco de vidro e desmanchou a chuva.

Seus cabelos encharcados estavam agora completamente brancos. Seu rosto estava manchado e cheio de verrugas pretas. Seus olhos tornaram-se negros como os de um corvo.

Ela encarou o vidro estilhaçado, paralisada de pânico.

Então, enquanto Sophie olhava-se no espelho, seu pânico foi lentamente se dissipando, e seu rosto demonstrou um estranho alívio, como se finalmente ela pudesse enxergar além de seu reflexo, vendo o que havia por dentro.

Seus lábios apodrecidos esboçaram um sorriso, seguido de uma risada libertadora... ruidosa, mais alta...

Sophie jogou o vidro no chão, depois a cabeça para trás, e deu uma gargalhada horrenda, que prometia o Mal. Um Mal puro demais para ser desafiado.

Então, de repente, seus olhos desviaram-se para baixo, para Agatha. Com um grito monstruoso de alerta envolveu-se em sua capa de pele de cobra e desapareceu pela noite adentro.

28
A bruxa de Além da Floresta

"Quando coisas terríveis acontecem, minha mãe sempre diz 'encontre o lado bom'", falou Hester, ofegante, passando rapidamente por Cástor e Beezle, petrificados no Salão da Malícia.

"Quando coisas terríveis acontecem, meu pai sempre diz 'coma'", disse Dot, arfando, virando no corredor atrás dela. Ambas trombaram com Mona e Arachne...

"O que está acontecendo!", Mona gritou...

"Vão para os seus quartos!", Hester berrou. "Não saiam."

Mona e Arachne entraram correndo e trancaram a porta.

Hester e Dot desceram rapidamente a escada e viram Hort, Ravan e Vex subindo.

"Vão para seus quartos!", Dot gritou. "Não saiam!"

Os garotos olharam para Dot, depois para Hester.

"*Agora*!", Hester berrou, e eles saíram correndo.

"Suponhamos que eu seja uma capanga?", disse Dot, fazendo bico. "Então não estaremos na mesma turma no ano que vem!"

"Se é que ainda *sobrará* algo da escola!", Hester falou.

Elas passaram correndo pelo salão das escadarias, berrando para que os assustados Nunca fossem para seus quartos.

"Eu consigo pensar em uma coisa boa", disse Dot. "Nada de dever de casa!"

Hester parou subitamente, de olhos arregalados. "Dot, nós não estamos preparadas para uma bruxa de verdade. Somos do primeiro ano!"

"É *Sophie*", disse Dot. "A mesma garota que gosta de perfume e de cor-de-rosa. Só precisamos acalmá-la."

Hester abriu um sorriso. "Sabe, às vezes nós não lhe damos o crédito que você merece."

"Venha", Dot corou, seguindo adiante. "Talvez Anadil a tenha encontrado."

Depois de evacuar o restante do hall da Malícia, as duas garotas seguiram mancando, exaustas, até o quarto 66, e encontraram sua colega de quarto recostada em lençóis amontoados.

"Estão todos trancados em seus quartos", disse Dot, abanando a túnica para se refrescar.

Limpando o suor, Hester franziu o rosto para Anadil. “Você pelo menos *procurou* por Sophie?”

“Não precisei”, Anadil bocejou. “Ela está vindo pra cá.”

“*Pra cá*?”, Hester fungou. “E como neste mundo você poderia saber disso?”

Anadil puxou os lençóis, revelando Grimm, preso e amordaçado.

“Porque ele me disse.”

Na Escola do Bem, Chaddick e Tedros mantiveram guarda do lado de fora do Salão Comunitário da Coragem, com as camisas rasgadas e ensanguentadas. Dentro do refúgio cheio e mofado, as garotas cochilavam nos braços de seus pares do Baile, enquanto Beatrix e Reena socorriam os meninos feridos com pomadas e ataduras. Quando o sol nasceu elas também estavam dormindo.

Só Agatha não se atreveu a descansar. Encolhida em uma poltrona de pele de zebra, ela pensava na menina que um dia havia lhe trazido suco de pepino e cookies de farinha integral, que a levava para dar passeios e lhe confidenciava seus sonhos.

Essa menina se foi. Em seu lugar havia uma bruxa que a caçaria até a morte.

Ela olhou pela janela, vendo a ponte pouco iluminada, com os professores petrificados, uma onda mágica congelada abaixo deles. Não houve acidentes, nenhum grande erro. Tudo isso fazia parte do plano do Diretor da Escola. Ele queria suas duas Leitoras em guerra.

Mas de que lado ele estava?

Quando o sol banhou a sala, Agatha manteve os olhos abertos, à espera do próximo passo de Sophie.

No quarto 66, a manhã chegou e passou. Assim como a tarde.

“Vocês não teriam nenhum petisco, teriam?”, Dot perguntou, de sua cama. Hester e Anadil encararam-na, com Grimm amordaçado, rosnando entre elas.

“É que não como nada desde ontem e não consigo mais comer chocolate desde que vocês me obrigaram a morar em um banheiro, porque o chocolate me faz lembrar de...”

Hester arrancou a mordaça de Grimm. “*Onde* está Sophie.”

“Vem”, Grimm disse, zangado.

“Quando?”, disse Hester.

“Espera”, disse Grimm.

“O quê?”

“Grimm vem. Grimm espera.”

Hester olhou para Anadil. “É p*or isso* que nós estamos aqui?”

Uma chave girou na fechadura e as três garotas esconderam-se debaixo das camas.

“Grimm?”

Sophie entrou, tirou a capa preta e pendurou-a no gancho da porta.

“Onde está você?”

Ela percorreu o quarto coçando a cabeça, com unhas sujas e afiadas.

Embaixo das camas, Hester, Dot e Anadil engasgaram quando tufos de cabelos brancos caíram.

Sophie virou-se e viu o montinho mover-se embaixo das cobertas. “Grimm?”

Ela sorrateiramente seguiu até a cama...

As três garotas atacaram-na por trás. “Pegue seus punhos!”, gritou Hester, amarrando as pernas de Sophie à cabeceira da cama com lençóis queimados. Anadil segurou os punhos de Sophie acima de sua cabeça, ao lado de Grimm, enquanto Dot deu um golpe na cabeça do cupido com um travesseiro, para fazer-se útil.

“Talvez vocês tenham esquecido”, Sophie falou, com a voz arrastada, “mas eu estou do lado de vocês.”

“Agora estamos todas do mesmo lado”, Hester chiou. “Contra você.”

“Admiro intenções tão meigas, Hester, mas o Bem *não* está do seu lado.”

Sob a luz, Hester notou o rosto de Sophie todo enrugado.

“Você vai apodrecer aqui até descobrirmos como descongelar os professores”, disse Hester, escondendo as mãos trêmulas.

“Apenas saibam que eu perdoo todas vocês”, Sophie suspirou. “Antes mesmo que tenham que pedir.”

“Não vamos pedir”, disse Hester, afastando Anadil e Dot. Anadil pegou a capa de Sophie no gancho...

“Vocês voltarão por mim.”

Elas viraram-se para Sophie, que sorriu, revelando mais dentes faltando.

“Vocês verão.”

Hester estremeceu e fechou a porta atrás delas.

A porta abriu-se e Dot deu uma espiada lá dentro. "Você, por acaso, não teria algum petisco?"

Hester puxou-a e bateu a porta.

Grimm imediatamente mastigou e soltou sua mordaça, cuspindo-a.

"Bom garoto", disse Sophie afagando-o, enquanto ele roía suas amarras. "Você se saiu muito bem mantendo-as aqui."

Ela abriu seu armário e tirou sua caixa de costura e caixas de tecido e linha.

"Tenho andado muito ocupada, Grimm. E ainda tenho mais trabalho a fazer."

CRAC!

Sophie virou-se para a porta.

CRAC! *CRAC*!

Lá fora, Anadil pregava tábuas, trancas e parafusos na porta, enquanto Hester e Dot bloqueavam-na com estátuas e bancos do corredor. Hester pegou os Nunca espiando fora de seus quartos.

"FIQUEM AÍ DENTRO!", ela rugiu, e as portas se fecharam.

"Eu me sinto horrível", disse Dot. "Ela é nossa colega de quarto!"

"O que quer que seja *aquilo*, não é a nossa colega de quarto", disse Hester.

Lá dentro, Sophie cantarolava junto com as marteladas, com uma agulha costurando magicamente sob seu dedo aceso. "Elas simplesmente terão que desfazer isso", suspirou, lembrando-se da última vez em que alguém havia trancado-a em seu quarto.

"Todo aquele trabalho por nada."

Até o começo da noite, os Sempre ficaram mais inquietos e começaram a aventurar-se em grupos para tomar banho. Então eles seguiram, numa massa vigilante, até o Salão de Jantar, onde as panelas encantadas da cozinha continuavam a cozinhar, apesar das ninfas petrificadas em volta delas. Eles encheram pratos de ganso ao curry, salada de lentilha e sorbet de pistache, e comeram em mesas redondas, em silêncio.

Sentada na mesa principal, Agatha tentava cruzar seu olhar com o de Tedros, mas ele apenas comia sua coxa de frango, arrasado. Ela nunca o vira com uma aparência tão cansada; ele estava com marcas roxas sob os olhos, com o rosto pálido e com uma pequena marca no maxilar. Era o único que não tinha tomado banho.

O silêncio continuou até que todos tinham quase terminado o sorbet.

"É... não sei se você sabe, mas, e... o Salão do Bem?", disse Kika. "Ainda está... tudo bem."

Cento e dezenove cabeças ergueram-se.

Kika segurou o sorbet diante do rosto suado. "Então nós ainda poderíamos, se quiséssemos, ter nosso... vocês sabem..."

Ela engoliu em seco.

"Baile."

Todos encararam-na.

"Ou não", murmurou Kika.

Seus colegas de turma voltaram ao sorbet.

Depois de um momento, Millicent pousou a colher.

"Se bem que passamos mesmo todo esse tempo nos preparando."

"E ainda temos duas horas para nos aprontar", disse Giselle.

Reena ficou branca. "É tempo suficiente?"

"Eu posso providenciar a música!", disse Tristan.

"Eu checo o salão!", disse Tarquin.

"Todo mundo se arrumando!", Beatrix gritou e, com um viva, a multidão largou as colheres e levantou-se.

"Deixem-me entender direito", a voz de Agatha interrompeu-os. "As fadas e os lobos estão mortos, os professores estão enfeitiçados, metade da escola está em ruínas, há uma assassina à solta... e vocês querem fazer um *baile*?"

"Não podemos ceder a uma bruxa!", Chaddick disparou.

"Não podemos desistir de nossos vestidos!", Reena murmurou.

Os outros concordaram, zangados...

"Os professores ficariam orgulhosos!"

"O Bem nunca se rende ao Mal!"

"Ela quer estragar nosso Baile!"

"Todo mundo *cale a boca*."

A sala caiu em silêncio. Os Sempre viraram-se para Tedros, ainda sentado.

"Agatha está certa. Agora não podemos ter um baile."

Seus colegas de classe amuaram-se, assentindo. Agatha suspirou aliviada.

"Primeiro nós encontramos a bruxa e *a matamos*", Tedros rosnou.

Agatha fechou os punhos, enquanto os Sempre explodiam em clamores. "*Matem a bruxa*! *Matem a bruxa*!"

"Acham que ela está *esperando* por nós?", Agatha gritou, subindo em uma cadeira. "Acham que podem entrar tranquilamente no Mal e matar uma *bruxa de verdade*?"

Os cânticos cessaram.

"O que você quer dizer com uma 'bruxa de verdade'?", Beatrix perguntou, encarando-a.

Kika empalideceu, compreendendo. "O Storian está realmente escrevendo seu conto de fadas, não é?"

Agatha assentiu, e todos na sala remexeram-se, nervosos.

"Não sabemos quem controla esses contos de fadas", disse. "Não sabemos se o Diretor da Escola é do Bem ou do Mal. Não sabemos se a Floresta ainda está

equilibrada. Tudo o que sabemos é que Sophie me quer morta e vai matar qualquer um que estiver em seu caminho. Então acho que devemos voltar ao salão da Coragem, e esperar."

Todos os olhos desviaram-se para Tedros, depois de franzirem os rostos para ela.

"Bem, sou o Capitão desta escola", respondeu, "e digo que devemos atacar."

Os olhos desviaram-se dele para sua princesa.

"Tedros, você confia em mim?", disse Agatha, suavemente, olhando pra ele.

O silêncio pesou, enquanto a pergunta pairava no ar, com Tedros em brasa, sob o olhar dela.

O príncipe desviou o olhar. "Vamos voltar ao salão da Coragem", murmurou.

Enquanto os Sempre obedeciam à sua ordem e limpavam seus pratos, Agatha tocou-lhe no ombro. "Você fez a coisa cert..."

"Vou tomar um banho", disse. "Quero ficar bonito para nossa noite, escondendo-nos como menininhas!"

Agatha deixou-o sair na frente, zangado. Enquanto Tedros marchava para fora do salão, Beatrix encontrou-o na porta. "Vamos entrar escondidos no Mal, Teddy! Mataremos a bruxa juntos!"

"Faça o que lhe foi *dito*", Tedros disse, enquanto passava por ela.

Beatrix observou-o sair, com as bochechas em fogo.

Depois de alguns minutos, enquanto os Sempre voltavam cabisbaixos para sua prisão no saguão do prédio da Coragem, ela foi escondida até o seu quarto, no qual um coelhinho branco e faminto esperava, pulando de um lado para o outro.

"Você vai ganhar seu jantar, Teddy", disse, pegando-o no colo. "Mas, primeiro, terá que fazer por merecer."

Hester acordou no castelo escuro, com o relógio do campanário soando oito badaladas. Ainda com o rosto babado, ela afastou o livro *Reversão de feitiços*, que estava colado em sua bochecha, e olhou para Dot e Anadil, recostadas uma na outra, atrás dos móveis que bloqueavam a porta do quarto. Num salto, Hester levantou e olhou para elas.

A porta do quarto 66 não havia sido mexida.

Ela suspirou aliviada... depois engasgou.

Algo estava se movendo no fim do corredor.

Ela passou pela massa de móveis e seguiu, pé ante pé, na direção da escada. Quando se aproximou, viu três figuras curvadas subindo os degraus. Um minuto depois, mais duas entraram silenciosamente.

Hester esperou atrás da balaustrada, até que viu mais sombras. Acendeu a tocha da escada...

Mona, Arachne, Vex e Brone olharam para ela.

"Por que não estão em seus quartos?", Hester gritou.

“Nós viemos para ajudar você!”, disse Mona.

“Queremos lutar!”, disse Vex.

“O *quê*? O que estão...”

Então, Hester viu o que estava nas mãos deles.

Anadil estava sonhando com tubulações, e Dot com feijões, quando ambas sentiram socos no estômago.

“*Olhem*!”, Hester segurava um cartão preto, com brilhos verdes, e um fantasmagórico manuscrito em branco.

“É um poema bonitinho, mas não vale a pena nos acordar por isso”, disse Dot, ainda grogue. “Que vingança é essa?”

“Não há vingança!”, gritou Hester.

“Então por que você escreveu?”, disse Anadil.

“Não escrevi, suas idiotas!”

As duas garotas olharam pra ela. E instantaneamente apressaram-se até a escada.

“Como foi que ela saiu?”, disse Anadil, pulando dois degraus por vez.

“Ela fez isso antes de vir!”, Hester gritou em resposta, ouvindo o relógio anunciar oito e meia da noite.

“Ela é muito boa em trotes”, Dot disse, ofegante, tropeçando pela escada. “O que acha que será sua vingança?”

“Mais corvos?”, disse Anadil.

“Nuvens envenenadas?”, disse Hester.

“Bombas colocadas sob as duas escolas para explodirem exatamente ao mesmo tempo?”, disse Dot.

Hester ficou branca. "Imagine se todos estiverem mortos!"

Elas dispararam pelo salão das escadarias, passaram pela Sala de Refeições, pela Exposição do Mal, e seguiram até as portas com entalhes de caveiras cobertos de teias de aranhas nos fundos da escola. Arremessando o convite preto para longe, Hester abriu as portas e as três garotas entraram no Salão do Mal, preparadas para o massacre...

Dot deu uma olhada e desmaiou. As outras duas não conseguiam respirar.

"*Isso* é a vingança?", disse Hester, com as lágrimas escorrendo.

Do lado de fora do hall, Teddy, o coelho, saiu de trás da escada, e foi até o cartão que Hester havia jogado. Ele o pegou e prendeu nos dentinhos, cauteloso para não borrar o glitter. Então, pensando em peras e ameixas e outros deleites, saiu pulando de volta para encontrar sua ama.

Amuada junto à parede do Salão Comunitário da Coragem, Agatha tentava manter os olhos abertos, mas eles ficavam cada vez mais pesados, até que ela caiu para trás e foi salva por alguém. Estreitou os olhos e viu Tedros ajoelhando-se, usando uma camiseta de baixo, corado, ainda molhado após o banho.

"Durma", disse. "Agora eu estou aqui."

"Sei que está chateado comigo..."

"Shhh", ele disse, segurando-a com mais força. "Chega de discussão."

Com um sorriso culpado, Agatha entregou-se aos braços fortes dele, e fechou os olhos.

As portas do salão comunitário foram escancaradas. "Teddy!"

Beatrix irrompeu, acordando os Sempre. Tedros olhou para cima, irritado.

"Eles estão vindo!", Beatrix gritou, atirando-lhe o cartão, enquanto Agatha sentava-se, ainda em seus braços. "Estão vindo para nos matar!"

Tedros leu o texto fantasmagórico escrito em letras brancas, com as veias retesando-se em seu pescoço. "*Eu sabia*!" Agatha tentou ver por cima de seu ombro, mas ele ficou em pé...

"*ATENÇÃO*!"

Todos os Sempre sentaram-se.

"Neste exato momento os vilões estão planejando uma vingança contra nossa escola", Tedros proclamou, por entre gritos. "Agora todos os Nunca aliaram-se a Sophie. Nossa única esperança é atacar a Escola do Mal antes que eles venham atrás de nós. Vamos invadir às nove horas!"

Agatha ficou paralisada pelo choque.

"Preparem-se para a guerra!", Tedros rugiu, escancarando as portas.

"*Guerra*!", Chaddick gritou, juntando os Sempre atrás dele. "*Preparem-se para a guerra*!"

Confusa, Agatha pegou o cartão caído. Ao lê-lo, seus olhos brilharam...

“*Não*! Não ataquem!”

Ela saiu correndo da sala comunitária – um pé surgiu em seu caminho. Agatha bateu na parede e desmaiou.

“Opa”, disse Beatrix, que esgueirou-se atrás dos outros.

Agatha despertou, sentindo uma terrível dor de cabeça, e encontrou o hall totalmente deserto.

Gemendo de dor, ela seguiu as pegadas até a Torre da Honra, depois desceu pelo Refúgio de João e Maria, e ouviu os sons agourentos de espadas na rocha.

Ela deu uma espiada para dentro da sala e viu os garotos afiando lâminas de verdade, flechas, machados e correntes que haviam roubado da sala de armamentos.

“Quanto óleo fervendo?”, um deles perguntou.

“O suficiente para cegar a todos!”, gritou outro, batendo a espada na rocha.

Na sala de pirulitos, Reena cortava os vestidos das meninas para que ficassem mais práticos para o combate, enquanto Beatrix armava cada garota com um saco de pedras e dardos pontudos.

“Mas os meninos treinam para a guerra na *aula*”, uma menina gemeu.

“Nós nem aprendemos a lutar!”, disse outra.

“Você gostaria de ser escrava dos vilões?”, Beatrix disparou de volta. “Ser obrigada a cozinhar crianças, comer corações de princesas e beber sangue de cavalo...”

“E vestir *preto*?”, Reena gritou.

As garotas engoliram em seco.

“Então aprendam depressa”, disse Beatrix.

Na sala de *marshmallows*, Kika e Giselle acendiam dúzias de tochas, enquanto na de balas de goma Nicholas e um grupo de meninos preparavam um aríete.

Agatha encontrou Tedros na última sala, com Chaddick e dois outros meninos curvados sobre a mesa de amêndoas confeitadas da professora Dovey, olhando um mapa desenhado à mão.

“Como sabe que aí que fica o Salão do Mal?”, perguntou Chaddick.

“É só um palpite”, disse o príncipe. “Agatha é quem já esteve naquela escola amaldiçoada, mas não consigo encontrá-la. Diga a Beatrix para procurá-la outra vez.”

“Eu lhe pouparei o trabalho.”

Os meninos voltaram-se para Agatha.

“Precisamos de sua ajuda”, disse Tedros, sorrindo.

“Não vou ajudar um Capitão a conduzir seu exército para o túmulo”, disse Agatha.

Tedros ficou vermelho de surpresa. “Agatha, eles vão nos matar!”

“*Agora o Bem vem nos matar*”, ela disse, segurando o cartão preto. “O Mal não vai nos atacar! A Sophie quer que *você* ataque!”

“Pela primeira vez aquela bruxa e eu concordamos em alguma coisa”, disse Tedros. “Agora, você está comigo ou não?”

“Não vou deixar que você vá.”

“*Eu* sou o homem aqui, não você!”

“Então *aja como um*!”

O relógio bateu nove horas.

Enquanto as badaladas ressoavam, os meninos desviavam os olhos de Tedros para Agatha.

A última badalada cessou.

No silêncio, Agatha viu a dúvida nos olhos de Tedros e soube que havia vencido. Ela sorriu delicadamente e estendeu sua mão para pegar a dele, mas Tedros recuou. Ficando cada vez mais vermelho, ele gritou, “ATACAMOS *AGORA*!”, e os rugidos explodiram pelo corredor.

Enquanto seus três tenentes seguiram para conduzir as tropas, Tedros pegou o mapa e saiu pela porta.

Agatha se atirou na frente dele. Antes que ela pudesse falar, ele agarrou-a pela cintura.

“Agatha, você confia em mim?”, perguntou, ofegante.

Ela suspirou irritada. “É claro, mas...”

“Bom.” Ele bateu a porta e barrou-a com uma flecha.

“Lamento”, disse, pela fresta da porta. “Mas sou seu príncipe e vou protegê-la.”

“Tedros!”, Agatha bateu na porta de doces. “Tedros, ela vai matar todos vocês!”

Através da fresta, porém, ela o viu liderando o exército do Bem rumo à guerra, munido com tochas, armas, um aríete e um cântico sedento de sangue: “*Matem a bruxa*! *Matem a bruxa*!”. No corredor aceso pelas chamas, suas sombras distorceram-se no reflexo da parede, ficando escuras e tortas até desparecerem magicamente.

O pânico gelou o sangue de Agatha. Ela precisava chegar à Escola do Mal antes de Tedros e seu exército. Contudo, o que poderia fazer para salvá-los?

Somente quando seu Nêmesis estiver morto você se sentirá saciado, Lady Lesso dissera.

As lágrimas brotaram nos olhos de Agatha, a tristeza pela decisão já tomada.

Ela se entregaria a Sophie, e ninguém mais morreria.

Deixar que a bruxa ganhasse. Era o único final feliz que restava.

Com um grito primitivo, ela socou e chutou a porta, depois bateu nela com a mesa de balas, mas o doce não quebrava. Arrastou cadeiras contra a parede de glacê, bateu o pé no piso de melado... mas só havia uma forma de sair dessa sala. Pingando de suor, Agatha olhou pela janela.

Sua botina preta encontrou o beiral, enquanto ela montava no parapeito com seu vestido azul. O vento gélido da noite bateu em seu rosto, e ela puxou a outra perna, agarrando-se a uma vinha de luzes douradas que as fadas tinham pendurado na torre

para o Baile. Com um puxão desesperado, balançou-se no cume estreito e girou o corpo.

Ela estava tão alta, acima da Ponte do Meio do Caminho, que os professores congelados abaixo dela pareciam besouros. O vento brutal bateu em suas orelhas fazendo-a estremecer e quase escorregar. Pela passagem de vidro, podia ver as tochas inundando a Torre da Honra, em direção ao Túnel das Árvores. Agatha só tinha alguns minutos antes que o Bem irrompesse diretamente nas mãos do Mal.

Com seus punhos machucados, Agatha puxou as luzes para cima, e viu que estavam amarradas com força. Estreitou os olhos para as vinhas entremeadas e acesas pelas fadas, descendo pela torre, e viu um caminho que a levaria até a Ponte.

Por favor, seja forte o suficiente, rezou.

Ela agarrou a vinha, pulou da beirada, e ouviu um estalo. Seu corpo caiu no ar, bateu na beirada de vidro e, assim que ela se recuperou do choque, algo passou voando e aterrissou a um centímetro de seu rosto. Agatha agarrou-se àquilo, antes que a vinha desmoronasse, depois viu que era uma...

Flecha.

Pendurada na flecha, olhou para trás em choque, bem a tempo de ver outra flecha passar raspando por sua outra bochecha. Mais flechas vieram voando da escuridão, mirando nela. À medida que as ponteiras de aço erravam o alvo repetidamente, Agatha fechou os olhos e esperou pela dor da flechada mortal.

Os arremessos pararam.

Agatha abriu os olhos. As flechas haviam formado uma escada desordenada que descia por toda a parede da torre.

Ela não questionou quem estava tentando matá-la, nem o golpe de sorte que teve. Apenas desceu pelas flechas o mais depressa que pôde, seguindo para a Ponte do Meio do Caminho, passando pelos professores petrificados, com as mãos estendidas para proteger-se de uma barreira que nunca surgiu. Enquanto o exército de Tedros chegava à Clareira e encontrava os túneis do Bem e do Mal magicamente entrelaçados e intransponíveis, bem longe, Agatha atravessava e adentrava com segurança a toca dos vilões.

Bem acima dela, na janela da Malícia, Grimm guardou seu arco.

"E sem danificar um fio de cabelo dela", disse Sophie, afagando-o. "Por mais que adorasse fazê-lo."

Grimm resmungou obediente, enquanto Sophie olhava para o exército de Tedros marchando ao redor do fosso e depois para Agatha, lá embaixo, desaparecendo dentro do território do Mal, totalmente sozinha.

"Agora não vai demorar", disse.

Ela afastou os tufos de cabelos brancos da mesa e continuou costurando: uma titereira, manejando alegremente suas marionetes.

Agatha imaginou que seria capturada no instante em que adentrasse a escola do Mal. Enquanto, porém, seguia sorrateiramente pelo vestíbulo cheio de goteiras, viu que não havia guardas, nem armadilhas, nem indícios de guerra. Havia um silêncio perturbador na escola, exceto por portas de ferro que rangiam quando eram abertas e fechadas, atrás do salão da escadaria. Espiou pelas portas e viu o Teatro de Fábulas, imaculado e restaurado, com apenas uma diferença. No local onde antes ficava a fênix ressurgindo das cinzas, bem na frente do palco de pedra, havia agora uma nova cena...

Uma bruxa aos berros, cercada de corvos.

Estremecendo, Agatha subiu os degraus em direção ao Salão do Mal.

No entanto, caros Nunca, nós vamos nos vingar...

O que Sophie obrigaria os Nunca a fazer contra ela? Ela pensou nos piores vilões que já havia visto nos contos de fadas. Iriam petrificá-la? Desfilariam mostrando sua cabeça decapitada? Iriam picá-la para fazer uma torta?

Embora estivesse fazendo um frio de congelar os ossos, Agatha sentiu seu rosto transpirar quando dobrou a esquina em um corredor.

Fariam com que rolasse em um barril de pregos? Arrancariam seu coração? Encheriam sua barriga de pedras?

O suor misturava-se às lágrimas, enquanto ela olhava para baixo, para centenas de pegadas...

Iam queimá-la? Apedrejá-la? Esfaqueá-la?

Ela saiu em disparada, seguindo rumo à tortura e à morte, desejando que algum dia ela e Sophie se encontrassem em um mundo diferente, um mundo sem dor e, com um grito de terror, jogou-se contra as portas entalhadas com caveiras...

E ficou sem ar.

O Salão do Mal havia sido transformado em um magnífico salão de baile e reluzia com lantejoulas verdes, balões pretos, milhares de velas de chama verde, e um candelabro que girava e lançava fachos de luz esverdeada nos murais das paredes. Ao redor de uma escultura imensa de gelo, de duas serpentes entremeadas, Hort e Dot, cambaleantes, dançavam uma valsa, Anadil tinha os braços ao redor de Vex, Brone tentava não pisar no pé verde de Mona, e Hester e Ravan gingavam e cochichavam, enquanto mais duplas de vilões dançavam ao redor deles. Os companheiros de quarto de Ravan acompanhavam a música com violinos de bambu, e mais pares entravam na pista de dança, desajeitados, acanhados, porém radiantes de felicidade, dançando sob uma faixa decorada:

PRIMEIRO EVENTO ANUAL DOS VILÕES
"SEM BAILE"

Agatha começou a chorar.

A música parou.

Ela esfregou os olhos e viu os Nunca olhando pra ela. Os casais se desfizeram. Os rostos coraram de vergonha.

"O que *ela* está fazendo aqui?", vociferou Vex.

"Ela vai contar aos Sempre!", disse Mona.

"Peguem-na!", gritou Arachne.

"Eu cuido disso", disse uma voz.

Hester passou pela aglomeração. Agatha recuou. "Ouça, Hester..."

"Essa é uma festa de vilões, Agatha", disse Hester, seguindo na direção dela. "E você não é uma vilã."

Agatha encolheu-se contra a parede. "Espere... não..."

"Receio que haja apenas uma coisa a fazer", disse Hester, com uma sombra surgindo acima dela.

Agatha protegeu o rosto. "Morrer?"

"Ficar", disse Hester.

Agatha encarou-a. Assim como os Nunca.

Vex apontou. "Mas... mas ela é..."

"Bem-vinda como minha convidada", disse Hester. "Ao contrário do Baile da Neve, o Sem Baile não tem regras."

Agatha sacudiu a cabeça, encontrando lágrimas, em lugar de palavras. Hester tocou seu ombro.

"Foi assim que encontramos o Salão", disse, com a voz falhando. "Acho que ela queria que tivéssemos o que ela não pôde ter. Talvez seja sua forma de pedir perdão."

Agatha caiu em prantos. "Eu também peço perdão..."

"Eu a joguei no *esgoto*", Hester fungou. "Todos nós cometemos erros. Mas nós vamos consertá-los, não vamos? As duas escolas, juntas."

Agatha chorava tanto que seu corpo sacudia.

Hester ficou tensa. "O que é?"

"Eu tentei", Agatha chorava. "Eu tentei impedi-los."

"Impedir quem..."

"*MATEM OS VILÕES*! *QUE MORRAM OS NUNCA*!"

Hester virou-se lentamente.

"*MATEM OS VILÕES*! *QUE MORRAM OS NUNCA*!"

Os Nunca seguiram em massa até as janelas e olharam para a escuridão. Ao pé da colina íngreme, o exército do Bem marchava, contornando o fosso, com as armas reluzindo sob a luz das tochas.

O brilho nos rostos dos vilões desapareceu, e eles se encolheram. O vento soprou pelas janelas e apagou as velas, deixando o salão escuro e frio.

“Então, você veio para nos alertar. E seu príncipe vem para nos matar”, disse Hester, olhando a turba furiosa. “E é esse o *amor*.”

“Vocês não precisam lutar contra eles”, Agatha pressionou. “Deixem que vejam o que eu vi.”

Hester virou-se, com os olhos em fogo. “E deixar que riam de nós? Deixar que nos lembrem de quem somos? Horrendos. Indignos. *Perdedores*.”

“Vocês não são isso!”

No entanto, Hester havia voltado a ser a garota perigosa que um dia Agatha conhecera. “Você não sabe *nada* sobre nós”, rosnou.

“Somos todos iguais, Hester!”, Agatha suplicou. “Deixe que vejam a verdade. É o único jeito!”

“Sim”, Hester disse, baixinho. “Só há um jeito.” Ela mostrou os dentes. “*Soltem a bruxa*!”

“Não!”, Agatha gritou. “É isso o que ela quer!”

Hester debochou. “E lembrem à nossa princesa o que acontece quando belas donzelas se metem onde não são *chamadas*.”

Agatha gritou, enquanto as sombras dos vilões encobriam-na.

Bem acima deles, em uma torre podre, uma multidão de cinquenta Nuncas empurrava os últimos móveis para o lado, e arrancava o último prego para abrir o quarto 66. Com um rugido selvagem eles derrubaram a porta, e recuaram, em choque.

Uma bruxa horrenda e enrugada olhava para eles, com um lindo vestido de baile cor-de-rosa. Ela esfregou a cabeça careca e mostrou as gengivas pretas.

“Deixem-me adivinhar”, Sophie sorriu. “Nossa festa tem *convidados inesperados*.”

29
O belo mal

Agatha abriu os olhos e sentiu o choque de um frio glacial. Estava deitada de barriga pra cima, lacrada dentro de um caixão de vidro. Dúzias de silhuetas embaçadas pairavam sobre ela. Em pânico, ela tentou se levantar, mas seu corpo estava congelado.

Não era vidro. Era gelo.

Ela tentou puxar mais ar, mas engasgou. Seus olhos arregalaram-se, suas bochechas ficaram roxas... Então, as sombras escuras se separaram, e um vulto rosa surgiu. Com a língua, Agatha, quase sem respiração, limpou a crosta de gelo. Sophie, careca e grotesca, sorria para ela, de cima, empunhando um machado da Sala de Maldição. Sophie olhou pra ela através do gelo, correu os dedos por sobre o rosto sepultado de Agatha... e ergueu o machado.

Em algum lugar, Hester gritou.

O machado quebrou o gelo e estilhaçou a tumba, parando a um milímetro do rosto de Agatha. Ela caiu no chão molhado, ofegante, tentando respirar.

"Congelar uma pobre princesa?", Sophie suspirou. "Isso não são modos de tratar uma convidada, Hester."

"As flechas... era você...", Agatha gaguejou, rastejando para trás. "Você me trouxe... para me matar..."

"Matar você?", Sophie pareceu magoada. "Acha que posso *matá-la*?"

Do outro lado da sala, Agatha viu Hester, Anadil e Dot juntas, olhando estupidamente para a ex-colega de quarto, agora uma bruxa careca e murcha.

"A verdade é que quero machucá-la, Agatha", disse Sophie, derretendo o machado com o dedo aceso. "Mas simplesmente não posso."

Ela observou seu rosto refletido em um balão. "Meu comportamento de ontem à noite foi ruim."

"*Ruim*?", Agatha tossiu. "Você me empurrou para fora de uma janela!"

"Você não teria feito o mesmo?", perguntou Sophie, espiando o vestido azul de baile de Agatha pelo balão. "Se eu tomasse tudo o que é seu?"

Sophie virou-se, o vestido rosa cintilando. "Mas esse é o seu conto de fadas, Agatha. Então, ou nós o concluímos como inimigas ou como amigas."

"*A-amigas*?", Agatha gaguejou.

"O Diretor da Escola disse que era impossível. E talvez nós duas tenhamos achado que ele estava certo", disse Sophie, com a pele trincando ao redor das verrugas. "Mas como ele poderia nos entender?"

Agatha retraiu-se, com aversão.

Sophie assentiu. "Agora sou horrenda", disse, com a voz macia. "Mas posso ser feliz aqui, Agatha. Estamos onde devemos estar. Você é do Bem e eu sou do Mal."

Os olhos dela percorreram o salão decorado.

"Mas o Mal pode ser bonito, não pode?"

A luz das tochas banhava as janelas. "Sophie, os Sempre estão nos portões!", Anadil gritou, olhando para fora.

"Vingança", disse Agatha, tremendo. "Você disse que queria vingança."

"De que outro modo eu atrairia o Bem até aqui, Agatha?", Sophie disse, triste. "De que outra forma mostraria a todos eles que tudo o que queríamos era um Baile só nosso?"

"Sophie, eles estão chegando!", Dot gritou. Lá embaixo, os Sempre sacudiam as portas do castelo.

"Mas, agora, nós vamos acabar com tudo isso, não vamos?", disse Sophie, tirando a mão retorcida do bolso do vestido.

Os olhos de Agatha arregalaram-se. Havia algo em sua mão.

"*ELA ESTÁ LÁ EM CIMA*!", os Sempre haviam invadido.

“Agatha”, disse Sophie, aproximando-se dela, de punho fechado.

“*MATEM A BRUXA*!”, gritaram os Sempre, irrompendo escada acima.

Sophie estendeu o punho manchado.

“Minha amiga... minha Nêmesis...”

Agatha retraiu-se. Sophie abriu a palma da mão...

E caiu sobre um joelho.

“Você dançaria comigo?”

Agatha perdeu o ar.

BUM! Os Sempre derrubaram as portas do salão.

“Sophie, o que você está fazendo?”, Hester gritou.

Sophie estendeu a mão murcha para Agatha.

“Nós vamos mostrar a eles que acabou.”

As portas abriram-se.

“Uma dança, por favor”, Sophie pediu.

“Sophie, eles vão matar todos nós!”, Hester gritou.

Sophie continuou com a mão estendida. “Uma dança para um final feliz, Agatha.”

Paralisada, Agatha olhou para ela, enquanto a tranca da porta era estilhaçada.

As verrugas de Sophie brilhavam com as lágrimas. “Uma dança, para salvar a minha vida.”

“No *três*!”, Tedros rugiu, lá de fora...

Sophie ergueu o olhar para Agatha, com olhos de carvão. “Sou eu, Agatha. Não consegue enxergar?”

Tremendo, Agatha sondava seu rosto horrendo.

“*Um*!”

“Agatha, por favor...”

Agatha recuou um passo, aterrorizada.

“Por favor...” Sophie implorava, com o rosto ficando mais rachado. “Não me deixe morrer como vilã.”

Agatha encolheu-se, afastando-se dela. “Você é do Mal...”

“E o Bem perdoa.”

Agatha gelou.

“Você não é do Bem?”, Sophie perguntou, ofegante.

“*Dois*!”

Com um suspiro, Agatha pegou sua mão.

Sophie passou seus braços ossudos em volta dela e puxou-a para uma valsa pelo salão. Ao sinal frenético de Hester, os colegas de quarto de Ravan iniciaram uma vacilante canção de amor.

“Você é do Bem”, Sophie disse, ofegante, com a cabeça no ombro de Agatha.

“Não vou deixar que a machuquem”, sussurrou Agatha, abraçando Sophie.

Sophie tocou seu rosto. "Eu gostaria de poder dizer o mesmo."

Agatha olhou pra ela. Sophie sorriu sinistramente.

"*Três*!"

Tedros irrompeu pelas portas, no comando de sua turba, e com um grito bestial ergueu a espada acima das costas de Sophie...

"*Morte à bru...*"

Então ele enxergou melhor a cena da valsa.

Sophie voltou-se para ele, com Agatha nos braços. Tedros baixou a espada.

"Pobre Teddy!", disse Sophie, silenciando a música. "Toda vez que encontra sua princesa, acaba descobrindo que ela é uma bruxa."

Tedros olhou para Agatha, perplexo. "Você está com... *ela*?"

"Ela está mentindo!", Agatha gritou, se debatendo para livrar-se de Sophie...

"Como acha que ela sobreviveu à queda? Por que acha que tentou impedir seu ataque?", disse Sophie, abraçando-a com mais força. "Sim, Teddy, receio que seu par para o Baile também seja o *meu*."

Tedros seguiu os olhos de Sophie para a faixa acima do salão. Os Sempre empalideceram por trás dele.

"Não dê ouvidos a ela!", Agatha gritou. "É uma armadilha!"

"Agatha, está tudo bem, querida. Você pode dizer a ele", disse Sophie. Virou-se para Tedros, desesperada. "Ela queria esperar até que tivesse uma espada em seu pescoço."

Tedros olhou para Agatha, com os olhos arregalados.

"Não é verdade!", gritou. "Eu tenho provas!" Ela virou-se. "Hester! Dot! Digam a eles!"

Mas Hester, Dot e o restante dos Nunca olhavam para o exército do Bem, empunhando armas mortais para um massacre. Hester olhou de volta para Agatha e não disse nada.

Agatha viu o brilho nos olhos de seu príncipe se apagar. Atrás dele, os Sempre armados desviavam seus olhares de Sophie para ela.

"Não! Esperem!", soltou-se e caiu nos braços de Tedros. "Você precisa acreditar em mim! Estou do seu lado!"

"Realmente!", Sophie disse. "Então como foi que seu príncipe trancou-a em uma torre e você está em *outra*?"

Agatha sentiu os braços de Tedros enrijecerem. Ela olhou para o seu rosto empalidecido.

"Responda", ele disse.

"Eu vim para ajudar você... desci escalando..."

"*Escalando*!", Sophie gargalhou. "Desceu escalando *aquela* torre!"

Tedros seguiu seus olhos até os pináculos altíssimos do Bem.

"Havia flechas...", Agatha gaguejou.

“Não sei por que ela está tão acanhada”, disse Sophie, coçando a cabeça. “Ela arquitetou cada passo. Os trotes no Bem, seu encontro na Floresta, o ataque ao Circo... foi tudo parte do plano de mestre de Agatha para fazer com que você pensasse que ela era do Bem. Ah, exceto esse sorriso adorável. Isso foi *magia negra*.”

Agatha não conseguia respirar.

“Somente os melhores vilões conseguem se disfarçar de bons”, disse Sophie, olhando para ela. “Agatha é até melhor do que eu.”

Com os olhos arregalados, Tedros afastou-se de Agatha.

“Princesas não questionariam a minha autoridade”, ele disse, ficando vermelho.

“Teddy, espere”, Agatha suplicou.

“Princesas não questionariam se sou homem.”

“Olhe o que ela está fazendo com você...”

“Eu sabia que você era uma bruxa”, disse, com a voz falhando. “Eu sempre soube.”

“Você não confia em mim?”, Agatha chorava.

“Minha mãe fez a mesma pergunta ao meu pai”, disse Tedros, lutando contra as lágrimas. “Mas não vou cometer o mesmo engano.”

Os olhos dele desviaram-se para a Excalibur, entre ele e ela. O príncipe saltou para pegar a espada, mas Agatha pegou-a primeiro e ficou em pé, empunhando-a. Os Sempre puxaram as armas, horrorizados.

“Está vendo?”, Sophie sorriu. “Espada na *garganta*.”

Agatha olhou para ela, depois para Tedros, que olhava para sua própria espada apontada para o seu rosto. Ela soltou-a. “Não! Eu só estava... eu não quis...”

Tedros inchou-se de ódio.

“*Preparem-se para atacar*!”

Agatha recuou. “Tedros, ouça-me!”

Tedros pegou o arco de Chaddick...

“Tedros, espere...”

“Sou pior do que meu pai.” Tedros olhou-a, os olhos brilhando. “Porque eu ainda a amo.”

Ele puxou uma flecha, mirando o coração dela.

“*Não*!”, Agatha berrou...

“*Fogo*!”

Os Sempre lançaram pedras, dardos e óleo nos Nunca indefesos, enquanto Tedros soltava sua flecha em direção a Agatha...

Sophie piscou o dedo aceso, bem no instante em que a flecha espetou peito dela. Todas as armas transformaram-se em margaridas e foram flutuando até o chão.

Os Nunca, acuados, olharam para cima, espantados por estarem vivos. Encolhida no meio deles, Agatha virou-se lentamente.

“Aprendi isso com minha princesa favorita”, Sophie disse, baixinho.

Agatha encolheu-se no chão, aos prantos.

Tedros desviou o olhar de uma para outra, com o terror tomando seu rosto. Sophie deu uma gargalhada diabólica.

“Você nunca foi muito bom nesses desafios, não é, Teddy?”

“*Não*!”, Tedros caiu de joelhos, agarrou Agatha em prantos, segurando-a nos braços. Ela o afastou.

“Esse sim é um grande final. O príncipe tenta matar sua princesa”, Sophie deleitou-se. Pegou a margarida destinada ao coração de Agatha e cheirou-a, extasiada. “A sorte é que o Mal estava aqui para salvar o dia.”

Do chão, Tedros olhava pra ela, com o coração partido.

“E isso, é claro, nos leva à seguinte pergunta...”, Sophie lambeu seus lábios podres.

“O que acontece quando o Mal fica *Bom*?”

Dessa vez, quando ela sorriu, Tedros viu seus dentes brancos reluzindo. Ele recuou, em choque.

Diante de seus olhos, as verrugas de Sophie sumiram em um passe de mágica, e suas rugas profundas suavizaram-se, até que sua pele clara de pêssego voltou à juventude. Cabelos brotaram de seu crânio brilhante, em uma cascata de cachos louros, e seus lábios tornaram-se carnudos e cintilantes. Agatha espiou vagarosamente por entre seus dedos, vendo os olhos de Sophie recuperarem seu brilho verde-esmeralda, seu corpo murcho renascer, até que a grande vilã pairou acima dela, com seu vestido de baile cor-de-rosa, mais radiante e arrebatadora do que nunca.

“Saiam... Saiam *agora*...”, Agatha alertou, mas os Sempre estavam paralisados, olhando para além de Sophie.

Recuando, Agatha virou-se.

Hester olhou de volta para ela, agora com um vestido rosa. Seus cabelos finos afloraram magicamente em longas tranças grossas, seu rosto amarelado ganhou plenitude, sua tatuagem recuperou um tom magnífico de vermelho. Ao seu lado, o cabelo branco de Anadil ficou castanho, seus olhos vermelhos tornaram-se verde-água, e o corpo redondo de Dot ganhou curvas acentuadas. Hort observou seu maxilar ficar quadrado, um furinho surgir em seu queixo, e seu uniforme preto transformar-se em um casaco azul de Sempre. Ravan viu sua pele oleosa clarear-se, Brone levantou sua camisa e viu músculos definidos, Arachne passou os dedos por seus dois novos olhos, Mona tocou sua pele macia de marfim... até que todos em volta eram vilões transformados, usando uniformes do Bem, olhando uns para os outros.

Sophie sorriu para Agatha. “Eu lhe *disse* que o Mal podia ser bonito, não disse?”

“*Bater em retirada*!”, Tedros gritou, recuando com seu exército.

“Ainda não terminamos, Teddy”, Sophie bradou. “Você e seu exército invadiram um Baile. Você e seu exército atacaram uma escola indefesa. Você e seu exército tentaram

matar pobres alunos que, bem aqui, nesta sala, tentavam desfrutar da noite mais feliz da vida deles. O que nos leva a outra pergunta..."

"Recuem agora!", Tedros gritou...

"O que acontece quando o Bem se torna *Mal*?"

Gritos explodiram atrás de Tedros.

Agatha virou-se e viu Beatrix berrar de dor quando suas costas encurvaram-se dando um estalo. Seus cabelos ficaram brancos, seu rosto encheu-se de marcas como o de uma velha, e seu vestido rosa desfigurou-se em uma túnica preta, que cobriu seus ossos secos.

Atrás dela, os trajes de todos os Sempre lentamente transformaram-se nos jalecos pretos do Mal. Chaddick viu tachas pontiagudas surgirem por todo o seu corpo, Millicent soluçou ao ver sua pele tornar-se verde, Reena gritou, coçando sua pele coberta de escaras, e Nicholas cambaleou, corcunda e com um olho só. Um a um, os Sempre que haviam atacados os vilões foram ficando horríveis, Agatha sendo a única imune à punição... até que, finalmente, Sophie olhou com malícia para Tedros, careca, esquelético, com cicatrizes horríveis, à frente de seu exército de vilões.

"Salve o príncipe!", ela gargalhou.

Os belos Nunca apontaram para os horrorosos Sempre e juntaram-se a ela em um coro triunfante de risos, aniquilando todo um legado de derrotas.

Agatha pegou a espada caída e apontou-a para Sophie. "Sua guerra é comigo! Deixe-os em paz!"

"Com toda certeza, querida", Sophie sorriu. "As portas estão abertas."

Os repulsivos Sempre irromperam em direção às portas. Todos, exceto o murcho e esquelético Tedros, que agora bloqueava o caminho.

"Por favor, Teddy. Acabe com essa guerra", Agatha pediu.

"Não posso deixar você", o príncipe resmungou.

Agatha olhou em seus olhos tristes e brutais.

"Desta vez você terá que confiar em mim."

Tedros sacudiu a cabeça, envergonhado demais para brigar...

"Recuar!", disse, engasgado, para sua escola. "Recuar agora!"

Com um grito angustiado, ele conduziu os monstruosos Sempre pelas portas, que bateram em suas caras.

"Vocês devem realmente aprender as regras", Sophie suspirou.

Tedros e seu exército viraram-se, tremendo.

"O Mal *ataca*, o Bem *defende*", disse Sophie. "Vocês atacaram..." Ela sorriu. "Agora nós defendemos."

Ela cantou três notas agudas. De repente, Agatha ouviu grunhidos cada vez mais altos lá fora e arregalou os olhos quando reconheceu o que emitiu o barulho...

"*CORRAM*!", ela gritou.

As portas escancararam-se e três ratazanas colossais chocaram-se contra o exército paralisado de Tedros, com Grimm no comando. Os ratos, guinchando e chiando, grandes como cavalos, atiraram os Sempre contra a parede, derrubaram-nos escada abaixo, arremessaram-nos pelas janelas de vidro em direção ao fosso. Antes que os garotos da Coragem pudessem sacar suas espadas, os ratos pisotearam-nos, como a soldadinhos de brinquedo.

"E eu que achei que meus talentos passariam despercebidos aqui", Anadil disse para Dot, atônita. Um dardo de espinho passou voando por entre as duas. As meninas viraram-se e viram Tedros e os horrendos Sempre pegando suas armas freneticamente.

"Fogo!", Tedros rugiu.

Dot abaixou-se para evitar uma chuva de flechas, a que os belos Nunca responderam com feitiços, e as duas escolas entraram em combate, com armas e encantamentos. Enquanto dardos voavam, espadas irradiavam raios e dedos de ambos os lados acendiam em cores, os ratos soltaram-se das rédeas de Grimm, lançando Ava ao lustre e dando uma mordida nas costas de Nicholas. Grimm rapidamente voou e perseguiu Agatha pelo corredor, com flechas de pontas em chamas. Ela saltou de trás de um pilar, apontando o seu dedo aceso bem na hora em que ele lançou uma flecha. A flecha transformou-se em uma armadilha para moscas e pegou bem na mão de Grimm, que berrou. Agatha virou-se e viu as horrendas Beatrix, Reena e Millicent tremendo ao seu lado.

"Se você pode transformar flechas em flores", disse Beatrix, lacrimosa, "também pode nos fazer bonitas outra vez?"

Agatha ignorou-a e olhou por trás do pilar, vendo o massacre. Os feitiços coloridos eram lançados dos dois lados, cobrindo o chão com corpos aturdidos. Junto à janela, dois ratos encurralaram Tedros e seus companheiros, mostrando dentes superafiados.

Agatha virou-se para as meninas. "Nós temos que ajudá-los!"

"Não faz sentido", Millicent choramingou.

"Olhe pra nós", disse Reena.

"Não temos nada pelo que lutar", Beatrix fungou.

"Vocês têm que lutar pelo Bem!", Agatha gritou, enquanto os ratos devoravam as armas dos garotos. "Não importa qual seja a sua *aparência*!"

"Pra você é fácil dizer", disse Beatrix. "Você ainda é bonita."

"Nossas torres não são Beleza e Graça!", Agatha ralhou. "São Coragem e Honra! *Isso* é que é o Bem, suas covardes estúpidas!"

Elas ficaram boquiabertas, enquanto Agatha entrava na batalha, tentando salvar os meninos dos ratos. Algo bateu violentamente nela, lançando-a contra a parede.

Confusa, Agatha olhou para cima e viu Sophie montada no maior de todos os ratos, vindo novamente em sua direção. Agatha tentou encontrar um feitiço, mas era tarde demais...

Beatrix pulou na frente do rato e estendeu a mão. Magicamente uma chuva irrompeu do teto, encharcando o chão. O rato escorregou e passou a atacar os Nunca, e Sophie caiu no chão.

"Outra coisa boa no Bem", Beatrix sorriu para Agatha, com Reena e Millicent ao seu lado. "Nós precisamos umas das outras."

Sophie olhou para cima e viu os Sempre encontrando coragem para reagir e bater nos Nunca derrubados. Chaddick usou as tachas de seu corpo para espetar um rato no coração, Tedros puxou outro pelo rabo e apunhalou-o no pescoço, enquanto os Sempre amarravam os Nunca com suas túnicas pretas e cintos...

Subitamente, suas próprias mãos e pés estavam magicamente presos por vinhas.

"Você se esquece de que estamos em um conto de fadas", disse uma voz atrás dela.

Relutante, Sophie virou-se e viu Agatha, acima dela, com o dedo aceso.

"No fim, o Bem sempre vence", disse Agatha.

Sophie relaxou o corpo preso pelas amarras.

"E assim é", ela disse, olhando de volta para Agatha.

Então Agatha viu que não estava olhando para ela. Olhava mais além, para o último mural da parede: na pintura, uma multidão ajoelhava-se diante do Storian, que reluzia como uma estrela nas mãos do Diretor da Escola.

Um sorriso maldoso surgiu no rosto de Sophie. "A menos que *eu mesma* escreva o final."

Ela estendeu o dedo aceso e as poças de chuva afundaram-se no mesmo instante, derrubando Agatha e os dois exércitos. Os alunos remexiam-se na água, tentando manter a cabeça acima da superfície, mas a água subia mais, chegando quase ao teto, até que todos estavam prestes a se afogar. Com as bochechas inchadas e ficando roxos, eles viraram-se para Sophie, que bloqueava a janela arrebentada com seu corpo. Ela riu com malícia e escorregou pelo buraco.

A inundação explodiu pela janela, e duzentos alunos caíram da torre em cascata, penetrando no ar gelado da meia-noite e esborrachando-se no fosso.

A guerra recomeçou automaticamente, no lodo pútrido. Com os rostos e roupas cobertas por ele, porém, os alunos não podiam ver uns aos outros sob a luz fraca da madrugada. Hester empurrou o rosto de Anadil no lodo, achando que fosse uma Sempre, Beatrix deu um soco em Reena achando que era uma Nunca, Chaddick sufocou o que estava mais perto – que acabou descobrindo ser Tedros, que reagiu cravando os dentes no pescoço do companheiro. Com as regras infringidas de forma tão violenta, os alunos começaram a mudar de rosa para preto, de preto para azul, de horríveis para bonitos, de bonitos para feios, até que ninguém mais fazia a menor ideia de quem era do Bem e quem era do Mal.

Nenhum dos inimigos notou que, ao longe, na baía, uma garota de rosa escalava a torre do Diretor da Escola, tijolo por tijolo, erguendo-se com a ajuda das flechas de

Grimm. E que, bem abaixo, um príncipe subia atrás dela, com a silhueta aparente sob o luar. Observando mais atentamente, via-se um príncipe de cabelos negros e determinação de aço desviando-se das flechas de um cupido, vestindo algo azul...

Uma túnica!

Olhando mais de perto, ele não era, de modo nenhum, um príncipe.

30

Nunca mais

Agarrando-se à janela de tijolos prateados, Sophie cerrou os dentes. *O Bem sempre vence*.

Sua punidora estava certa. Enquanto o Diretor da Escola vivesse, enquanto o Storian estivesse nas mãos dele, ela jamais teria sua vingança. Só havia um meio de arruinar o final feliz de Agatha.

Destruir tanto a caneta quanto o seu protetor.

Dando um berro, Sophie entrou na torre do Diretor da Escola e estendeu seu dedo aceso...

E ele perdeu a luz.

O gabinete de pedras estava vazio e brilhava com centenas de velas de chamas vermelhas, enfileiradas em estantes e prateleiras de livros. Pétalas de rosas vermelhas cobriam o chão sob seus pés. Um dedilhado suave em uma harpa fantasma tocava uma canção delicada.

Sophie fez uma careta. Tinha ido lá para uma guerra e encontrou um casamento. O Bem era ainda mais patético do que ela havia pensado.

Então viu o Storian.

Do outro lado da sala ele pairava, desprotegido, sobre o conto de fadas dela e de Agatha, na mesa de pedra sob a sombra.

Em meio às pétalas que caíam e às velas que brilhavam, Sophie seguiu em direção à caneta afiada e mortal. Quando se aproximou, o manuscrito ardeu em brasas contra o aço. Com os olhos queimando e a respiração acelerada, ela estendeu o braço para pegá-la, mas a caneta deu um solavanco e cortou seu dedo. Sophie recuou em choque.

Uma única gota de seu sangue pingou no Storian, preenchendo os sulcos dos símbolos gravados na caneta, antes de escorrer até sua ponta letal. Viva com a nova tinta, a caneta ardeu em vermelho vivo e mergulhou no livro furiosamente, virando as páginas. Todo o seu conto de fadas desenrolou-se diante de seus olhos, em pinturas deslumbrantes e flashes de palavras: ela vendo Tedros na cerimônia de boas-vindas, acovardando-se de seu príncipe na Prova, testemunhando quando ele convidou Agatha, atraindo o exército do Bem para a guerra, até mesmo escalando aquela torre pelas

flechas – até que o Storian encontrou uma página nova e derramou a escrita em sangue em uma única tacada. A cor rica preencheu a página magicamente, e Sophie viu uma pintura conhecida tomando forma, ali mesmo na torre onde estava agora. Resplandecente, em um traje rosa, a pintura dela mesma olhava nos olhos de um estranho, alto, magro, no auge de sua juventude e beleza.

Sophie tocou o rosto dele na página... olhos azuis cintilantes, pele de mármore, cabelos incrivelmente louros.

Não era um estranho.

Havia sonhado com ele na sua última noite em Gavaldon. O príncipe que havia escolhido entre outros cem, no baile de um castelo. Aquele que lhe dava a sensação de *felizes para sempre*.

“Todos esses anos esperei”, disse uma voz terna.

Ela virou-se e viu o Diretor da Escola, mascarado, deslizando em sua direção, do outro lado da sala, com uma coroa enferrujada e torta sobre os cabelos brancos. Lentamente seu corpo foi endireitando-se da postura curva, até ficar alto e ereto. Então ele tirou a máscara, revelando uma pele de alabastro, maçãs do rosto esculpidas e olhos azuis.

As pernas de Sophie bambearam.

Ele era o príncipe de sua pintura.

“Você é... *jo-jovem...*”

“Isso tudo foi um teste, Sophie”, disse o Diretor da Escola. “Um teste para encontrar meu verdadeiro amor.”

“Seu verdadeiro... *eu*?”, Sophie gaguejou. “Mas você é do Bem e eu sou do Mal!”

O Diretor da Escola sorriu. “Talvez nós devamos começar daí.”

Pendurada bem acima do ponto central entre o fosso e o lago, Agatha subia pelas flechas espetadas nos tijolos prateados, esquivando-se de novos arremessos, com Grimm voando ao redor do pináculo do Diretor da Escola. Enquanto o cupido colocava outra flecha em seu arco, ela saltou para a flecha de cima, mas esta quebrou-se em sua mão. Girou a cabeça para cima. Grimm mostrou os dentes amarelos de tubarão, mirando outra flecha bem no rosto dela...

Ele retesou-se como um pássaro confuso, despencando do céu, rumo às águas escuras debaixo dela.

Quando virou-se, ela viu o dedo vermelho de Hester apagando-se, apontado em sua direção, e seu corpo preso por correntes de lodo escuro. Sob o luar ela podia ver o rosto de Hester, cheio de arrependimento por refutar a chance de acabar com aquela guerra. Em volta dela, os Sempre tinham assumido o controle da batalha. Os vilões se esforçavam para soltar-se de suas amarras, com sua feiura restabelecida, enquanto quatro garotos Sempre prendiam o lobisomem de Hort com socos e chutes.

Agatha sentiu a última flecha lascar-se debaixo de sua mão.

"Socorro...", ela disse, sacudindo as pernas. A flecha quebrou-se.

E congelou-se, presa em sua mão.

Agatha virou-se e viu o brilho verde do dedo de Anadil à distância, apontado para a flecha congelada.

Então, o tijolo prateado seguinte ficou marrom escuro, acima de sua cabeça. Agatha sentiu o cheiro gostoso da doçura e esticou a mão para alcançar o chocolate. Ao impulsionar-se para cima, olhou para o outro lado da baía.

A luz azulada de Dot brilhava orgulhosamente.

Quando o tijolo seguinte transformou-se em chocolate, Agatha estendeu a mão para cima, sorrindo.

Parecia que as bruxas tinham mudado de lado.

"Eu sempre estive lá", disse o Diretor da Escola, e seu belo rosto brilhou sob os primeiros raios de sol. "Levando Agatha até você na noite em que a sequestrei. Garantindo que você não fracassasse em seu primeiro dia de aula. Abrindo as portas do Circo. Dando-lhe uma charada cuja resposta a traria até mim... Eu interferi em seu conto de fadas porque sabia como ele tinha que terminar."

"Mas isso significa que você é...", Sophie se atrapalhou. "Você é do Mal?"

"Eu gostava muito do meu irmão", disse o Diretor da Escola, olhando tenso para a guerra das escolas. "Nós recebemos a guarda do Storian pela eternidade, porque nosso laço superava nossas almas, que se contrapunham. Enquanto protegêssemos um ao outro, poderíamos continuar imortais e belos, o Bem e o Mal, em perfeito equilíbrio. Cada um tão digno e poderoso quanto o outro."

Ele virou-se. "Mas o Mal não pode existir senão sozinho."

"Então você *matou* seu próprio irmão?", disse Sophie.

"Assim como você tentou matar sua querida amiga e seu amado príncipe", o Diretor da Escola sorriu. "Porém, por mais que eu tentasse controlar o Storian... o *Bem* emergia triunfante a cada nova história."

Ele afagou os símbolos na superfície da caneta. "Porque há algo maior do que o mais puro Mal, Sophie. Algo que eu e você não podemos ter."

Finalmente Sophie entendeu. Seu fogo esfriou-se, transformando-se em mágoa.

"Amor", ela disse, baixinho.

"Por isso é que o Bem ganha todas as histórias", disse o Diretor da Escola. "Eles lutam um pelo outro. Nós só podemos lutar por nós mesmos. Minha única esperança era encontrar algo mais forte, algo que nos desse uma chance. Eu busquei todos os videntes da Floresta, até que um deles me deu uma resposta. O que me disse que o que eu precisava viria de um mundo *além* do nosso. Então eu busquei, por todos esses anos, cauteloso para manter o equilíbrio, enquanto meu corpo e minha esperança

enfraqueciam... até que você finalmente veio. Aquela que pode mudar o equilíbrio para sempre. A única que é mais poderosa do que o amor do Bem."

Ele tocou a face dela.

"O amor do *Mal*."

Sophie não conseguia respirar, sentindo os dedos frígidos em sua pele.

Os lábios do Diretor esboçaram um sorriso. "Sader sabia que você viria. Um coração tão sombrio quanto o meu. Um Mal cuja beleza poderia restaurar a minha." Ele passou as mãos em volta da cintura dela. "Se nós nos unirmos para selar o laço do Mal, se nós nos casarmos com o propósito de ferir, destruir, punir... então você e eu finalmente teremos algo por que lutar."

O hálito do Diretor gelou seu ouvido. "Para *nunca mais*."

Olhando para ele, Sophie finalmente entendeu. Ele tinha a mesma frieza maligna dela, a mesma dor ardendo raivosamente em seus olhos. Muito antes de Tedros, sua alma já conhecia seu verdadeiro parceiro. Não um cavaleiro brilhante que lutasse pelo Bem. Não alguém do Bem, com toda certeza.

Todos esses anos ela tinha tentado ser outra pessoa. Tinha cometido muitos erros ao longo do caminho, mas, finalmente, tinha chegado em casa.

"Um beijo", sussurrou o Diretor da Escola. "Um beijo para *nunca mais*."

As lágrimas escorriam pelo rosto de Sophie. Depois de tudo por que passou, teria seu *final feliz*.

Ela rendeu-se ao abraço do Diretor da Escola, que a envolveu em seus braços. Ele puxou-a para dar-lhe seu beijo de conto de fadas, e Sophie olhou carinhosamente para o príncipe de seus sonhos.

O contorno de seu rosto, porém, começou a rachar.

Sua carne chamuscada revelou-se por baixo da pele luminosa. Atrás dele, as rosas caídas transformaram-se em vermes, e as velas vermelhas iluminaram sombras infernais. Lá fora, o céu da manhã nublou-se, adquirindo um tom assombroso de verde, e o castelo do Bem enegreceu como pedra. Quando os lábios pútridos do Diretor tocaram os dela, Sophie sentiu sua visão embaçar, suas veias queimarem-se como ácido e seu corpo apodrecer como o dele. Com sua pele deteriorando-se, olhou nos olhos de seu príncipe, implorando para sentir amor, o amor que os livros de contos de fadas haviam prometido, o amor que duraria uma eternidade...

No entanto, tudo o que encontrou foi ódio.

Devorada por um beijo, finalmente viu que jamais encontraria o amor, nesta vida ou na próxima. Ela era do Mal, sempre do Mal, e jamais haveria felicidade ou paz. Enquanto seu coração estilhaçava-se pela tristeza, ela cedia à escuridão sem lutar, só para ouvir um eco de morte em algum lugar mais profundo que a alma.

Não é o que somos, Sophie.

É o que fazemos.

Sophie soltou-se do abraço do Diretor da Escola, e ele recostou-se na mesa de pedra, lançando o Storian e o livro de encontro à parede. No Storian caído, ela teve um vislumbre de seu rosto, com uma metade apodrecida, completamente dividido, da testa ao queixo. Sem ar, correu até a janela, mas não havia caminho para descer a torre.

Através da nevoa sinistra e verde, viu a costa ao longe. As armas, os feitiços e os dois lados tinham sumido. O lodo transbordava, com os corpos enegrecidos, os jovens socando qualquer coisa em sua vista, batendo os rostos na lama, arranhando pele e puxando cabelo, contorcendo-se e pedindo clemência. Sophie ficou olhando a guerra que ela havia começado, vendo o Bem e o Mal lutarem por absolutamente nada.

"O que foi que eu fiz?", ela suspirou.

Virou-se e viu o Diretor remexendo-se no chão.

"Por favor", Sophie implorou. "Eu quero ser do Bem!"

O Diretor da Escola levantou os olhos vermelhos, a pele murchando em volta de seu sorriso fino.

"Você *nunca* poderá ser do Bem, Sophie. Por isso você é *minha*."

Ele arrastou-se lentamente na direção dela. Aterrorizada, Sophie encolheu-se contra a janela, enquanto ele tentava alcançá-la com suas mãos apodrecidas...

Braços macios e ternos de um anjo envolveram-na por trás, subitamente, puxando-a para fora, rumo ao céu noturno.

"Prenda a respiração!", Agatha gritou, enquanto elas caíam...

Abraçando-se fortemente, as duas garotas caíram de cara na água fria. O lago glacial amorteceu cada centímetro da pele delas, porém, elas não se soltaram. Os corpos entremeados mergulharam na profundeza ártica, e lutaram para subir em direção à luz do céu. Entretanto, quando suas mãos se ergueram em busca de ar, Agatha viu uma sombra escura vindo direto ao encontro delas. Com um grito silencioso, estendeu seu dedo aceso, e uma onda gigante se ergueu, levando-as para longe do Diretor da Escola, e lançando-as na estéril costa do Mal.

Agatha forçou-se a ficar de joelhos no fosso e ouviu os gritos de guerra em volta delas, as crianças encharcadas de lodo, sem rostos ou nomes, batendo umas nas outras como feras.

Então um corpo ergueu-se do lodo, à distância.

"Sophie?", ela disse, rouca.

O limo escorreu e Agatha mergulhou para a margem, horrorizada.

Ela olhou para trás e viu o velho Diretor, decomposto, vindo calmamente em sua direção, com o Storian na mão. Sem fôlego, ela passou por cima de dorsos que combatiam e seguiu até a margem, com mãos negras e oleosas arranhando seu rosto e o lodo afundando-a como areia movediça. Agatha virou-se e viu o Diretor deslocando-se sem ser notado pelos alunos em guerra. Engasgando com a sujeira, ela impeliu-se

para cima da massa negra e subiu na grama morta, impulsionando-se para ficar em pé e correr...

O Diretor da Escola estava parado à sua frente, com a carne desintegrando-se em seu crânio nu.

"Eu esperava mais de uma Leitora, Agatha", disse. "Você certamente sabe o que acontece com aqueles que contrariam o *amor*."

Agatha corou, querendo brigar. "Você jamais a terá. Não enquanto eu estiver viva."

Os olhos azuis do Diretor encheram-se de sangue.

"E assim estava escrito."

Ele ergueu o Storian como um punhal e avançou na direção de Agatha, soltando um grito ensurdecedor.

Encurralada, Agatha fechou os olhos...

Um corpo colidiu com o seu e a levou ao chão.

Agatha abriu os olhos.

Sophie estava deitada ao seu lado, com o Storian cravado em seu coração.

O Diretor soltou um grito de choque.

A guerra em volta deles cessou.

Os alunos ensanguentados viraram-se, em um silêncio atônito, e viram seu malevolente líder, apodrecido, paralisado sobre o corpo da bruxa que tinha salvado a vida de uma princesa. O corpo de um dos seus.

Mergulhados em lodo, os rostos dos Sempre e dos Nunca dissolveram-se em faces de terror e de vergonha. Eles haviam traído uns aos outros e perdido para o verdadeiro inimigo. Numa vingança tola, tinham entregado o equilíbrio que lhes fora confiado para proteger. No entanto, quando seus olhos encontraram o Diretor da Escola, seus jovens rostos endureceram-se com determinação. De uma só vez, os cisnes prateados nos uniformes do Bem e do Mal tornaram-se tão brancos que quase chegavam a cegar e ganharam vida, grasnando e batendo as asas.

Os pequenos pássaros rumaram livres para o céu crepuscular, tornando-se silhuetas distantes. O rosto do Diretor da Escola empalideceu ao olhar para cima e ver um fantasma luminoso, um rosto familiar, de cabelos cor de neve, face de marfim e ternos olhos azuis...

"Você é um espírito, irmão", o Diretor fez uma careta. "Você não tem poder sem um corpo."

"Ainda", disse a voz.

Ele virou-se e viu o professor Sader sair mancando da floresta, passando pelos portões da escola, ensanguentado pelos espinhos. Tremendo, Sader olhou para cima, para o fantasma no céu.

"*Por favor*."

Do céu, o irmão do Bem mergulhou e penetrou no corpo ávido de Sader.

Sader estremeceu, arregalou seus olhos cor de mel e depois caiu de joelhos, com os olhos fechados.

Lentamente abriu os olhos, de um azul cintilante.

O Diretor da Escola recuou, surpreso. A pele dos braços de Sader suavizou-se em plumas brancas, descartando o terno verde. Aterrorizado, o Diretor transformou-se em uma sombra e fugiu pela grama seca, em direção ao lago. Contudo, Sader voou pelo ar, atrás dele, agora com seus braços humanos transformados em imensas asas brancas de cisne, e mergulhou na mata, pegando a sombra com o bico. Com um grasnido agudo, ele rasgou-o, fazendo cair uma chuva de penas negras sobre o campo de batalha abaixo deles.

Do céu, Sader olhou para baixo, para Sophie, nos braços de Agatha, as lágrimas brotando em seus imensos olhos de mel, a primeira e última coisa que ele veria. Então, depois de seu sacrifício cumprido, ele desfez-se em uma névoa dourada e sumiu.

Os professores vieram correndo dos castelos, libertados do feitiço do Diretor. A professora Dovey parou de repente, depois vieram os outros, atrás dela. O queixo de Lady Lesso tremia, enquanto Clarissa segurava sua mão. A professora Anêmona, o professor Sheeks, o professor Manley, a princesa Uma, todos tinham a mesma expressão assustada e impotente. Até Cástor e Pólux não estavam diferentes. Todos abaixaram a cabeça com pesar, sabendo que estavam atrasados demais, até mesmo para a clemência da magia.

Diante deles, as crianças se reuniram em volta de Sophie, que morria nos braços de Agatha. Agatha tentou, em vão, conter o ferimento, em meio às lágrimas.

Tedros parou ao lado delas. “Deixe-me ajudar”, disse, pegando Sophie nos braços.

“Não...”, Sophie gemeu. “Agatha.”

Sem palavras, Tedros deixou-a nos braços de sua princesa.

Agatha apertou Sophie junto ao peito, as mãos encharcadas com seu sangue.

“Agora você está segura”, Agatha disse, baixinho.

“Eu não... quero ser... do Mal”, Sophie sussurrou, por entre as lágrimas.

“Você não é do Mal, Sophie”, respondeu Agatha, tocando seu rosto decomposto. “Você é humana.”

Sophie deu um sorriso fraco. “Só se eu tiver você.”

Seus olhos piscaram com vida.

“Não... ainda não...”, Sophie relutou...

“Sophie! Sophie, por favor!”, Agatha chorava.

“Agatha...”, Sophie dava seu último suspiro. “Eu te amo.”

“*Espere*!”, Agatha gritou.

O vento gélido apagou as últimas tochas, e o castelo do Bem, enegrecido, desapareceu por trás da névoa escura.

Chorando, tremendo, Agatha beijou os lábios frios de Sophie.

Penas pretas tremeram no chão morto, por entre os pés dos jovens. Enquanto eles olhavam, horrorizados, Agatha pousou a mão no coração silencioso de Sophie e chorou no silêncio terrível. Ao lado de seus dois corpos, o cinzento Storian, coberto de sangue, finalmente concluíra seu trabalho.

Enquanto os professores tomavam os alunos nos braços, Agatha ficou abraçada ao corpo, sabendo que precisava soltá-la. Contudo, ela não conseguia. Com o rosto molhado pelo sangue de Sophie, ela ouvia o choro aumentando à sua volta, o vento batendo no lago, sua respiração ofegante murchando junto ao cadáver.

E a batida de um coração.

A cor voltou aos lábios de Sophie.

O brilho aqueceu sua pele.

O sangue sumiu de seu peito.

Sua pele restaurou-se, linda e íntegra, e, retomando o fôlego, seus olhos verde-esmeralda abriram-se.

"Sophie?", Agatha sussurrou.

Sophie tocou seu rosto e sorriu.

"Quem precisa de príncipes em nosso conto de fadas?"

O sol explodiu em meio à névoa, cobrindo os dois castelos de dourado. Enquanto o gramado ao redor deles esverdeava-se, o Storian ganhava vida novamente, voltando à sua torre no céu. Do outro lado da margem, as túnicas dos alunos, pretas, cor-de-rosa e azuis, fundiram-se num mesmo tom de prata, dissolvendo a divisão entre eles de uma vez por todas.

Entretanto, enquanto alunos e professores jubilosos aproximavam-se das duas, elas subitamente se retraíram. Sophie e Agatha começaram a tremer, e em poucos segundos seus corpos tornaram-se translúcidos. Elas olharam uma para a outra, pois, ao vento, as duas ouviram o que os outros não podiam ouvir, as badaladas do relógio da cidade, cada vez mais próximas...

Os olhos de Sophie cintilaram. "Uma princesa e uma bruxa..."

"Amigas", Agatha sussurrou.

Ela virou-se para Tedros. Com um grito, seu príncipe veio em sua direção... "Espere!"

A luz esvaiu-se pelos dedos dele.

E elas se foram.